

Filoteia



São Francisco de Sales

Filoteia

Introdução à Vida Devota

São Francisco de Sales

Originalmente publicado em 1609

Edição brasileira digital

Edição Digital

Traduzido para o português com Licença CC0

ORAÇÃO DEDICATÓRIA

Ó DOCE JESUS, meu Senhor, meu Salvador e meu Deus, eis-me aqui prostrado diante de tua majestade, dedicando e consagrando este livro à tua glória; dá vida às suas palavras com a tua bênção, para que as almas para as quais o escrevi recebam dele as sagradas inspirações que desejo para elas. E particularmente a de implorar para mim a tua imensa misericórdia; a fim de que, ao mostrar aos outros o caminho da devoção neste mundo, eu não seja eternamente rejeitado e confundido no outro; mas que, com eles, eu possa cantar para sempre, como um cântico de triunfo, as palavras que, de todo o meu coração, pronuncio, em testemunho da minha fidelidade em meio aos perigos desta vida mortal: VIVA JESUS, VIVA JESUS; sim, Senhor Jesus, vive e reina em nossos corações para todo o sempre. Amém.

São Francisco de Sales.

PREFÁCIO

Caro leitor, peço que leia este Prefácio para sua satisfação e para a minha.

A florista Glicera era tão hábil em diversificar o arranjo e a mistura das flores que usava, que com as mesmas flores fazia uma grande variedade de buquês: tanto que o pintor Pânsias falhou quando tentou copiar tamanha diversidade, pois não conseguia mudar sua pintura de tantas maneiras quanto Glicera fazia com seus buquês. Assim, o Espírito Santo dispõe e organiza com tamanha variedade as instruções relativas à devoção que Ele dá pelas línguas e penas de seus servos, que, embora a doutrina seja sempre a mesma, os discursos sobre ela são, no entanto, muito diferentes, de acordo com os vários métodos pelos quais são compostos. Certamente não posso, nem desejo, nem devo escrever nesta Introdução senão o que foi escrito por nossos predecessores sobre este assunto. São as mesmas flores que apresento a você, meu leitor; mas o buquê que formei com elas será diferente do deles, devido à diferença no método de fazê-lo.

Quase todos aqueles que até agora trataram da devoção tiveram em vista a instrução de pessoas totalmente afastadas do mundo, ou

ensinaram um tipo de devoção que conduz a esse absoluto afastamento; ao passo que minha intenção é instruir aqueles que vivem em cidades, em famílias ou em tribunais, e que, por sua condição, são obrigados a levar, quanto ao exterior, uma vida comum, e que frequentemente, sob o pretexto de uma pretensa impossibilidade, nem sequer pensam em empreender uma vida devota, acreditando que, assim como nenhum animal ousa provar a semente da erva chamada Palma Christi, nenhum homem deve aspirar à palma da piedade cristã enquanto viver no turbilhão dos assuntos mundanos. Agora, a tais pessoas farei parecer que, assim como a ostra-madrepérola vive no mar sem beber uma gota de água salgada; e assim como, perto das ilhas Chelidônias, nascentes de água doce podem ser encontradas no meio do mar; e assim como o vaga-lume se move através das chamas sem chamuscar suas asas, assim também uma alma vigorosa e resoluta pode viver no mundo sem ser infectada por nenhuma de suas contaminações, pode descobrir doces fontes de piedade em meio a suas águas amargas e pode voar através das chamas das concupiscências terrenas sem queimar as asas dos santos desejos de uma vida devota. Esta, é verdade, é uma tarefa difícil, e, portanto, eu desejaria que muitos se esforçassem para realizá-la com mais ardor do que o que tem sido usado até agora; e eu, fraco como sou, tentarei, por meio deste tratado, contribuir de alguma forma para aqueles que, com um coração generoso, empreendem tão digna iniciativa.

No entanto, não foi por minha própria escolha nem inclinação que esta Introdução agora aparece em público. Uma alma

verdadeiramente honrada e virtuosa, tendo recebido de Deus há algum tempo a graça de aspirar a uma vida devota, desejou minha assistência particular para esse propósito; e eu, sendo-lhe de muitas maneiras grato, e tendo há muito descoberto nela uma disposição calorosa para esse desígnio, e tendo-a conduzido por todos os exercícios adequados aos seus desejos e condição, deixei-lhe certas instruções, por escrito, para que as utilizasse, e ela posteriormente as comunicou a um grande, culto e devoto homem religioso; que, acreditando que muitos poderiam se beneficiar de sua leitura, solicitou-me veementemente que as publicasse. Concordei prontamente, convicto de que seu julgamento era superior ao meu e porque sua amizade tinha grande poder sobre minha vontade.

Agora, para que o conjunto seja mais proveitoso e agradável, revisei-o e organizei-o em uma espécie de método, acrescentando vários conselhos e instruções que me pareceram adequados à minha intenção. Mas fiz tudo isso com pouca folga; por isso, você não encontrará nada neste tratado exato ou em ordem, mas apenas um amontoado de boas advertências, proferidas em palavras claras e inteligíveis, sem que eu tivesse me dedicado sequer a pensar nos ornamentos da linguagem, tendo assuntos de maior importância em minhas mãos.

Dirijo meu discurso a Filoteia porque, desejando reduzir o que escrevi inicialmente a uma única pessoa, para o benefício comum de muitas almas, utilizo um nome aplicável a todos os que aspiram à devoção; pois a palavra grega Philothen significa uma alma que

ama, ou está apaixonada por Deus. Considerando, portanto, ao longo desta obra, uma alma que, pelo desejo de devoção, aspira ao amor de Deus, dividi-a em cinco partes. Na primeira, procuro, por meio de advertências e exercícios, converter o simples desejo de Filoteia em uma resolução absoluta, que ela finalmente faz, por um firme protesto, após sua confissão geral, seguida da Santíssima Comunhão; na qual, entregando-se ao seu Salvador, ela entra feliz em seu santo amor. Então, na segunda parte, tento conduzi-la mais adiante; Mostro-lhe os dois grandes meios pelos quais ela pode unir-se cada vez mais à Sua Divina Majestade, a saber, o uso dos sacramentos, pelos quais Deus vem a nós, e a santa oração, pela qual Ele nos atrai a Si. Na terceira parte, mostro-lhe como ela deve exercitar-se nas virtudes mais adequadas ao seu progresso; não se detendo, exceto em alguns conselhos particulares, que ela dificilmente poderia ter recebido em outro lugar, ou descoberto por si mesma. Na quarta parte, exponho-lhe algumas das emboscadas de seus inimigos, mostrando-lhe como ela pode escapar delas e prosseguir em seu louvável empreendimento. Na quinta e última parte, faço-a retirar-se um pouco para se refrescar, recuperar o fôlego e restaurar suas forças, para que depois possa ganhar terreno com mais alegria e progredir em uma vida devota.

Nesta era caprichosa, prevejo que muitos dirão: "Cabe apenas aos religiosos dar instruções particulares sobre a piedade, visto que têm mais tempo livre do que um bispo, encarregado de uma diocese tão pesada como a minha; que tal empreendimento distrai demais o entendimento, que deveria ser empregado em assuntos

importantes." Mas eu te digo, caro leitor, com o grande São Dionísio, que cabe principalmente aos bispos conduzir as almas à perfeição, visto que sua ordem é tão suprema entre os homens quanto a dos serafins entre os anjos; de modo que seu tempo livre não pode ser melhor empregado. Os antigos bispos e padres da Igreja, é preciso admitir, eram pelo menos tão cuidadosos com seus deveres quanto nós; no entanto, não se recusaram a supervisionar a conduta particular de várias almas que recorreram à sua assistência, como demonstram suas epístolas; nisso imitaram os apóstolos, que, em meio à colheita geral do mundo, colheram certas espigas notáveis com um afeto especial e particular. Quem ignora que Timóteo, Tito, Filêmon, Onésimo, Santa Tecla e Ápia foram os queridos alunos do grande São Paulo; assim como São Marcos e Santa Petronila foram de São Pedro? – Santa Petronila, digo eu, que, como Barônio e Galônio sabidamente provam, não era filha real de São Pedro, mas apenas sua filha espiritual. E São João não escreve uma de suas epístolas canônicas à devota Senhora Eleita?

É doloroso, confesso, dirigir almas em particular; mas é uma dor que conforta, como a que sentem os trabalhadores na colheita e na vindima; que nunca se sentem mais satisfeitos do que quando têm mais a fazer e quando os seus fardos são os mais pesados. É um trabalho que refresca e revigora o coração, pelas doces delícias que traz àqueles que nele se dedicam; como a canela faz àqueles que a carregam pela Arábia Félix. Diz-se que quando a tigresa encontra um dos seus filhotes, que o caçador deixa no seu caminho para a divertir, enquanto leva o resto da liteira, ela carrega-se com ele, por

muito grande que seja, e ainda assim não se sente mais pesada, mas sim mais leve no caminho que faz para o deixar seguro na sua toca, o amor natural tornando o seu fardo mais fácil: com muito mais boa vontade, então, um coração paternal tomará conta de uma alma na qual encontrou o desejo pela santa perfeição; carregando-o em seu seio como uma mãe carrega seu filhinho, sem ser oprimida por um fardo tão amado! Mas este deve ser, de fato, um coração paternal; e por isso os apóstolos e os homens apostólicos chamam seus discípulos não apenas de seus filhos, mas ainda, com mais ternura, de seus filhinhos.

É verdade, caro leitor, que escrevo aqui sobre uma vida devota, sem ser eu próprio devoto — mas certamente não sem o desejo de o ser — e que é essa afeição por ela que me encoraja a instruí-lo. Pois, como disse um grande e erudito homem: "Estudar é uma boa maneira de aprender; ouvir é ainda melhor; mas ensinar é a melhor de todas." "Acontece frequentemente", disse Santo Agostinho, escrevendo à devota Florentina, "que o ofício de distribuir nos dá o mérito de receber; e que o ofício de ensinar serve de fundamento para o saber." Alexandre fez com que o retrato da bela Campaspé fosse desenhado pela mão do célebre Apeles, que, sendo forçado a contemplá-la por um tempo considerável, assim que ele desenhou suas feições em seu retrato, o amor por elas ficou insensivelmente impresso em seu coração, que, chegando ao conhecimento de Alexandre, teve pena dele e a deu em casamento, privando-se, por sua causa, da mulher que ele mais amava no mundo: em tal ação,

diz Plínio, ele mostrou a grandeza de sua mente, tanto quanto ele poderia ter pela vitória mais notável.

Agora, sou da opinião, amado leitor, que é a vontade de Deus que eu, sendo bispo, pinte nos corações de seu povo não apenas as virtudes comuns, mas também sua mais cara e amada devoção. E assumo de bom grado o ofício, tanto em obediência a Ele e para cumprir meu dever, quanto com a esperança de que, gravando-o na mente dos outros, a minha própria possa se encantar santamente com sua beleza. Agora, se algum dia a Divina Majestade me vir apaixonadamente apaixonado por ele, Ele o dará a mim em um casamento eterno. A bela e casta Rebeca, dando de beber aos camelos de Isaac, estava destinada a ser sua esposa e recebeu, de sua parte, brincos e braceletes de ouro. Assim, lisonjeio-me, pela infinita bondade de Deus, que, conduzindo suas queridas ovelhas às águas salutareis da devoção, Ele fará de minha alma sua esposa, colocando em meus ouvidos as palavras de ouro de seu santo amor e em meus braços a força para praticar boas obras, nas quais consiste a essência da verdadeira devoção; que humildemente suplico a sua Majestade que me conceda e a todos os filhos de sua Igreja, à qual submeto para sempre meus escritos, minhas ações, minhas palavras, meus pensamentos e minhas inclinações.

Em Annecy, neste dia de

Santa Maria Madalena, 1609.

PARTE I

***Instruções e exercícios para
conduzir a alma desde seu
primeiro desejo por uma vida
devota até que ela seja levada
à plena resolução de abraçá-
la***

CAPÍTULO I. Descrição da Verdadeira Devoção

Você aspira à Devoção, Filoteia, porque, sendo cristã, sabe que é uma virtude extremamente agradável à Divina Majestade. Mas, como pequenas faltas cometidas no início de qualquer negócio se agravam com o progresso e se tornam quase irreparáveis no final,

você deve primeiro saber o que é a virtude da devoção; pois, como só existe uma espécie verdadeira e muitas vãs e falsas, se você não consegue distinguir o que é verdadeiro, pode facilmente ser enganado e se apegar a alguma devoção imprudente e supersticiosa.

Assim como Aurélio pintou todos os rostos de seus quadros com a aura e a semelhança da mulher que amava, cada um pinta a devoção de acordo com sua própria paixão e fantasia. Aquele que é viciado em jejum considera-se muito devoto se jejua, mesmo que seu coração esteja ao mesmo tempo cheio de rancor; e, tendo escrúpulos em umedecer a língua com vinho, ou mesmo com água, por sobriedade, não hesita em beber profundamente do sangue do próximo por meio de difamação e calúnia. Outro se considera devoto se recita diariamente uma multiplicidade de orações, embora imediatamente depois profere as palavras mais desagradáveis, arrogantes e injuriosas entre seus domésticos e vizinhos. Outro alegremente tira uma esmola de sua bolsa para socorrer os pobres, mas não consegue extrair do coração a mansidão para perdoar seus inimigos. Outro perdoa prontamente seus inimigos, mas, de alguma forma, nunca satisfaz seus credores, exceto por constrangimento. Estes são considerados devotos, quando, na realidade, não o são de forma alguma.

Enquanto os servos de Saul procuravam Davi em sua casa, Mical colocou uma estátua em sua cama e, cobrindo-a com as roupas de Davi, fez com que acreditassem que era o próprio Davi; assim,

muitas pessoas, ao se cobrirem com certas ações externas pertencentes à devoção, fazem o mundo acreditar que são verdadeiramente devotas, quando na verdade não passam de estátuas e fantasmas de devoção.

A verdadeira devoção, Filoteia, pressupõe um amor a Deus não parcial, mas completo. Pois, na medida em que o amor divino adorna a alma, chama-se graça, tornando-nos agradáveis à Divina Majestade; na medida em que nos dá a força para fazer o bem, chama-se caridade; mas quando atinge aquele grau de perfeição, pelo qual não só nos faz agir bem, mas também trabalhar com diligência, frequência e prontidão, então chama-se devoção.

Assim como os avestruzes nunca voam; assim como as galinhas voam baixo, pesadamente e raramente; e assim como as águias, pombas e andorinhas voam alto, rápida e frequentemente, assim os pecadores voam, não em direção a Deus, mas dirigem todos os seus cursos na terra e em direção aos objetos mundanos; e as pessoas boas que ainda não alcançaram a devoção voam em direção a Deus por suas boas obras, mas raramente, lenta e pesadamente; enquanto as almas devotas voam até Ele em voos mais frequentes, rápidos e elevados. Em suma, a devoção nada mais é do que aquela agilidade e vivacidade espiritual, pelas quais a caridade opera em nós, ou nós por ela, com entusiasmo e afeição; e assim como é função da caridade fazer-nos observar todos os mandamentos de Deus em geral e sem exceção, também é função da devoção fazer-nos observá-los alegremente e com diligência. Portanto, aquele que

não observa todos os mandamentos de Deus não pode ser considerado bom nem devoto; pois para ser bom, ele deve possuir caridade, e para ser devoto, além da caridade, ele deve mostrar alegria e prontidão na realização de ações de caridade.

Como a devoção, portanto, consiste em um certo grau excelente de caridade, ela nos torna não apenas ativos e diligentes na observância dos mandamentos de Deus, mas também nos incita à prática de toda boa obra com uma afetuosa prontidão, não ordenada, na verdade, mas apenas aconselhada. Pois, assim como um homem recém-convalescido de qualquer enfermidade caminha o quanto lhe é necessário, mas lentamente e com calma, assim também um pecador, recém-curado de suas iniquidades, caminha tão depressa quanto Deus lhe ordena, ainda que lenta e pesadamente, até o momento em que atinge a devoção; pois então, como um homem em plena saúde, ele não apenas caminha, mas corre e avança no caminho dos mandamentos de Deus e, além disso, avança com rapidez nas sendas de seus conselhos e inspirações celestiais.

Concluindo: caridade e devoção não diferem uma da outra mais do que o fogo da chama; pois a caridade é um fogo espiritual que, quando inflamado, se chama devoção. Portanto, parece que a devoção nada acrescenta ao fogo da caridade, mas sim a chama, que a torna pronta, ativa e diligente, não apenas na observância dos mandamentos de Deus, mas também na execução de seus conselhos e inspirações celestiais.

CAPÍTULO II.

As Propriedades e a Excelência da Devoção

Aqueles que desencorajaram os israelitas de entrarem na Terra Prometida disseram-lhes que era um país que destruía seus habitantes, isto é, que tinha um ar tão contagioso que era impossível viver muito tempo ali e além, que os nativos eram monstros tão terríveis que devoravam outros homens como gafanhotos. Assim, o mundo, Filoteia, difama a santa Devoção, representando pessoas devotas com semblantes raivosos, tristes e sombrios; fingindo que a Devoção gera melancolia e insociabilidade. Mas, assim como Josué e Calebe protestaram que a Terra Prometida não era apenas boa e bela, mas também que sua aquisição e posse seriam fáceis e agradáveis, assim o Espírito Santo, pela boca de todos os santos, e nosso Salvador, pela sua própria, nos asseguram que uma vida devota é agradável, feliz e amável.

O mundo vê que pessoas devotas rezam com frequência, sofrem injúrias, servem aos doentes, dão aos pobres, vigiam, moderam sua fome, reprimem suas paixões, privam-se de prazeres sensuais e de outros atos que são em si severos e rigorosos; mas o mundo não vê

a devoção cordial interior que torna todas essas ações agradáveis, prazerosas e fáceis. Considere as abelhas no tomilho: elas encontram ali um suco muito amargo, mas ao sugá-lo o transformam em mel. Ó mundanos! É verdade que as almas devotas encontram muita amargura nesses exercícios de mortificação, mas, ao praticá-los, convertem-nos em doçura e deleite. O fogo, as chamas, os tormentos, as espadas pareciam flores e perfumes aos mártires, porque eram devotos. Se, então, a Devoção pode dar doçura aos tormentos mais cruéis, e até mesmo à própria morte, o que não fará às ações da virtude? O açúcar adoça as frutas verdes e tempera a crueza e a insalubridade daquelas que estão maduras. Ora, a devoção é o açúcar espiritual que tira a amargura da mortificação e a ofensividade da consolação; tira o descontentamento do pobre, a solicitude do rico, a desolação do oprimido, a insolência do exaltado, a tristeza do solitário e a dissolução daqueles que devem viver em sociedade; serve como fogo no inverno e orvalho no verão; mostra-nos como viver em abundância e como sofrer com a necessidade; rende igualmente honra e desprezo proveitosos; entretém o prazer e a dor quase com a mesma alegria; e enche nossa alma com admirável doçura.

Contemple a escada de Jacó, pois ela é o verdadeiro emblema de uma vida devota. Os dois lados entre os quais subimos, e nos quais os degraus são fixados, representam a oração, que obtém o amor de Deus, e os sacramentos que o conferem; os degraus nada mais são do que diversos graus de caridade, pelos quais avançamos de virtude em virtude, seja descendo, pela ação, para a ajuda e o apoio

do próximo, seja ascendendo, pela contemplação, para uma união abençoada com Deus. Agora, observe aqueles que estão nesta escada: eles são homens que têm corações angelicais, ou anjos que têm corpos humanos. Eles não são jovens, mas parecem ser, porque são cheios de vigor e atividade espiritual. Eles têm asas para voar e se elevar até Deus em santa oração; mas eles também têm pés para caminhar com os homens, por meio de conversas santas e amigáveis. Seus rostos são belos e agradáveis, porque recebem todas as coisas com doçura e contentamento; suas pernas, braços e cabeças estão todos descobertos, porque seus pensamentos, afeições e ações não têm outro desígnio nem motivo senão agradar a Deus; O resto de seus corpos é coberto apenas por um manto leve e belo, para mostrar que de fato fazem uso do mundo e das coisas mundanas, mas de maneira mais pura e sincera, não tocando nelas mais do que o necessário para sua condição. Tais são as pessoas devotas. Acredite-me, Filoteia, a devoção é o prazer dos prazeres, a rainha das virtudes e a perfeição da caridade. Se a caridade é leite, a devoção é o creme; se a caridade é uma planta, a devoção são suas flores; se a caridade é uma pedra preciosa, a devoção é seu brilho; se a caridade é um bálsamo rico, a devoção é seu odor: sim, o odor da doçura, que conforta os homens e alegra os anjos.

CAPÍTULO III.

A devoção é adequada a todos os tipos de vocações e profissões

Na criação, Deus ordenou às plantas que produzissem seus frutos, cada um segundo sua espécie; da mesma forma, Ele ordena a todos os cristãos, que são plantas vivas da Igreja, que produzam seus frutos de devoção, cada um segundo sua qualidade e vocação. A devoção deve ser exercida de maneira diferente pelo príncipe, pelo cavaleiro, pelo comerciante, pelo servo, pela viúva, pela empregada e pela pessoa casada: e não somente isso, mas também a prática da devoção deve ser acomodada à saúde, à capacidade, ao emprego e às obrigações de cada um em particular. Pois, eu te peço, seria adequado para um bispo ser tão aposentado quanto um cartuxo; e se os casados não acumulassem mais do que os capuchinhos, se o comerciante ficasse o dia todo na igreja como um monge, e o religioso continuamente exposto a todos os exercícios exteriores de caridade para o serviço de seu próximo como o bispo, essa devoção não seria ridícula, absurda e insuportável? Essa falha, no entanto, acontece muito frequentemente, e o mundo, que não discerne ou não quer discernir qualquer diferença entre a devoção real e a

indiscricção daqueles que fingem ser devotos, a culpa e murmura, o que não pode remediar tais desordens.

Não, Filoteia, a devoção não prejudica nada quando é verdadeira, mas, ao contrário, torna todas as coisas perfeitas; e quando não é adequada à vocação legítima de qualquer pessoa, então, sem dúvida, não é segura. A abelha, diz Aristóteles, extrai mel das flores sem danificá-las, deixando-as tão inteiras e frescas quanto as encontrou; mas a verdadeira devoção vai ainda mais longe, pois não prejudica nenhuma vocação ou ocupação, mas, ao contrário, adorna e embeleza tudo.

Todos os tipos de pedras preciosas lançadas no mel tornam-se mais brilhantes, cada uma de acordo com sua cor; e todas as pessoas se tornam mais aceitáveis em sua vocação quando se dedicam a ela. O cuidado da família torna-se, assim, menos penoso, o amor do marido e da esposa mais sincero, o serviço ao príncipe mais fiel e todos os tipos de negócios mais fáceis e sustentáveis.

É um erro, ou melhor, uma heresia, tentar banir uma vida devota dos acampamentos de soldados, das lojas de comerciantes, das cortes de príncipes ou dos negócios de pessoas casadas. É verdade, Filoteia, que a devoção meramente contemplativa, monástica e religiosa não pode ser exercida nessas vocações; mas, além desses três tipos de devoção, há diversas outras próprias para tornar perfeitos aqueles que vivem em condições seculares. Abraão, Isaac e Jacó, Davi, Jó, Tobias, Sara, Rebeca e Judite testemunham isso no Antigo Testamento. No Novo, São José, Lídia e São Crispim eram

perfeitamente devotos em suas lojas; Santa Ana, Santa Marta, Santa Mônica, Áquila e Priscila, em suas famílias; Cornélio, São Sebastião, São Maurício nas guerras; Constantino, Helena, São Luís, Santa Ana e Santo Eduardo, em seus tronos. Não, aconteceu que muitos perderam a perfeição na solidão, que, no entanto, é tão desejável para a perfeição, e a preservaram na sociedade, que lhe parece tão pouco favorável. Ló, diz São Gregório, que era tão casto na cidade, pecou contra a castidade na solidão. Onde quer que estejamos, podemos e devemos aspirar a uma vida perfeita.

CAPÍTULO IV.

A necessidade de um Guia para nos conduzir no caminho da Devoção

O jovem Tobias, ao ser ordenado a ir a Rages, respondeu: "Não sei o caminho." "Vai, então", respondeu seu pai, "e procura um homem que te guie." Digo o mesmo a ti, Filoteia; se queres, com sinceridade, caminhar em direção à devoção, procura um bom homem que te guie e te guie: este é o conselho dos conselhos. Ainda que procures, diz o devoto Ávila, nunca encontrarás tão seguramente a vontade de Deus como por meio desta humilde obediência, tão recomendada e praticada pelos antigos santos. A bem-aventurada Madre Teresa, vendo a Senhora Catarina de Córdoba realizar tão grandes penitências, desejou muito imitá-la, contra o conselho de seu confessor, que a havia proibido. Ela foi muito tentada a desobedecer nesse particular; mas Deus lhe disse: "Filha, tu estás em um caminho bom e seguro; tu estimas muito as suas penitências; mas eu estimo mais a tua obediência." E por isso ela tão altamente. Esta virtude transbordava, tanto que, além da obediência devida aos seus superiores, ela jurou uma particular a

um homem de excelente perfeição, obrigando-se a seguir sua orientação e conduta, o que a consolou infinitamente, assim como muitas almas devotas antes e depois dela, que, pela mais completa resignação a Deus, submeteram sua vontade à de seus servos, o que Santa Catarina de Sena tanto aplaude em seus diálogos. A devota princesa, Santa Isabel, submeteu-se com exemplar obediência a Conrado. E um dos conselhos dados pelo grande São Luís ao seu filho, pouco antes de sua morte, foi este: "Confessa-te frequentemente, escolhe um confessor capaz e honesto que te possa instruir a fazer as coisas que são necessárias."

"Um amigo fiel", diz a Sagrada Escritura, "é uma proteção poderosa; quem o encontrou, encontrou um tesouro. Um amigo fiel é um remédio que dá vida e imortalidade; aqueles que temem a Deus o encontram." Essas palavras divinas apontam principalmente, como você pode ver, para a imortalidade, para a qual é fundamental ter este amigo fiel, que, por suas orientações e conselhos, pode zelar por nossas ações e, por esse meio, nos salvar das emboscadas e artimanhas de nosso inimigo espiritual. Ele será para nós um tesouro de sabedoria em nossas aflições, descontentamentos e recaídas; servirá como um remédio para refrescar e confortar nossos corações em doenças espirituais; ele nos preservará do mal e tornará melhor o que é bom; e quando qualquer enfermidade nos sobrevier, ele a impedirá de ser mortal, pois nos curará.

Mas quem encontrará este homem? Os sábios respondem: "Os que temem a Deus", isto é, os humildes, que desejam ardentemente o

seu progresso espiritual. Já que te importa tanto, Filoteia, ir com um bom guia nesta santa viagem de devoção, roga a Deus com grande fervor que te conceda alguém que seja conforme o Seu coração; e não duvides, pois Ele te enviará antes um anjo do céu, como fez ao jovem Tobias, do que deixar de te dar um guia bom e fiel.

Agora, ele deve ser sempre um anjo para você: isto é, quando você o encontrar, considere-o não simplesmente como um homem; nem confie nele, nem em seu conhecimento humano, mas em Deus, que o favorecerá pelo ministério deste homem, e o fará pensar e falar tudo o que for necessário para sua felicidade; então você deve ouvi-lo como um anjo descendo do céu para conduzi-lo até lá. Trate-o com um coração aberto, com toda sinceridade e fidelidade, manifestando-lhe claramente o bem e o mal que está em você, sem medo ou dissimulação: e por este meio seu bem será testado e mais seguro, e seu mal será corrigido e emendado; você será aliviado e fortalecido em suas aflições, e moderado e equilibrado em suas consolações. Deposite nele toda a confiança; misturada com santa reverência, de tal forma que a reverência não diminua a confiança, nem a confiança prejudique a reverência devida a ele. Confie nele com o respeito de uma filha para com seu pai; Respeite-o com a confiança de um filho para com sua mãe. Em suma, essa amizade deve ser firme e doce, toda santa, toda santificada, toda divina e toda espiritual.

Para este fim, escolhe um entre mil, diz Ávila, e eu digo um entre dez mil; pois há menos do que se pode imaginar que sejam capazes

deste ofício. Ele deve ser cheio de caridade, conhecimento e prudência. Se qualquer uma dessas três qualidades lhe faltar, há perigo; e, portanto, repito, pede-o a Deus e, tendo-o obtido, bendizei a Divina Majestade, permanecei constantes e não busqueis outros, mas segui-o inocentemente, humildemente e confiantemente, pois assim fareis uma viagem muito feliz.

CAPÍTULO V.

Devemos começar por purificar as nossas Almas

"Quando as flores aparecem em nossa terra", diz o Divino Esposo, "é chegado o tempo da limpeza e da poda". O que são as flores de nossos corações, Filoteia, senão bons desejos? Agora, assim que aparecem, é preciso pôr a mão na faca para podar de nossas consciências todas as obras mortas e supérfluas. Uma jovem estrangeira, quando prestes a se casar com um israelita, deveria despir o manto de seu cativo, cortar as unhas e raspar os cabelos; assim, a alma que aspira à honra de ser esposa do Filho de Deus deve despir-se do velho homem e vestir-se com o novo; livrar-se do pecado e, então, cortar e raspar todos os impedimentos que possam desviá-la do amor de Deus. O princípio de nossa saúde é sermos purificados de humores ofensivos. São Paulo, em um instante, foi purificado de maneira perfeita; assim também Santa Catarina de Gênova, Santa Maria Madalena, Santa Pelágia e alguns outros santos; Mas esse tipo de purgação é totalmente milagroso e extraordinário em graça, assim como a ressurreição dos mortos na natureza, e, portanto, não devemos fingir que o é. A purificação e a

cura comuns, sejam do corpo ou da alma, são efetuadas apenas aos poucos, progredindo gradualmente, com dor e trabalho.

Os anjos na escada de Jacó têm asas, mas não voam, mas sobem e descem degrau em degrau. A alma que se eleva do pecado para a devoção é comparada ao amanhecer, que não afasta a escuridão instantaneamente, mas gradualmente. "A cura", diz um provérbio, "que se faz lentamente é sempre a mais segura." As doenças da alma, assim como as do corpo, vêm a cavalo, mas partem lentamente a pé. Coragem e paciência, então, Filoteia, são necessárias nesta empreitada. Ai! Como são dignas de pena aquelas almas que, vendo-se sujeitas a tantas imperfeições, tendo-se exercitado um pouco na devoção, começam a ficar perturbadas, inquietas e desanimadas, permitindo que seus corações quase cedam à tentação de abandonar tudo e voltar atrás! Mas, por outro lado, não é também extremamente perigoso para aqueles outros que, por uma tentação contrária, se fazem acreditar que estão limpos de suas imperfeições no primeiro dia de sua purgação e, considerando-se perfeitos, embora ainda mal moldados, tentam voar sem asas.

Ó Filoteia, que perigo correm de recaída, por terem sido arrancados tão cedo das mãos do médico? "Não te levantes antes do amanhecer", diz o profeta; "levanta-te depois de teres descansado"; e ele mesmo, praticando esta lição, e já tendo sido lavado e purificado, deseja ainda ser purificado novamente.

O exercício de purificação da alma não pode nem deve terminar senão com as nossas vidas. Não nos aflijamos, pois, com as nossas imperfeições, pois a nossa perfeição consiste em resistir-lhes; e não podemos resistir-lhes sem as ver, nem vencê-las sem as encontrar. A nossa vitória não reside em senti-las, mas em não consentir com elas. Mas ser perturbado por elas não é consentir com elas: mais ainda, é necessário, para o exercício da nossa humildade, que sejamos por vezes feridos neste combate espiritual; mas nunca seremos considerados vencidos, a menos que percamos a nossa vida ou a nossa coragem. Ora, as imperfeições ou os pecados veniais não nos podem privar da vida espiritual, pois esta só se perde com o pecado mortal. Resta então que não nos privem da nossa coragem. "Livra-me, Senhor", disse Davi, "da covardia e da timidez." É uma condição feliz para nós nesta guerra se, lutando sempre, pudermos ser sempre vencedores.

CAPÍTULO VI.

A primeira purificação, que é do pecado mortal

A primeira purificação que se deve fazer é a do pecado; o meio para fazê-la é o sacramento da penitência. Procure o confessor mais digno que puder:

Leia um dos livrinhos que foram compostos para nos ajudar a fazer uma confissão completa e correta; leia-o com atenção e observe de ponto em ponto o que você ofendeu, começando desde o momento em que você teve o uso da razão até o momento presente. Se você desconfia de sua memória, escreva o que pensou; e, tendo assim preparado e reunido os humores ofensivos de sua consciência, abomine-os e rejeite-os com a maior dor e contrição que seu coração possa conceber, meditando bem nestas quatro coisas: que pelo pecado você perdeu a graça de Deus, abandonou sua parte do céu, mereceu as dores perpétuas do inferno e renunciou ao amor eterno de Deus.

Veja, Filoteia, que falo de uma confissão geral de toda a sua vida, a qual, embora eu confesse que nem sempre é absolutamente necessária, considero que lhe será extremamente proveitosa neste

início, e por isso a aconselho sinceramente. Acontece frequentemente que as confissões comuns daqueles que vivem uma vida comum e vulgar estão cheias de grandes defeitos, pois muitas vezes não se preparam de todo, ou muito pouco; nem têm contrição suficiente; mais ainda, acontece com tanta frequência que confessam com um desejo tácito de voltar a pecar, porque não estão dispostos a evitar as ocasiões de pecar, nem a fazer uso dos meios necessários para a melhoria da vida; e em todos esses casos uma confissão geral é necessária para proteger a alma. Mas, além disso, uma confissão geral nos traz de volta ao conhecimento de nós mesmos; ela nos incita a uma vergonha e tristeza salutarese por nossa vida passada; Faz-nos admirar a misericórdia de Deus, que nos esperou com tanta paciência e por tanto tempo: ela acalma nossos corações, refresca nossos espíritos, desperta em nós boas resoluções, dá ocasião ao nosso pai espiritual para dar conselhos mais adequados à nossa condição; e abre nossos corações, para que possamos nos expressar com mais confiança em nossas futuras confissões. Falando, então, de uma renovação geral de nossos corações e de uma conversão completa de nossas almas a Deus, por meio de uma vida devota, parece-me razoável, Filoteia, que eu recomende esta confissão geral.

CAPÍTULO VII.

A segunda Purificação, que é a da afeição ao pecado

A segunda Purificação, que é aquela por afeição. Todos os israelitas partiram, de fato, da terra do Egito, mas nem todos partiram de coração e voluntariamente; portanto, no deserto, muitos deles lamentaram não ter as cebolas e as panelas de carne do Egito. Assim, há penitentes que, de fato, abandonam o pecado, mas não de coração: isto é, eles se propõem a não pecar mais; mas é com certa relutância de coração que se abstêm dos deleites perniciosos do pecado. Seus corações renunciam ao pecado e o evitam, mas eles não cessam de olhar para trás com frequência dessa maneira, como a esposa de Ló fez em direção a Sodoma. Eles se abstêm do pecado, como os doentes se abstêm dos melões, dos quais se abstêm porque o médico os ameaça de morte se os comerem; mas é problemático para eles se absterem: falam deles e não estão dispostos a acreditar que são prejudiciais; eles pelo menos os cheirariam e considerariam felizes aqueles que os comem. Assim, esses penitentes fracos e covardes se abstêm do pecado por um tempo, mas para sua tristeza: eles gostariam de pecar sem correr o risco de condenação; eles falam do pecado com uma espécie de

satisfação e prazer, e consideram felizes aqueles que se entregam a ele.

Um homem decidido a vingar-se renunciará ao desejo em confissão; mas logo depois será encontrado entre seus amigos, tendo prazer em falar de sua briga e dizendo: se não fosse pelo temor de Deus, teria feito isto ou aquilo. Oh, quão rigorosa é a lei de Deus neste ponto do perdão! Ah! Quem não vê que, embora este pobre homem não tenha pecado, ele está envergonhado pela paixão do pecado; e, estando efetivamente fora do Egito, ele ainda está lá em desejo, ansiando pelo alho e cebola que costumava comer. Ai! Quão grande é o perigo em que se encontram tais penitentes!

Já que estás disposta, Filoteia, a empreender uma vida devota, não debes apenas abandonar o pecado em si, mas também purificar teu coração de todas as afeições pecaminosas. Pois, além do perigo de recaída, essas paixões miseráveis pesarão perpetuamente e deprimirão tua alma, de modo que não serás capaz de praticar boas obras com alegria, diligência e frequência: nisto, no entanto, consiste a própria essência da devoção. Almas que abandonaram o pecado em si, mas não evitam as propensões ao pecado, podem, em minha opinião, ser comparadas a moças delicadas, não exatamente doentes, mas com todas as suas ações lânguidas e deprimidas: comem sem prazer, dormem sem descanso, riem sem prazer e preferem arrastar-se a caminhar. De tal maneira, essas almas fazem o bem, mas com tão grande cansaço espiritual, que

isso tira toda a graça de suas boas obras, que são poucas em número e de pequeno efeito.

CAPÍTULO VIII.

Os meios para chegar a esta segunda Purificação

Ora, o primeiro meio e fundamento desta segunda purificação é uma viva e forte compreensão do grande dano que o pecado nos causa, o que nos leva a entrar numa profunda e viva contrição. Pois assim como a contrição (assim seja, por menor que seja, especialmente estando unida à virtude dos sacramentos) nos purifica suficientemente do pecado, assim, quando é grande e fervorosa, purifica-nos de todas as afeições que dependem do pecado. Um ódio fraco faz-nos detestar e evitar a companhia daquele que odiamos; mas se for um ódio mortal e violento, não apenas o fugimos e o abominamos, mas detestamos até mesmo a conversa de seus amigos e parentes; sim, odiamos a sua própria imagem e tudo o que lhe pertence. Assim, quando o penitente odeia o seu pecado, mas apenas com uma leve, embora verdadeira contrição, ele resolve de fato não pecar mais; mas quando ele o abomina com uma contrição poderosa e vigorosa, ele então não apenas detesta o pecado, mas todas as afeições, tendências e ocasiões dele.

Devemos, então, Filoteia, aumentar nossa contrição e arrependimento, tanto quanto possível, a fim de que se estendam às menores e mais remotas consequências do pecado. Santa Maria Madalena, em sua conversão, perdeu tão completamente o contentamento e o prazer que encontrara no pecado, que nunca mais pensou nele. E Davi protestou não apenas que abominava o pecado, mas também todos os seus caminhos e veredas. Neste ponto consiste a renovação da alma, que o mesmo profeta compara ao crescimento dos filhotes de uma águia.

Agora, para obter essa apreensão e contrição, você deve se dedicar diligentemente às seguintes meditações, as quais, sendo bem praticadas, com a ajuda da graça de Deus, erradicarão do seu coração todo pecado e suas principais afeições: e, de fato, é com esse objetivo que as estructurei. Você as usará em ordem, como as organizei, reservando apenas uma para cada dia, e isso, se possível, pela manhã, que é o horário mais apropriado para todos os exercícios espirituais, a fim de que possa pensar e meditar sobre elas durante o dia. Mas se você ainda não está acostumado à meditação, observe o que será dito na Segunda Parte.

CAPÍTULO IX.

Primeira Meditação. —A Criação

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus.
2. Implore a Ele para inspirá-lo.

CONSIDERAÇÕES.

1. Considera que, há poucos anos, ainda não estavas no mundo e que o teu ser era um mero nada. Onde estávamos, ó minha alma, naquele tempo? — o mundo já durava tantas eras, e ainda assim nós não existíamos.
2. Deus o formou do nada, para fazer de você o que você é: puramente por sua própria bondade, não tendo necessidade alguma de você.
3. Considera o ser que Deus te deu, pois é o mais elevado no mundo visível, capaz de vida eterna e de estar perfeitamente unido à sua Divina Majestade.

AFETAMENTOS E RESOLUÇÕES.

1. Humilha-te profundamente na presença de Deus, dizendo em teu coração como o salmista: Ó Senhor, sou aos teus olhos como um mero nada, e como pensaste em mim para me criar? Ai! Minha alma, estavas perdida naquele antigo nada, e ainda estarias lá se Deus não te tivesse tirado de lá: e o que poderias ter feito permanecendo lá?

2. Dai graças a Deus: Ó meu grande e bom Criador, como sou grato a Ti, visto que vos dignastes fazer-me do nada e, por vossa grande misericórdia, fazer-me o que sou. O que posso fazer para bendizer vosso santo nome como devo e render a devida gratidão à vossa inestimável bondade?

3. Confunda-te: Mas, ai de mim! Meu Criador, em vez de me unir a Ti, pelo amor e serviço, tornei-me rebelde por minhas afeições desordenadas, vagando e me afastando de Ti, para me unir ao pecado: valorizando Tua bondade não mais do que se Tu não tivesses sido meu Criador.

4. Prostra-te diante de Deus: Ó minha alma, sabe que o Senhor é teu Deus; foi Ele quem te fez, e não tu a ti mesmo. Ó Deus, sou obra das tuas mãos.

Não terei, de agora em diante, prazer em mim mesmo, visto que de mim mesmo nada sou. Por que te engrandeces, ó pó e cinzas? Sim, antes, ó simples nada, por que te exaltas? Para me humilhar, portanto, resolvo fazer tais e tais coisas, sofrer tais e tais desgraças. Mudarei de vida, de agora em diante seguirei meu Criador e me

considerarei honrado com a condição e o ser que Ele me deu, empregando-os inteiramente em obediência à sua vontade, pelos meios que me forem ensinados e que aprenderei com meu pai espiritual.

CONCLUSÃO.

1. Dê graças a Deus: Bendiga a Deus, ó minha alma, e que todo o meu ser louve o seu santo nome, pois a sua bondade me atraiu, e a sua misericórdia me criou do nada.

2. Oferenda: Ó meu Deus, ofereço a Ti o ser que me deste de coração. Dedico-o e consagro-o a Ti.

3. Oração: Ó Deus, fortalecei-me nestes afetos e propósitos. Ó Virgem Santa, recomendai-os à misericórdia do vosso Filho, com todos aqueles por quem devo orar, etc. Pai Nosso, Ave Maria, Credo.

Depois da sua oração, a partir dessas considerações que você fez, faça um pequeno ramalhete espiritual para cheirar durante todo o resto do dia.

CAPÍTULO X.

Segunda Meditação. —Sobre o fim para o qual fomos criados

Segunda Meditação. Sobre o fim para o qual estávamos

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se diante de Deus. 2. Implore a Ele para inspirá-lo.

CONSIDERAÇÕES.

1. Deus não nos colocou neste mundo para suprir qualquer necessidade que Ele tenha de nós, que somos totalmente inúteis para Ele, mas apenas para exercer a sua bondade em nós, concedendo-nos a sua graça e glória. E para esse fim, Ele nos enriqueceu com o entendimento para conhecê-Lo, com a memória para nos lembrarmos dEle, com a vontade de amá-Lo, com a imaginação para representarmos os seus benefícios, com os olhos para contemplarmos as suas obras maravilhosas, com a língua para louvá-Lo, e assim também com as nossas outras faculdades. 2. Sendo criados e postos no mundo com esta intenção, todas as ações

contrárias a ela devem ser evitadas e rejeitadas; e aquelas que não conduzem a este fim devem ser desprezadas como vãs e supérfluas.

3. Considere a miséria dos mundanos que nunca pensam nisso, mas vivem como se acreditassem que foram criados apenas para construir casas, plantar árvores, acumular riquezas e loucuras semelhantes!

AFETAMENTOS E RESOLUÇÕES.

1. Confunde-te, censurando a tua alma pela sua miséria e por teres esquecido estas verdades: Ai! dirás, como empreguei os meus pensamentos, ó Deus, se não os coloquei em Ti? Do que me lembrei quando me esqueci de Ti? O que amei quando não Te amei? Ai! Eu devia ter-me nutrido da verdade, e fartei-me de vaidade: escravo do mundo, servi ao que foi criado apenas para me servir.

2. Detesto a vossa vida passada: renuncio a vós, ó pensamentos vãos e fantasias inúteis. Abomino-vos, ó lembranças frívolas e odiosas: ó amizades infiéis e desleais, escravidões impuras e miseráveis, contentamentos ingratos e prazeres incômodos, abomino-vos.

3. Volta-te para Deus: E Tu, ó meu Deus, meu Salvador, serás doravante o único objeto dos meus pensamentos: não mais dedicarei minha mente a quem Te desagrade. Minha memória se entreterá todos os dias da minha vida com a grandeza da Tua

clemência, tão misericordiosamente exercida sobre mim: Tu serás o deleite do meu coração e a doçura de todo o meu ser.

4. Ah! tais e tais vaidades e diversões às quais me dediquei; tais e tais ocupações inúteis nas quais desperdicei meus dias; tais e tais afeições que cativaram meu coração, doravante serão objetos de horror para mim; e para esse fim usarei tais e tais bons remédios.

CONCLUSÃO.

1. Agradece a Deus, que te criou para um fim tão excelente: Tu me criaste, Senhor, para ti mesmo e para o gozo eterno da tua glória incompreensível: Oh, quando serei digno disso! Quando te bendirei como devo?

2. Oferenda: Ofereço-te, ó meu querido Criador, todos estes afetos e resoluções, com todo o meu coração e alma.

3. Oração: Suplico-Te, ó Deus, que aceites estes meus desejos e votos, e concedas a Tua santa bênção à minha alma, para que ela os cumpra, pelos méritos do sangue do Teu bendito Filho, derramado na cruz por mim. Pai Nosso, Ave Maria, Credo. [Faça aqui um pequeno ramalhete espiritual.]

CAPÍTULO XI.

Terceira Meditação. —Sobre os Benefícios de Deus

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus. 2. Implore a Ele para inspirá-lo.

CONSIDERAÇÕES.

1. Considera as vantagens físicas que Deus te concedeu: que corpo perfeito e que meios para mantê-lo; que saúde e recreações lícitas para entretê-lo; que amigos e auxílios. Mas considera tudo isso em relação a muitas outras pessoas, muito mais dignas do que tu, que são destituídas de todas essas bênçãos: algumas com defeitos no corpo, na saúde e nos membros; outras abandonadas às ferroadas da reprovação, do desprezo e da desonra; outras oprimidas pela pobreza, e Deus não permitiu que te tornasses tão miserável.

2. Considere os dons da mente: Quantos há no mundo estúpidos, frenéticos e loucos — e por que você não é um deles? Deus o favoreceu. Quantos foram criados em hábitos grosseiros e extrema

ignorância? E pela providência de Deus você foi educado bem e honrosamente.

3. Considere as graças espirituais: você é um filho da Igreja Católica. Deus lhe ensinou a conhecê-Lo desde a sua juventude. Quantas vezes Ele lhe concedeu os seus sacramentos? Quantas inspirações, iluminações interiores e repreensões de consciência para a sua emenda? Quantas vezes Ele lhe perdoou as suas faltas? Quantas vezes Ele o livrou das ocasiões de perda da sua alma, às quais você está exposto? E não lhe foram dados, durante anos, tempo livre e oportunidade para promover o bem da sua alma? Considere, em particular, quão bom e gracioso Deus tem sido para você.

AFETOS E CONSIDERAÇÕES.

1. Admira a bondade de Deus: Oh, quão bom é Deus para mim! Oh, quão gracioso Ele é! Quão rico é o teu Coração, ó Senhor, em misericórdia, e quão liberal em clemência? Ó minha alma, proclamemos para sempre os muitos favores que Ele nos fez.

2. Arrepende-te da tua ingratidão: Mas o que sou eu, ó Senhor, para que te lembres tanto de mim! Ah, quão grande é a minha indignidade! Ai de mim! Cheguei a pisotear as tuas bênçãos; desonrei as tuas graças, convertendo-as em abuso e desprezo pela tua soberana bondade. Opus a profundidade da minha ingratidão à altura da tua graça e favor.

3. Estimule-se à grande gratidão: Bem, então, meu coração, não seja mais infiel, ingrato e desleal a tão grande Benfeitor. E como minha alma não estará doravante inteiramente sujeita a Deus, que operou tantas maravilhas e favores em mim e para mim?

Ah! Retira, pois, teu corpo, Filoteia, de tais e tais sensualidades e consagra-o ao serviço de Deus, que tanto fez por ele. Aplica tua alma a conhecê-Lo e reconhecê-Lo por meio dos exercícios que forem necessários para esse fim. Emprega diligentemente os meios que a Igreja te oferece para te salvars e amares a Deus Todo-Poderoso. Sim, ó meu Deus, rezarei com frequência. Ouvirei tua santa palavra e porei em prática tuas inspirações e conselhos.

CONCLUSÕES.

1. Agradeça a Deus pelo conhecimento que Ele agora lhe deu sobre seu dever e pelos benefícios recebidos até agora.

2. Ofereça a Ele o seu coração com todas as suas resoluções. 3. Rogue a Ele para que você as pratique fielmente, pelos méritos da morte de seu Filho; implore a intercessão da Santíssima Virgem e dos santos. Pai Nosso, Ave Credo. [Faça aqui um pequeno ramalhete espiritual.]

CAPÍTULO XII.

Quarta Meditação. —Sobre o Pecado

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus. 2. Implore a Ele para inspirá-lo.

CONSIDERAÇÕES.

1. Recorda há quanto tempo começaste a pecar e examina até que ponto, desde então, os pecados se multiplicaram no teu coração. Como a cada dia aumentaste e multiplicaste os teus pecados contra Deus, contra ti mesmo e contra o teu próximo, por palavras, por ações, por desejos.

2. Considera, em particular, o pecado da ingratidão para com Deus, que é um pecado geral e se estende a todos os outros, tornando-os infinitamente maiores. Considera, então, quantos benefícios Deus te concedeu e como abusaste deles, voltando-os contra Ele, para desonrá-Lo. E, em particular, quantas inspirações tornaste inúteis. Mas, acima de tudo, quantas vezes recebeste os sacramentos, e onde estão os frutos deles? O que aconteceu com todas aquelas

joias preciosas com que teu querido Esposo te adornou? Todas elas foram sepultadas sob as tuas iniquidades. Com que preparação as recebeste? Pensa na tua ingratidão; que, tendo Deus corrido tanto atrás de ti, tu fugiste dEle para te perderes.

AFETAMENTOS E RESOLUÇÕES.

Humilha-te ao pensar em tua miséria. Ó meu Deus, como ousa aparecer diante de teus olhos? Ai de mim! Não passo de corrupção, um mero poço de pecado e ingratidão. Será possível que eu tenha sido tão desleal a ponto de não ter deixado nenhum dos meus sentidos, nenhuma das faculdades da minha alma, que eu não tenha corrompido, violado e profanado? E que não tenha passado um dia sequer da minha vida em que eu não tenha produzido tão maus frutos? Seria este o uso que eu deveria ter feito dos benefícios do meu Criador e do Precioso Sangue do meu Redentor?

2. Pede perdão e lança-te aos pés do teu Senhor, como um filho pródigo, como Santa Maria Madalena, ou como a mulher apanhada em adultério, aos pés de Jesus, seu Juiz. Tem misericórdia, Senhor, deste pobre pecador! Ai de mim! Ó Fonte Viva de Compaixão, tem piedade deste miserável.

3. Decida viver melhor: Não, ó Senhor, nunca mais, com a ajuda da tua graça, nunca mais me abandonarei ao pecado. Ai! Eu o amei demais; agora o detesto, e abraço-te, ó Pai de Misericórdia. Vivo e morro em Ti.

Para expiar meus pecados passados, acusarei-me deles corajosamente e não deixarei nenhum sem banimento do meu coração.

Usarei todos os esforços possíveis para extirpar todas as raízes do pecado do meu coração e, em particular, tais e tais vícios, que principalmente me causam remorso.

Para conseguir isso, adotarei constantemente os meios que me forem recomendados e pensarei que nunca fiz o suficiente para reparar ofensas tão graves.

CONCLUSÕES.

1. Agradeça a Deus por esperar sua recuperação até este momento e abençoe-O por ter lhe dado tão boas disposições.
2. Ofereça a Ele seu coração, para que você possa colocá-los em execução.
3. Reze para que Ele lhe dê graça, força, etc. Pai Nosso, Ave Maria, Credo. [Faça aqui um ramalhete espiritual.]

CAPÍTULO XIII.

Quinta Meditação. —Sobre a Morte

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus. 2. Implore a Ele que lhe conceda a sua graça.

Imagine-se em estado extremo de doença, em seu leito de morte, sem qualquer esperança de recuperação.

CONSIDERAÇÕES.

1. Considere a incerteza quanto ao momento da sua morte: Ó minha alma, um dia você deve deixar este corpo; mas quando será esse dia? Será no inverno ou no verão? Será repentinamente ou após aviso prévio? Por doença ou acidente? Você terá tempo para confessar seus pecados? Você terá a assistência de seu pai espiritual? Ai! De tudo isso não sabemos nada: a única certeza é que morreremos, e sempre mais cedo do que esperamos.

2. Considera que, quando o mundo acabar para ti, pois este mundo não existirá mais para ti, ele perecerá diante dos teus olhos; pois

então os prazeres, as vaidades, as alegrias mundanas e os afetos ternos de nossas vidas nos parecerão meras sombras e nuvens etéreas. Ah, miserável! Por que brincadeiras e ninharias ofendi a Deus? Então verás que por uma ninharia O abandonaste. Ao contrário, a devoção e as boas obras parecerão doces e deliciosas. Oh, por que não segui este caminho belo e agradável? Então os pecados, que pareciam pequenos, parecerão tão grandes quanto montanhas, e a tua devoção, tão pequena.

3. Considere a longa e lânguida despedida que sua alma deve então dar a este mundo; ela então se despedirá de suas riquezas e vaidades, e de toda companhia ociosa; de prazeres, passatempos, amigos e vizinhos; de parentes e filhos; de marido e mulher; em suma, de toda criatura; e, finalmente, de seu próprio corpo, que ela deve deixar pálido, hediondo e repugnante.

4. Considera com que pressa levarão aquele corpo para escondê-lo debaixo da terra; feito isso, o mundo não pensará mais em ti do que pensaste nos outros que morreram; "A paz de Deus esteja com ele", dirão, e isso é tudo. Ó Morte, quão desprovida de consideração ou piedade estás tu!

5. Considera como a alma, tendo deixado o corpo, toma seu caminho para a direita ou para a esquerda! Ai de mim! Para onde irá a tua? Que caminho tomará para a eternidade? Nenhum outro senão aquele que começou aqui neste mundo.

AFETAMENTOS E RESOLUÇÕES.

1. Ore a Deus e lance-se em seus braços: Ai! Ó meu Deus, receba-me sob sua proteção naquele dia terrível; faça com que essa hora seja feliz e favorável para mim; para que não seja assim, que todos os outros dias da minha vida sejam tristes e dolorosos.

2. Despreza o mundo: Visto que não sei a hora em que devo deixar-te, ó mundo miserável, não mais fixarei meu amor em ti. Ó meus queridos amigos e parentes, perdoai-me se eu vos amar apenas no futuro com uma santa amizade, que pode durar eternamente; pois por que deveria eu unir-me a vós de tal maneira a ser forçado a desfazer e dissolver o nó depois?

3. Então, preparar-me-ei para essa hora e tomarei todas as precauções necessárias para terminar esta jornada com felicidade: protegerei o estado da minha consciência com o máximo de minha capacidade e tomarei cuidado imediato para reparar os defeitos aos quais estou sujeito.

CONCLUSÃO.

Agradeça a Deus por todas as resoluções que Ele lhe deu: ofereça-as à Sua Divina Majestade. Implore-Lhe que lhe conceda uma morte feliz, pelos méritos de seu Filho muito amado. Implore a assistência da Santíssima Virgem e dos santos. Pai Nosso, Ave Maria, Credo. [Faça aqui um ramalhete espiritual.]

CAPÍTULO XIV.

Sexta Meditação. —Sobre o Julgamento

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se diante de Deus. 2. Implore a Ele que o inspire.

CONSIDERAÇÕES.

1. Após o tempo que Deus prescreveu para a continuidade deste mundo, após os muitos sinais e presságios horríveis que farão os homens desmaiarem de medo e angústia, um dilúvio de fogo queimará e reduzirá a cinzas tudo o que há na face da Terra. Nada do que vemos lá será poupado.

2. Depois dessas chamas e raios, todos os homens se levantarão, e ao som da trombeta do Arcanjo aparecerão no Vale de Josafá; mas, ai! em que condições diferentes! pois os bons se levantarão com corpos glorificados e resplandecentes, os maus com corpos os mais assustadores e horríveis.

3. Considerai a majestade com que o Soberano Juiz aparecerá, rodeado de todos os seus anjos e santos; sua cruz, brilhando muito

mais que o sol, será levada diante dele como um sinal de misericórdia para os bons e de justiça para os maus.

4. Este Juiz Soberano, por sua ordem terrível, que será imediatamente obedecida, separará os bons dos maus, colocando um à sua direita e o outro à sua esquerda. Ó, separação eterna! Depois disso, eles nunca mais se encontrarão.

5. Feita essa separação, e abertos os livros da consciência, todos os homens verão claramente a malícia dos maus e seu desprezo por Deus; e, por outro lado, as penitências dos bons e os efeitos da graça de Deus que receberam. Nada ficará oculto. Ó Deus! Que confusão isso será para os réprobos e que consolação para os salvos.

6. Considerai a última sentença proferida contra os ímpios: "Ide, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos". Ponderai bem sobre estas poderosas palavras. "Ide!", diz Ele, uma palavra de banimento eterno contra aqueles miseráveis, excluindo-os eternamente de sua gloriosa presença. Ele os chama de malditos. Ó minha alma! Que terrível maldição — uma maldição geral, incluindo todos os tipos de infortúnios; uma maldição irrevogável, abrangendo todos os tempos e toda a eternidade. Ele acrescenta: "para o fogo eterno". Contemplai, ó minha alma, esta miserável eternidade. Ó eterna eternidade de dores, quão terrível és tu!

7. Considere a sentença contrária sobre os bons. "Venha!" diz o Juiz. Ó doce palavra de salvação, pela qual Deus nos atrai a Si e nos

recebe nos braços de sua bondade. "Benditos de meu Pai!" Ó querida bênção, que abrange toda a felicidade! "Possua o reino que lhe está preparado desde o princípio do mundo." Ó Deus, que abundância de generosidade! Pois este reino jamais terá fim.

AFETAMENTOS E RESOLUÇÕES.

1. Treme, ó minha alma, ao lembrar-se destas coisas. Ó meu Deus, que segurança haverá para mim naquele dia, quando até as colunas do céu tremerem de medo?
2. Deteste seus pecados, os únicos que podem condená-lo naquele dia terrível.
3. Ah, coração miserável! Resolve emendar-te. Ó Senhor, julgar-me-ei agora, para que não seja julgado então. Examinarei a minha consciência e condenarei-me. Acusar-me-ei e castigarei-me, para que o Juiz eterno não me condene naquele dia terrível. Portanto, confessarei e aceitarei todos os conselhos necessários, etc.

CONCLUSÕES.

1. Agradeça a Deus, que lhe deu os meios para sustentar esse dia e tempo para fazer penitência.
2. Ofereça a Ele o seu coração, para que Ele faça brotar dele bons frutos.
3. Ore para que Ele lhe dê graça.

Pai Nosso, Ave Maria, Credo. [Faça aqui um ramalhete espiritual.]

CAPÍTULO XV.

Sétima Meditação. —Sobre o Inferno

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus.
2. Humilhe-se e implore a assistência de sua graça.
3. Imagine para si mesmo uma cidade coberta de escuridão, toda queimando com enxofre e piche fedorento, e cheia de habitantes que não podem escapar dela.

CONSIDERAÇÕES.

1. Os condenados estão nas profundezas do inferno, dentro desta cidade lamentável, onde sofrem tormentos indizíveis em todos os seus sentidos e membros; porque, assim como empregaram todos os seus sentidos e membros no pecado, também sofrerão neles todas as dores devidas ao pecado. Os olhos, por terem se entregado a olhares lascivos, serão afligidos com a visão do inferno e dos demônios. Os ouvidos, por terem se deliciado com discursos

viciosos, não ouvirão nada além de lamentos, lamentações e uivos desesperados; e o mesmo vale para todo o resto.

2. Além de todos esses tormentos, há outro ainda maior: a perda e a privação da glória de Deus, de cuja vista eles são excluídos para sempre. Ora, se Absalão achou mais doloroso ser privado do rosto amoroso de seu pai Davi do que ser banido, ó Deus, que tristeza não seria para mim ser excluído para sempre de contemplar o teu semblante tão doce e gracioso!

3. Considere principalmente a eternidade dessas dores, que acima de tudo tornam o inferno intolerável. Ai de mim! Se um inseto no ouvido, ou o calor de uma leve febre, fazem uma curta noite parecer tão longa e tediosa, quão terrível será a noite da eternidade, acompanhada de tantos tormentos? Dessa eternidade procedem o desespero eterno, a raiva infinita, a blasfêmia, etc.

AFETAMENTOS E RESOLUÇÕES.

1. Aterrorize sua alma com as palavras de Jó: Ó minha alma, és capaz de viver para sempre em chamas eternas e em meio a um fogo devorador? Renunciarás para sempre à presença do teu Deus?

2. Confesse que você mereceu, sim, muitas vezes: De agora em diante, adotarei um novo rumo; pois por que eu deveria descer a esse poço sem fundo? Portanto, me esforçarei ao máximo para evitar o pecado, o único que pode me condenar a esta morte eterna.

Dê graças; faça uma oferta; reze. Pai Nosso, Ave Maria, Credo.

CAPÍTULO XVI.

Oitava Meditação. —Sobre o Céu

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus. 2. Implore a Ele para inspirar você com sua graça.

CONSIDERAÇÕES.

1. Imagine uma noite linda e clara e pense como é agradável contemplar o céu, todo salpicado por tamanha multidão e variedade de estrelas. Acrescente agora a essa beleza requintada os deleites de um dia igualmente belo, de modo que o brilho do sol não ofusque o brilho das estrelas ou da lua; e então diga com ousadia que tudo isso junto não é nada em comparação com a beleza radiante daquele grande Paraíso. Oh, como este lugar encantador é desejável! Oh, quão preciosa é esta cidade!

2. Considera a glória, a beleza e a multidão dos habitantes daquele país abençoado; aqueles milhões de milhões de anjos, querubins e serafins; exércitos de apóstolos, profetas, mártires, confessores, virgens e santas matronas: seu número é inumerável. Quão abençoada é esta companhia! A mais humilde delas é mais bela de

se ver do que todo o mundo; que espetáculo será então vê-las todas! Mas, ó meu Deus, como são felizes! Cantam continuamente canções harmoniosas de amor eterno; desfrutam para sempre de uma alegria constante; trocam entre si delícias indizíveis e vivem no conforto de uma sociedade feliz e indissolúvel.

3. Em suma, para considerar quão abençoados são por desfrutarem de Deus, que os recompensa para sempre com seu aspecto glorioso e, por meio dele, infunde em seus corações tais tesouros de deleite; quão grande é a felicidade de estarem unidos para sempre ao seu Criador? São como pássaros felizes voando e cantando perpetuamente na atmosfera de sua divindade, que os envolve por todos os lados com um prazer inconcebível. Ali, cada um faz o seu melhor e, sem inveja, canta louvores ao Criador. Bendito sejas Tu para sempre, ó doce e soberano Criador e Redentor, que és tão generoso para conosco e nos comunicas tão liberalmente os tesouros eternos de tua glória. Benditos sejais para sempre, diz Ele, minhas amadas criaturas, que tão fielmente me serviram e que agora me louvarão para sempre com tanto amor e coragem, AFEIÇÕES E RESOLUÇÕES.

1. Admire e louve sua pátria celestial: Ó quão bela és tu, Jerusalém celestial, e quão felizes são teus habitantes.

2. Repreende teu coração pela pouca coragem que teve até agora, ao se afastar tanto do caminho que conduz a esta gloriosa morada: Oh, por que me afastei tanto do meu Bem Supremo? Ah! Miserável que sou, por esses prazeres tolos e triviais abandonei mil vezes as

delícias eternas e infinitas! Seria eu louco ao desprezar bênçãos tão preciosas, por afeições tão vãs e desprezíveis?

3. Aspira, não obstante, com fervor a esta deliciosa habitação: Ó meu Deus gracioso, já que te aprouve, por fim, guiar meus passos errantes no caminho certo, nunca mais voltarei atrás. Vamos, minha alma, vamos a este repouso eterno; vamos caminhar em direção a esta terra abençoada, que nos é prometida. Por que deveríamos permanecer neste Egito? Portanto, me livrarei de todas as coisas que possam me desviar ou retardar uma jornada feliz; realizarei todas as coisas que possam me conduzir a ela. Rende graças; faze uma oferenda; reza. Pai Nosso, Ave Maria, Credo.

CAPÍTULO XVII.

Nona Meditação. —Sobre a escolha do Céu

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus.
2. Humilhe-se diante Dele e implore para que Ele o inspire com sua graça.
3. Imagine-se em uma planície aberta, sozinho com seu Anjo da Guarda, como o jovem Tobias em sua jornada com o glorioso Arcanjo Rafael, e que então ele lhe mostra o inferno aberto abaixo, com todos os tormentos descritos na meditação sobre o inferno; você assim situado, em imaginação, e ajoelhado diante de seu bom anjo.

CONSIDERAÇÕES.

1. Considere que é bem verdade que você está entre o céu e o inferno; e que um ou outro se abrirá para recebê-lo, de acordo com a escolha que você fizer.

2. Considere que a escolha que você fizer neste mundo durará por toda a eternidade no próximo.

3. E embora tanto um quanto outro possam estar abertos para recebê-lo, de acordo com sua escolha, Deus, que está pronto para lhe dar um por sua justiça, ou outro por sua misericórdia, deseja, não obstante, com um desejo incomparável, que você faça a escolha do céu; e seu Anjo da Guarda também o importuna com todas as suas forças, oferecendo-lhe, em nome de Deus, mil auxílios e mil graças para ajudá-lo a ganhar o céu.

4. Considere que Jesus Cristo o contempla do alto em sua clemência e graciosamente o convida, dizendo: "Venha, querida alma, ao descanso eterno, nos braços da minha bondade, onde preparei delícias eternas para você na abundância do meu amor." Contemple igualmente, dentro de seu olhar interior, a Virgem Santa, que com amor maternal o exorta, dizendo: "Coragem, minha filha, não despreze a voz e o sangue de meu Filho, nem as orações que Lhe ofereci por você, confiando nEle para sua salvação eterna. Contemple também os santos que o exortam, e milhões de almas abençoadas, docemente convidando-o e desejando nada mais do que ver seu coração unido ao deles, para louvar a Deus para sempre, assegurando-lhe que o caminho para o céu não é tão difícil quanto o mundo pensa. Coragem, caro amigo, dizem eles, aquele que considerar diligentemente o caminho da devoção, pelo qual ascendemos até lá, verá que chegaremos a essas delícias por prazeres incomparavelmente mais doces do que os do mundo.

1. Ó inferno, eu te detesto agora e para sempre; detesto teus tormentos e dores; detesto tua miserável e maldita eternidade; e, acima de tudo, detesto aquelas blasfêmias e maldições eternas que vomitas eternamente contra meu Deus. E, voltando meu coração e minha alma para ti, ó belo Paraíso, glória perpétua e felicidade sem fim, escolho minha habitação, para sempre e irrevogavelmente, dentro de tuas belas e sagradas mansões, dentro de teus santos e adoráveis tabernáculos. Bendigo tua misericórdia, ó meu Deus, e aceito a oferta que te apraz fazer-me dela. Ó Jesus, meu Salvador, aceito teu amor eterno e reconheço que foste Tu quem me adquiriu o direito a um lugar nesta bendita Jerusalém, não tanto por qualquer outra coisa, mas para te amar e bendizer para sempre.

2. Aceite a proteção da Santíssima Virgem e dos santos. Prometa avançar em direção a eles e dê a mão ao seu bom anjo para que ele o guie até lá. Encoraje sua alma a fazer essa escolha. Pai Nosso, Ave Maria, Credo.

CAPÍTULO XVIII.

Décima Meditação. —A escolha entre a vida do Mundo e a Vida Devota

PREPARAÇÃO.

1. Coloque-se na presença de Deus. 2. Humilhe-se diante Dele e implore sua ajuda.

CONSIDERAÇÃO.

1. Imagine-se novamente em uma planície aberta, sozinho com seu Anjo da Guarda; e que você vê à esquerda o diabo sentado em um grande trono, com multidões de espíritos infernais ao seu redor, e cercado por um grande grupo de mundanos que, de cabeça descoberta, o reconhecem como seu rei e o reverenciam, alguns por um pecado e outros por outro. Observe os semblantes de todos os miseráveis cortesãos deste rei abominável: veja alguns deles tomados pelo ódio, pela inveja e pela ira; outros matando uns aos outros; outros consumidos pela ganância e pela ansiedade de acumular riquezas; outros devotados à vaidade, sem nenhum prazer além do inútil e vão; outros chafurdando, enterrados e apodrecidos

em suas paixões brutas. Veja como todos eles estão sem descanso, ordem e decência; veja como eles desprezam, odeiam e perseguem uns aos outros, e amam apenas em aparência exterior. Em uma palavra, você vê uma comunidade lamentável tão miseravelmente tiranizada por seu rei amaldiçoado, que isso deve mover você à compaixão.

2. Do outro lado, contemplai Jesus Cristo crucificado, que, com um amor poderoso, ora por estes pobres escravizados, para que sejam libertados desta tirania, e que os chama para Si. Contemplai ao Seu redor um grupo de devotos com seus anjos. Contemplai a beleza deste reino de devoção. Oh! que espetáculo é ver este grupo de virgens, homens e mulheres, mais brancos que os lírios; aquela assembleia de viúvas cheia de santa mortificação e humildade; aquelas fileiras de pessoas casadas, vivendo pacificamente juntas, com respeito e amor mútuos. Considerai como estas almas devotas unem o cuidado de suas casas com o cuidado de suas almas; o amor do marido ou da esposa com o do Noivo celestial. Considerai-os todos em geral, e os vereis de uma maneira doce, santa e amável, observando o nosso Salvador, a quem todos desejariam... plantados no meio do seu coração. Eles são cheios de alegria, caridosos e bem-ordenados; Eles se amam, mas seu amor é puro e sagrado. Os que sofrem aflições entre esta devota companhia não se atormentam muito, nem perdem a coragem. Por fim, contemplem os olhos de nosso Salvador, que os consola; e como todos aspiram a Ele.

3. Você já se livrou de Satanás, com toda a sua maldita e execrável tropa, pelos bons afetos que você concebeu; mas você ainda não chegou a

Jesus, nem unido à sua abençoada e santa companhia de pessoas devotas, mas até agora manteve-se entre um e outro.

4. A Santíssima Virgem, com São José, São Luís, Santa Mônica e cem mil outros, que formaram o Reino de Deus no mundo, convidam e encorajam vocês. O Rei crucificado os chama: "Vem, meu bem-amado, vem, para que eu possa coroá-los."

1. Ó mundo! Ó tropa abominável! Nunca me verás sob a tua bandeira. Renunciei para sempre às tuas loucuras e vaidades. Ó rei do orgulho, ó rei maldito, espírito infernal, renuncio-te com todas as tuas vãs pompas, detesto-te com todas as tuas obras.

2. E voltando-me para Ti, querido Jesus, Rei da felicidade e da glória imortal, eu Te abraço com todas as forças da minha alma; adoro-Te com todo o meu coração; escolho-Te, agora e para sempre, como meu Rei; e com tudo o que sou, presto-Te homenagem irrevogável e me submeto a obedecer fielmente a todas as Tuas santas leis e mandamentos.

3. Ó Virgem Santíssima, eu te escolho como minha guia, coloco-me sob teu estandarte. Ofereço-te um respeito particular e uma devoção especial.

4. Ó meu bom anjo, apresenta-me a esta sagrada assembleia e não me abandones até que eu me junte a esta abençoada companhia, com quem direi para sempre, em testemunho da minha escolha: "Viva Jesus, viva Jesus". Pai Nosso, Ave Maria, Credo.

CAPÍTULO XIX.

Como fazer uma Confissão Geral

1. Eis aqui, Filoteia, as meditações mais necessárias para o nosso propósito, as quais, uma vez feitas, prossiga corajosamente, com espírito de humildade, para fazer a sua confissão geral; mas, eu lhe suplico, não se deixe perturbar por qualquer tipo de apreensão. O escorpião que nos picou é venenoso em sua picada, mas, sendo reduzido a óleo, torna-se um remédio soberano contra a sua própria picada. Assim, a confissão de pecados é um remédio soberano contra o próprio pecado. A contrição e a confissão são tão preciosas e têm um odor tão doce, que desfiguram a feiura e destroem a infecção do pecado. Simão, o fariseu, declarou Santa Maria Madalena pecadora; mas nosso Salvador negou isso e não fala de nada além dos doces perfumes que ela derramou sobre Ele e da grandeza de sua caridade. Se formos verdadeiramente humildes, Filoteia, nossos pecados nos desagradarão infinitamente, porque Deus se ofende com eles; Mas a confissão dos nossos pecados será doce e agradável para nós, porque Deus é honrado por ela. É uma espécie de consolo para nós informar corretamente o médico sobre a doença que nos atormenta.

Quando estiver na presença de seu Pai espiritual, imagine-se no Monte Calvário, ajoelhado aos pés de Jesus Cristo crucificado, cujo Precioso Sangue jorra por todos os lados, para lavar suas iniquidades. Pois, embora não seja o próprio sangue de nosso Salvador, são os méritos de seu sangue derramado por nós que fluem abundantemente sobre as almas dos penitentes em cada confissão. Abra, então, seu coração livremente para se purificar de seus pecados pela confissão; pois, tão rapidamente quanto eles se dissiparem de sua alma, os preciosos méritos de sua divina paixão entrarão nela, para reabastecê-la de bênçãos.

Mas certifica-te de declarar tudo de forma simples e clara. Satisfaz plenamente a tua consciência nisto, agora de uma vez por todas; feito isso, presta atenção às admoestações e instruções do teu pai espiritual e dize em teu coração: "Fala, Senhor, pois o teu servo te ouve." Sim, Filoteia, é a Deus que ouves, pois Ele disse aos seus ministros: "Quem vos ouve, a mim me ouve."

Depois disso, leia novamente o seguinte protesto, que serve como conclusão de toda a sua contrição e sobre o qual você deveria primeiro ter meditado e considerado. Leia-o atentamente e com o maior cuidado possível.

CAPÍTULO XX.

Protesto da alma a Deus para fortalecê-la na firme resolução de servi-Lo

e concluir os Atos de Penitência.

Eu, abaixo assinado, colocado na presença do Deus Eterno e de toda a corte celeste, tendo considerado a extraordinária misericórdia de sua divina bondade para comigo, criatura indigna e miserável, a quem Ele criou do nada; preservou, sustentou e livrou de tantos perigos e carregou com tantos benefícios; mas, acima de tudo, tendo considerado a incompreensível doçura e clemência com que este Deus bondoso tão graciosamente me poupou em minhas iniquidades; tão frequentemente me inspirou, convidando-me à emenda, e tão pacientemente aguardei meu arrependimento e conversão até este (N.) ano de minha idade, apesar de toda a minha ingratidão, deslealdade e infidelidade: por isso, adiando minha conversão e desprezando suas graças, eu O ofendi tão inadvertidamente. Tendo, além disso, considerado que no dia do meu santo batismo eu estava feliz e santamente entregue e dedicado. Concedido ao meu Deus, para ser seu filho, e que,

contrariamente à profissão então feita em meu nome, tantas vezes, tão execrável e detestavelmente profanei e violei meu entendimento, aplicando-o e empregando-o contra Sua Divina Majestade. Por fim, voltando a mim mesmo, prostrado de coração e mente diante do trono da Justiça Divina, reconheço, confesso e declaro-me legalmente acusado e condenado por alta traição contra Sua Divina Majestade, e culpado da morte e paixão de Jesus Cristo, em razão dos pecados que cometi, pelos quais Ele morreu e sofreu os tormentos da cruz; de modo que, conseqüentemente, mereço ser rejeitado e condenado para sempre.

Mas, voltando-me para o trono da infinita misericórdia do mesmo Deus Eterno, tendo detestado do fundo do meu coração e com todas as minhas forças as transgressões da minha vida passada, imploro e imploro humildemente perdão, graça e misericórdia, com plena absolvição das minhas ofensas, em virtude da morte e paixão do mesmo Salvador e Redentor da minha alma, confiando nisso, como único fundamento da minha esperança, confirmo e renovo a sagrada profissão da fidelidade prometida em meu nome a Deus no meu batismo, renunciando ao demônio, ao mundo e à carne, abominando suas horríveis sugestões, vaidades e concupiscências, durante toda a minha vida presente e por toda a eternidade. Desejo e resolvo irrevogavelmente servir e amar a Deus agora e para sempre; e para este fim eu dou e consagro a Ele minha mente com todas as suas faculdades, minha alma com todo o seu poder, meu coração com todas as suas afeições e meu corpo com todos os seus sentidos, protestando nunca mais usar qualquer parte do meu ser em

oposição à sua vontade divina e soberana Majestade, a quem eu ofereço e me sacrifico em espírito, para ser perpetuamente um súdito leal, obediente e fiel, sem nunca desdizer, revogar ou me arrepender de ter feito esta resolução.

Mas se, ai de mim! por sugestão do meu inimigo, ou por fragilidade humana, eu por acaso transgredir em qualquer coisa contra este voto e resolução, protesto e determino, a partir desta mesma hora, com a assistência do Espírito Santo, levantar-me novamente assim que perceber minha queda e retornar novamente à misericórdia divina, sem qualquer demora ou hesitação. Esta é minha vontade, intenção e resolução, invioláveis e irrevogáveis, que ratifico e confirmo, sem reserva ou exceção, na mesma sagrada presença do meu Deus e diante da Igreja triunfante e da Igreja Militante, minha mãe, que ouve esta minha declaração na presença daquele que, como seu ministro, agora me escuta.

Que Te agrade, ó Deus todo-poderoso e eterno, Pai, Filho e Espírito Santo, confirmar-me nesta resolução e aceitar esta oferta do meu coração e da minha alma em odor de doçura. E assim como Te aprouve dar-me a inspiração e a vontade para fazê-lo, concede-me poder e graça para realizá-lo. Ó meu Deus, Tu és o meu Deus. Deus do meu coração e Deus da minha alma; por isso Te reconheço e adoro, agora e para sempre. Vive, ó Jesus!

CAPÍTULO XXI.

Conclusões tiradas do protesto anterior

Terminado este protesto, esteja atento; e abra os ouvidos do seu coração para ouvir em espírito as palavras de absolvição que o próprio seu Salvador, sentado no trono de sua misericórdia, pronunciará no céu diante de todos os anjos e santos, ao mesmo tempo em que o sacerdote, em seu nome, o absolverá na terra. Para que todas as tropas das almas abençoadas, regozijando-se com a sua felicidade, cantem um hino espiritual, com imensa alegria, e deem o beijo da paz e da comunhão à sua alma, agora santificada e restabelecida na graça.

Eis, Filoteia, este admirável contrato, pelo qual fazes um feliz tratado com a majestade de Deus, visto que, entregando-te a Ele, ganhas a Ele e a ti mesma para sempre. Resta apenas pegar numa pena e assinar com o coração alegre este protesto, e então ir ao altar, onde Deus, do outro lado, assinará e selará a tua absolvição e a promessa que Ele te fará do reino dos céus, colocando-se, por meio do seu adorável sacramento, como um selo sagrado sobre o teu coração renovado.

Assim, espero, Filoteia, que tua alma seja purificada do pecado e de todas as afeições pecaminosas. No entanto, como essas afeições retornam facilmente à alma por meio de nossa fragilidade e concupiscência, que podem, de fato, ser mortificadas, mas que jamais morrerão enquanto vivermos aqui na Terra, darei a ti algumas instruções que, bem praticadas, te preservarão do pecado mortal e de todas as inclinações a ele, de modo que ele jamais criará raízes em teu coração. E como as mesmas instruções servem também para um maior grau de purificação, antes de transmiti-las direi algo mais sobre aquela pureza mais perfeita à qual desejo conduzir-te.

CAPÍTULO XXII.

Devemos purificar-nos de toda afeição aos pecados veniais

À medida que a luz do dia aumenta, vemos mais claramente em um espelho as manchas e defeitos em nosso rosto; assim como a luz interior do Espírito Santo ilumina cada vez mais nossas consciências, vemos mais clara e distintamente os pecados, as inclinações e imperfeições que nos impedem de alcançar a verdadeira devoção; e a mesma luz que nos faz descobrir essas manchas e deformidades, inflama-nos igualmente com o desejo de nos purificarmos delas.

Descobrirás então, Filoteia, que além dos pecados mortais e das afeições a eles, das quais, pelos exercícios acima mencionados, foste purificada, permanecem ainda em tua alma várias inclinações e afeições aos pecados veniais. Não digo que descobrirás nela muitos pecados veniais, mas afeições e inclinações a eles. Ora, uma coisa é muito diferente da outra; pois nunca podemos estar completamente livres dos pecados veniais por muito tempo, mas podemos, pela graça de Deus, destruir em nós toda a afeição pelos pecados veniais; pois uma coisa é mentir uma ou duas vezes em assuntos de

pouca importância, e outra é ter prazer em mentir e gostar desse pecado.

Digo, então, que é necessário purgar a alma de todos os afetos e inclinações aos pecados veniais, isto é, não devemos nutrir voluntariamente a vontade de continuar e perseverar em qualquer tipo de pecado venial: pois seria uma grande falta de fidelidade e uma covardia culpável manter voluntariamente em nossa consciência algo tão odioso a Deus como a vontade de desagradá-Lo. O pecado venial, por menor que seja, desagrada a Deus, embora não em grau tão grande que Ele nos rejeite ou nos condene por ele. Se, então, o pecado venial O desagrada, a vontade de cometê-lo não é outra coisa senão uma resolução para desagradar sua majestade divina, e é possível que uma alma generosa não apenas desagrade a seu Deus, mas até mesmo tenha prazer em desagradá-Lo?

Tais afeições, Filoteia, são tão diretamente contrárias à devoção quanto as afeições pelos pecados mortais o são à caridade; enfraquecem a força do espírito, impedem o curso das consolações divinas, abrem uma porta para as tentações e, embora não matem a alma, a tornam extremamente doente. "Moscas moribundas", diz o sábio, "mancham a doçura e removem toda a sua virtude de um unguento precioso". Ele quer dizer que as moscas, permanecendo pouco tempo sobre o unguento, mas comendo-o e voando para longe, não estragam mais do que pegam, permanecendo o resto bom; mas quando morrem no unguento, privam-na de sua virtude e a deixam sem valor. Assim, os pecados veniais que entram em uma

alma devota e não permanecem nela por muito tempo não a prejudicam muito; mas se os mesmos pecados permanecem na alma, pela afeição que ela concebe por eles, eles a fazem, sem dúvida, perder a doçura do unguento — isto é, a santa devoção.

As aranhas não matam as abelhas, mas estragam e corrompem seu mel, e enredam seus favos com suas teias de tal forma que elas não conseguem prosseguir com seu trabalho. É aqui, entenda-se, que as aranhas fazem morada entre elas. Assim, o pecado venial não mata a alma, mas estraga a devoção e infecta as forças da alma com hábitos e inclinações tão depravados que ela não pode mais exercer a caridade com prontidão, na qual consiste a devoção; mas isso deve ser compreendido quando o pecado venial faz morada em nossa consciência, pelo afeto que lhe demonstramos.

É pouca coisa, Filoteia, contar alguma mentira trivial; exceder um pouco em palavras, em ações, em olhares, em vestimentas, em alegria, em brincadeiras, em danças, desde que, assim que as aranhas espirituais entrem em nossas consciências, as afugentemos e as cacemos, como as abelhas fazem com as aranhas que danificam seu mel; mas se permitirmos que permaneçam em nossos corações, e não apenas isso, mas nos deleitarmos em detê-las e multiplicá-las ali, logo encontraremos nosso mel destruído e a colmeia de nossa consciência corrompida e gravemente ferida. Mas, repito, qual a probabilidade de uma alma nobre ter prazer em desagradar a Deus e se deleitar em se tornar ofensiva a Ele, ou desejar fazer aquilo que sabe ser odioso para Ele?

CAPÍTULO XXIII.

Devemos purificar-nos da afeição por coisas inúteis e perigosas

Jogos, bailes, festas, trajes, teatros, não são coisas más por natureza, mas indiferentes, e podem ser usados tanto para o bem quanto para o mal; contudo, apesar disso, essas coisas são perigosas, e ter afeição por elas é ainda mais perigoso. Digo então, Filoteia, que, embora seja lícito brincar, dançar, adornar-se, assistir a dramas morais e banquetes, ter afeição excessiva por tais coisas é contrário à devoção e muito ofensivo e perigoso. Não é pecado fazer tais coisas, mas é pecado persegui-las ao extremo. É uma pena semear no jardim do nosso coração tais afeições vãs e tolas, que ocupam o espaço das impressões virtuosas e impedem a seiva das nossas almas de nutrir boas inclinações.

Os antigos nazireus se abstinham não apenas de tudo o que pudesse embriagar, mas também de uvas; não porque a uva embriagasse, mas porque se temia que, provando a uva, pudessem ser tentados a beber o vinho. Não nego que às vezes possamos usar essas coisas perigosas; mas afirmo que nunca podemos gostar delas

sem prejudicar a devoção. Os veados, quando se sentem muito gordos, recolhem-se entre os arbustos, sabendo que, sobrecarregados com o próprio peso, não conseguirão correr se forem caçados. O coração do homem, sobrecarregado com essas afeições supérfluas, inúteis e perigosas, não pode correr atrás de Deus com prontidão, rapidez e leveza, que é o ponto principal da devoção.

As crianças pequenas se deleitam e se aquecem pegando borboletas, e ninguém acha isso ruim nelas, por serem crianças pequenas; mas não é ridículo, ou melhor, lamentável, ver homens se divertindo e se ocupando com brinquedos e ninharias tão inconvenientes como os que mencionei? Os quais, além de serem inúteis, nos colocam em perigo de cometer desordens e extravagâncias em sua busca. Portanto, Filoteia, digo que devemos necessariamente nos purificar dessas afeições; pois, embora os atos nem sempre sejam contrários à devoção, as afeições são sempre prejudiciais a ela.

CAPÍTULO XXIV.

Devemos purificar-nos das nossas imperfeições naturais

Temos, além disso, Filoteia, certas inclinações naturais que, por não procederem de nossos pecados particulares, não são propriamente pecados, nem mortais nem veniais, mas são chamadas de imperfeições, e seus atos são chamados de faltas ou omissões. Por exemplo, Santa Paula, como relata São Jerônimo, tinha uma grande tendência natural à dor e à tristeza; de modo que, com a morte de seus filhos e marido, ela corria o risco de morrer de tristeza; isso era uma grande imperfeição, mas não um pecado, visto que ela o tinha contra sua vontade.

Há alguns naturalmente alegres, outros mal-humorados; alguns que se irritam ao receber conselhos, outros inclinados à indignação e à ira; outros a afeições humanas: e, em suma, há poucas pessoas em quem tais imperfeições não possam ser observadas. Ora, embora sejam, por assim dizer, comuns e naturais a todos, contudo, por cuidado e afeições contrárias, podem ser corrigidas e moderadas, e podemos até purificar e libertar nossas almas delas. E eu te digo, Filoteia, devemos fazê-lo. Os homens conseguiram transformar a

amendoeira amarga em doce, perfurando-a perto da raiz, de modo a deixar sair o suco; e por que não podemos deixar sair nossas inclinações perversas e nos tornarmos melhores? Não há natureza tão boa que não possa ser corrompida por costumes viciosos; nem tão perversa que não possa, primeiro pela graça de Deus e depois pela devida diligência, ser reduzida e superada.

Darei, portanto, agora as instruções e proporei os exercícios pelos quais você poderá purificar sua alma dos afetos perigosos dos pecados veniais e proteger também sua consciência, cada vez mais, contra todo pecado mortal. Que Deus lhe dê a graça de praticá-los bem!

PARTE II

Instruções para elevar a alma a Deus pela oração e pelos sacramentos

CAPÍTULO I. A Necessidade da Oração

A ORAÇÃO coloca nossa mente no brilho e na luz de Deus e expõe nossa vontade ao calor do amor celestial. Não há nada que liberte tão eficazmente nosso entendimento de sua ignorância, ou nossa vontade de seus afetos depravados, quanto a oração. É a água da bênção que faz com que as plantas de nossos bons desejos cresçam verdes e floresçam. Ela purifica nossas almas de suas imperfeições e sacia a sede da paixão em nossos corações.

Mas, acima de tudo, recomendo-vos a oração mental e sincera, e particularmente aquela que tem por objeto a vida e a paixão de

Nosso Senhor. Ao fazer dEle o tema frequente de vossa meditação, toda a vossa alma será preenchida por Ele; aprendereis a sua conduta e conformareis a vossa conduta interior e exterior à dEle. Como Ele é a luz do mundo, é então nEle, por Ele e para Ele, que devemos adquirir brilho e ser iluminados. Ele é a árvore do desejo, sob cuja sombra devemos refrescar-nos. Ele é a fonte viva de Jacó, na qual podemos lavar todas as nossas manchas. Em suma, como as crianças pequenas, ao ouvirem suas mães falarem, a princípio balbuciam e, com o tempo, aprendem a falar a sua língua; assim nós, ao nos mantermos próximos de nosso Salvador pela meditação e observarmos suas palavras, ações e afeições, aprenderemos, com a ajuda de sua graça, a falar, a agir e a querer como Ele. Aqui devemos parar, Filoteia, pois não podemos encontrar acesso a Deus Pai senão por esta porta; Pois assim como o vidro de um espelho jamais poderia bloquear nossa visão se seu verso não fosse estanhado ou chumbado, assim também jamais poderíamos contemplar a Divindade neste mundo se não estivéssemos unidos à sagrada humanidade de nosso Salvador, cuja vida e morte são o objeto mais adequado, delicioso, doce e proveitoso que podemos escolher para nossa meditação ordinária. Não é sem razão que nosso Salvador se autodenominou o pão que desceu do céu, pois, assim como o pão deve ser comido com todos os tipos de carne, nosso Salvador deve ser o objeto de nossa meditação, consideração e imitação em todas as nossas orações e ações. Sua vida, paixão e morte foram, para esse propósito, organizadas em pontos distintos por vários autores: aqueles que eu recomendo a vocês são São Boaventura, Bellitani, Bruno, Capiglia, Granada e Dupont.

Empregue uma hora todos os dias antes do jantar neste exercício espiritual, ou, se for conveniente, de manhã cedo, quando sua mente estará menos distraída e mais fresca, após o repouso da noite; mas certifique-se de não estendê-lo por mais de uma hora, exceto com o conselho de seu diretor espiritual.

Se você pudesse fazer esse exercício na igreja, seria o melhor e mais conveniente lugar possível; porque nem pai nem mãe, nem esposa nem marido, nem qualquer outra pessoa poderia impedi-lo de ficar uma hora na igreja; ao passo que, estando talvez sob sujeição, você não poderia prometer a si mesmo tanto lazer em casa.

Comece todas as suas orações, sejam elas mentais ou vocais, colocando-se na presença de Deus. Ao seguir rigorosamente esta regra, você logo se tornará consciente de seus efeitos salutareis.

Aconselho-te, Filoteia, a recitar o teu Pai-Nosso, a tua Ave-Maria e o teu Credo em latim; mas, ao mesmo tempo, aprende a compreender perfeitamente o significado das palavras na tua língua materna, para que, enquanto te unes aos fiéis em oração, na língua da Igreja, possas, ao mesmo tempo, saborear o delicioso sentido dessas santas e admiráveis orações. Reza com a tua atenção fixa e os teus afetos excitados pelo significado das palavras; reza deliberadamente e de coração; pois, acredita-me, um Pai-Nosso recitado com sentimento e afeição é infinitamente mais valioso do que tantas repetições apressadas.

O Rosário é uma forma muito proveitosa de rezar, desde que você saiba rezá-lo corretamente: para isso, procure um daqueles livrinhos que ensinam como recitá-lo. É bom também recitar as Ladainhas de Nosso Senhor Jesus, de Nossa Senhora e dos Santos, e outras orações vocais que se encontram em manuais de devoção aprovados; porém, com a ressalva de que, se você tem o dom da oração mental, deve sempre dar-lhe preferência. De modo que, se, seja por pressão de trabalho ou por qualquer outro motivo, você não puder rezar suas orações vocais, não se preocupe com isso, mas contente-se em recitar, antes ou depois da meditação, o Pai Nosso, a Ave Maria e o Credo.

Se durante a oração vocal você sentir seu coração inclinado à oração mental, não recuse o convite, mas deixe sua mente se voltar suavemente para ela, sem se preocupar em não terminar as orações vocais que você se propôs a dizer; pois a escolha que você fez é mais agradável a Deus e mais proveitosa para sua alma; com esta exceção, no entanto, que se você é obrigado a dizer o Ofício da Igreja, você deve cumprir sua obrigação.

Se acontecer de, por pressão de negócios ou alguma causa accidental, sua manhã passar sem lhe permitir tempo para o exercício da oração mental, tente reparar essa perda algum tempo depois do jantar, o máximo possível depois dele, porque fazendo isso imediatamente depois, antes que a digestão avance, além de ficar pesado e sonolento, sua saúde será prejudicada.

Mas se, durante o dia, você não encontrar tempo para esse exercício celestial, você pode, de alguma forma, compensar, multiplicando suas orações jaculatórias, lendo algum livro de devoção ou realizando alguma penitência, o que pode evitar as consequências ruins dessa omissão, tomando a firme resolução de reparar sua perda no dia seguinte.

CAPÍTULO II.

Método Breve de Meditação

e, primeiro, da Presença de Deus, que é o primeiro ponto da preparação.

Mas talvez, Filoteia, você não saiba como orar mentalmente, pois é algo que poucos em nossa época têm a felicidade de conhecer; por essa razão, apresento a você o seguinte método curto e simples, até que, pela prática ou pela leitura de alguns dos bons livros compostos sobre o assunto, você possa ser mais completamente instruída.

Começarei com a preparação, que consiste em colocar-se na presença de Deus e implorar sua assistência. Agora, para ajudá-lo a se colocar na presença de Deus, apresentarei quatro meios principais. O primeiro consiste em uma compreensão viva e atenta de que Ele está presente em todas as coisas e em todos os lugares: pois não há lugar nem coisa no mundo em que Ele não esteja verdadeiramente presente, de modo que, como os pássaros, por onde quer que voem, sempre encontram o ar, assim nós, onde quer que vamos ou estejamos, sempre encontramos Deus. Todos reconhecem esta verdade, mas poucos a consideram com viva atenção. Os cegos, que não veem seu príncipe, embora presente

entre eles, comportam-se, no entanto, com respeito quando lhes é dito sobre sua presença; mas o fato é que, por não o verem, facilmente se esquecem de que ele está presente e, tendo-o esquecido, perdem ainda mais facilmente o respeito por ele. Ai, Filoteia, não vemos Deus, que está presente entre nós; E, embora a fé nos assegure sua presença, sem contemplá-lo com nossos olhos, muitas vezes O esquecemos e nos comportamos como se Ele estivesse muito distante de nós; pois, embora saibamos que Ele está presente em todas as coisas, sem refletir sobre isso, agimos como se não soubéssemos. Portanto, antes da oração, devemos sempre despertar em nossas almas uma apreensão atenta da presença de Deus, como Davi apreendeu quando exclamou: "Se eu subir ao céu, ó meu Deus, lá estás; se eu descer ao inferno, lá estás!" (Sl 138). E assim deveríamos usar as palavras de Jacó, que, tendo visto a escada sagrada, disse: "Oh, quão terrível é este lugar! De fato, o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia" (Gn 38): querendo dizer que ele não refletiu sobre sua presença; pois ele não podia ignorar que Deus estava em tudo e por meio de tudo. Portanto, quando vocês vierem orar, vocês devem dizer com todo o seu coração e para o seu coração: "Oh, estejam atentos, pois Deus está verdadeiramente aqui!"

O segundo meio de se colocar em sua sagrada presença é refletir que Deus não está apenas no lugar onde você está, mas que Ele está, de uma maneira muito particular, em seu coração, ou melhor, no próprio centro de sua alma, que Ele vivifica e anima por sua presença divina, estando lá como o coração do seu coração e o

espírito do seu espírito; espírito; pois assim como a alma, estando difundida por todo o corpo, está presente em cada parte dele e, ainda assim, reside de uma maneira especial no coração, assim também Deus, estando presente em todas as coisas, reside de uma maneira mais particular em nossa alma, razão pela qual Davi o chama de "o Deus do seu coração" (Sl 122). E São Paulo diz que é em Deus que "vivemos, nos movemos e existimos" (Atos 17). Em consideração, portanto, a esta verdade, desperte em seu coração uma profunda reverência a Deus, que está lá tão intimamente presente.

Um terceiro meio é considerar nosso Salvador em sua humanidade, olhando do céu para toda a humanidade, mas especialmente para os cristãos, que são seus filhos, e mais particularmente para aqueles que estão em oração, cujas boas e más ações Ele observa minuciosamente. Isso não é de forma alguma um mero devaneio, mas uma verdade incontestável; pois, embora não O vejamos, Ele nos vê do alto. Foi assim que Santo Estêvão O viu no momento de seu martírio. Para que possamos verdadeiramente dizer com a Esposa (Cântico ii): "Eis que Ele está atrás da nossa parede, olhando pelas janelas — olhando através da grade."

Um quarto método consiste em imaginar que Jesus Cristo está, em sua sagrada humanidade, bem próximo, como às vezes imaginamos algum amigo presente, dizendo: "Parece que o vi, ou alguém muito parecido com ele". Mas se o Santíssimo Sacramento estiver presente, então sua presença seria real e não imaginária; visto que

devemos considerar a espécie e a aparência do pão apenas como uma tapeçaria, atrás da qual nosso Senhor, estando realmente presente, nos observa, embora não possamos realmente vê-Lo. Use, então, alguns desses quatro meios para se colocar na presença de Deus antes da oração, não todos de uma vez, mas um de cada vez, da maneira mais concisa e simples possível.

CAPÍTULO III.

Invocação, o segundo ponto da Preparação

Sendo consciente de que estás na presença de Deus, prostra-te com a mais profunda reverência, reconhecendo-te indigno de comparecer diante de tão soberana Majestade; contudo, sabendo que a sua bondade assim o deseja, implora humildemente a graça de servi-Lo e adorá-Lo nesta meditação. Para este fim, podes usar estas curtas e inflamadas palavras de Davi: "Não me lances, ó Deus, da tua face, e não retires de mim o teu santo espírito. Faze resplandecer o teu rosto sobre o teu servo, e contemplarei as maravilhas da tua lei. Dá-me entendimento, e buscarei a tua lei, e a guardarei de todo o meu coração. Sou teu servo; dá-me entendimento." (Sl 117). Também seria aconselhável invocar o teu anjo da guarda, bem como os santos que tiveram alguma participação nos mistérios sobre os quais meditas; Por exemplo, ao meditar sobre a morte de Nosso Senhor, você pode invocar Nossa Senhora, São João, Santa Maria Madalena e outros santos, suplicando que os afetos e emoções interiores que eles conceberam naquele momento lhe sejam comunicados. Além disso, ao meditar sobre sua própria morte, você pode invocar seu anjo bom, que estará presente com você, suplicando-lhe que lhe

inspire as devidas considerações; e assim por diante em relação a outros mistérios.

CAPÍTULO IV.

O terceiro ponto da Preparação, que consiste na proposição do Mistério

Após estes dois pontos gerais da meditação, resta um terceiro, não comum a todos os tipos de meditação, que alguns chamam de arranjo do lugar ou representação interior. Este consiste em representar à sua imaginação todo o mistério sobre o qual deseja meditar, como se realmente tivesse ocorrido em sua presença. Por exemplo, se deseja meditar sobre a crucificação de Nosso Senhor, imagine-se no Monte Calvário e que lá você contempla e ouve tudo o que foi feito ou dito no momento da paixão de Nosso Senhor; ou, o que será igualmente pertinente, imagine que estão crucificando nosso Salvador no mesmo lugar onde você está, da maneira descrita pelos santos evangelistas. A mesma regra deve ser observada quando você medita sobre a morte, ou o inferno, ou qualquer mistério em que objetos visíveis e sensíveis façam parte do assunto; Mas quanto a outros mistérios, como, por exemplo, os que se relacionam com a grandeza de Deus, a excelência da virtude, o fim para o qual fomos criados, etc., como são coisas invisíveis, não

devemos pensar em fazer uso da imaginação; podemos, é verdade, usar alguma similitude ou comparação para nos auxiliar na consideração deles, mas isso traz alguma dificuldade: portanto, pretendo instruí-lo de maneira tão simples e fácil que seu espírito não se canse com o estudo de invenções. Por esses meios, confinamos nosso espírito ao mistério sobre o qual pretendemos meditar, para que ele não divague de um lado para o outro, assim como prendemos um pássaro em uma gaiola ou amarramos um falcão pela guia para que ele possa pousar na mão.

No entanto, alguns dirão: "É melhor usar o puro pensamento da fé e uma simples apreensão, totalmente mental e espiritual, na representação desses mistérios, ou então imaginar que as coisas estavam acontecendo em sua própria alma". Mas essa maneira é muito superficial para iniciantes; portanto, até que Deus queira elevá-la mais alto, aconselho-a, Filoteia, a permanecer no vale baixo que lhe mostrei.

CAPÍTULO V.

Das Considerações: a segunda parte da Meditação

Meditação. Após o exercício da imaginação, segue-se a meditação, ou o trabalho do entendimento, que consiste em nada mais do que formular uma ou mais considerações a fim de elevar nossas afeições a Deus e às coisas celestiais. Portanto, parece que a meditação não deve ser confundida com nenhum daqueles pensamentos estudiosos ou reflexões sérias que não têm como objeto o amor a Deus ou nosso bem-estar espiritual, e que exigem aprendizado e conhecimento para serem discutidos. Tendo, então, como já disse, confinado seu espírito dentro dos limites do assunto sobre o qual deseja meditar, comece a formular considerações sobre ele, de acordo com os modelos que lhe apresentei nas meditações anteriores; e se você saborear os frutos, ou qualquer um deles, pare sem prosseguir, como as abelhas, que nunca abandonam a flor enquanto podem sugar dela o mel; mas se, após a tentativa, você não obtiver sucesso de acordo com seus desejos, prossiga para outra consideração com a mente calma e tranquila, sem se apressar ou fatigar sua alma.

CAPÍTULO VI.

Afetos e Resoluções: a terceira parte da Meditação

A meditação produz emoções piedosas na vontade, ou parte afetiva de nossa alma, tais como o amor a Deus e ao próximo; o desejo de glória celestial e eterna; o zelo pela salvação das almas; a imitação da vida de Nosso Senhor; a compaixão, a admiração, a alegria; o temor do desagrado de Deus; do julgamento e do inferno; o ódio ao pecado; a confiança na bondade e misericórdia de Deus; e a sincera tristeza pelos pecados de nossa vida passada. Nessas afeições, seu espírito deve se estender o máximo possível, e se você deseja se auxiliar com livros de devoção, leia o prefácio do primeiro volume das Meditações de Dom André Capigha, Capiglia, onde ele mostra a maneira de se exercitar nessa prática, como o Padre Arias faz mais amplamente na segunda parte de seu tratado sobre a oração.

Contudo, Filoteia, não debes te deter nesses afetos gerais sem resolver reduzi-los a resoluções específicas e particulares. Por exemplo: a primeira palavra que Nosso Senhor proferiu na cruz sem dúvida despertará em tua alma o desejo de perdoar e amar teus inimigos; mas isso de pouco servirá se não lhe acrescentares uma

resolução específica, dizendo: "Bem, então, não me ofenderei mais com o que esta ou aquela pessoa em particular disser de mim, nem me ressentirei de qualquer afronta que me fizer; mas, pelo contrário, aproveitarei todas as oportunidades para conquistar seu coração e apaziguá-lo." Por este meio, corrigirás tuas faltas em pouco tempo; ao passo que, apenas por meio de afetos, tua emenda será lenta e com maior dificuldade.

CAPÍTULO VII.

A conclusão e o ramalhete espiritual

Por fim, devemos concluir nossa meditação com três atos, que exigem a máxima humildade. O primeiro consiste em dar graças a Deus pelos bons afetos e propósitos com que Ele nos inspirou, e por sua bondade e misericórdia, manifestadas a nós no mistério da meditação. O segundo é unir nossos afetos e propósitos à sua bondade e misericórdia, e oferecê-los em união com a morte, o sangue e as virtudes de seu Filho. O terceiro deve ser uma humilde petição, pela qual imploramos a Deus que nos comunique as graças e virtudes de seu Filho e conceda sua bênção sobre nossos afetos e propósitos, a fim de que os coloquemos em prática fielmente. Em seguida, rezamos pela Igreja, nossos pastores, parentes, amigos e outros; implorando, para esse fim, a intercessão de Nossa Senhora e dos anjos e santos; e, por fim, como já observei, concluimos rezando um Pai Nosso, uma Ave Maria, etc., que são as orações comuns e necessárias de todos os fiéis.

De tudo isso, como já aconselhei, colha um pequeno buquê de devoção; pois, assim como aqueles que caminham por um belo

jardim não se afastam dele sem colher algumas flores para perfumar durante todo o dia, assim também devemos, quando nosso espírito se entretém meditando sobre algum mistério, selecionar um, dois ou três daqueles pontos que mais apreciamos e que são mais apropriados para o nosso progresso, a fim de pensar neles com frequência e cheirá-los, por assim dizer, espiritualmente ao longo do dia. Isso deve ser feito no mesmo local onde estivemos meditando, ou enquanto caminhamos em solidão por algum tempo depois.

CAPÍTULO VIII.

Conselhos úteis para a prática da meditação

Acima de tudo, Filoteia, ao te levantares da meditação, lembra-te das resoluções que fizeste e, quando a ocasião se apresentar, põe-nas cuidadosamente em prática naquele mesmo dia. Este é o grande fruto da meditação, sem a qual ela não só é inútil, como frequentemente prejudicial: pois as virtudes meditadas e não praticadas muitas vezes ensoberbecem o espírito e nos fazem imaginar que somos tais como decidimos ser. Isso, sem dúvida, seria verdade se nossas resoluções fossem fortes e sólidas; mas como podem ser realmente tais, senão vãs e perigosas, se não forem reduzidas à prática? Devemos, portanto, por todos os meios, esforçar-nos por praticá-las e aproveitar todas as ocasiões, pequenas ou grandes, para colocá-las em execução. Por exemplo: se decidi, pela brandura, reconciliar-me com aqueles que me ofendem, buscarei hoje mesmo uma oportunidade para encontrá-los e saudá-los gentilmente; ou, se não os encontrar, pelo menos falarei bem deles e orarei a Deus por eles.

Após a oração, tenha cuidado para não causar violenta agitação ao seu coração, para que o precioso bálsamo que recebeu não se perca. O que quero dizer é que você deve, por algum tempo, se possível, permanecer em silêncio e gentilmente afastar seu coração da oração para suas outras ocupações, retendo o máximo de tempo possível o sentimento dos afetos que concebeu. Como alguém que recebeu uma bebida preciosa em um prato, ao carregá-la, caminha para casa gentilmente, sem olhar para os lados, mas em frente, com medo de tropeçar, e às vezes para o prato, para que não derrame a bebida, assim você deve agir ao terminar sua meditação; não permita que nada o distraia, mas olhe para a frente com cautela; ou, para falar mais claramente, se você encontrar alguém com quem seja obrigado a conversar, não há outro remédio senão vigiar seu coração, para que o mínimo possível da bebida da santa oração seja derramado na ocasião.

Não, você deve até mesmo se acostumar a saber como passar da oração para aquelas ocupações que seu estado de vida legalmente requer, embora sempre tão distante das afeições que você recebeu na oração; por exemplo, deixe o advogado aprender a passar da oração para a súplica, o comerciante para suas transações comerciais e a mulher casada para o cuidado de sua família, com tanta facilidade e tranquilidade que seus espíritos não sejam perturbados; pois, uma vez que todos eles estão em posições de acordo com a vontade de Deus, eles devem aprender a passar de um para o outro no espírito de humildade e devoção.

Você também deve saber que às vezes pode acontecer que, imediatamente após a preparação, seu afeto se sinta aspirando a Deus. Nesse caso, Filoteia, você deve deixar de lado o método que apresentei antes; pois, embora, em termos gerais, o exercício do entendimento deva preceder o da vontade, quando o Espírito Santo lhe dá este último antes do primeiro, você não deve então buscar o primeiro, visto que ele não é usado para nenhum outro propósito senão excitar o segundo. Em uma palavra, sempre que os afetos se apresentam, devemos expandir nossos corações para dar espaço a eles, quer venham antes ou depois; e, embora eu os tenha colocado depois das considerações, fiz isso apenas para distinguir mais claramente as partes da oração; pois, de outra forma, é uma regra geral nunca restringir os afetos, mas sempre deixá-los seguir seu curso livre quando se apresentam; E digo isto não apenas em relação aos outros afetos, mas também em relação à ação de graças, à oblação e à petição, que também podem ser usadas em meio às considerações, pois não devem ser mais contidas do que os outros afetos, embora depois, para a conclusão da meditação, devam ser repetidas e retomadas. Quanto às resoluções, elas devem ser sempre feitas após os afetos e, no final, antes da conclusão de toda a meditação; porque, como nestas representamos para nós mesmos objetos particulares e familiares, elas nos colocariam em perigo de distrações, se misturássemos nossos afetos com elas.

Em meio aos nossos afetos e resoluções, é aconselhável usar de conversas e falar às vezes com Nosso Senhor, às vezes com os anjos, os santos e as pessoas representadas nos mistérios; conosco

mesmos, com nossos próprios corações, com os pecadores e até com criaturas insensíveis, seguindo o exemplo de Davi em seus Salmos e de outros santos em suas orações e meditações.

CAPÍTULO IX.

A secura que às vezes experimentamos na meditação

Se acontecer, Filoteia, de você não sentir prazer ou conforto na meditação, eu a conjuro a não se perturbar por isso, mas a repetir algumas das orações que são mais caras ao seu coração. Queixando-se de si mesma ao nosso Senhor, confesse sua indignidade e implore a Ele que a ajude. Beije a imagem dele, se a tiver em mãos, dirigindo-Lhe aquelas palavras de Jacó: "Não te deixarei ir, Senhor, até que me dês a tua bênção" (Gn 32); ou aquelas da mulher cananeia: "Sim, Senhor, eu sou um cão; mas os cães comem das migalhas que caem da mesa dos seus donos" (Mt 15).

Em outras ocasiões, pegue algum livro espiritual e leia-o com atenção, até que seu espírito desperte e retorne a você. Ou agite seu coração com algum ato exterior de devoção, como prostrar-se no chão, cruzar as mãos diante do peito ou abraçar um crucifixo — desde que esteja sozinho ou em algum lugar reservado. Mas se, afinal, não receber nenhum conforto, não se perturbe, por mais excessiva que seja a secura, mas continue a manter-se em uma

postura devota. Quantos cortesãos vão cem vezes por ano à sala de presença do príncipe, sem esperança de falar com ele, mas apenas para serem vistos por ele e lhe prestarem sua corte? Assim, devemos vir à oração pura e unicamente para prestar nossa homenagem e testemunhar nossa fidelidade a Deus; e se Sua Divina Majestade quisesse falar e entreter-se conosco com suas santas aspirações e consolações interiores, seria sem dúvida para nós uma grande honra e um prazer muito agradável; Mas se não Lhe aprouver conceder-nos esta graça, mas deixar-nos, sem nos dar mais atenção do que se não estivéssemos em sua presença, não devemos, portanto, partir, mas permanecer diante de sua Soberana Bondade com um comportamento devoto e respeitoso; e então, observando nossa diligência, nossa paciência e perseverança, Ele, quando voltarmos a Sua presença, nos favorecerá com suas consolações e nos fará experimentar a doçura da santa oração. Contudo, se Ele não o fizer, contentemo-nos, Filoteia, pois é uma honra imensa para nós comparecer diante dEle e sermos admitidos em sua presença.

CAPÍTULO X.

Sobre o Exercício Matinal

Além da oração mental e vocal, existem outros tipos, que são, por assim dizer, deslizes e ramos da oração principal: a primeira é a oração matinal, destinada a ser uma preparação geral para todas as ações do dia, e pode ser feita da seguinte forma:

1. Adore a Deus profundamente e agradeça-Lhe por tê-lo preservado dos perigos da noite passada; e se, durante o curso dela, você cometeu algum pecado, implore seu perdão.
2. Considere que o dia presente lhe foi dado para que você possa ganhar o dia futuro da eternidade: faça uma firme resolução, portanto, de empregá-lo bem e com essa intenção.
3. Pense nas ocupações com as quais você provavelmente se envolverá durante o dia; nas oportunidades de servir a Deus, nas tentações de ofendê-Lo, seja por raiva, vaidade ou qualquer outra irregularidade; e prepare-se com a firme resolução de fazer o melhor uso dos meios que lhe forem oferecidos para servir a Deus e progredir na devoção; assim também, por outro lado, disponha-se cuidadosamente a evitar, resistir e superar tudo o que se apresentar

como prejudicial à sua salvação e à glória de Deus. Não basta tomar essa resolução a menos que você também prepare os meios para colocá-la efetivamente em execução. Por exemplo: se você prevê que negociará algum negócio com uma pessoa apaixonada e facilmente irritável, você não apenas se decidirá a se abster de ofendê-la, mas também preparará palavras de mansidão para evitar sua ira ou usará a ajuda de alguém para mantê-la calma. Se você prevê que terá a oportunidade de visitar alguma pessoa doente, você preverá o tempo, com os confortos e assistência que você pode oferecer a ela: e assim por diante.

4. Feito isso, humilha-te na presença de Deus. Reconhece que, por ti mesmo, nada podes fazer de tudo o que decidiste, seja para evitar o mal ou para fazer o bem; e, como se tivesses o teu coração nas mãos, oferece-o, juntamente com todas as tuas boas intenções, à Divina Majestade, suplicando-Lhe que o tome sob a sua proteção e o fortaleça, para que prossiga prosperamente no seu serviço, usando interiormente estas palavras ou outras semelhantes: "Eis, Senhor, este meu pobre e miserável coração, que, pela tua bondade, concebeu muitos bons afetos, mas que, ai de mim! é por si mesmo demasiado fraco e miserável para realizar o bem que deseja, a menos que lhe concedas a tua bênção celestial, que para este fim te imploro humildemente, ó Pai misericordioso, pelos méritos da Paixão do teu Filho, a cuja honra e glória consagro este e todos os dias restantes da minha vida." Invoque então Nossa Senhora, seu anjo bom, e os santos, para que todos possam ajudá-lo com sua intercessão.

Mas todos esses atos espirituais devem ser feitos de forma breve e fervorosa, e antes de você sair do seu quarto, se possível, para que por meio desse exercício tudo o que você tiver que fazer ao longo do dia seja regado com a bênção de Deus: e eu imploro a você, Filoteia, que nunca falhe nisso.

CAPÍTULO XI.

O Exercício Noturno e o Exame de Consciência

Assim como você nutriu sua alma pela manhã com o pão celestial da meditação, você também deve fazer uma ceia devota. Aproveite, então, uma pequena oportunidade, antes da ceia, para prostrar-se diante de Deus e recolher-se na presença de Jesus Cristo crucificado, a quem você pode representar a si mesmo por uma única consideração e um olhar interior, e reacender em seu coração o fogo de sua meditação matinal, por várias aspirações vivas, humilhações e esforços amorosos, que você fará a este Divino Salvador de sua alma; ou então, repetindo partes de sua meditação matinal que você mais apreciou, ou estimulando-se à devoção, por algum novo assunto espiritual, como você preferir.

Quanto ao exame de consciência, que deve ser sempre feito antes de dormir, todos sabem como deve ser realizado. 1. Damos graças a Deus por nos ter preservado durante o dia. 2. Examinamos como nos comportamos durante todo o dia; e para fazer isso mais facilmente, podemos considerar onde estivemos, em cuja companhia e em que negócio estivemos empregados. 3. Se descobrirmos que

fizemos algo de bom, devemos agradecer a Deus por isso; ou se, por outro lado, fizemos algum mal, seja em pensamento, palavra ou ação, devemos pedir perdão à Sua Divina Majestade, firmemente resolvidos a perdoar e confessar na primeira oportunidade. 4. Em seguida, recomendamos à proteção da Divina Providência nossa alma e corpo, à Santa Igreja, e nossos pais e amigos; e, finalmente, imploramos à Santíssima Virgem, ao nosso anjo da guarda e aos santos, que velem por nós e orem por nós; e assim, com a bênção de Deus, vamos aproveitar o descanso que sua vontade nos designou.

Este exercício, assim como o da manhã, nunca deve ser esquecido; assim como com o da manhã você abre as janelas da sua alma para a luz do Sol da Justiça, assim com o da tarde você as fecha para a escuridão do inferno.

CAPÍTULO XII.

Recolhimento Espiritual

É para este artigo, Filoteia, que desejo chamar a sua atenção particular, pois dele depende um dos meios mais seguros para o seu progresso espiritual.

Recorda-te, sempre que puderes, ao longo do dia, por qualquer uma das quatro maneiras que te indiquei, de que deves estar na presença de Deus; observa o que Ele faz e o que estás a fazer, e encontrarás os seus olhos perpetuamente fixos em ti com um amor incomparável. Então dize: Ó meu Deus!

Por que não volto meus olhos para Ti, como Tu sempre me olhas? Por que pensas incessantemente em mim, ó Senhor! E por que penso tão raramente em Ti? Onde estamos, ó minha alma? Nosso verdadeiro lugar de descanso é em Deus, e onde nos encontramos?

Assim como os pássaros têm seus ninhos, aos quais se retiram para descansar, e os veados têm arbustos e moitas, onde se abrigam e desfrutam da sombra fresca no calor do verão, assim também nós, Filoteia, devemos escolher algum lugar todos os dias, seja no Monte Calvário, seja nas chagas de nosso Senhor, ou em algum outro lugar

próximo a Ele, como retiros para os quais possamos ocasionalmente nos refugiar e nos recrear em meio às nossas ocupações mundanas, e ali, como em uma fortaleza, nos defendermos das tentações. Bem-aventurado aquele que pode dizer com verdade ao nosso Senhor: "Tu és a minha fortaleza e o meu refúgio, a minha defesa contra as tempestades e a minha sombra contra o calor" (Sl 52,3; Is 25,4).

Lembra-te, pois, Filoteia, de fazer retiros ocasionais na solidão do teu coração, enquanto estiveres externamente ocupada em negócios ou conversas. Essa solidão mental não pode ser impedida pela presença daqueles que te cercam; pois, como eles não estão perto do teu coração, mas do teu corpo, teu coração pode permanecer só, na presença de Deus. Este era o exercício do Rei Davi em meio às suas várias ocupações, como ele testemunha na seguinte, bem como em várias outras passagens dos seus Salmos: "Ó Senhor, quanto a mim, estou sempre contigo. Contemplo o Senhor sempre diante de mim. Levantei os meus olhos para ti, ó meu Deus, que habitas nos céus. Os meus olhos estão sempre voltados para Deus", etc. E, de fato, nossas ocupações raramente são tão sérias que não possamos, de tempos em tempos, retirar delas o nosso coração, a fim de nos recolhermos a esta solidão divina.

Quando o pai ou a mãe de Santa Catarina de Sena a privou de um lugar e lazer para rezar e meditar, Nosso Senhor a inspirou a construir um pequeno oratório em sua alma, no qual, recolhendo-se mentalmente, pudesse, em meio aos seus afazeres cotidianos, dedicar-se a essa santa solidão mental; e quando o mundo

posteriormente a assaltou, ela não sofreu nenhum inconveniente, pois, como ela mesma disse, havia se fechado em seu aposento interior, onde se consolava com seu Esposo celestial. A partir de sua própria experiência desse exercício, ela posteriormente aconselhou seus filhos espirituais a criarem um espaço em seus corações e a permanecerem nele.

Retira-te, pois, de tempos em tempos, para o teu coração, onde, separado de todos os homens, podes tratar familiarmente dos assuntos da tua alma e da tua salvação com Deus. Dize com Davi (Sl 116): "Observei e tornei-me como um pelicano no deserto, como o corvo da noite dentro de casa. Observei e tornei-me como um pardal sozinho no telhado." Estas palavras, além do seu significado literal, a saber, que este grande rei passou algumas horas solitário na contemplação das coisas espirituais, também apontam, num sentido místico, três excelentes retiros ou eremitérios, onde podemos imitar a solidão do nosso Salvador, que no Monte Calvário foi comparado ao pelicano do deserto, que nutre e dá vida aos seus filhotes com o seu próprio sangue; no seu Natal, em estado desolado, ao corvo da noite num edifício em ruínas, lamentando e chorando as nossas ofensas e pecados; e em sua Ascensão, ao pardal voando para o céu, que é, por assim dizer, o telhado do mundo. Nessas três solidões, podemos fazer nossos retiros espirituais, mesmo em meio às turbulências de nossos afazeres mundanos. O Beato Elzear, Conde de Arian, na Provença, tendo estado por muito tempo ausente de sua devota e casta Delfina, enviou-lhe um mensageiro para se informar sobre sua saúde, por meio do qual ele lhe respondeu:

"Estou muito bem, minha querida esposa, mas se desejas me ver, procura-me na ferida do lado de nosso doce Salvador; pois, como é somente lá que eu habito, é lá que me encontrarás; se me procurares em outro lugar, procurarás em vão." Este era realmente um cavalheiro cristão.

CAPÍTULO XIII.

Aspirações, orações jaculatórias e bons pensamentos

Retiramo-nos para Deus porque aspiramos a Ele; e aspiramos a Ele para que possamos retirar-nos para Ele: de modo que a aspiração a Deus e o retiro espiritual para Ele são apoios mútuos, e ambos procedem da mesma fonte, a saber, de pensamentos devotos e piedosos. Aspira, pois, frequentemente a Deus, Filoteia, por meio de breves, mas ardentes dardos do teu coração; admira a sua beleza, invoca a sua assistência; lança-te em espírito aos pés da cruz; adora a sua bondade; conversa com Ele frequentemente sobre os negócios da tua salvação; entrega a Ele a tua alma mil vezes por dia; contempla a sua clemência e a sua doçura; estende a tua mão a Ele como uma criança a seu pai, para que Ele te conduza; coloca-O no teu seio como um delicioso ramalhete; planta-O na tua alma como um estandarte; e move o teu coração mil vezes para acender e excitar dentro de ti uma afeição apaixonada e terna pelo teu Divino Esposo. A prática da oração jaculatória foi fortemente recomendada pelo grande Santo Agostinho à devota Senhora Proba. Nossa spírita Filoteia, habituando-se assim privadamente à companhia e familiaridade com Deus, será completamente perfumada com suas

perfeições. Ora, não há dificuldade neste exercício, pois não é incompatível com nossas ocupações, sem qualquer inconveniente, visto que, nessas aspirações espirituais e interiores, fazemos apenas breves desvios, que, em vez de nos impedir, antes nos auxiliam na busca do que buscamos. O peregrino, embora pare para tomar um pouco de vinho para fortalecer o coração e refrescar a boca, não atrasa sua jornada ao fazê-lo, mas adquire forças para terminá-la com mais facilidade e rapidez, descansando apenas para poder prosseguir depois com maior rapidez.

Muitos formaram coleções de orações jaculatórias, que podem ser muito proveitosas; mas eu o aconselharia a não se conformar com nenhuma forma predefinida de palavras, mas a pronunciá-las, seja do seu coração ou da sua boca, como o amor lhe sugerir repentinamente; pois ele lhe fornecerá tantas quantas desejar. É verdade, de fato, que existem certas palavras que têm uma força peculiar para satisfazer o coração a esse respeito. Tais são as aspirações tão copiosamente intercaladas nos Salmos de Davi; a invocação frequente do nome de Jesus; as jaculatórias de amor expressas nos Cânticos, etc. Cânticos espirituais também atenderão ao mesmo propósito, quando cantados com atenção.

Em suma, assim como aqueles que amam, de maneira humana e natural, têm seus pensamentos e corações incessantemente ocupados com o objeto de sua afeição, e sua boca sempre empregada em seu louvor, na sua ausência eles não perdem nenhuma oportunidade de testemunhar essa afeição por cartas e

gravando o nome de seu amado na casca das árvores; assim também, aqueles que verdadeiramente amam a Deus nunca podem deixar de pensar Nele, respirar por Ele, aspirar a Ele e falar Dele; e, se fosse possível, eles gravariam o sagrado nome de Jesus nos peitos de toda a humanidade.

Para isso, todas as coisas os convidam, pois não há criatura que não lhes declare os louvores do seu amado. Sim, diz Santo Agostinho, depois de Santo Antônio, tudo no mundo se dirige a eles numa linguagem inteligível, porém muda, em favor do seu amor: todas as coisas os excitam a bons pensamentos, que dão origem a muitas emoções animadas e aspirações da alma a Deus. Seguem alguns exemplos:

São Gregório Nazianzeno, caminhando à beira-mar, observou como as ondas, avançando sobre a praia, deixavam conchas, algas, estrelas-do-mar e coisas semelhantes, e então, quando outras ondas retornavam, levavam parte delas de volta e as engoliam novamente, enquanto as rochas adjacentes permaneciam firmes e imóveis, embora as ondas as atingissem com ainda mais violência. Sobre isso, ele fez a salutar reflexão de que as almas frágeis, como conchas e algas, se deixam levar, ora pela aflição, ora pela consolação, à mercê das vagas inconstantes da fortuna, mas que as almas corajosas permanecem firmes e impassíveis em meio a todos os tipos de tempestades. Desse pensamento, ele passou às arpirações de Davi (Sl LXVIII): "Salva-me, ó Deus, pois as águas já me subiram até a alma. Ó Senhor, livra-me dessas águas profundas;

entrei nas profundezas do mar, e uma tempestade me arrastou." Na época, ele estava aflito por causa da infeliz usurpação tentada por Máximo em seu bispado.

São Fulgêncio, bispo de Ruspa, estando presente em uma assembleia geral da nobreza romana, quando Teodorico, rei dos godos, fez um discurso a eles, e contemplando o esplendor de tantos grandes senhores, cada um classificado de acordo com sua qualidade, exclamou: "Ó Deus, quão gloriosa e bela deve ser a Jerusalém celestial, já que a Roma terrena aparece com tanta pompa! Pois, se neste mundo os amantes da vaidade têm permissão de brilhar tão intensamente, o que não deve ser a glória que está reservada, no outro mundo, para aqueles que amam a verdade!"

Santo Anselmo, Arcebispo de Canterbury, por cujo nascimento nossas montanhas foram altamente honradas, era admirável na aplicação de bons pensamentos. Uma lebre, perseguida por cães de caça, enquanto este santo prelado prosseguia em sua jornada, temendo a morte, refugiou-se sob seu cavalo; enquanto os cães, latindo ao redor, não tentaram violar o santuário para o qual sua presa havia fugido. Uma visão tão extraordinária fez toda a companhia cair na gargalhada, enquanto o santo, chorando e suspirando, gritava: "Ai! Vocês riem, mas a pobre fera não ri; os inimigos da alma, tendo-a caçado e impelido, por diversas voltas e reviravoltas, através de toda sorte de pecados, espreitam-na na estreita passagem da morte para capturá-la e devorá-la, e ela, estando em tão terrível situação, busca socorro e refúgio por todos

os lados; e, se não os encontra, é ridicularizada e escarnecida por seus inimigos." Quando o santo disse isso, ele continuou cavalgando suspirando.

Constantino, o Grande, tendo escrito com grande respeito a Santo Antônio, os religiosos ao seu redor ficaram muito surpresos. "Por que", disse ele, "vos espantais que um rei escreva a um homem? Espantai-vos, antes, que o Deus Eterno tenha escrito sua lei aos homens mortais; sim, mais ainda, que tenha falado a eles oralmente na pessoa de seu Filho."

São Francisco, vendo uma ovelha sozinha em meio a um rebanho de cabras, disse ao seu companheiro: "Observa a pobre ovelha, como é mansa entre as cabras; nosso bendito Senhor caminhou assim mansa e humildemente entre os fariseus". Em outra ocasião, vendo um cordeiro devorado por um javali, disse ele, chorando: "Ah! cordeirinho", disse ele, "como representas de modo impressionante a morte do meu Salvador!"

Uma pessoa ilustre da nossa época. São Francisco de Bórgia, enquanto ainda Duque de Cândia, enquanto se dedicava à caça, costumava fazer mil reflexões devotas para si mesmo. "Eu admirava", disse ele mais tarde, "como os falcões se aproximam, se deixam encapuzar e amarrar ao poleiro; e, por outro lado, como os homens se rebelam à voz de Deus."

O grande São Basílio disse que a rosa no meio dos espinhos oferece esta bela instrução aos homens: "O que há de mais agradável neste

mundo, ó mortais, está misturado com tristeza; nada aqui é puro; o arrependimento está sempre ao lado da alegria; a viuvez, ao lado do casamento; o cuidado, ao lado da maturidade; e a ignomínia, ao lado da glória; a despesa segue a honra; o ódio vem depois do prazer, e a doença, depois da saúde. "A rosa é uma bela flor", disse este santo homem, "mas me deixa triste, lembrando-me do pecado, por causa do qual a terra foi condenada a produzir espinhos."

Uma alma devota, de pé sobre um riacho em uma noite muito clara, e vendo os céus e as estrelas refletidos neles, exclamou: "Ó meu Deus, estas mesmas estrelas que agora contemplo estarão um dia sob meus pés, quando me tiveres recebido em teus tabernáculos celestiais; e assim como as estrelas do céu são assim representadas na terra, assim também os homens desta terra são representados no céu na fonte viva da caridade divina." Outra, vendo um rio fluir rapidamente, gritou: "Minha alma nunca terá paz até que seja engolida pelo mar da divindade, sua fonte original." Santa Francisca, contemplando um riacho agradável, em cuja margem estava ajoelhada em suas orações, estando em êxtase, repetia frequentemente estas palavras: "A graça do meu Deus flui tão suave e docemente, como este pequeno riacho." Outra, olhando para a árvore em flor, suspirou e disse: "Ah! por que estou

"Sozinho sem flor no jardim da Igreja?" Outro, vendo pintinhos reunidos sob uma galinha, disse: "Preserva-nos, ó Senhor, continuamente, à sombra das tuas asas." Outro, olhando para a flor chamada heliotrópio, que se volta para o sol, exclamou: "Quando

chegará o tempo, ó meu Deus, em que minha alma seguirá fielmente as atrações da tua bondade?" E vendo as flores chamadas amores-perfeitos, belas aos olhos, mas sem cheiro: "Ah", disse ele, "tais são os meus pensamentos, belos na aparência, mas inúteis."

Vê, Filoteia, como podemos extrair bons pensamentos e santas aspirações de tudo o que se apresenta em meio à variedade desta vida mortal. Infelizes aqueles que usam as criaturas de maneira diferente da que seu Criador pretendia, e as tornam instrumentos do pecado; e três vezes felizes aqueles que transformam as criaturas para a glória de seu Criador, e as empregam para a honra de sua Majestade Soberana; como diz São Gregório Nazianzeno: "Costumo atribuir todas as coisas ao meu proveito espiritual". Leia o devoto epitáfio composto por São Jerônimo para Santa Paula; como é agradável vê-lo salpicado com aquelas aspirações e santos pensamentos que ele costumava extrair de todos os tipos de ocorrências.

Ora, como a grande obra da devoção consiste no exercício do recolhimento espiritual e das orações jaculatórias, a falta de todas as outras orações pode ser suprida por elas; mas, na falta delas, a perda dificilmente pode ser compensada por outros meios. Sem elas, não podemos levar uma vida ativa e boa, muito menos contemplativa. Então, o repouso seria apenas ociosidade e o trabalho, aborrecimento. Portanto, eu o conjuro a adotá-lo de todo o coração, sem jamais desistir de sua prática.

CAPÍTULO XIV.

A Santíssima Missa e como devemos ouvi-la

Até aqui não disse nada sobre o santíssimo, sagrado e augusto sacrifício e sacramento do Altar, o sol dos exercícios espirituais, o centro da religião cristã, o coração da devoção e a alma da piedade; um mistério tão inefável que encerra em si aquele abismo da caridade divina de onde Deus se comunica realmente a nós; e, de maneira especial, enche nossas almas com graças e favores espirituais.

Quando a oração, Filoteia, se une a este sacrifício divino, torna-se tão eficaz que faz a alma transbordar, por assim dizer, de consolações celestiais. Aqui, ela se reclina sobre o seu Bem-Amado, que a enche de tanta doçura espiritual que ela se assemelha, como diz o Cântico, a uma coluna de fumaça que sai de uma fogueira de madeira aromática, de mirra e incenso, e de todos os perfumes mais requintados.

Procura, pois, assistir à Missa todos os dias, para que, juntamente com o sacerdote, possas oferecer o santo sacrifício do teu Redentor a Deus, seu Pai, por ti e por toda a Igreja. Os anjos, diz São João

Crisóstomo, sempre comparecem em grande número para honrar este adorável mistério; e nós, associando-nos a eles, tendo uma só e mesma intenção, não podemos deixar de receber muitas influências favoráveis de tão santa sociedade. Os coros da Igreja triunfante e os da Igreja militante unem-se a Nosso Senhor nesta ação divina, para que com Ele, nEle e por Ele, possam ganhar o coração de Deus Pai e fazer da sua misericórdia toda a nossa. Oh! que felicidade é para uma alma contribuir devotamente com os seus afetos para obter um tesouro tão precioso e desejável!

Caso algum assunto indispensável o impeça de assistir pessoalmente à celebração deste grande sacrifício, esforce-se ao menos para enviar seu coração para lá, para ajudar com uma presença espiritual, unindo sua intenção com a de todos os fiéis e usando os mesmos atos de devoção em seu quarto que você usaria se estivesse realmente presente na missa.

Agora, para ouvir a Missa de maneira adequada, real ou mentalmente, você deve: 1. Desde o início até que o padre suba ao altar, faça com ele sua preparação, que consiste em se colocar na presença de Deus, reconhecendo sua indignidade e pedindo perdão por seus pecados. 2. Desde o momento em que ele sobe ao altar para o Evangelho, considere o nascimento de nosso Senhor e sua vida neste mundo, apresentando uma ideia simples e geral deles à sua mente. 3. Desde o Evangelho até depois do Credo, considere a pregação de nosso Salvador e prometa que você resolve viver e morrer na fé e obediência à sua santa palavra e na comunhão da

santa Igreja Católica. 4. Do Credo ao Pater Noster, aplique seu coração aos mistérios da morte e paixão de nosso Redentor, essencialmente representados neste santo sacrifício, e que, com o padre e o resto do povo, você deve oferecer a Deus Pai, para sua glória e sua salvação. 5. Do Pai Nosso à Comunhão, esforça-te por excitar mil desejos no teu coração, desejando ardentemente estar para sempre unido ao teu Salvador por um amor eterno. 6. Da Comunhão até ao fim, rende graças a Jesus Cristo pela sua encarnação, vida, paixão e morte; bem como pelo amor que Ele nos testemunha neste santo sacrifício, suplicando-Lhe que seja para sempre misericordioso com toda a sua Igreja; e, finalmente, humilhando-te, recebe devotamente, de todo o teu coração, a bênção de Deus, que nosso Senhor te dá pelo ministério do sacerdote oficiante.

Mas se você escolher durante a missa meditar sobre o mistério que propôs para sua consideração naquele dia, não é necessário que você desvie seus pensamentos para realizar todos esses atos específicos, mas que no início você dirija sua atenção para adorar e oferecer este santo sacrifício pelo exercício de sua meditação e oração; pois em todas as meditações os atos acima mencionados podem ser encontrados expressa ou tacitamente, e de maneira equivalente.

CAPÍTULO XV.

Outros exercícios públicos e comuns de devoção

Além de ouvir a Missa aos domingos e feriados, você também deve, Filoteia, estar presente nas vésperas e em outras partes do Ofício Divino, tanto quanto sua conveniência permitir. Pois, como esses dias são dedicados a Deus, devemos realizar mais atos para sua honra e glória neles do que em outros dias. Por isso, você sentirá mil consolações espirituais, como Santo Agostinho, que testemunha, em suas Confissões, que, ouvindo o Ofício Divino no início de sua conversão, seu coração se derreteu em ternura e seus olhos em lágrimas de devoção. E, de fato, para falar de uma vez por todas, há sempre mais benefício e conforto nos ofícios públicos da Igreja do que na devoção privada, tendo Deus ordenado que a comunhão dos fiéis seja preferida a todos os tipos de devoção praticada em particular.

Entrai, pois, de boa vontade nas confrarias do lugar onde resides, e especialmente naquelas cujos exercícios são mais produtivos de fruto e edificação, como se, assim fazendo, praticásseis uma espécie de obediência agradável a Deus; pois, embora essas confrarias não

sejam ordenadas, são, no entanto, recomendadas pela Igreja, que, para testemunhar a sua aprovação, concede indulgências e outros privilégios aos que nelas ingressam. Além disso, é sempre muito louvável concorrer e cooperar com muitos nos seus bons desígnios, pois, embora possamos praticar exercícios tão bons sozinhos como em companhia de uma confraria, e talvez tenhamos mais prazer em praticá-los em privado, Deus é mais glorificado quando unimos as nossas boas obras às dos nossos irmãos e vizinhos.

Digo o mesmo de todas as orações e devoções públicas, que devemos apoiar tanto quanto possível com o nosso bom exemplo, para a glória de Deus, para a edificação do nosso próximo e para o fim comum que nos propomos quando participamos delas.

CAPÍTULO XVI.

Devemos honrar e invocar os Santos

Visto que Deus frequentemente nos envia inspirações por meio de seus anjos, devemos também enviar-Lhe frequentemente nossas inspirações por meio de mensageiros semelhantes. As santas almas dos falecidos, que habitam no céu com os anjos e são, como diz nosso Salvador (Lucas, 15, 36), iguais e semelhantes aos anjos, desempenham também a mesma função de nos inspirar e interceder por nós com suas orações. Unamos, então, nossos corações a esses espíritos celestiais e almas felizes; e assim como os jovens rouxinóis aprendem a cantar na companhia dos mais velhos, assim, pela santa associação que fazemos com os santos, aprenderemos a orar e a cantar os louvores divinos de uma maneira muito melhor: "Eu cantarei

A ti, Senhor", diz Davi, "à vista dos teus anjos" (Sl 137:2).

Honrai, reverenciai, amai e respeitai de maneira especial a sagrada e gloriosa Virgem Maria, pois, assim como foi Mãe de Nosso Senhor, assim também é, por conseguinte, nossa Mãe. Corramos, pois, a Ela e, como seus filhinhos, lancemo-nos em seu seio com perfeita

confiança, em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Invoquemos esta doce Mãe, invoquemos seu amor maternal; e, esforçando-nos por imitar suas virtudes, sintamos por Ela verdadeiro afeto filial.

Familiarize-se com os anjos e contemple-os frequentemente em espírito; pois, sem serem vistos, eles estão presentes com você. Tenha sempre um amor e uma reverência especiais pelos Anjos da Guarda da diocese em que você reside e pelas pessoas com quem você convive, mas especialmente pelos seus. Apresente-se frequentemente a eles, bendiga a Deus por tê-los concedido e implore por sua assistência em todos os seus assuntos, espirituais ou temporais, para que cooperem com suas intenções.

O grande Pedro Fabro, primeiro sacerdote, primeiro pregador e primeiro professor de teologia da Santa Companhia de Jesus, e companheiro de Santo Inácio, seu fundador, retornando da Alemanha, onde prestara grandes serviços à glória de Nosso Senhor, e viajando por esta diocese, local de seu nascimento, relatou que, tendo passado por muitos lugares heréticos, recebera inúmeras consolações dos Anjos da Guarda de diversas paróquias, de cuja proteção, em repetidas ocasiões, recebera as provas mais sensatas e convincentes: ora preservando-o das emboscadas dos hereges, ora tornando numerosas almas mais dóceis e tratáveis para receber dele a doutrina da salvação. Ele relatou isso com tanta seriedade que uma dama, então muito jovem, que ouviu de sua própria boca, o relatou há poucos anos, ou seja, cerca de sessenta anos depois de

ele tê-lo contado, com extraordinário sentimento. No ano passado, tive o consolo de consagrar um altar no local onde Deus quis que este homem abençoado nascesse, numa pequena aldeia chamada Villaret, no meio das nossas montanhas mais inacessíveis.

Escolha um ou mais santos em particular, cujas vidas você mais deseja imitar e em cuja intercessão você possa ter grande confiança. Os santos cujos nomes você carrega já lhe foram atribuídos desde o seu batismo.

CAPÍTULO XVII.

Como devemos ouvir e ler a Palavra de Deus

Escute com devoção a palavra de Deus, seja em conversas familiares ou em um sermão. Extraia dela todo o proveito que puder e não a deixe cair no chão, mas receba-a em seu coração como um bálsamo precioso; imitando a Santíssima Virgem, que guardou cuidadosamente em seu coração todas as palavras proferidas por seu Filho. Lembre-se de que nosso Senhor ouve nossas orações favoravelmente apenas na proporção da atenção com que ouvimos e aproveitamos suas palavras quando as ouvimos.

Tenha sempre à mão algum livro de devoção aprovado: como as obras espirituais de São Boaventura, de Gerson, de Dionísio, o Cartuxo, de Luís de Blois de Granada, de Stella, de Arias, de Pinelli, de Dupont, de Ávila, o Combate Espiritual, as Confissões de Santo Agostinho, as Epístolas de São Jerônimo, etc., e leia um pouco delas todos os dias com tanta devoção como se estivesse lendo uma carta que aqueles santos lhe enviaram do céu para lhe mostrar o caminho e encorajá-lo a vir. Leia também as histórias e vidas dos santos, nas quais, como num espelho, você pode contemplar o retrato da vida

de um cristão e adaptar suas ações ao seu estado de vida; pois, embora várias ações dos santos não possam ser absolutamente imitadas por aqueles que vivem no mundo, ainda assim elas podem ser seguidas em algum grau; Por exemplo, você pode imitar a solidão de São Paulo, o primeiro eremita, pela solidão espiritual do seu coração e pelos retiros que você pode fazer, dos quais falaremos mais adiante, e já falamos; a extrema pobreza de São Francisco, pelas práticas de pobreza; e assim por diante. É verdade que há algumas de suas histórias que iluminam mais a conduta de nossas vidas do que outras, como a vida da bem-aventurada Madre Teresa, a vida dos primeiros jesuítas, a de São Carlos Borromeu, Arcebispo de Milão, a de São Luís, a de Bernardo, as Crônicas de São Francisco e várias outras.

Há outros, ainda, que contêm mais assuntos para admiração do que para imitação, como a vida de Santa Maria do Egito, de São Simão Estilita, de Santa Catarina de Sena e de Santa Catarina de Gênova, de Santa Ângela e outros; que, no entanto, em geral, não deixam de nos dar um grande gosto pelo santo amor de Deus.

CAPÍTULO XVIII.

Como devemos receber inspirações

Por inspirações entendem-se todas as atrações da graça, os bons movimentos de nossos corações, as reprovações e os remorsos de consciência, as luzes e concepções que Deus excita em nós, presenteando nossas almas com suas bênçãos, por meio de seu cuidado e amor paternos, a fim de despertar, estimular, impelir e atrair-nos à prática de todas as virtudes, ao amor celestial, às boas resoluções e, em uma palavra, a tudo o que pode nos ajudar em nosso caminho para a felicidade eterna. É isso que o Esposo dos Cânticos chama, em linguagem misteriosa, batendo à porta e falando ao coração de sua Esposa, despertando-a quando ela dorme, chamando-a quando ela está ausente, convidando-a a colher frutas e flores em seu jardim, a cantar e fazer sua doce voz soar em seus ouvidos.

Para que me possa compreender melhor, devo usar uma comparação. Para a conclusão de um casamento, três coisas são necessárias: primeiro, o futuro marido é proposto à dama; segundo, ela aceita a proposta; terceiro, ela dá o seu consentimento. Da

mesma forma, quando Deus pretende realizar em, por ou conosco algum grande ato de graça, primeiro Ele o propõe por inspiração; segundo, nos agrada; e, terceiro, damos o nosso pleno consentimento. Pois, assim como há três degraus pelos quais descemos à prática do pecado — tentação, deleite e consentimento —, também há três degraus pelos quais ascendemos à prática da virtude — a inspiração, que é o oposto da tentação; o prazer concebido na inspiração, que é o oposto do deleite na tentação; e o consentimento da inspiração, que é o oposto do consentimento dado à tentação.

Agora, embora a inspiração devesse continuar durante toda a nossa vida, não poderíamos nos tornar agradáveis a Deus se não tivéssemos prazer nela: pelo contrário, Ele ficaria ofendido conosco, como ficou com os israelitas, cuja conversão Ele vinha solicitando por quase quarenta anos (Sl 45), durante os quais eles não lhe dariam ouvidos; então Ele jurou em sua ira que eles nunca entrariam em seu descanso.

Pelo prazer que sentimos nas inspirações, não apenas demonstramos uma disposição para glorificar a Deus, mas já começamos a agradar à Sua Divina Majestade; pois, embora esse deleite possa não ser um consentimento completo, é uma certa disposição para isso; e se é um bom sinal ter prazer em ouvir a palavra de Deus, que é, por assim dizer, uma inspiração exterior, também deve, sem dúvida, ser algo bom e agradável a Deus, ter prazer em sua inspiração interior. Desse tipo de prazer, fala o

sagrado Esposo (Ct 5,6): "Minha alma se derreteu quando meu amado falou"; mas ela não Lhe abriu a porta e se desculpou com algum pretexto frívolo. O Esposo, portanto, indignado, a abandonou.

Resolva, então, Filoteia, aceitar com cordialidade todas as inspirações que Deus Lhe aprover enviar e, quando vierem, receba-as como embaixadoras enviadas pelo Rei do Céu, que deseja celebrar um contrato de casamento com você. Atenda calmamente às suas proposições; pense no amor com o qual você é inspirada e aprecie as santas inspirações; consinta nelas, mas com um consentimento inteiro, amoroso e permanente; pois por este meio Deus, que não pode ter nenhuma obrigação para conosco, ficará, no entanto, muito satisfeito com esta fiel correspondência ao seu amor. Mas antes de consentir em inspirações em coisas de grande importância, ou que sejam fora do comum, consulte sempre seu guia espiritual, para que não seja enganado; porque o inimigo, vendo uma alma pronta a consentir nas inspirações, muitas vezes propõe falsas para enganá-la, o que ele nunca pode fazer enquanto ela, com Lumility, obedecer ao seu diretor.

Uma vez dado o consentimento, você deve diligentemente procurar os efeitos e apressar-se para colocar a inspiração em execução, o que é o ápice da verdadeira virtude: pois ter o consentimento dentro do coração, sem produzir efeitos, seria como plantar uma videira e não ter a intenção de que ela dê frutos.

Agora, o que contribui maravilhosamente para tudo isso é a prática dos exercícios matinais e aqueles retiros espirituais do coração acima

recomendados, pois por esses meios nos preparamos para fazer o que é bom, não apenas por uma preparação geral, mas também por uma preparação particular.

CAPÍTULO XIX.

Da Sagrada Confissão

Nosso Salvador deixou o santo sacramento da penitência e da confissão à sua Igreja, para que nele nos purifiquemos de todas as nossas iniquidades, sempre que formos contaminados por elas. Portanto, Filoteia, não permitas que teu coração permaneça muito tempo afetado pelo pecado, já que tens um remédio tão fácil à mão. Uma alma que consentiu no pecado deve ter horror de si mesma e purificar-se o mais rápido possível, pelo respeito que deve ter à Divina Majestade, que a contempla incessantemente. Ai de nós! Por que morreríamos de morte espiritual, se temos um remédio tão soberano à mão?

Confesse-se humilde e devotamente uma vez por semana, e sempre, se possível, antes de comungar, mesmo que sua consciência não o repreenda pela culpa de um pecado mortal: pois pela confissão você não só recebe a absolvição dos pecados veniais que confessa, mas também a força para evitá-los, a luz para discerni-los bem e a graça para reparar todo o dano que possa ter sofrido por eles. Você também praticará as virtudes da humildade, da obediência, da sinceridade, da caridade; ou melhor, em uma palavra, neste único

ato de confissão você poderá exercer mais virtudes do que em qualquer outro.

Conceba sempre um sincero pesar pelos pecados que confessar, por menores que sejam, com a firme resolução de nunca cometê-los no futuro. Muitos que confessam seus pecados veniais meramente por costume e por uma questão de ordem, sem qualquer intenção de emenda, continuam, por isso mesmo, durante toda a vida sob a culpa deles, e assim perdem várias vantagens espirituais. Se, então, você confessar que disse uma pequena mentira, proferiu algumas palavras desordenadas ou brincou demais, arrependa-se e tome uma firme resolução de emendar-se; pois é um abuso confessar qualquer tipo de pecado, seja mortal ou venial, sem a vontade de se livrar dele, visto que a confissão não foi instituída para outro fim.

Não faça nenhuma dessas acusações supérfluas, a saber: não amei a Deus tanto quanto deveria; não rezei com tanta devoção quanto deveria; não cuidei do meu próximo como deveria; não recebi os sacramentos com tanta reverência quanto deveria, etc., pois, falando assim, você não dirá nada que possa fazer seu confessor entender o estado de sua consciência; visto que todos os santos no céu e na terra poderiam dizer a mesma coisa se viessem se confessar. Examine, então, qual razão particular você pode ter para fazer essas acusações; e quando a tiver descoberto, acuse a si mesmo sincera e distintamente. Por exemplo, você se acusa de não ter amado seu próximo tanto quanto deveria; talvez, porque, tendo visto algum pobre em apuros, a quem você poderia facilmente ter ajudado, você

não lhe deu atenção. Nesse caso, você deveria ter dito: "Tendo visto um pobre homem em necessidade, não o ajudei como deveria ter feito"; Por negligência, dureza de coração, desprezo ou qualquer outra coisa que você descubra ter sido a causa dessa falta. Da mesma forma, não se acuse de não ter orado a Deus com tanta devoção quanto deveria; mas se você admitiu qualquer distração voluntária, ou negligenciou a escolha de um lugar, hora ou postura adequados, necessários para a devida atenção na oração, acuse-se disso com simplicidade, sem aquelas generalidades que não têm significado na confissão.

Não se contente em confessar seus pecados veniais apenas quanto ao fato; mas certifique-se também do motivo que o induziu a cometê-los. Por exemplo, não se contente em dizer que mentiu, sem prejuízo de ninguém; mas declare também se foi por vanglória, para se elogiar ou desculpar, ou por brincadeira, ou por obstinação. Se pecou por brincadeira, diga se foi pelo desejo de lucro ou pelo prazer da conversa; e assim por diante. Diga também por quanto tempo você continuou em seu pecado; pois a duração do tempo é um agravamento do mal, havendo grande diferença entre um pensamento vão que se insinuou na alma por um quarto de hora e um que ela entreteve por dois ou três dias. Devemos, então, contar os fatos, os motivos e a continuidade de nossos pecados. Pois, embora não sejamos obrigados a declarar pecados veniais, nem absolutamente obrigados a confessá-los, aqueles que desejam purificar suas almas perfeitamente e atingir a santa devoção devem

ter o cuidado de informar seu médico espiritual sobre a doença, por mais trivial que seja, da qual desejam ser curados.

Não deixe, então, de dizer o que é necessário, para que ele possa compreender perfeitamente a natureza da sua ofensa. Por exemplo, um homem com quem estou descontente me diz uma palavra leviana em tom de brincadeira, e eu me irrito; ao passo que, se outro, mais agradável a mim, tivesse dito algo muito mais áspero, eu teria levado na boa; com tanta facilidade, não deixaria de dizer: proferi palavras iradas contra certa pessoa e fiquei ofendido com algumas coisas que ela me disse, não tanto por causa das palavras, mas por causa da minha antipatia por ela. Além disso, se, para tornar o assunto mais claro, for necessário mencionar quais foram as palavras, acho aconselhável declará-las, pois, ao fazê-lo, você não apenas descobre o pecado, mas também suas más inclinações, costumes, hábitos e as outras raízes do pecado; por meio das quais seu pai espiritual adquire um conhecimento mais perfeito do coração com o qual ele lida e dos remédios adequados a serem aplicados. Mas você deve sempre esconder a terceira pessoa que teve qualquer participação no seu pecado, tanto quanto estiver em seu poder.

Cuidado com uma série de pecados que tendem a se ocultar e reinar insensivelmente na alma. Agora, para que você possa confessá-los e se purificar deles, leia atentamente os capítulos 6, 27, 28, 29, 35 e 36 da terceira parte, e o capítulo 7 da quarta parte.

Não troque de confessor por motivo insignificante; mas, tendo escolhido um, continue a dar-lhe conta, de tempos em tempos, do

estado da sua consciência, com franqueza e sinceridade, pelo menos uma vez por mês ou a cada dois meses. Informe-o também sobre o estado das suas inclinações, mesmo que não tenha pecado por elas; por exemplo, se estiver atormentado pela tristeza ou pela melancolia, ou se for inclinado à alegria desmedida, ou a um desejo excessivo de adquirir bens materiais, e inclinações semelhantes.

CAPÍTULO XX.

Da Comunhão frequente

Diz-se que Mitrídates, rei do Ponto, tendo inventado uma bebida que levava seu próprio nome, fortaleceu seu corpo de tal forma que, depois, embora tenha tentado se envenenar para evitar cair na servidão dos romanos, não conseguiu. Para que vivamos para sempre, nosso Salvador instituiu o mais adorável sacramento da Eucaristia, que contém verdadeiramente sua carne e seu sangue.

Portanto, quem quer que o consuma frequentemente com devoção, fortalece tão eficazmente a saúde de sua alma que é quase impossível que seja envenenado por qualquer tipo de afeição maligna; pois não podemos viver desta carne da vida e, ao mesmo tempo, morrer da morte do pecado. Assim, assim como os homens, habitando o paraíso terrestre, poderiam ter evitado a morte corporal alimentando-se do fruto da árvore da vida que Deus plantou ali, também podem evitar a morte espiritual alimentando-se deste sacramento da vida. Se os frutos mais tenros e mais sujeitos à corrupção, como cerejas, morangos e damascos, podem ser facilmente conservados o ano todo com açúcar ou mel, por que nossos corações, por mais frágeis e fracos que sejam, não seriam preservados da corrupção do pecado, quando temperados e

adoçados com a carne e o sangue incorruptíveis do Filho de Deus? Que resposta poderão dar os cristãos réprobos quando o justo Juiz os censurar por sua insensatez, ou melhor, loucura, por se terem envolvido na morte eterna, quando era tão fácil manterem-se na vida espiritual e na saúde, alimentando-se de seu corpo, que Ele lhes deixou para essa intenção? "Miseráveis miseráveis!", dirá Ele, "por que morrestes, tendo o fruto da vida à vossa disposição?" "Receber a Sagrada Comunhão todos os dias", diz Santo Agostinho, "não recomendo nem dissuado; mas persuadi e exorto a todos a comungar todos os domingos, desde que sua alma esteja isenta de qualquer afeição ao pecado." Com o mesmo santo doutor da Igreja, não condeno absolutamente nem aprovo a prática da comunhão diária, mas deixo isso ao critério do pai espiritual daquele que deseja conselho sobre este ponto. Como a disposição necessária para a comunhão diária não se encontra em todos, não é prudente recomendá-la em geral; e como pode ser encontrada perfeita em muitas almas humanas, não é aconselhável dissuadi-la de forma geral, mas deixá-la ser regulada pela consideração do estado interior de cada indivíduo. Portanto, assim como seria imprudente aconselhar a todos, sem distinção, a uma comunhão tão frequente, também seria imprudente culpar alguém por isso, especialmente se seguisse o conselho de um diretor prudente. Quando a comunhão diária foi objetada no caso de Santa Catarina de Sena, ela respondeu com esta resposta modesta e graciosa: "Já que Santo Agostinho não a censurou, rogo-lhe que não a censure, e me contentarei com o seu silêncio." Mas, como Santo Agostinho, Filoteia, nos exorta veementemente a comungar todos os domingos,

siga seu conselho na medida do possível; pois, como suponho que você não tenha afeição por pecado mortal ou venial, você está naquela disposição que Santo Agostinho exige; não, em um grau mais excelente, já que você não só tem aversão a cometer pecado, mas nem mesmo retém em você uma afeição pelo pecado, de modo que, se seu pai espiritual achar apropriado, você poderá comungar proveitosamente ainda mais frequentemente do que todos os domingos.

No entanto, muitos impedimentos legítimos podem ocorrer, talvez não da sua parte, mas da parte daqueles com quem você vive, o que pode levar um diretor discreto a aconselhá-lo a não se comunicar com tanta frequência. Por exemplo: se você vive em um estado de sujeição a pessoas tão mal-educadas ou avarentas a ponto de se incomodarem ou se inquietarem ao vê-lo se comunicar com tanta frequência, seria, em tal caso, aconselhável ceder ao humor delas e se comunicar apenas uma vez a cada quinze dias; mas isso só deve ser compreendido quando você não puder, de forma alguma, remover a dificuldade. Como não pode haver uma regra geral prescrita neste caso, devemos agir de acordo com o conselho do nosso diretor espiritual; embora eu possa dizer com segurança que o intervalo entre os dias para a comunicação para aqueles que desejam servir a Deus devotamente não deve exceder um mês.

Se você agir com prudência, nem pai, mãe, marido ou esposa o impedirão de comungar frequentemente, pois se, no dia da sua

comunhão, você não for menos diligente no cumprimento de seus deveres, e até mesmo cumpri-los com mais alegria e presteza, por mais incômodos que sejam, não há probabilidade de que eles tentem impedi-lo de um exercício no qual não encontram nenhum tipo de inconveniência, exceto se forem de um espírito extremamente estreito e irracional; e nesse caso, como eu já disse, seu diretor o aconselhará a ceder um pouco a eles.

Quanto às doenças corporais, não há nenhuma que possa ser um impedimento legítimo a esta santa devoção, exceto aquelas que provocam vômitos frequentes.

Para comungar a cada oito dias, é necessário que a pessoa esteja livre de pecado mortal e sem qualquer afeição ao pecado mortal, e tenha, além disso, um grande desejo de comungar; mas para comungar todos os dias, é necessário que superemos a maior parte de nossas más inclinações, e que isso seja feito por conselho de nosso diretor espiritual.

CAPÍTULO XXI.

Como devemos comunicar

Prepara-te para a Sagrada Comunhão na noite anterior, com muitas exclamações de amor, recolhendo-te mais cedo, para que possas levantar-te mais cedo pela manhã. Se acordares durante a noite, santifica o teu coração e a tua boca com algumas aspirações devotas, a fim de preparares a tua alma para a recepção do seu esposo, que, estando acordado enquanto dormias, te prepara mil graças e favores, se de tua parte estiveres disposto a recebê-los. De manhã, levanta-te com entusiasmo para desfrutar da felicidade que esperas; e vai com grande, mas humilde confiança, receber este alimento celestial, que nutre a tua alma para a imortalidade; e depois de repetir três vezes: "Senhor, eu não sou digno", etc., cessa de mover a cabeça ou os lábios, seja para rezar ou suspirar, mas abre a boca suave e moderadamente, e levanta a cabeça o quanto for necessário, para que o sacerdote veja o que ele está a fazer. Cheio de fé, esperança e caridade, recebe Aquele em quem, por quem e por quem acreditas, esperas e amas. Imagine para si mesma, Filoteia, que assim como a abelha, depois de colher das flores o orvalho do céu e seus sucos mais seletos, e reduzi-los ao mel, os carrega para sua colmeia, assim o sacerdote, tendo tirado do

altar o Salvador do mundo, o verdadeiro Filho de Deus, que, como o orvalho desceu do céu, e o verdadeiro Filho da Virgem, que, como uma flor brotada da terra de nossa humanidade, ele O coloca como alimento delicioso em sua boca.

Tendo-O recebido em seu peito, excite seu coração a prestar homenagem ao Rei de sua salvação, trate com Ele sobre seus assuntos internos; considere que Ele fez morada em você para sua felicidade: faça-O, então, tão bem-vindo quanto você puder, e conduza-se de tal maneira que pareça por todas as suas ações que Deus está com você.

Mas quando não puderdes desfrutar do benefício de realmente comungar na Santa Missa, comuniquei-vos ao menos espiritualmente, unindo-vos por um desejo ardente a esta carne vivificante do vosso Salvador.

Sua principal intenção ao comunicar-se deve ser progredir, confortar e fortalecer-se no amor de Deus; pois você deve receber por amor aquilo que somente o amor fez com que lhe fosse dado. Você não pode considerar seu Salvador em uma ação mais cheia de amor, ou mais terna do que esta, na qual Ele aniquila, ou, como poderíamos dizer mais propriamente, transforma-se em alimento, para que possa penetrar em nossas almas e unir-se mais intimamente ao coração e ao corpo de seus fiéis.

Se os mundanos lhe perguntarem por que você se comunica com tanta frequência, diga-lhes que é para aprender a amar a Deus, para

se purificar de suas imperfeições, para ser liberto de suas misérias, para ser consolado em suas aflições e amparado em sua fraqueza. Diga-lhes que dois tipos de pessoas devem se comunicar com frequência: os perfeitos, porque, sendo bem-intencionados, seriam muito culpados se não se aproximassem da fonte e manancial da perfeição; e os imperfeitos, para que possam aspirar à perfeição; os fortes, para que não se tornem fracos; e os fracos, para que se tornem fortes; os doentes, para que sejam restaurados à saúde; e os saudáveis, para que não caiam em doença; que, de sua parte, sendo imperfeitos, fracos e doentes, você precisa se comunicar frequentemente com Aquele que é sua perfeição, sua força e seu médico. Diga-lhes que aqueles que não têm muitos assuntos mundanos para cuidar devem se comunicar frequentemente, porque têm tempo livre; que aqueles que têm muitos negócios em mãos também devem se comunicar frequentemente; e que aquele que trabalha muito e está sobrecarregado de dores deve comer alimentos sólidos, e isso com frequência. Diga-lhes que você recebe o santo sacramento para aprender a recebê-lo bem; porque dificilmente se realiza bem uma ação que não se pratica com frequência.

Comunique-se frequentemente, então, Filoteia, e sempre que puder, com o conselho de seu pai espiritual; e acredite em mim, assim como as lebres em nossas montanhas ficam brancas no inverno, porque elas não veem nem comem nada além de neve; assim, ao se aproximar e comer da beleza, da pureza e da própria bondade neste

sacramento divino, você se tornará completamente bela, pura e virtuosa.

PARTE III

Instruções sobre a prática das virtudes

CAPÍTULO I.

A escolha que devemos fazer quanto à prática das Virtudes

Assim como a abelha rainha nunca sai para o campo sem estar cercada por todos os seus pequenos súditos, a caridade, a rainha das virtudes, nunca entra no coração sem trazer consigo todas as outras virtudes, exercitando-as e disciplinando-as, como um capitão faz com seus soldados. Mas ela não as emprega todas ao mesmo tempo, nem todas igualmente, nem em todas as estações, nem em todos os lugares; pois, assim como o homem justo, como uma árvore plantada à beira do rio, dá frutos no devido tempo, assim a caridade, regando a alma, produz uma variedade de boas obras, cada uma em seu devido tempo. "A música, por mais agradável que

seja em si mesma, é inoportuna em tempo de luto", diz o provérbio. É um grande defeito de muitos que, ao empreenderem a prática de alguma virtude específica, procuram exercê-la em todas as ocasiões. Como alguns filósofos antigos, eles sempre choram ou riem; e, o que é ainda pior, censuram aqueles que não agem sempre como eles e exercem as mesmas virtudes; enquanto que deveríamos "alegrarmos com os alegres e chorar com os que choram", diz o Apóstolo, pois "a caridade", diz ele, "é paciente, bondosa, generosa, discreta e condescendente".

Existem, no entanto, algumas virtudes de utilidade tão geral que não apenas exigem o exercício delas mesmas, mas também comunicam suas qualidades a todas as outras virtudes. Raramente se apresentam ocasiões para o exercício da fortaleza, magnanimidade e munificência; mas mansidão, temperança, modéstia e humildade são virtudes com as quais todas as ações de nossa vida devem ser temperadas. É verdade que existem outras virtudes mais excelentes, mas o uso delas é mais necessário. O açúcar é mais excelente que o sal, mas o uso do sal é mais necessário e geral. Devemos, portanto, ter sempre um bom estoque dessas virtudes gerais à disposição, visto que precisamos delas quase continuamente.

No exercício das virtudes, devemos sempre preferir aquilo que é mais conforme ao nosso dever, não aquilo que é mais agradável à nossa imaginação. Santa Paula tinha preconceito em favor de austeridades e mortificações corporais, para que pudesse desfrutar mais facilmente do conforto espiritual; mas ela tinha uma obrigação

maior de obedecer aos seus superiores, e, portanto, São Jerônimo a censurou por usar abstinências imoderadas contra o conselho do seu bispo. Os apóstolos, por outro lado, sendo comissionados para pregar o Evangelho e distribuir o pão do céu, julgaram que seria errado interromper esses exercícios evangélicos para socorrer os pobres, embora, de outra forma, fosse uma virtude excelente. Cada condição de vida tem suas virtudes peculiares. As virtudes de um prelado são diferentes das de um príncipe; as de um soldado das de uma mulher casada ou viúva, e assim por diante, em todas as classes da sociedade. Embora todos devam possuir todas as virtudes, nem todos são igualmente obrigados a exercê-las, mas cada um deve praticar, de maneira mais particular, aquelas virtudes que são mais necessárias para o estado de vida ao qual é chamado.

Entre as virtudes alheias ao nosso dever particular, devemos preferir as mais excelentes às mais brilhantes e vistosas. Os cometas parecem maiores que as estrelas e ocupam um espaço maior aos nossos olhos, enquanto, na realidade, não podem, nem em magnitude nem em qualidade, ser comparados às estrelas; pois, assim como só parecem grandes porque estão mais próximos e aparecem de maneira mais grosseira do que as estrelas, há certas virtudes que, devido à sua proximidade, tornam-se mais sensíveis, ou, como posso dizer, mais materiais, e, portanto, são altamente estimadas e sempre preferidas pelo vulgo. Daí que tantos prefiram esmolas corporais às espirituais; o cilício, o jejum, o andar descalço, o uso da disciplina e outras mortificações corporais semelhantes à mansidão, à modéstia e a outras mortificações do coração, que são,

no entanto, mais excelentes. Escolha, então, Filoteia, as melhores virtudes, não as mais estimadas; as mais excelentes, não as mais aparentes; aqueles que são realmente os melhores, não aqueles que são mais ostensivos ou brilhantes.

É proveitoso para todos exercer alguma virtude particular, mas não a ponto de abandonar as demais, mas para manter o espírito em um estado mais estável. Uma bela virgem, em trajes reais, mais brilhante que o sol, cuja cabeça estava adornada com uma coroa de oliveiras, apareceu a São João, Bispo de Alexandria, e disse-lhe: "Sou a filha mais velha do rei; se me puderes ter como amiga, conduzir-te-ei à sua presença." O santo prelado compreendeu que ela era misericórdia para com os pobres, o que Deus lhe recomendou; e, portanto, desde então, entregou-se tão completamente à prática daquela virtude, que obteve o título de São João, o Esmoler. Eulógio, o Alexandrino, desejando prestar algum serviço particular a Deus, e não tendo forças suficientes para abraçar uma vida solitária, nem para se submeter à obediência de outrem, acolheu em sua casa um pobre miserável completamente devorado pela lepra, para que pudesse exercer, em seu benefício, as virtudes da caridade e da mortificação. e para realizá-los mais dignamente, fez um voto de honrá-lo e servi-lo como seu senhor e mestre; agora, diante da tentação, tanto para o leproso quanto para Eulógio, de se separarem um do outro, eles se dirigiram ao grande Santo Antônio, que disse: "Tomem cuidado, meus filhos, para não se separarem um do outro, pois estando ambos próximos do fim, se o anjo não os encontrar juntos, correrão grande risco de perder a coroa."

São Luís, rei da França, visitava hospitais e doentes com tanta diligência como se servisse por salário. São Francisco tinha um amor tão extraordinário pela pobreza a ponto de chamá-la de sua senhora; e São Domingos, pela pregação, que sua Ordem recebeu o nome dela. São Gregório Magno, seguindo o exemplo do grande Abraão, tinha prazer em entreter peregrinos e, como ele, recebeu o Rei da Glória na forma de um peregrino. Tobias exerceu sua caridade enterrando os mortos. Santa Isabel, embora uma grande princesa, não se deleitava em nada mais do que em se humilhar. Santa Catarina de Gênova, em sua viuvez, dedicou-se a servir em um hospital. Cassiano relata que uma senhora devota, desejosa de exercer a virtude da paciência, procurou Santo Atanásio, que, a pedido dela, a colocou com uma viúva pobre, tão excessivamente rabugenta, colérica e incômoda que, por seu temperamento insuportável, deu à boa senhora ampla oportunidade de exercer as virtudes da mansidão e da caridade.

Assim, entre os servos de Deus, alguns se dedicam a servir os doentes; outros a socorrer os pobres; outros a propagar o conhecimento da doutrina cristã entre as crianças; outros a resgatar almas que se desviaram; outros a adornar igrejas e enfeitar altares; outros a restaurar a paz e a concórdia entre aqueles que se desentenderam. Assim como as bordadeiras colocam ouro, prata e seda nos diversos artigos que estão decorando, com uma variedade de cores tão admirável que se assemelha a todos os tipos de flores, assim também essas almas piedosas escolhem alguma devoção particular para servir de base para o bordado espiritual de todas as

outras virtudes, mantendo, por meio dela, todas as suas ações e afeições melhor unidas e ordenadas, remetendo-as a esse fim principal; e assim manifestam seu espírito em suas vestes douradas, cercadas por uma variedade de virtudes.

Quando atacados por qualquer vício, devemos abraçar a prática da virtude contrária e atribuir a ela todas as outras, por meio da qual venceremos nosso inimigo e, ao mesmo tempo, progrediremos em todas as virtudes. Assim, se atacados pelo orgulho ou pela ira, devemos, por meio de nossas ações, voltar-nos para a humildade e a mansidão, e fazer com que todos os nossos exercícios de oração, os sacramentos e as virtudes da prudência, constância e sobriedade sejam subordinados a esse fim. Pois, assim como o javali, para afiar suas presas, as afia e lustra com os outros dentes, e por esse meio afia tudo ao mesmo tempo, assim também um homem virtuoso, tendo se empenhado em aperfeiçoar-se na virtude da qual mais necessita para sua defesa, a afia e lustra pelo exercício das outras virtudes, que, ao mesmo tempo que ajudam a afiar aquela, tornam todas elas mais excelentes e mais polidas. Foi assim que aconteceu com Jó, que, exercitando-se particularmente em paciência contra as muitas tentações com as quais foi assaltado, confirmou-se em todos os tipos de virtudes. Aliás, São Gregório Nazianzeno diz que, pelo exercício perfeito de uma virtude, uma pessoa pode atingir o ápice de todas as demais; para isso, ele cita o exemplo de Raabe, que, tendo praticado a virtude da hospitalidade, alcançou um grande grau de glória. Mas isso só se compreende quando tal virtude é praticada com grande fervor e caridade.

CAPÍTULO II.

Continuação do discurso anterior sobre a escolha das virtudes

Os jovens iniciantes na devoção, diz Santo Agostinho, cometem certas faltas que, segundo o rigor das leis da perfeição, são censuráveis e, no entanto, louváveis, devido à prefiguração que dão da futura excelência na piedade, à qual servem como disposição. Esse temor vil e servil que gera escrúpulos excessivos nas almas dos novos convertidos de um curso de pecado é louvável nos iniciantes, e um certo presságio de uma futura pureza de consciência; mas o mesmo temor seria censurável naqueles que estão muito avançados e em cujo coração deveria reinar o amor, que, por graus imperceptíveis, afasta esse temor servil.

São Bernardo, no início, era cheio de rigor para com aqueles que se colocavam sob sua direção; dizia-lhes que deveriam deixar o corpo para trás e vir a ele apenas com o espírito. Quando ouvia suas confissões, repreendia severamente suas faltas mais triviais e os instava à perfeição com tanta veemência que, em vez de fazê-los avançar, os fazia recuar; pois desanimavam ao se verem tão seriamente pressionados a uma subida tão íngreme e alta. Observe,

Filoteia, foi um zelo ardente pela pureza perfeita que induziu este grande santo a adotar essa maneira de proceder. Esse zelo do santo era uma grande virtude, mas uma virtude, ainda assim, repreensível; do qual o próprio Deus, em uma santa visão, o fez consciente, derramando ao mesmo tempo em sua alma um espírito tão adequado, amável e terno, que, sendo totalmente transformado, ele se arrependeu de seu antigo rigor e severidade, e se tornou tão gracioso e condescendente com todos a ponto de se fazer tudo para todos, para que pudesse ganhar a todos. São Jerônimo Naving relatou como sua querida filha, Santa Paula, não era apenas excessiva, mas obstinada, no exercício da mortificação corporal, a tal ponto, que ela não cedeu ao conselho contrário de Epifânio, seu bispo; e, além disso, que ela se deixou levar por uma tristeza tão excessiva pela morte de seu marido e filhos, a ponto de frequentemente estar em perigo de morte, conclui longamente com estas palavras: "Alguns dirão que, em vez de escrever os louvores desta santa mulher, culpo suas imperfeições e falhas; mas chamo Jesus como testemunha, a quem ela serviu e a quem desejo servir, de que não me afasto da verdade, nem de um lado nem de outro, mas registro sinceramente o que se relaciona a ela, como um cristão deve fazer de outro; isto é, escrevo sua história, não seu panegírico; e que seus vícios teriam sido virtudes em muitos outros": significando que as falhas e defeitos de Santa Paula teriam sido virtudes estimadas em uma alma menos perfeita; e que há ações consideradas imperfeições nos perfeitos, que seriam consideradas grandes perfeições naqueles que são imperfeitos.

Diz-se que é um bom sinal quando, durante a convalescença, as pernas do doente incham, pois mostra que a natureza, agora adquirindo força, expulsa seus humores supérfluos; mas isso seria um mau sintoma em alguém que não estivesse doente, pois mostraria que a natureza não tinha força suficiente para dissipar os humores nocivos. Devemos, Filoteia, ter uma boa opinião daqueles que praticam virtudes, embora possam ter imperfeições, visto que vemos que os próprios santos também tiveram imperfeições com frequência. Mas, quanto a nós mesmos, devemos ter o cuidado de nos esforçar para nos tornarmos o mais perfeitos possível, fielmente, mas discretamente; e para isso devemos observar rigorosamente o conselho do sábio: "não confiar em nossa própria prudência", mas no julgamento daqueles que Deus nos deu como diretores.

Há certas coisas que muitos consideram virtudes, embora na realidade não o sejam: refiro-me a êxtases ou arrebatamentos, insensibilidades, impassibilidades, uniões deíficas, elevações, transformações e perfeições semelhantes, tratadas em certos livros, que prometem elevar a alma a uma contemplação puramente intelectual, à aplicação essencial do espírito a uma vida sobrenatural. Mas observe bem, Filoteia, essas perfeições não são virtudes, mas sim a recompensa da virtude, ou pequenos prenúncios da felicidade da vida futura, que Deus às vezes concede aos homens, para fazê-los desejar a posse plena dela no céu.

Mas não devemos aspirar a tais favores, visto que não são de modo algum necessários para servir e amar a Deus, que deveria ser nossa

única pretensão; nem são tais que podem ser obtidos pelo trabalho e pela indústria, visto que são mais paixões do que ações que podemos de fato receber, mas não podemos produzir em nós mesmos. Nós apenas nos propusemos a nos tornar bons, devotos e piedosos; e devemos nos esforçar arduamente para sê-lo; mas se Deus quiser nos elevar a essas perfeições angélicas, seremos então também anjos bons neste mundo. Enquanto isso, esforcemo-nos, humilde e devotamente, para adquirir aquelas virtudes simples pelas quais nosso Salvador nos exortou a trabalhar; tais como paciência, mansidão, mortificação do coração, humildade, obediência, pobreza, castidade, amor ao próximo, tolerância com suas imperfeições, diligência e santo fervor. Deixemos esses favores supereminentes para as almas elevadas; Não merecemos tão alta posição no serviço de Deus: seríamos muito felizes em servi-Lo em Sua cozinha ou despensa, ou em ser Seus criados em posições muito inferiores. Se Ele, doravante, julgar apropriado nos admitir em Seu gabinete, ou conselho privado, será pelo excesso de Sua abundante bondade. Sim, Filoteia, o Rei da Glória não recompensa Seus servos de acordo com a dignidade dos cargos que ocupam, mas de acordo com a medida do amor e da humildade com que os exercem. Saul, buscando as jumentas de seu pai, encontrou o reino de Deus em Israel. Rebeca, dando de beber aos camelos de Abraão, tornou-se esposa de seu filho. Rute, recolhendo espigas após os ceifeiros de Boaz, e deitando-se a Seus pés, foi escolhida como sua esposa. Pretensões elevadas e elevadas a favores extraordinários estão sujeitas à ilusão e ao engano; e às vezes acontece que aqueles que se imaginam anjos nem sequer são homens bons, e que há mais

afetação e grandiloquência em suas palavras e expressões do que solidez em sua maneira de pensar e agir. Não devemos desprezar nem censurar ninguém, mas, bendizendo a Deus pela supereminência dos outros, manter-nos em nosso caminho inferior, porém mais seguro, que pode ser menos eminente, mas mais adequado à nossa insuficiência e pequenez: persuadidos de que, se nos conduzirmos com humildade e fidelidade, Deus infalivelmente nos elevará a uma posição que será realmente muito grande.

CAPÍTULO III.

Da Paciência

"É necessária a paciência, para que, fazendo a vontade de Deus, alcanceis a promessa" (Hb 10,36). Se o próprio nosso Salvador declarou: "Na vossa paciência possuireis as vossas almas" (Lc 21,19), não deveria ser a grande felicidade do homem, Filoteia, possuir a sua alma? E quanto mais perfeita for a nossa paciência, mais absolutamente a possuímos. Lembremo-nos frequentemente de que, assim como nosso Senhor nos salvou pelo sofrimento paciente, também nós devemos desenvolver a nossa salvação por meio de sofrimentos e aflições; suportando injúrias e contradições com toda a mansidão possível.

Não limite sua paciência a tais e tais injúrias e aflições, mas estenda-a a todas as que Deus lhe aprouver enviar. Alguns não estão dispostos a sofrer quaisquer tribulações, exceto aquelas que são honrosas; por exemplo, ser ferido em batalha, ser prisioneiro de guerra, ser perseguido por religião ou empobrecer por algum processo decidido em seu favor. Ora, essas pessoas não amam a tribulação, mas a honra que a acompanha; ao passo que aquele que é verdadeiramente paciente sofre tribulações indiferentemente, sejam elas acompanhadas de ignomínia ou de honra. Ser

desprezado, criticado ou acusado por homens maus é agradável a um homem de bom coração; mas sofrer censura e maus-tratos dos virtuosos, ou de nossos amigos e parentes, é o teste da verdadeira paciência. Admiro mais a mansidão com que o grande São Carlos Borromeu sofreu por muito tempo as censuras públicas que um grande pregador, de uma Ordem rigorosamente reformada, proferiu contra ele no púlpito, do que a paciência com que suportou os ataques que recebeu de muitas pessoas pecadoras; pois, assim como a picada de abelhas é muito mais dolorosa do que a de moscas, os males que sofremos de homens bons são muito mais insuportáveis do que os que sofremos de outros; e, no entanto, muitas vezes acontece que dois homens bons, tendo cada um deles as melhores intenções, por meio de uma diversidade de opiniões, causam grandes perseguições e contradições entre si.

Seja paciente, não apenas com relação ao assunto das aflições que podem lhe sobrevir, mas também com relação aos seus acessórios ou circunstâncias acidentais. Muitos se contentariam em enfrentar males, desde que não se sentissem incomodados por eles. Não me aborreço, diz um, por ser pobre, se isso não me impedisse de servir meus amigos, de dar educação adequada aos meus filhos ou de viver tão honradamente quanto eu poderia desejar. Não me preocuparia, diz outro, se o mundo não pensasse que aconteceu por minha própria culpa. Outro se contentaria em suportar um escândalo pacientemente, desde que ninguém acreditasse no detrator. Outros estão dispostos a sofrer parte do mal, mas não o todo: não se afligem por causa de sua doença, mas por causa da falta de dinheiro

para se curarem, ou porque são tão incômodos para aqueles ao seu redor. Agora eu digo, Filoteia, não devemos apenas suportar a doença com paciência, mas também nos contentar em sofrer a doença da maneira, no lugar e no tempo que Deus quiser; e o mesmo acontece com outras tribulações. Quando algum mal lhe sobrevier, aplique os remédios que estiverem ao seu alcance e que sejam conformes à vontade de Deus; pois agir de outra forma seria tentar a Divina Providência. Feito isso, aguarde com resignação o que Deus quiser enviar; se os remédios vencerem o mal, retribua-Lhe graças com humildade; mas se, ao contrário, o mal vencer os remédios, bendiga-O com paciência.

Atenda ao seguinte conselho de São Gregório: Sempre que for justamente acusado de uma falta, humilhe-se e confesse francamente que merece mais do que a acusação que lhe é feita; mas se a acusação for falsa, desculpe-se mansamente, negando sua culpa; pois você deve esse respeito à verdade e à edificação do seu próximo. Mas se, após sua verdadeira e legítima desculpa, continuarem a acusá-lo, não se incomode nem se esforce para que sua desculpa seja aceita; pois, tendo cumprido seu dever para com a verdade, você também deve fazer o mesmo com a humildade, por meio da qual não ofende o cuidado que deve ter com sua reputação, nem o amor que deve à paz e à mansidão de coração.

Reclame o mínimo possível das injustiças que lhe foram cometidas; pois, em geral, quem se queixa peca, porque o amor-próprio amplia as injúrias que nos foram feitas e nos faz acreditar que são maiores

do que realmente são. Não se queixe de pessoas apaixonadas ou críticas; mas, se as queixas forem necessárias, seja para remediar a ofensa ou restaurar a tranquilidade da sua mente, que sejam feitas aos mansos e caridosos, que verdadeiramente amam a Deus; caso contrário, em vez de aliviar o seu coração, provocarão nele uma dor maior; pois, em vez de arrancar o espinho, o enfiarão mais fundo.

Muitos, ao ficarem doentes, afligidos ou feridos por outros, abstêm-se de reclamar ou demonstrar sensibilidade pelo que sofrem, para que não pareça que lhes falta a fortaleza cristã e a resignação à vontade de Deus; mas, ainda assim, inventam diversos artifícios para que os outros não apenas se compadeçam e se compadeçam de seus sofrimentos e aflições, mas também admirem sua paciência e fortaleza. Ora, isso não é paciência verdadeira, mas sim ambição refinada e vaidade sutil. "Eles têm glória", diz o apóstolo, "mas não com Deus". O homem verdadeiramente paciente não se queixa nem deseja ser lamentado pelos outros; fala de seus sofrimentos com verdade e sinceridade, sem murmurar, reclamar ou agravar a situação; pacientemente se permite ser consolido pelos outros, a menos que se compadeçam dele por um mal que ele não tem; pois então ele declarará modestamente que não sofre por isso: e assim ele preserva a tranquilidade de sua alma entre a verdade e a paciência, reconhecendo, mas não reclamando do mal.

Em meio às contradições que infalivelmente vos sobrevirão no exercício da devoção, lembrai-vos das palavras de Nosso Senhor (João, 16, 21): "A mulher, quando está para dar à luz, sente tristeza,

porque é chegada a sua hora; mas, depois de dar à luz o filho, já não se lembra da aflição, pela alegria de haver nascido um homem no mundo." Agora, desejais absolutamente trabalhar para ter Jesus Cristo em vosso coração e em vossas obras, e não podeis deixar de sofrer em vosso trabalho; mas tende bom ânimo, uma vez passadas essas tristezas, a alegria eterna permanecerá convosco. Jesus, que viverá em vós, encherá a vossa alma de inefável felicidade.

Na doença, ofereça todas as suas dores e sofrimentos em sacrifício ao nosso Senhor e implore a Ele que os una aos tormentos que Ele sofreu por você. Obedeça aos seus médicos; tome seus remédios, alimentos e outros remédios, por amor a Deus, lembrando-se do fel que Ele tomou por você; deseje ser curado para servi-Lo, mas não se recuse a continuar doente para poder obedecê-Lo; disponha-se a morrer, se for do Seu agrado, para que possa louvá-Lo e gozá-Lo para sempre.

Lembre-se de que, assim como as abelhas, enquanto produzem seu mel, vivem de uma provisão amarga, nunca poderemos realizar atos de maior doçura, nem compor melhor o mel de virtudes excelentes, do que enquanto comemos o pão da amargura e vivemos em meio às aflições. E, assim como o mel colhido das flores do tomilho, uma pequena erva amarga, é o melhor, assim a virtude exercida na amargura das tribulações mais vis e abjetas é a mais excelente.

Olhe frequentemente para Cristo Jesus crucificado, nu, blasfemado, caluniado, abandonado e oprimido por todos os tipos de problemas, tristezas e trabalhos, e considere que todos os seus sofrimentos,

nem em qualidade nem em quantidade, são comparáveis aos dele, e que você nunca poderá sofrer nada por Ele igual ao que Ele suportou por você.

Considere os tormentos que os mártires sofreram, e aqueles que muitos atualmente suportam, mais dolorosos do que os seus, e então diga: Ai de mim! Meus sofrimentos não são consolações, e minhas dores, prazeres, em comparação com aqueles que, sem qualquer alívio, assistência ou mitigação, vivem em uma morte contínua, oprimidos por aflições infinitamente maiores que as minhas?

CAPÍTULO IV.

Humildade Exterior

"Tomai emprestadas muitas vasilhas vazias", disse Eliseu à pobre viúva (4 Reis, iv. 3), "e deitai nelas azeite". Para receber a graça de Deus em nossos corações, eles devem ser esvaziados da vanglória. Assim como o castrel, uma ave da espécie do gavião, ao gritar e olhar para as aves de rapina, as assusta por uma propriedade secreta que lhe é peculiar, que faz com que a pomba a ame acima de todas as outras aves e viva em segurança com ela, assim a humildade repele Satanás e preserva as graças e os dons do Espírito Santo em nós; e, portanto, todos os santos, mas particularmente o Rei dos Santos e sua Mãe, sempre honraram e estimaram esta virtude bendita mais do que qualquer outra virtude moral. Chamamos de vã aquela glória que assumimos para nós mesmos, seja pelo que não está em nós, seja pelo que está em nós, mas não merece que nos gloriemos nela. A nobreza de nossos ancestrais, o favor de grandes homens e a honra popular não são coisas nossas, mas sim de nossos progenitores ou da estima de outros homens. Alguns se tornam orgulhosos ou insolentes por montarem um bom cavalo, usarem uma pena no chapéu ou se vestirem com um belo traje. Mas quem não percebe a loucura disso? Pois, se há alguma

glória em tais coisas, a glória pertence ao cavalo, ao pássaro e ao alfaiate; e que mesquinharia deve ser tomar emprestado o apreço de um cavalo, de uma pena ou de alguma nova moda ridícula? Outros se valorizam por causa de uma barba bem aparada, cabelos cacheados, mãos macias; ou porque sabem dançar, cantar ou tocar; mas não são homens efeminados aqueles que buscam elevar sua reputação com coisas tão frívolas e tolas? Outros, por causa de um pouco de conhecimento, seriam honrados e respeitados por todo o mundo, como se todos devessem se tornar seus alunos e considerá-los seus mestres. Tais pessoas são, portanto: chamados de pedantes. Outros se pavoneiam como pavões, contemplando sua beleza, e se consideram admirados por todos. Tudo isso é extremamente superficial, tolo e impertinente; e a glória que se ergue sobre fundamentos tão frágeis é, com razão, considerada vã e frívola.

A verdadeira bondade é comprovada como o verdadeiro bálsamo: pois, assim como o bálsamo, quando jogado na água, se afunda e repousa no fundo, é considerado o mais excelente e precioso; assim, se você quer saber se um homem é verdadeiramente sábio, culto ou generoso, observe se suas qualificações tendem à humildade, à modéstia e à submissão, pois então serão realmente boas; mas se flutuarem na superfície e se esforçarem para aparecer acima da água, serão tanto menos verdadeiras quanto mais elevadas forem. Assim como as pérolas que se formam durante tempestades e trovões não têm nada da substância, mas apenas a aparência externa da pérola, assim também as virtudes e boas qualidades dos

homens que são criados e nutridos pelo orgulho, ostentação e vaidade não têm nada além da aparência do bem, sem qualquer solidez.

Honras, posição e dignidades são como o açafrão, que floresce melhor e cresce mais abundantemente quando pisoteado. Não é honra ser belo quando um homem se preza por isso: a beleza, para ser agradável, deve ser negligenciada; e o saber é uma vergonha para nós, quando nos envaidece e degenera em pedantismo.

Se formos excessivamente ansiosos por lugares, precedências e títulos, além de expor nossas qualidades para serem examinadas, testadas e contraditas, nós as tornamos vis e desprezíveis; pois, assim como a honra é bela quando dada livremente, torna-se vil quando exigida ou buscada. Quando o pavão abre a cauda para se admirar, ao levantar suas belas penas, ele eriça todos os outros e descobre suas deformidades. Flores que são belas enquanto crescem na terra murcham e murcham quando manuseadas; e assim como aqueles que cheiram a mandrágora à distância, ou apenas de passagem, percebem um odor muito agradável, enquanto aqueles que a cheiram muito perto e por muito tempo ficam enjoados e estupefatos, assim as honras proporcionam uma satisfação agradável àqueles que as cheiram levemente e de longe, sem parar para se divertir com elas ou para se dedicar a elas; mas aqueles que as buscam ou se alimentam delas são extremamente censuráveis e dignos de repreensão.

A busca e o amor pela virtude tendem a nos tornar virtuosos; mas a busca e o amor pela honra nos tornam desprezíveis e dignos de censura. Mentes generosas não se divertem com os brinquedinhos de posição, honra e saudação: elas têm outras coisas para fazer; tais bugigangas pertencem apenas a espíritos degenerados.

Aquele que pode ter pérolas nunca se enche de conchas; e aqueles que aspiram à virtude não se preocupam com honrarias. Cada um, de fato, pode ocupar e manter seu próprio lugar sem prejuízo da humildade, desde que isso seja feito com descuido e sem ostentação. Pois, assim como os que vêm do Peru, além de ouro e prata, trazem de lá também macacos e papagaios, porque não custam muito nem são penosos, assim também os que aspiram à virtude não recusam a posição e as honras que lhes são devidas, desde que não lhes custe muito cuidado e atenção, nem os envolva em problemas, ansiedade ou contendas. No entanto, não me refiro aqui àqueles cuja dignidade diz respeito ao público, nem a certas ocasiões particulares de importância; pois nestas cada um deve guardar o que lhe pertence com prudência e discrição, acompanhadas de caridade e suavidade de

CAPÍTULO V.

Humildade Interna

Mas tu, Filoteia, desejas penetrar ainda mais profundamente na humildade; pois o que eu disse até agora diz respeito mais à sabedoria do que à humildade. Passemos, então, mais adiante. Muitos não ousarão considerar os favores particulares que Deus lhes fez, para que isso não excite a vaidade e a autocomplacência; mas, ao fazê-lo, enganam-se a si mesmos; pois, como o melhor meio para alcançar o amor de Deus, diz o grande doutor angélico, é a consideração de seus benefícios, quanto mais os conhecermos, mais O amaremos; e, como os benefícios particulares que Ele nos conferiu nos comovem mais poderosamente do que aqueles que são comuns aos outros, assim devem ser considerados com mais atenção. Certamente, nada pode nos humilhar tão eficazmente diante da misericórdia de Deus quanto a multidão de seus benefícios; nem nos humilhar tão diante de sua justiça quanto a enormidade de nossas inumeráveis ofensas. Consideremos, então, o que Ele fez por nós e o que fizemos contra Ele; E, ao refletirmos sobre nossos pecados um por um, consideremos seus favores na mesma ordem. Não devemos temer que o conhecimento de seus dons nos envaideça, contanto que estejamos atentos à verdade: "Tudo o que há de bom em nós

não provém de nós". Ai de nós! As mulas deixam de ser animais estúpidos e sujos mesmo quando carregadas com os bens preciosos e perfumados de um príncipe? "Que tens tu que não tenhas recebido?", diz o Apóstolo (1 Coríntios 4:7). "E se recebeste, por que te glorias?" Não, pelo contrário, a consideração viva dos favores recebidos nos torna humildes, porque o conhecimento deles gera gratidão. Mas se, ao considerarmos os favores que Deus nos concedeu, algum pensamento de vaidade nos atacar, será um remédio infalível recorrer à consideração de nossas ingratidões, imperfeições e misérias. Se considerarmos como agimos quando Deus não estava conosco, facilmente nos convenceremos de que o que fazemos enquanto Ele está conosco não é obra nossa ou fruto de nosso crescimento; de fato, nos alegraremos com isso, porque o apreciamos; mas glorificaremos a Deus, porque Ele é o único Autor disso. Assim, a Santíssima Virgem confessa que Deus fez grandes coisas por ela, mas é apenas para aproveitar a ocasião para se humilhar e glorificá-Lo. "Minha alma", diz ela, "engrandece o Senhor, porque Ele fez grandes coisas por mim" (Lucas, 1:46-49).

Muitas vezes nos reconhecemos como nada, ou melhor, como a própria miséria e o lixo do mundo; mas lamentaríamos muito que alguém nos levasse a sério ou dissesse aos outros que somos, na verdade, uns miseráveis. Ao contrário, fingimos fugir e nos esconder, para que o mundo corra atrás de nós e nos procure. Fingimos nos considerar os últimos da companhia e nos sentamos na extremidade mais baixa da mesa, mas é com a intenção de que nos digam para passar para a extremidade superior. A verdadeira humildade nunca

se exhibe, nem usa muitas palavras humildes; pois deseja não apenas ocultar todas as outras virtudes, mas principalmente a si mesma; e, se lhe fosse lícito dissimular ou escandalizar o próximo, praticaria atos de arrogância e altivez para se esconder sob eles e permanecer completamente desconhecida.

Meu conselho, portanto, Filoteia, é que não nos habituemos a palavras de humildade, ou então as usemos com um sentimento interior sincero, conforme o que pronunciamos exteriormente. Nunca baixemos os olhos, exceto quando humilhamos nossos corações; não pareçamos desejar ser os mais baixos, a menos que o desejemos sinceramente. Ora, considero esta regra tão geral que não admite exceção; apenas acrescento que a civilidade exige que às vezes ofereçamos precedência àqueles que sem dúvida a recusarão; e, no entanto, isso não é jogo duplo nem falsa humildade; pois, neste caso, como a oferta de precedência é apenas o começo da honra, e uma vez que não podemos dá-la inteiramente a eles, fazemos bem em dar-lhes o começo. Digo que, embora algumas expressões de honra ou respeito possam não parecer estritamente conformes à verdade, ainda assim o são suficientemente, desde que o coração de quem as pronuncia tenha a sincera intenção de honrar e respeitar aquele a quem são dirigidas; Pois, embora as palavras signifiquem, com algum excesso, o que diríamos, não é errado usá-las quando o costume comum o exige; contudo, gostaria que nossas palavras fossem sempre o mais adequadas possível aos nossos afetos, para que pudéssemos seguir em tudo, e através de tudo, uma cordial sinceridade e candura. Um

homem verdadeiramente humilde preferiria que outro dissesse dele que é miserável, que não é nada e que não serve para nada, do que ele mesmo dizer isso: pelo menos, se sabe que alguém diz isso, não o contradiz, mas concorda de todo o coração; pois, acreditando firmemente nisso, fica feliz em ter outros com a mesma opinião.

Muitos dizem que deixam a oração mental para aqueles que são perfeitos; que, por sua vez, são indignos de usá-la. Outros protestam que não ousam comungar com frequência, porque não se consideram suficientemente puros. Outros temem que possam trazer desgraça à devoção se interferirem nela, em razão de sua grande miséria e fragilidade. Outros se recusam a empregar seus talentos a serviço de Deus e do próximo, dizendo que conhecem sua própria fraqueza e temem se tornar orgulhosos se forem instrumentos de algum bem; e que, ao iluminar os outros, se consumiriam nas chamas da vaidade. Tudo isso nada mais é do que um espírito artificial de humildade, falso e malicioso, pelo qual eles, tácita e sutilmente, procuram encontrar defeitos nas coisas de Deus; ou, na melhor das hipóteses, esconder o amor à própria opinião, o humor e a preguiça sob o véu da humildade. "Pede ao Senhor teu Deus um sinal, seja até o abismo do inferno, seja até as alturas lá em cima", disse o profeta Isaías ao infeliz Acaz; E ele respondeu: "Não pedirei, nem tentarei o Senhor." Oh, o homem perverso! Ele parece ter uma reverência extrema a Deus, e se desculpa, sob o pretexto da humildade, de aspirar àquela graça que a Bondade Divina lhe oferece; mas ele vê que, quando Deus deseja nos dar suas graças, é orgulho recusá-las? Que os dons de Deus nos obrigam a recebê-los;

e que é humildade obedecer e atender, tanto quanto pudermos, aos seus desejos? Ora, o desejo de Deus é que sejamos perfeitos, unindo-nos a Ele e imitando-O o mais fielmente possível. O homem orgulhoso, que confia em si mesmo, tem justa razão para não tentar nada; mas aquele que é humilde é tanto mais corajoso quanto reconhece sua própria incapacidade; e quanto mais miserável se estima, mais confiante se torna, porque coloca toda a sua confiança em Deus, que se deleita em mostrar sua onipotência em nossa fraqueza e elevar sua misericórdia sobre nossa miséria. Podemos, então, humilde e devotamente presumir empreender tudo o que for julgado apropriado para nosso progresso por aqueles que guiam nossas almas.

Imaginar que sabemos o que não sabemos é uma grande loucura; desejar que se suponha que saibamos aquilo que ignoramos é uma vaidade intolerável. De minha parte, assim como não faria alarde do conhecimento, mesmo daquilo que sei, também, por outro lado, não fingiria ignorá-lo. Quando a caridade o exigir, devemos comunicar livre e discretamente ao nosso próximo não apenas o que é necessário para sua instrução, mas também o que é proveitoso para sua consolação; visto que a humildade, que oculta as virtudes para preservá-las, as descobre, no entanto, quando a caridade o exige, para que possamos ampliá-las, aumentá-las e aperfeiçoá-las. Nisso ela imita uma certa árvore nas ilhas de Tylos, que à noite fecha seus belos cravos e só os abre ao sol nascente; E, assim como os habitantes do país dizem que essas flores dormem à noite, assim a humildade encobre todas as nossas virtudes e perfeições humanas,

e nunca as deixa transparecer senão por causa da caridade, que, não sendo uma virtude humana e moral, mas divina e celestial, é o verdadeiro sol de todas as outras virtudes, sobre as quais ela deve sempre ter domínio. De modo que a humildade, que é prejudicial à caridade, é seguramente falsa.

Eu não fingiria ser um tolo nem um sábio; pois se a humildade me proíbe de esconder minha sabedoria, a candura e a sinceridade também me proíbem de imitar o tolo; e, assim como a vaidade é o oposto da humildade, o artifício, a afetação e a dissimulação são contrários à simplicidade e à sinceridade. Mas se alguns grandes servos de Deus fingiram ser tolos, a fim de se tornarem mais abjetos aos olhos do mundo, devemos admirá-los, mas não imitá-los; pois, tendo tido motivos peculiares e extraordinários que os induziram a esse excesso, ninguém deveria daí tirar qualquer conclusão para si mesmo. Davi, quando dançou e saltou diante da arca da aliança, talvez até mais do que a decência comum exigia, não tinha intenção de fazer o mundo acreditar que ele era um tolo, mas, com toda a simplicidade e sem artifício, fez uso desses movimentos exteriores para expressar a alegria extraordinária e excessiva que sentia em seu coração; e quando Mical, sua esposa, o repreendeu por isso, como um ato de loucura, ele não se arrependeu de se ver vilipendiado, mas, continuando numa manifestação verdadeira e sincera de sua alegria, testemunhou que estava feliz em receber alguma reprovação por amor ao seu Deus. Portanto, lembra-te, Filoteia, que se por atos de devoção verdadeira e sincera o mundo te estimar, por outro lado, vil, abjeta ou tola, a humildade te fará

alegrar-te com esta feliz reprovação, cuja causa não está em ti, mas naqueles que te reprovam.

CAPÍTULO VI.

A humildade nos faz gostar da nossa própria abjeção

Prossigo adiante e te digo, Filoteia, que em tudo e por meio de tudo, deves amar a tua própria abjeção. Mas tu me perguntarás: o que é amar a tua própria abjeção? Em latim, abjeção significa humildade, e humildade significa abjeção; de modo que quando Nossa Senhora, em seu cântico sagrado, diz que todas as gerações a chamarão bem-aventurada, porque Nosso Senhor considerou a humildade de sua serva, o que ela quer dizer é que Nosso Senhor graciosamente olhou para sua abjeção e baixeza, a fim de acumular suas graças e favores sobre ela. No entanto, há uma diferença entre a virtude da humildade e a nossa abjeção, pois nossa abjeção é a baixeza, a baixeza e a baixeza que estão em nós sem que tenhamos consciência disso; ao passo que a virtude da humildade é um conhecimento verdadeiro e um reconhecimento voluntário de nossa abjeção. Ora, o ponto principal desta humildade consiste em estarmos dispostos, não apenas a reconhecer nossa abjeção, mas a amá-la e deleitar-nos nela; e isso, não por falta de coragem e generosidade, mas para a maior exaltação da Divina Majestade, e para que possamos ter o nosso próximo em maior estima do que a

nós mesmos. A isto vos exorto; e para que me possais compreender melhor, digo-vos que, entre os males que sofremos, alguns são abjetos e outros honrosos; muitos podem facilmente acomodar-se aos males que são honrosos, mas quase ninguém aos que são abjetos. Vês um velho eremita devoto coberto de trapos e tremendo de frio; todos honram as suas roupas esfarrapadas e compadecem-se dos seus sofrimentos; mas se um pobre comerciante ou um cavalheiro se encontra numa condição semelhante, o mundo despreza-o e zomba dele; e assim vês que a sua pobreza é abjeta. Um homem religioso recebe uma repreensão severa de seu superior, ou um filho de seu pai com mansidão, e todos chamam isso de mortificação, obediência e sabedoria; mas se um cavalheiro ou uma dama sofresse o mesmo de outro, mesmo que fosse por amor a Deus, isso seria chamado de covardia e falta de espírito. Eis, então, outro mal que é abjeto. Um tem uma úlcera no braço, outro no rosto; o primeiro tem apenas a doença, mas o outro, juntamente com a doença, tem desprezo, desgraça e abjeção. Digo, então, que não devemos apenas amar o mal, que é a função da paciência, mas também abraçar a abjeção em virtude da humildade. Há, além disso, virtudes que são abjetas e virtudes que são honrosas. Paciência, mansidão, simplicidade e até mesmo a própria humildade são virtudes que os mundanos consideram mesquinhas e abjetas; enquanto, ao contrário, têm a prudência, a fortaleza e a liberalidade na mais alta estima. Há também ações de uma mesma virtude, algumas das quais são desprezadas e outras honradas; dar esmola e perdoar injúrias são ambos atos de caridade; contudo, o primeiro é honrado, enquanto o segundo é desprezado aos olhos do mundo.

Uma jovem ou um cavalheiro que se recusa a participar das desordens de uma companhia frívola, ou a falar, brincar, dançar, beber ou se vestir como os demais, incorre em seu desprezo e censura, e sua modéstia é chamada de intolerância e afetação. Amar isso é amar nossa própria abjeção.

Eis uma abjeção de outro tipo. Vamos visitar os doentes. Se me enviarem aos mais miseráveis, será para mim uma abjeção segundo o mundo, e por isso a amarei. Se me enviarem a uma pessoa de qualidade, será uma abjeção segundo o espírito; pois não há tanta virtude nem mérito nisso, e, portanto, amarei essa abjeção. Alguém cai no meio da rua e, além da queda, recebe vergonha: devemos amar essa abjeção. Há até faltas que não têm outro mal senão a abjeção; e a humildade não exige que as cometamos deliberadamente, mas que não nos irriteemos quando as cometemos. Tais são certas loucuras, incivildades e inadvertências que, assim como devemos evitá-las antes que sejam cometidas, por uma questão de civilidade e discrição, assim também, quando são cometidas, devemos nos contentar com a abjeção que encontramos e aceitá-la de bom grado, por uma questão de praticar a humildade.

Digo ainda mais: se eu, por paixão ou raiva, tivesse falado quaisquer palavras impróprias, pelas quais Deus e meu próximo pudessem ter sido ofendidos, eu me arrependeria e ficaria arrependido pela ofensa, e me esforçaria para fazer a melhor reparação que eu pudesse, mas ainda assim admitiria a abjeção e o desprezo que isso

trouxe sobre mim; e, se uma pudesse ser separada da outra, eu alegremente rejeitaria o pecado e humildemente reteria a abjeção.

Mas, embora amemos a abjeção que se segue ao mal, não devemos negligenciar, por meios adequados e lícitos, a reparação do mal que o causou, especialmente quando é importante. Por exemplo, se eu tiver alguma doença desagradável no rosto, esforçar-me-ei por curá-la, mas não com a intenção de esquecer a abjeção que recebi por ela. Se fui culpado de alguma tolice que não ofendeu ninguém, não me desculparei por ela; porque, embora fosse uma ofensa, não é permanente! Não poderia, portanto, desculpá-la, mas apenas com a intenção de me livrar da abjeção, o que não seria agradável à humildade. Mas se, por inadvertência ou por outro motivo, eu tiver ofendido ou escandalizado alguém, repararei a ofensa com alguma desculpa verdadeira, porque o mal é permanente e a caridade me obriga a removê-lo. Além disso, às vezes acontece que a caridade exige que removamos a abjeção para o bem do nosso próximo, para quem a nossa reputação é necessária; mas em tal caso, embora removamos a abjeção de diante dos olhos do nosso próximo, para evitar escândalo, ainda assim devemos cuidadosamente fechá-la em nosso coração para sua edificação.

Mas, Filoteia, queres saber quais são as melhores abjeções? Digo-te claramente que são as mais proveitosas para as nossas almas e as mais aceitáveis a Deus as que nos sobrevêm por acidente ou pela nossa condição de vida, porque não as escolhemos nós mesmos, mas as recebemos como enviadas por Deus, cuja escolha é sempre

melhor do que a nossa. Mas, se tivéssemos de escolher alguma, preferiríamos a maior; e as que são estimadas, as mais contrárias às nossas inclinações, desde que sejam conformes à nossa vocação; pois, como já disse, a nossa própria escolha e eleição estragam ou diminuem quase todas as nossas virtudes. Oh! Quem nos permitirá dizer: "Escolhi ser abjeto na casa de Deus, em vez de habitar nos palácios dos pecadores" (Sl 131, 11)? Ninguém, certamente, Filoteia, a não ser Aquele que nos exalta, viveu e morreu de tal maneira que se tornasse o opróbrio dos homens e a abjeção do povo. Eu disse muitas coisas a você, que podem parecer difíceis na teoria, mas acredite, elas serão mais doces que açúcar ou mel quando você as colocar em prática.

CAPÍTULO VII.

Como devemos preservar nosso bom nome na prática da humildade

Louvor, honra e glória não são dados aos homens por todo grau de virtude, mas por uma excelência de virtude; pois pelo louvor nos esforçamos para persuadir os outros a estimar a excelência daqueles a quem louvamos; pela honra testemunhamos que nós mesmos os estimamos; e a glória, em minha opinião, nada mais é do que um certo brilho de reputação que surge da concorrência de louvor e honra; de modo que honra e louvor são como pedras preciosas, de uma coleção da qual procede a glória, como um certo esmalte. Ora, a humildade, proibindo-nos de ter qualquer estima por nossa própria excelência, ou de nos considerarmos dignos de sermos preferidos aos outros, conseqüentemente não pode permitir que busquemos louvor, honra ou glória, que são devidos apenas à excelência. Contudo, consente ao conselho do sábio, que nos admoesta a zelar pelo nosso bom nome (Eclesiastes 41, 15), porque um bom nome é uma estima, não pela excelência, mas pela honestidade e integridade de vida comuns, que a humildade não nos proíbe de

reconhecer em nós mesmos, nem, por consequência, de desejar a sua reputação. É verdade que a humildade desprezaria um bom nome se a caridade não precisasse dele; mas porque é um dos fundamentos da sociedade humana, e porque sem ele não somos apenas inúteis, mas prejudiciais ao público, por causa do escândalo que receberia — a caridade exige e a humildade consente que o desejemos e o preservemos cuidadosamente.

Além disso, assim como as folhas, que em si mesmas são de pouco valor, são, no entanto, necessárias, não apenas para embelezar a árvore, mas também para preservar seus frutos jovens e tenros, assim também uma boa reputação, que por si só não é algo muito desejável, é, no entanto, muito proveitosa, não apenas para o ornamento da vida, mas também para a preservação da virtude, especialmente daquelas virtudes que ainda são fracas e tenras.

A obrigação de preservar nossa reputação e de sermos realmente tais como somos considerados impele um espírito generoso com um impulso forte e agradável. Preservemos, então, nossas virtudes, Filoteia, porque elas são aceitáveis a Deus, o objeto soberano de todas as nossas ações. Mas, assim como aqueles que desejam preservar os frutos não se contentam em adoçá-los com açúcar, mas também em guardá-los em recipientes adequados, assim, embora o amor a Deus possa ser o principal preservador de nossa virtude, podemos, além disso, empregar nosso bom nome como muito conveniente e proveitoso para esse propósito.

Contudo, não devemos ser excessivamente gentis com relação à preservação de nosso bom nome; pois aqueles que são muito ternos e sensíveis neste ponto são como aqueles que, por qualquer leve indisposição, tomam remédios e, pensando em preservar sua saúde, a destroem completamente; assim fazem aqueles que se esforçam tão delicadamente para manter sua reputação, perdendo-a completamente; pois, por essa ternura, eles se tornam caprichosos, briguentos e insuportáveis, e assim provocam a malícia de

Ignorar e desprezar uma injúria ou calúnia é, em termos gerais, um remédio muito mais eficaz do que o ressentimento, a contenda e a vingança; pois o desprezo por eles faz com que desapareçam; ao passo que, se ficamos com raiva por causa deles, parece que os reconhecemos.

Um medo excessivo de perder nosso bom nome revela uma grande desconfiança de seu mérito, ou da virtude que o fundamenta. Assim como os habitantes de cidades que têm pontes de madeira sobre grandes rios temem ser arrastados por qualquer pequena enchente, mas aqueles que têm pontes de pedra só temem inundações extraordinárias, assim também aqueles que têm uma alma solidamente alicerçada na virtude cristã desprezam o transbordamento de línguas injuriosas; mas aqueles que se sentem fracos são perturbados por qualquer discurso. Em suma, Filoteia, aquele que se preocupa excessivamente em preservar sua reputação a perde; e merece perder sua honra aquele que busca obtê-la

daqueles cujos vícios os tornam verdadeiramente infames e desonrosos.

A reputação é apenas um sinal para indicar onde reside a virtude; é a virtude, portanto, que deve ser preferida em todos e por todos. Portanto, se alguém te chamar de hipócrita, porque te dedicas à devoção, ou de covarde porque perdoaste uma injúria, ri dele; pois, além do fato de que tais julgamentos nos são feitos pelos fracos e tolos, não devemos abandonar ou nos desviar do caminho da virtude, embora com isso percamos nossa reputação, porque devemos preferir os frutos às folhas, isto é, as graças interiores e espirituais a todos os bens exteriores. É lícito ser ciumento, mas não um adorador de nossa reputação; e assim como não devemos ofender os olhos dos bons, devemos nos esforçar para satisfazer os dos maus. A barba é um ornamento para o rosto de um homem, e o cabelo para a cabeça de uma mulher: se alguém arrancar pela raiz a barba do queixo e o cabelo da cabeça, raramente crescerão novamente; Mas se for apenas cortada, ou melhor, mesmo que seja raspada rente, logo brotará de novo e se tornará mais forte e espessa do que antes; assim, embora nossa reputação possa ser cortada, ou mesmo raspada rente, pelas línguas dos detratores, que Davi compara a navalhas afiadas, não devemos nos deixar apreensivos, pois ela logo brotará novamente, não apenas tão bela quanto antes, mas muito mais firme e durável. Mas se nossos vícios e maus hábitos de vida nos tirarem a reputação, ela raramente retornará, porque é arrancada pela raiz; pois a raiz de um bom

nome é a virtude e a probidade, que, enquanto permanecerem em nós, sempre podem recuperar a honra que lhes é devida.

Se alguma conversa vã, hábito ocioso, amor afetuoso ou costume de frequentar companhias impróprias manchar nossa reputação, devemos abandonar essas gratificações, porque nosso bom nome é mais valioso do que tais contentamentos vãos. Mas se, em nome do exercício da piedade, do avanço da devoção ou da caminhada rumo ao céu, os homens resmungam, murmuram e falam mal de nós, deixemo-los, como cães, ladrar para a lua; pois se, a qualquer momento, puderem lançar uma calúnia sobre nosso bom nome e, por esse meio, cortar e raspar a barba de nossa reputação, ela rapidamente ressurgirá, e a navalha da difamação será tão vantajosa para nossa honra quanto a podadeira para a videira, que a faz se espalhar e multiplicar em frutos.

Fixemos incessantemente nossos olhos em Jesus Cristo crucificado e prossigamos em seu serviço com confiança e sinceridade, mas também com sabedoria e discrição: Ele será o protetor de nossa reputação; e se Ele permitir que ela nos seja tirada, será para restaurá-la com vantagem, ou para nos fazer lucrar em santa humildade, da qual uma onça é preferível a dez mil libras de honras. Se formos injustamente acusados, oponhamos pacificamente a verdade à calúnia; se a calúnia persistir, continuemos também a nos humilhar, entregando nossa reputação, juntamente com nossa alma, nas mãos de Deus: não podemos garanti-la melhor. Sirvamos a Deus com boa e má fama (2 Coríntios 6), segundo o exemplo de São

Paulo, para que possamos dizer com Davi (Salmo 183): "Por amor de ti, Senhor, suportei afronta, e a vergonha cobriu o meu rosto." Faço uma exceção, no entanto, para certos crimes, tão horríveis e infames, que nenhum homem deve sofrer a falsa imputação deles, se puder se absolver com justiça; e também para certas pessoas de cuja reputação depende a edificação de muitos; pois nesses casos, de acordo com a opinião dos teólogos, devemos buscar silenciosamente uma reparação pelo mal recebido.

CAPÍTULO VIII.

Da mansidão para com o próximo e dos remédios contra a ira

O santo crisma, que por tradição apostólica usamos na Igreja de Deus para confirmações e consagrações, é composto de óleo de oliveira misturado com bálsamo, que, entre outras coisas, representam para nós as duas virtudes favoritas e muito amadas que brilharam na sagrada pessoa de nosso Senhor, e que Ele nos recomendou vigorosamente; pois por elas nosso coração deve ser de maneira particular consagrado ao seu serviço e dedicado à sua imitação. "Aprendeis de mim", diz Ele, "que sou manso e humilde de coração" (Mt 12,29). A humildade nos aperfeiçoa em relação a Deus e a mansidão em relação ao próximo. O bálsamo que, como já observei, sempre se funde com todos os outros licores, representa a humildade; E o azeite de oliveiras, que sempre flutua acima, representa a mansidão e a doçura, que superam todas as coisas e se destacam entre as virtudes, como sendo a flor da caridade, que, segundo São Bernardo, está em sua perfeição quando não é apenas paciente, mas também mansa e suave. Mas tome cuidado, Filoteia,

para que este crisma místico, composto de mansidão e humildade, esteja dentro de seu coração: pois é um dos grandes artifícios do inimigo fazer com que muitos se enganem com as expressões e aparências exteriores dessas virtudes, os quais, não examinando cuidadosamente suas afeições interiores, se consideram humildes e mansos, quando, na realidade, não há virtudes às quais tenham menos pretensões; e isso pode ser facilmente descoberto, pois, apesar de toda a sua cerimoniosa mansidão e humildade, à menor palavra áspera ou menor injúria, eles se envaidecem com arrogância incomparável.

O santo e ilustre patriarca José, ao enviar seus irmãos do Egito de volta à casa de seu pai, deu-lhes este conselho: "Não vos irriteis uns com os outros pelo caminho" (Gn 45,29). Digo o mesmo a ti, Filoteia; esta vida miserável é apenas uma jornada para a vida feliz que há de vir: não nos irriteemos uns com os outros pelo caminho, mas sim marchemos com a tropa de nossos irmãos e companheiros, mansamente, pacificamente e amorosamente; não, digo-te, absolutamente e sem exceção, não te irrites de forma alguma, se for possível, e não admitas pretexto algum para abrir a porta do teu coração a uma paixão tão destrutiva, pois São Tiago nos diz categoricamente e sem reservas: "A ira do homem não opera a justiça de Deus" (Tiago 1). Devemos, de fato, resistir ao mal e conter os vícios daqueles sob nossa responsabilidade constante e corajosamente, mas ainda assim com mansidão e compaixão. Nada apazigua tão rapidamente o elefante enfurecido quanto a visão de um cordeirinho, e nada quebra tão facilmente a força de um tiro de

canhão quanto a lâ. Não valorizamos a correção que procede da paixão, embora acompanhada da razão, tanto quanto aquela que procede apenas da razão; pois a alma racional, estando naturalmente sujeita à razão, nunca está sujeita à paixão, a não ser pela tirania; e, portanto, quando a razão é acompanhada pela paixão, ela se torna odiosa, seu governo justo sendo degradado pela companhia da tirania. Os príncipes honram seu povo e o fazem regozijar-se extremamente quando o visitam com uma comitiva pacífica; mas quando vêm à frente de exércitos, embora seja para o bem comum, suas visitas são sempre desagradáveis; pois, embora façam com que a disciplina militar seja rigorosamente observada entre seus soldados, nunca conseguem fazê-lo tão eficazmente sem que sempre aconteçam algumas desordens, das quais os compatriotas serão vítimas. Da mesma forma, enquanto a razão governa e exerce pacificamente castigos, correções e repreensões, ainda que severa e rigorosamente, todos a amam e aprovam; mas quando ela traz consigo a ira, a paixão e a fúria, que Santo Agostinho chama de seus soldados, ela se torna mais temida do que amada, e até mesmo seu próprio coração desordenado é sempre o sofridor. É melhor, diz o mesmo Santo Agostinho, escrevendo a Profuturo, negar a entrada à ira justa e razoável do que admiti-la, por menor que seja; porque, uma vez admitida, é com dificuldade expulsa novamente; pois entra como um pequeno galho e em um momento se torna uma trave; e se o sol se põe sobre ela, o que o apóstolo proíbe, ela se transforma em ódio, do qual mal temos meios de nos livrar; pois ela se nutre sob mil falsos pretextos, visto que nunca houve um homem irado que considerasse sua ira injusta.

É melhor, então, tentar encontrar o caminho para viver sem raiva do que fingir fazer um uso moderado e discreto dela; e quando, por nossas imperfeições e fragilidades, nos vemos surpreendidos, é melhor afastá-la rapidamente do que entrar em uma negociação; pois, se lhe dermos um mínimo de tempo, ela se tornará dona do lugar, como a serpente, que facilmente retrai todo o seu corpo onde pode alcançar sua cabeça.

Mas como o expulsarei?, dirás. Deves, Filoteia, ao primeiro alarme, reunir rapidamente as tuas forças, não violenta e tumultuosamente, mas branda e seriamente; pois, assim como ouvimos os porteiros nos salões públicos e tribunais de justiça, gritando "silêncio", fazendo mais barulho do que toda a assembleia, assim acontece frequentemente que, ao tentarmos com violência conter a nossa ira, despertamos mais perturbação no nosso coração do que a ira havia despertado antes, e o coração, estando assim agitado, já não consegue dominar-se a si mesmo. Após este humilde esforço, pratica o conselho que Santo Agostinho, quando idoso, deu ao novo Bispo Auxílio: Faze, diz ele, o que um homem deve fazer, se te acontecer aquilo de que um homem de Deus fala nos Salmos: "Os meus olhos estão perturbados de ira" (Sl 30). Recorre a Deus, clamando: "Tem misericórdia de mim, Senhor"; que Ele estenda a sua mão direita para reprimir a vossa ira: quero dizer que devemos invocar a assistência de Deus quando nos encontramos excitados pela ira, imitando os Apóstolos, quando foram atirados pelo vento e pela tempestade sobre as águas; pois Ele ordenará que as nossas paixões cessem, e uma grande calma se seguirá. Mas a oração que

é oferecida contra o perigo presente e premente deve ser sempre realizada com calma, e não com violência — e isto deve ser observado em todos os remédios contra este mal. Além disso, assim que te perceberes culpado de um ato de ira, repara a falta imediatamente, por um ato de mansidão para com a pessoa com quem te zangaste. Pois, assim como é um remédio soberano contra uma mentira contradizê-la na hora, assim que percebemos que a dissemos; assim devemos reparar a ira instantaneamente por um ato contrário de mansidão, pois feridas recentes, diz-se, são mais facilmente curadas.

Novamente, quando sua mente estiver em um estado de tranquilidade, deite-se em um abundante estoque de mansidão, falando todas as suas palavras e fazendo todas as suas ações, pequenas e grandes, da maneira mais suave possível, lembrando-se de que, assim como a esposa nos Cânticos não tem apenas mel em seus lábios, sua língua e em seu peito, mas também leite, assim também não devemos ter apenas nossas palavras doces para com o próximo, mas também todo o nosso peito, ou seja, todo o interior de nossa alma; nem devemos ter a doçura aromática e fragrante do mel, ou seja, a doçura da conversa civilizada com estranhos, mas também a doçura do leite entre nossa família e vizinhos - aqueles que falham muito nisso na rua parecem ser anjos e em suas casas, demônios.

CAPÍTULO IX.

Da mansidão para conosco mesmos

Um dos melhores exercícios de mansidão que podemos praticar é aquele cujo tema está dentro de nós mesmos, em nunca nos irritarmos com nossas imperfeições; pois, embora a razão exija que nos arrependamos quando cometemos uma falta, devemos nos abster daquele desprazer amargo, sombrio, rancoroso e apaixonado pelo qual muitos são grandemente culpados, que, sendo dominados pela raiva, ficam irados por terem ficado irados e aborrecidos por se verem aborrecidos, pois por esse meio mantêm seus corações perpetuamente imersos em paixão; e embora pareça que a segunda raiva destruiu a primeira, ela serve, no entanto, para abrir caminho para uma nova raiva na primeira ocasião que se apresentar. Além disso, essa raiva e aborrecimento contra nós mesmos tendem ao orgulho e não fluem de nenhuma outra fonte além do amor-próprio, que se perturba e se inquieta quando nos vemos imperfeitos. Devemos então ficar descontentes com nossas falhas, mas de maneira tranquila, estável e firme; Pois, assim como um juiz pune os malfeitores muito melhor quando é guiado em suas sentenças pela razão e procede com um espírito tranquilo do que quando age com

violência e paixão (porque, julgando com paixão, não pune as faltas como elas são, mas como ele mesmo é), assim nos corrigimos muito melhor por um arrependimento calmo e firme do que por aquele que é áspero, precipitado e apaixonado; pois o arrependimento exercido com violência não procede de acordo com a qualidade de nossas faltas, mas de acordo com nossas inclinações. Por exemplo, aquele que pratica a castidade se irritará além de todos os limites à menor falta que cometer contra essa virtude e, por outro lado, não pensará em nada de uma grave detração da qual tenha sido culpado; enquanto aquele que odeia a detração se atormenta por um leve murmúrio dela e não leva em conta uma grave falta cometida contra a castidade; e o mesmo acontece com os outros. Ora, tudo isso não brota de outra fonte senão que, no julgamento de suas consciências, esses homens não são guiados pela razão, mas pela paixão.

Acredite-me, Filoteia, assim como as repreensões brandas e afetuosas de um pai têm muito mais poder para recuperar seu filho do que a raiva e a paixão, assim, quando cometemos qualquer falta, se repreendermos nossos corações com repreensões brandas e calmas, tendo mais compaixão por ela do que paixão contra ela, docemente encorajando-a à emenda, o arrependimento que ela conceberá por esse meio penetrará muito mais profundamente e o penetrará mais efetivamente do que um arrependimento irritado, precipitado e tempestuoso.

Pois se eu mesmo, por exemplo, tivesse tomado a firme resolução de não ceder ao pecado da vaidade, e ainda assim tivesse caído

nele, não repreenderia meu coração desta maneira: "Não és miserável e abominável que, depois de tantas resoluções, te deixaste levar pela vaidade? Morre de vergonha, não levantes mais os olhos para o céu, cego, insolente, traidor como és, rebelde ao teu Deus!", mas o corrigiria racionalmente, dizendo com compaixão: "Ai! meu pobre coração, eis que caímos no poço que tão firmemente resolvemos evitar. Pois bem, saiamos de novo e deixemos isso para sempre; invoquemos a misericórdia de Deus e esperemos que Ele nos ajude a ser mais constantes no futuro; e voltemos a trilhar o caminho da humildade. Coragem! De hoje em diante, sejamos mais cautelosos; Deus nos ajudará; faremos melhor no futuro." e sobre essa repreensão eu construiria uma resolução firme e constante de nunca mais recair nessa falta, usando os meios adequados para evitá-la, seguindo o conselho do meu diretor.

No entanto, se alguém não encontrar seu coração suficientemente comovido com essa maneira suave de repreensão, poderá usar uma mais áspera e severa, para excitá-lo a uma confusão mais profunda, desde que depois feche toda a sua dor e raiva com uma doce e consoladora confiança em Deus, à imitação daquele ilustre penitente que, vendo sua alma aflita, a elevou desta maneira: "Por que estás tão triste, ó minha alma, e por que me perturbas? Espera em Deus, pois ainda darei graças àquele que é a salvação da minha face e o meu Deus" (Sl 42,5). Levanta, pois, novamente o teu coração sempre que ele cair, mas tranquila e suavemente; humilha-te diante de Deus, através do conhecimento da tua própria miséria, mas sem te surpreenderes com a tua queda; pois não é de admirar que a

fraqueza seja fraca, ou a miséria miserável; detesta, no entanto, com todas as tuas forças, a ofensa que Deus recebeu de ti, e retorna ao caminho da virtude que havias abandonado, com grande coragem e confiança na sua misericórdia.

CAPÍTULO X.

Devemos tratar dos nossos negócios com diligência, mas sem entusiasmo nem solicitude.

O cuidado e a diligência com que devemos cuidar de nossos assuntos jamais devem ser confundidos com ansiedade e solicitude. Os anjos zelam pela nossa salvação e a buscam com diligência, mas nunca se deixam abalar por ansiedade ou solicitude; pois o cuidado e a diligência resultam naturalmente de sua caridade, ao passo que a solicitude e a ansiedade são totalmente incompatíveis com sua felicidade; pois os primeiros podem ser acompanhados por um estado de espírito calmo e tranquilo, enquanto os últimos jamais o podem.

Sê cuidadosa e atenta, pois, Filoteia, a todos os assuntos que Deus confiou aos teus cuidados, pois tal disposição em ti é agradável à vontade de sua Divina Majestade, sem que teu cuidado e atenção degenerem em inquietação e ansiedade; não preocupes teu espírito com eles, pois o excesso de solicitude perturba a razão e o julgamento, e nos impede de fazer corretamente aquilo pela execução da qual somos tão ávidos e ansiosos.

Quando nosso Senhor repreendeu Marta, Ele disse: "Marta, Marta, tu és solícita e estás perturbada com muitas coisas!" Você deve observar aqui que ela não teria ficado perturbada se tivesse sido apenas diligente; mas estando muito preocupada e inquieta, ela se apressou e se perturbou, e por isso recebeu essa repreensão de nosso Senhor.

Assim como os rios que correm lentamente pelas planícies transportam grandes barcos e ricas mercadorias, e a chuva que cai suavemente nos campos abertos os torna férteis em grama e milho; ou como torrentes e rios, que correm rapidamente e inundam os terrenos, arruínam a região limítrofe e a tornam improdutiva para o tráfego, da mesma forma chuvas violentas e tempestuosas prejudicam os campos e prados. Nunca é bem executado o trabalho que é feito com muita ansiedade e pressa. Devemos nos apressar vagarosamente, diz o velho provérbio: "Quem tem pressa", diz Salomão, "corre o risco de tropeçar" (Pv 19,2). Fazemos nossos negócios com rapidez suficiente quando os fazemos bem. Assim como os zangões, embora façam mais barulho e pareçam mais ávidos por trabalhar do que as abelhas, produzem apenas cera e nenhum mel, assim também aqueles que se apressam com uma ansiedade atormentadora e uma solicitude ávida nunca fazem muito, nem o que fazem é proveitoso.

Assim como as moscas nos incomodam, não pela força, mas pela multidão, os assuntos importantes não nos causam tantos problemas quanto os insignificantes, quando em grande número. Portanto,

cuide de todos os seus afazeres com a mente calma e serena, e esforce-se para resolvê-los em ordem, um após o outro; pois se você se esforçar para fazê-los todos de uma vez, ou sem ordem, seu espírito ficará tão sobrecarregado e deprimido que provavelmente se entregará ao fardo sem realizar nada.

Em todos os seus negócios, confie inteiramente na Providência Divina, somente por meio da qual você deve buscar o sucesso; trabalhe, no entanto, silenciosamente de sua parte para cooperar com seus desígnios, e então você pode ter certeza, se confiar, como deve, em Deus, que o sucesso que lhe chegará será sempre o que for mais proveitoso para você, quer pareça bom ou ruim, de acordo com seu julgamento pessoal. Imita as crianças, que, assim como elas com uma mão se agarram ao pai e com a outra colhem frutas ao longo das cercas vivas, assim você, colhendo e segurando os bens deste mundo com uma mão, deve com a outra sempre se agarrar à mão de seu Pai celestial, voltando-se para Ele de tempos em tempos para ver se suas ações ou ocupações lhe agradam; mas, acima de tudo, tome cuidado para nunca soltar sua mão protetora, por desejo de acumular muitos bens mundanos; pois se Ele o abandonar, você não será capaz de dar um passo adiante sem cair no chão. O que quero dizer, Filoteia, é que em meio a esses assuntos e ocupações comuns que não exigem uma atenção tão séria, você deve olhar mais para Deus do que para eles; e quando eles são de tal importância que exigem toda a sua atenção, então você também deve olhar de vez em quando para Deus, como os marinheiros que, para chegar ao porto ao qual estão destinados,

olham mais para o céu do que para o mar, a fim de guiar seu navio;
assim Deus trabalhará com você, em você e por você, e seu trabalho
será seguido de consolação.

CAPÍTULO XI.

Obediência

Somente a caridade pode nos levar à perfeição, mas a obediência, a castidade e a pobreza são os três principais meios para alcançá-la. A obediência consagra nosso coração, a castidade, nosso corpo, e a pobreza, nossos meios para o amor e o serviço a Deus. Esses três ramos da cruz espiritual se fundamentam em um quarto, a saber, a humildade. Nada direi sobre essas três virtudes quando são solenemente votadas, porque este assunto diz respeito apenas às ordens religiosas; nem mesmo quando são simplesmente votadas; pois, embora um voto possa acrescentar muitas graças e méritos às virtudes, para nos tornar perfeitos, não é necessário que os votos sejam feitos, desde que sejam observados. Pois, embora sendo votados, e especialmente solenemente, eles colocam o homem em estado de perfeição; contudo, para chegar à perfeição em si, eles devem ser observados, havendo uma diferença muito grande entre o estado de perfeição e a perfeição em si; visto que todos os bispos e religiosos estão em estado de perfeição; e, no entanto, infelizmente, nem todos chegaram à perfeição em si, como é evidente demais. Procuremos, pois, Filoteia, praticar bem estas virtudes, cada uma segundo a sua vocação; pois, ainda que não nos coloquem em

estado de perfeição, tornar-nos-ão perfeitos; e, na verdade, todos são obrigados a praticá-las, embora nem todos da mesma maneira.

Existem dois tipos de obediência: uma necessária e outra voluntária. No que é necessário, você deve obedecer aos seus superiores eclesiásticos, como o Papa, o bispo, o pároco e aqueles que os representam; também aos seus superiores civis, como seu príncipe e os magistrados que ele estabeleceu para administrar a justiça; e, finalmente, aos seus superiores domésticos, a saber, seu pai e sua mãe, seu senhor e sua senhora. Essa obediência é chamada de necessária porque ninguém pode se eximir do dever de obedecer aos seus superiores, tendo Deus os colocado em autoridade para comandar e governar, cada um no departamento que lhe é atribuído. Você deve, então, obedecer necessariamente às suas ordens; mas, para ser perfeito, siga também seus conselhos, até mesmo seus desejos e inclinações, até onde a caridade e a discrição permitirem. Obedeça-os quando ordenarem algo agradável, como comer ou se divertir; pois, embora pareça não haver grande virtude em obedecer em tais ocasiões, seria um grande vício desobedecer. Obedeça-lhes em coisas indiferentes, como usar esta ou aquela roupa, ir para um lado ou para o outro, ficar em silêncio, e isso será uma obediência muito louvável; obedea-lhes em coisas difíceis, incômodas e desagradáveis, e isso será uma obediência perfeita. Obedeça, em suma, mansamente, sem resposta; prontamente, sem demora; alegremente, sem reclamar; e, acima de tudo, obedea amorosamente, por amor Àquele que, por seu amor por nós, se fez

obediente até a morte, até a morte de cruz, e que, como diz São Bernardo, preferiu abrir mão de sua vida à obediência.

Para que aprendas a obedecer eficazmente aos teus superiores, cede facilmente à vontade dos teus iguais, quando não vires mal nisso, sem ser contencioso ou obstinado. Acomoda-te alegremente aos desejos razoáveis dos teus inferiores; nunca exerças uma autoridade imperiosa sobre eles, desde que ajam bem. É uma ilusão acreditar que obedeceríamos com facilidade, se estivéssemos numa ordem religiosa, quando nos sentimos tão retrógrados e teimosos no que diz respeito à obediência àqueles que Deus colocou sobre nós.

Chamamos voluntária a obediência que praticamos por nossa própria escolha e que não nos é imposta por outrem. Não costumamos escolher nosso rei, nosso bispo, nosso pai ou nossa mãe, nem mesmo as esposas sempre escolhem seus maridos; mas escolhemos nosso confessor e diretor: se, então, ao escolhermos, fizermos um voto de obediência, como fez a santa Madre Teresa, que, como já foi observado, além de sua obediência solenemente jurada à superiora de sua Ordem, se comprometeu por um simples voto a obedecer ao Padre Graciano; ou se, sem voto, resolvemos obedecer a alguém, essa obediência é chamada voluntária, por ser fundamentada em nossa própria livre vontade e escolha.

Devemos obedecer a cada um dos nossos superiores, segundo a responsabilidade que nos incumbe. Em assuntos políticos, devemos obedecer às leis; em assuntos eclesiásticos, aos nossos prelados; em assuntos domésticos, aos nossos pais, senhor ou marido; e, no que

se refere à conduta privada da alma, ao nosso pai ou diretor espiritual.

Peça ao seu pai espiritual que lhe imponha todas as ações de piedade que você deve realizar, para que adquiram um duplo valor: o de si mesmas, porque são obras de piedade; o da obediência aos seus mandamentos, em virtude da qual são realizadas. Felizes os obedientes, pois Deus jamais permitirá que se desviem.

CAPÍTULO XII.

A necessidade da castidade

Pois o primeiro grau dessa virtude nunca permite voluntariamente nada que seja proibido em relação à castidade.

Para o segundo grau, limite o máximo que puder todos os prazeres supérfluos e inúteis, embora eles possam ser inofensivos e permitidos a você.

Para o terceiro grau, não vincule seus afetos àqueles que podem ser necessários e até impostos a você.

Santo Agostinho admirava em seu querido Alípio a admirável pureza que o libertara inteiramente dos sentimentos e até mesmo da lembrança de antigas desordens. De fato, todos sabem que é fácil conservar por muito tempo frutas ainda inteiras; mas, por menos contaminadas ou quebradas que estejam, só podem ser conservadas em xaropes. Digo que temos vários meios para preservar com segurança nossa castidade enquanto ela permanece em sua plena integridade; mas, uma vez perdida, nada pode preservá-la, exceto uma sólida devoção, cuja doçura muitas vezes comparei à do mel.

No estado de virgindade, a castidade exige grande simplicidade de alma e grande delicadeza de consciência, a fim de manter à distância toda espécie de pensamentos curiosos e elevar-se acima de todos os prazeres sensuais por meio de um desprezo absoluto e completo por tudo o que o homem tem em comum com os animais, e que estes têm ainda mais do que ele. Que essas almas puras jamais duvidem de forma alguma de que a castidade não é incomparavelmente melhor do que tudo o que é incompatível com a perfeição. "Pois", como diz São Jerônimo, "o demônio, não podendo suportar essa salutar ignorância do prazer, deseja ao menos excitar o desejo dele nessas almas, e lhes dá, portanto, ideias dele tão sedutoras, embora falsas, que elas ficam muito perturbadas, porque", acrescenta o santo Padre, "gradualmente elas passam a estimar mais e mais aquilo que ignoravam". É assim que tantos jovens, surpreendidos por uma falsa e tola estima pelos prazeres dos sentidos e por uma curiosidade sensual e inquieta, entregam-se a eles e comprometem seus interesses temporais e eternos, como borboletas que, acreditando que a chama é tão agradável quanto parece bela, tolamente se queimam nela.

Vocês sabem quão necessária é a castidade: "Buscai a paz com todos e a santidade", diz o Apóstolo, "sem a qual ninguém verá a Deus". Observem que por santidade ele quer dizer castidade, segundo a interpretação de São Jerônimo e São Crisóstomo. Não; ninguém verá a Deus sem castidade; ninguém habitará seus santos tabernáculos se não tiver um coração puro; como diz nosso

Salvador: "Os cães e os impuros serão banidos dela". E também:
"Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus".

CAPÍTULO XIII.

Como preservar a castidade

Mantenha sempre uma grande guarda sobre si mesmo, a fim de afastar prontamente tudo o que possa levar à impureza; pois é um mal que se desenvolve em graus imperceptíveis, fraco no início, mas de progressão muito rápida. Em suma, é mais fácil fugir dele do que curá-lo.

A castidade é um tesouro que, segundo São Paulo, "guardamos em vasos frágeis; e, na verdade, ela tem muito da fragilidade daqueles vasos que se quebram ao bater uns nos outros". A água mais fresca, quando tentamos conservá-la num vaso, perde rapidamente o seu frescor se algum animal a tocar. Nunca te permitas, Filoteia, praticar e preservar-te dessas liberdades externas, igualmente contrárias à modéstia cristã e ao respeito que deves a ti mesma; pois, embora se possa conservar um coração absolutamente casto apesar de ações que surgem mais da falta de reflexão do que da malícia, e que não são habitualmente praticadas, no entanto, a castidade recebe delas sempre algum dano lamentável. Compreendes suficientemente que não falo aqui do que virtualmente arruína a castidade.

A castidade tem sua origem no coração, e sua prática exterior consiste em regular e purificar os sentidos; é por isso que se perde por meio de todos os sentidos externos, bem como pelos pensamentos da mente e pelos desejos do coração. Assim, toda sensação que nos permitimos em relação a um objeto imodesto, ou com espírito de imodéstia, é realmente um ato impuro, e o Apóstolo recomendou aos primeiros cristãos que nem sequer mencionassem o vício entre eles. As abelhas não apenas não tocam um corpo em estado de putrefação, mas também fogem do mau cheiro que ele exala. Observe, eu lhe imploro, o que a Sagrada Escritura nos diz da Esposa dos Cânticos. Tudo é misterioso neles. Mirra destila de suas mãos, e você sabe que esse licor preserva da corrupção; seus lábios são contornados por uma fita vermelha, e isso nos ensina que a modéstia cora diante das palavras, mesmo quando elas são tão pouco indecentes; Seus olhos são comparados aos olhos da pomba, por sua pureza; ela usa brincos de ouro, e esse metal também é símbolo de pureza; seu nariz é comparado a um cedro do Líbano, cujo odor é requintado e sua madeira incorruptível. O que tudo isso significa? Que a alma deve ser, em todos os seus sentidos, devota, casta, aberta, pura e honrada.

A castidade pode ser perdida de tantas maneiras que há tipos de indecências que, conforme sejam grandes ou pequenas, a enfraquecem ou ferem perigosamente, ou até mesmo a destroem completamente. Há certas liberdades indiscretas e vulgares que, propriamente falando, não violam a castidade; mas que enfraquecem e ofuscam seu brilho. Há outras liberdades não apenas

indiscretas, mas viciosas; não apenas vulgares, mas imodestas e sensuais, que a ferem mortalmente. Há outras ainda que a destroem completamente.

Nunca se intimide com pessoas cujas maneiras você sabe que são corruptas, especialmente quando a impudência está unida à impureza, que quase sempre é

Diz-se que os bodes, ao tocarem a amendoeira doce com a língua, tornam-se amargos; assim, essas almas corrompidas e corações infectados mal falam com qualquer pessoa, seja do mesmo sexo ou de sexo diferente, mas fazem com que se afastem em algum grau da pureza: têm veneno nos olhos e no hálito como basiliscos. Pelo contrário, conviva com os castos e virtuosos; medite e leia frequentemente sobre coisas sagradas; pois a Palavra de Deus é casta e torna castos também aqueles que nela se deleitam; isso levou Davi a compará-la ao topázio, uma pedra preciosa, que se diz ter a propriedade de arrefecer o calor da concupiscência.

Mantém-te sempre perto de Jesus Cristo crucificado, tanto espiritualmente pela meditação como realmente pela Sagrada Comunhão. Pois assim como aqueles que se deitam sobre a erva chamada agnus castus se tornam castos e modestos, assim tu, ao depositares o teu coração em nosso Senhor, que é o verdadeiro, casto e imaculado Cordeiro, descobrirás que a tua alma e o teu coração serão em breve purificados de todas as impurezas.

CAPÍTULO XIV.

A pobreza de espírito que deve ser observada pelos ricos

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus" (Mt 5,3). Malditos, por outro lado, são os ricos de espírito, pois o inferno é a sua porção. É rico de espírito aquele que tem as suas riquezas no seu espírito, ou o seu espírito nas suas riquezas; é pobre de espírito aquele que não tem riquezas no seu espírito, nem o seu espírito nas riquezas. Os alcíones formam o seu ninho como uma maçã, deixando apenas uma pequena abertura no topo; constroem-nos à beira-mar, e tornam-nos tão firmes e impenetráveis que, quando as ondas varrem a praia, a água nunca consegue penetrá-los, mas mantendo-se sempre em posição superior e seguindo o seu movimento, permanecem no meio do mar, sobre o mar, e senhores do mar. O teu coração, Filoteia, deve ser assim, aberto apenas ao céu e impenetrável às riquezas e a todas as coisas transitórias. Seja qual for a porção delas que possuas, mantém o teu coração livre da menor afeição por elas; Mantenha-o sempre acima deles, e em meio às riquezas, que ele os despreze e seja seu senhor. Não permita que esse espírito celestial seja cativo dos bens terrenos; que ele seja sempre seu senhor, mas nunca seu escravo.

Há uma diferença material entre ter veneno e ser envenenado. Assim como os boticários guardam quase todos os tipos de veneno para uso em diversas ocasiões, mas ainda assim não são envenenados, porque não têm veneno em seus corpos, mas em suas lojas: assim você possui riquezas sem ser envenenado por elas, se as guarda em sua casa ou bolsa, e não em seu coração. Ser rico em efeitos e pobre em afeição é a grande felicidade do cristão; pois por esse meio ele tem todas as vantagens das riquezas para este mundo e o mérito da pobreza para o mundo vindouro.

Ai! Filoteia, ninguém jamais reconhece que é avarento; todos rejeitam essa paixão vil e mesquinha; as pessoas se desculparam por conta da responsabilidade dos filhos que as oprime e daquela sabedoria que exige que os homens se estabeleçam no mundo: elas nunca têm demais: sempre se descobre algum pretexto para conseguir mais: não, os mais avarentos não apenas negam que são avarentos, mas até pensam em sua consciência que não o são. Febre nante que é cada vez menos sentida à medida que se torna mais violenta e ardente. Moisés viu o fogo sagrado que queimava a sarça, e ainda assim não a consumia; mas esse fogo profano da avareza, ao contrário, consome e devora a pessoa avarenta, e ainda assim não a queima; pois em meio aos mais excessivos calores de sua avareza, ele se gaba do frescor mais agradável do mundo e considera sua seca insaciável uma sede natural e prazerosa.

Se você tem um desejo ardente de possuir bens que não possui, embora possa dizer que não os possuiria injustamente, ainda assim

você é verdadeiramente cobiçoso. Aquele que tem um desejo ardente e inquieto de beber, embora beba apenas água, demonstra, no entanto, que está com febre.

Ó Filoteia, não sei se é um desejo justificável desejar obter justamente aquilo que outro possui justamente: pois parece que, com esse desejo, serviríamos à nossa própria conveniência em prejuízo de outrem. Se um homem possui algo justamente, não tem ele mais razão para conservá-lo justamente do que nós para desejá-lo justamente? Por que, então, estendemos nossos desejos às suas posses, para privá-lo delas? Na melhor das hipóteses, se esse desejo é justo, certamente não é caridoso, pois não desejaríamos, em caso algum, que outro homem desejasse, embora justamente, aquilo que desejamos conservar justamente. Este foi o pecado de Acabe, que desejou possuir a vinha de Nabote justamente, a qual Nabote desejou conservar com muito mais justiça: Acabe desejou-a com um desejo ardente e impaciente, e, portanto, ofendeu a Deus.

Já é tempo suficiente, Filoteia, para desejar os bens do seu próximo quando ele estiver desejoso de se desfazer deles; pois então o desejo dele tornará o seu não apenas justo, mas também caridoso; sim, pois estou disposto a que você tome cuidado para aumentar seus bens, desde que isso seja feito não apenas com justiça, mas com paz e caridade.

Se você tem um forte apego aos bens que possui, se é excessivamente solícito por eles, se coloca seu coração neles, se os tem sempre em seus pensamentos e teme perdê-los com uma

apreensão sensata, acredite, você está com febre; pois aqueles que têm febre bebem a água que lhes é dada com uma certa ânsia e satisfação que os saudáveis não estão acostumados a sentir. É impossível sentir tanto prazer em rir sem ter uma afeição extraordinária por isso.

Se, ao sofrer a perda de bens, você sentir o coração bastante desconsolado, acredite, você tem uma afeição muito grande por eles, pois nada pode ser uma prova mais forte disso do que sua aflição pela perda deles.

Não deseje, então, com desejo pleno e expresso, a riqueza que você não tem, nem fixe muito seu coração no que você tem; não lamente pelas perdas que podem lhe acontecer, e então você terá alguma razão para acreditar que, embora rico de fato, você não o é em afeição, mas sim pobre em espírito e, conseqüentemente, abençoado, e que o reino dos céus lhe pertence.

CAPÍTULO XV.

Como praticar a verdadeira e real Pobreza, mesmo sendo muito rico

O pintor Parrásio pintou o povo de Atenas de maneira muito engenhosa, representando, por meio de numerosas figuras em um único quadro, suas diversas disposições variáveis: colérico, injusto, inconstante, cortês, gentil, misericordioso, altivo, orgulhoso, humilde, resolutivo e tímido. Mas eu, Filoteia, quero juntar em teu coração riqueza e pobreza, grande cuidado e grande desprezo pelas coisas temporais.

Seja mais cuidadoso em tornar seus bens rentáveis e frutíferos do que os homens mundanos. Não são os jardineiros dos grandes príncipes mais cuidadosos e diligentes no cultivo e embelezamento dos jardins confiados a eles do que se fossem seus? E por quê? Simplesmente porque os consideram como os jardins de reis e príncipes, aos quais desejam se tornar aceitáveis por seus serviços. Filoteia, nossas posses não são nossas, mas foram emprestadas a nós por Deus para que as cultivemos, e é sua vontade que as tornemos frutíferas e lucrativas, e, portanto, realizamos serviços

agradáveis a Ele ao cuidar delas; mas então deve ser um cuidado maior e mais sólido do que aquele que os mundanos têm de seus bens, pois eles trabalham apenas por amor a si mesmos, mas nós devemos trabalhar por amor a Deus. Ora, assim como o amor-próprio é violento, turbulento e impetuoso, o cuidado que dele procede é cheio de problemas, inquietação e inquietação; E assim como o amor de Deus é doce, pacífico e tranquilo, assim também o cuidado que dele procede, embora seja pelos bens terrenos, é amável, doce e agradável. Exerçamos, pois, este cuidado pacífico de preservar, e até mesmo de aumentar, nossos bens temporais sempre que se apresentem ocasiões justas, e na medida em que nossa condição o exigir, pois Deus deseja que o façamos por amor a Ele.

Mas cuidado para que o amor-próprio não vos engane; pois às vezes ele falsifica o amor de Deus de tal forma que se poderia imaginar que seja o mesmo. Agora, para que ele não vos engane, e para que o cuidado com os vossos bens temporais não degenere em cobiça, além do que disse no capítulo anterior, devemos praticar uma verdadeira pobreza em meio a todas as riquezas que Deus nos deu.

Privai-vos, pois, frequentemente de alguma parte dos vossos bens, concedendo-a aos pobres de boa vontade; pois doar o que temos é empobrecer-nos na medida em que damos; e quanto mais damos, mais pobres nos tornamos. É verdade que Deus nos retribuirá, não só no outro mundo, mas também neste; pois nada nos faz prosperar tanto neste mundo como a esmola; mas até que Deus no-la restitua,

devemos permanecer muito mais pobres em relação ao que demos. Oh, quão santa e rica é a pobreza causada pela esmola!

Amai os pobres e a pobreza, e vos tornareis verdadeiramente pobres, pois, como diz a Escritura, "somos feitos semelhantes às coisas que amamos". O amor torna iguais os amantes. "Quem é fraco", diz São Paulo, "com quem eu não seja fraco?" Ele poderia ter dito da mesma forma: Quem é pobre com quem eu não seja pobre? Pois o amor o tornou semelhante àqueles a quem amava. Se, pois, amais os pobres, sereis verdadeiramente participantes da sua pobreza, e pobres como eles. Agora, se amais os pobres, sede frequentemente em sua companhia, alegrai-vos em vê-los em vossa casa e visitá-los na deles; conversai de bom grado com eles, alegrai-vos em tê-los perto de vós na igreja, nas ruas e em outros lugares. Sede pobres de língua com eles, falando-lhes como seus companheiros; mas sede ricos de mãos, concedendo-lhes os vossos bens, como se tivessem mais abundância.

Mais ainda, Filoteia, não te contentes em ser tão pobre, mas sê mais pobre que os próprios pobres. Mas como pode ser isso? O servo é inferior ao seu senhor; torna-te, pois, servo dos pobres; vai servi-los em suas camas quando estiverem doentes, serve-os, digo, com as tuas próprias mãos; sê tu mesma a cozinheira deles, e às tuas expensas; sê a costureira e a lavadeira deles. Ó Filoteia, tal serviço é mais glorioso que um reino.

Não posso admirar o suficiente o ardor com que este conselho foi posto em prática por São Luís, um dos maiores reis sobre os quais o

sol já brilhou. Digo, um grande rei em toda a sua grandeza. Ele frequentemente servia à mesa os pobres que sustentava e fazia com que três pobres homens jantassem com ele quase todos os dias, e muitas vezes comiam o resto de sua sopa com um amor incomparável. Quando visitava os hospitais, o que fazia com frequência, comumente atendia aqueles que sofriam de lepra e úlceras, e aqueles que tinham as doenças mais repugnantes, ajoelhados no chão, respeitando, em suas pessoas, o Salvador do mundo e cuidando deles com a mesma ternura com que qualquer mãe carinhosa cuida de seu próprio filho. Santa Isabel, filha do Rei da Hungria, frequentemente ia ao encontro dos pobres e, para seu lazer, às vezes se vestia como uma pobre mulher entre suas damas, dizendo-lhes: "Se eu fosse uma pobre mulher, me vestiria assim." Bom Deus, Filoteia, quão pobres eram este príncipe e esta princesa em meio às suas riquezas, e quão ricos em sua pobreza? Bem-aventurados os que são pobres desta maneira, pois a eles pertence o reino dos céus. "Tive fome, e me destes de comer; estava nu, e me vestistes; vinde, possuí o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo": estas palavras o Rei dos pobres, bem como dos reis, dirá quando se dirigir aos eleitos no Dia do Juízo Final.

Não há ninguém que, em alguma ocasião, não sinta falta de alguma comodidade. Às vezes, recebemos a visita de um hóspede que gostaríamos de entreter muito bem, mas no momento não temos os meios; outras vezes, nossas melhores roupas estão em um lugar, enquanto as queremos em outro, onde precisamos ser vistos. Às vezes, todos os vinhos em nossa adega fermentam e azedam, de

modo que só restam os ruins; em outras ocasiões, paramos em alguma aldeia pobre onde tudo falta, onde não temos cama, quarto, mesa, nem assistência; em suma, muitas vezes é fácil sofrer pela falta de algo, por mais ricos que sejamos. Ora, isso é ser pobre, na prática, em relação às coisas que precisamos. Filoteia, alegre-te nessas ocasiões, aceita-as de bom coração e suporta-as com alegria.

Mas se você se deparar com perdas que o empobrecem mais ou menos, como no caso de tempestades, incêndios, inundações, colheitas ruins, roubos ou processos judiciais, então é a época apropriada para praticar a pobreza, recebendo essas perdas com mansidão e submetendo-se às suas perdas com paciência e constância. Esaú se apresentou a seu pai com as mãos cobertas de pelos, e Jacó fez o mesmo; mas como os pelos das mãos de Jacó não grudavam em sua pele, mas em suas luvas, era possível remover os pelos sem machucar a pele; ao contrário, como os pelos das mãos de Esaú grudavam em sua pele, que era peluda por natureza, quem tentasse arrancá-los o teria submetido a uma dor tão excessiva que o forçaria a gritar em voz alta e a se defender com muita veemência. Assim, quando nossos bens materiais se apegam ao nosso coração, se uma tempestade, um ladrão ou um trapaceiro nos arrancar qualquer parte deles, que queixas, aflições e impaciências não demonstramos? Mas quando nossos bens não se apegam aos nossos corações e são considerados apenas de acordo com o cuidado que Deus deseja que tenhamos com eles, caso nos sejam tirados, não perdemos nem a paz nem os sentidos. Daí a diferença entre os animais e os homens quanto às suas vestimentas;

pois as vestimentas dos primeiros, ou seja, suas peles, aderem firmemente à sua carne, e as dos últimos são apenas colocadas sobre eles, para que possam ser vestidas ou despidas à vontade.

CAPÍTULO XVI.

Como praticar a riqueza de espírito na pobreza real

Mas se você é realmente pobre, Filoteia, seja também, pelo amor de Deus, realmente pobre de espírito; faça da necessidade uma virtude e valorize esta preciosa joia da pobreza na alta taxa que ela merece; seu brilho não é descoberto neste mundo e, no entanto, ela é extremamente rica e bela.

Seja paciente; você está em boa companhia; o próprio Nosso Senhor, sua Santíssima Mãe, os Apóstolos e inúmeros santos, tanto homens quanto mulheres, foram pobres, e mesmo quando poderiam ter sido ricos, desprezaram sê-lo. Quantas grandes personagens houve que, apesar das contradições do mundo, foram em busca da santa pobreza em claustros e hospitais, e que se esforçaram incansavelmente para encontrá-la! Testemunhe Santo Aleixo, Santa Paula, São Paulino, Santa Ângela e tantos outros; e eis, Filoteia, esta santa pobreza mais graciosa em seu próprio alojamento; você a encontrou sem se dar ao trabalho de procurá-la; abraça-a, então, como a querida amiga de Jesus Cristo, que nasceu, viveu e morreu

na pobreza: a pobreza foi sua enfermeira durante todo o curso de sua vida.

Tua pobreza, Filoteia, goza de dois grandes privilégios, por meio dos quais podes aumentar consideravelmente os seus méritos. O primeiro é que ela não te veio por tua escolha, mas pela vontade de Deus, que te fez pobre sem qualquer concurso da tua própria vontade. Ora, aquilo que recebemos inteiramente da vontade de Deus é sempre muito agradável a Ele, desde que o recebamos de bom coração e por amor à sua santa vontade: onde há menos do nosso, há mais do de Deus; a aceitação simples e pura da vontade de Deus torna as nossas ofertas extremamente puras.

O segundo privilégio deste tipo de pobreza é que ela é verdadeiramente pobreza. Aquela pobreza que é louvada, acariciada, estimada, socorrida e assistida guarda alguma semelhança com as riquezas — pelo menos, não é totalmente pobreza; mas aquela que é desprezada, rejeitada, repreendida e abandonada, é de fato pobreza. Ora, tal é a pobreza comum; pois, como os pobres não são pobres por escolha própria, mas por necessidade, sua pobreza não é muito estimada, razão pela qual sua pobreza excede a de muitas ordens religiosas; embora, de resto, sua pobreza tenha uma excelência muito grande e seja muito mais louvável em razão do voto e da intenção para os quais foi escolhida.

Não reclame, então, Filoteia, de sua pobreza; pois nós nunca reclamamos senão daquilo que nos desagrada, e se a pobreza te desagrada, você não é mais pobre em espírito, mas rica em afeição.

Não te desgostes por não seres tão bem assistido quanto parece necessário, pois nisso consiste a excelência da pobreza. Estar disposto a ser pobre e não sentir as agruras da pobreza é desejar a honra da pobreza com a conveniência das riquezas.

Não te envergonhes de ser pobre, nem de pedir esmola em caridade. Recebe com humildade o que te for dado e suporta com mansidão as recusas. Lembra-te frequentemente da viagem que Nossa Senhora empreendeu ao Egito para preservar a vida do seu querido Filho, e de quanto desprezo, pobreza e miséria ela foi obrigada a sofrer: contanto que vivas assim, serás muito rico na tua pobreza.

CAPÍTULO XVII.

Da amizade: e, primeiro, sobre o que é mau e frívolo

O amor ocupa o primeiro lugar entre as diversas paixões da alma; é o soberano de todas as emoções do coração, dirige todas as demais para ele e nos torna objetos de seu amor. Tome cuidado, então, Filoteia, para não alimentar nenhum amor maligno, pois se o fizer, logo se tornará má. Ora, a amizade é o amor mais perigoso de todos; porque outros amores podem ser sem comunicação, mas a amizade, sendo inteiramente baseada nela, dificilmente podemos ter amizade íntima por qualquer pessoa sem compartilhar de suas qualidades.

Nem todo amor é amizade; pois quando se ama sem ser novamente amado, então há amor, mas não amizade; porque a amizade é a intercomunicação do amor, portanto, onde o amor não é mútuo, não pode haver amizade. Nem é suficiente que seja mútuo; as partes que se amam devem, além disso, saber de sua afeição mútua; pois, se não a sabem, têm amor, mas não amizade. Deve haver também algum tipo de comunicação entre elas, de modo a formar a base da amizade. Ora, de acordo com a diversidade das comunicações, a

amizade também difere, e as comunicações são diferentes de acordo com a variedade das coisas boas que comunicam uma à outra; se são falsas e vãs, a amizade também é falsa e vã; se são verdadeiras, a amizade é igualmente verdadeira; e quanto mais excelentes forem os bens, mais excelente também é a amizade. Pois, assim como o mel é melhor quando colhido das flores mais requintadas, também é melhor a amizade que se baseia na comunicação mais requintada. E assim como em Heracleia há mel que é venenoso e deixa loucos aqueles que o comem, porque é colhido de plantas venenosas que abundam naquele país; da mesma forma, a amizade baseada em comunicações falsas e cruéis também é falsa e cruel.

As comunicações fundadas em prazeres sensuais são tão grosseiras que não merecem o nome de amizade entre os homens; e se não houvesse outra comunicação no casamento, não haveria amizade nele; mas porque, além disso, há uma comunicação no casamento, de vida, de indústria, de bens, de afeições e de uma fidelidade indissolúvel, portanto, a amizade do matrimônio é uma amizade verdadeira e santa. Tal também é a amizade que se baseia em realizações frívolas e vãs, porque estas também dependem dos sentidos. Chamo de sensuais aqueles prazeres que são imediata e principalmente anexados aos sentidos exteriores: como os prazeres de contemplar uma pessoa bonita, ouvir uma voz doce e semelhantes. Chamo de realizações frívolas certos dotes e qualidades vãs, que mentes fracas chamam de virtudes e perfeições. Observe como a maior parte das meninas, mulheres e jovens tolos falam: eles não hesitam em dizer: Tal cavalheiro tem muitas virtudes

e perfeições, pois ele dança graciosamente, joga bem em todos os tipos de jogos, veste-se elegantemente, canta deliciosamente, fala eloquentemente e tem boa aparência; é assim que os saltimbancos consideram aqueles à sua maneira os mais virtuosos, que são os maiores palhaços.

Mas, assim como todas essas coisas dizem respeito aos sentidos, as amizades que procedem delas são chamadas de sensuais, vãs e frívolas, e merecem mais o nome de afeto tolo do que de amizade: tais são as amizades comuns dos jovens, que se baseiam em cachos, uma bela cabeleira, olhares sorridentes, roupas finas, semblantes afetados e conversa fiada — uma amizade adequada à idade daqueles amantes cuja virtude está, até agora, apenas na flor da idade e cujo julgamento está apenas no botão; e, de fato, tais amizades, sendo transitórias, derretem-se como neve ao sol.

CAPÍTULO XVIII.

Amizade Sensual

Quando essas amizades tolas são mantidas entre pessoas de sexos diferentes, sem intenção de casamento, sendo apenas fantasmas de amizade, elas não merecem o nome de amizade verdadeira ou amor verdadeiro em razão de sua vaidade e imperfeição excessivas. Agora, por meio dessas afeições, os corações dos homens e das mulheres são capturados e enredados uns nos outros em afeições vãs e tolas, baseadas nessas comunicações frívolas e complacências miseráveis, das quais acabei de falar.

E embora esses amores perigosos, em geral, terminem em pura imoralidade, esse não é o primeiro desígnio ou intenção das pessoas entre as quais se desenvolvem; caso contrário, não seriam meramente amizades sensuais, mas impureza absoluta. Às vezes, passam-se muitos anos antes que algo diretamente contrário à castidade aconteça entre eles, enquanto se contentam em entregar aos seus corações os prazeres dos desejos, siglis e vaidades tolas semelhantes.

Alguns não têm outro propósito senão satisfazer um desejo natural de afeição; e estes não consideram nada na escolha dos objetos de

seu amor além de seu próprio gosto e instinto; de modo que, ao primeiro encontro com uma pessoa agradável, sem examinar seu interior ou comportamento, iniciam essa comunicação afetuosa e se enredam nessas redes miseráveis, das quais depois encontram grande dificuldade em se libertar. Outros se deixam levar pela vaidade de considerar não pequena glória conquistar corações pelo amor. Ora, estes, visando a glória na escolha que fazem, armam suas redes e armam suas armadilhas em lugares altos, raros e ilustres. Outros são levados ao mesmo tempo, tanto por sua inclinação amorosa quanto pela vaidade; pois, embora seus corações estejam totalmente inclinados ao amor, não se envolverão nele sem alguma vantagem de glória. Tais afeições são todas criminosas, tolas e vãs: criminosas porque geralmente terminam em grande pecado e roubam a Deus, à esposa ou ao marido aquele amor e, conseqüentemente, aquele coração que lhes pertencia; tolas porque não têm fundamento nem razão; vãs porque não produzem lucro, honra nem contentamento; pelo contrário, acarretam perda de tempo, são prejudiciais à honra e não trazem outro prazer senão o da ânsia de fingir e esperar, sem saber o que teriam ou o que fingiriam ter. Pois essas mentes miseráveis e fracas ainda imaginam ter algo, não sabem o que esperar, a partir dos testemunhos que lhes são dados de amor recíproco, e ainda assim não conseguem dizer o que é; cujo desejo nunca pode acabar, mas continua continuamente, oprimindo seus corações com desconfianças, ciúmes e inquietações perpétuas.

São Gregório Nazianzeno, em seu discurso dirigido, de fato, às mulheres vaidosas, mas também adequado aos homens, diz: "Tua beleza natural basta ao teu marido; mas se for para muitos homens, como uma rede estendida para um bando de pássaros, qual será a consequência? Agradar-te-á aquele que se agrada com a tua beleza; tu lhe retribuirás olhar por olhar, olhar por olhar; logo se seguirão sorrisos e pequenas palavras amorosas, surgindo furtivamente no início, mas logo se tornando mais familiares e passando para o namoro aberto. Ó minha língua falante, toma cuidado para não contar o que se seguirá; no entanto, direi esta única verdade: nada de todas aquelas coisas que jovens homens e mulheres dizem e fazem juntos nessas tolas complacências está isento de dolorosas ferroadas. Todos os elos dos amores lascivos se prendem uns aos outros, como um pedaço de ferro tocado pela magnetita atrai diversos outros atrás de si."

Oh, quão sabiamente falou este grande bispo! O que pensas fazer? Dar amor? Não; pois ninguém dá amor voluntariamente sem necessariamente recebê-lo. Aquele que se deixa levar por essa perseguição também se deixa levar. Nossos corações, assim que veem uma alma inflamada de amor por eles, imediatamente se incendeiam de amor por ela. Mas alguém dirá: Estou disposto a entreter um pouco desse amor, mas não em excesso. Ai de mim! Você se engana, o fogo do amor é mais ativo e penetrante do que você imagina; você pensa receber apenas uma faísca, e se maravilhará ao vê-lo, em um instante, tomar posse de todo o seu coração, reduzir todas as suas resoluções a cinzas e sua reputação à

fumaça. "Quem terá piedade de um encantador ferido por uma serpente?" (Eclesiastes 12:13). E eu também, como o sábio, clamo: Ó povo tolo e insensato, pensais que encantais o amor de tal maneira que sejais capazes de manejá-lo à vossa vontade? Você brincaria com ela, mas ela iria picar e atormentar você cruelmente; e você não sabe que todos iriam rir e ridicularizar você por tentar encantar ou amarrar o amor e, sob um falso pretexto, colocar em seu peito uma serpente perigosa que minou e destruiu tanto sua alma quanto sua honra?

Bom Deus! Que cegueira é essa, jogar assim, arriscando, contra apostas tão frívolas, o principal poder de nossa alma? Sim, Filoteia, pois Deus considera o homem apenas por sua alma; sua alma apenas por sua vontade; sua vontade apenas por seu amor. Ai de nós! Não temos nem de perto tanto amor quanto necessitamos — quero dizer, estamos infinitamente aquém de ter o suficiente para amar a Deus; e, no entanto, miseráveis como somos, o esbanjamos tolamente em coisas vãs e frívolas, como se tivéssemos algum de sobra. Ah! Este grande Deus, que reservou para Si todo o amor de nossas almas em reconhecimento de nossa criação, preservação e redenção, exigirá uma prestação de contas muito rigorosa de todas essas deduções criminosas que fazemos dele; pois, se Ele examina tão rigorosamente nossas palavras ociosas, quão rigorosamente não examinará nossos amores impertinentes, tolos e perniciosos?

A noqueira é muito prejudicial às vinhas e aos campos onde é plantada; porque, sendo tão grande, atrai toda a umidade da terra

ao redor e a torna incapaz de nutrir as outras plantas; as folhas também são tão grossas que formam uma sombra ampla e densa; e, por fim, atraindo os passantes que, para derrubar os frutos, estragam e pisoteiam tudo ao seu redor. Essas amizades sensuais causam o mesmo dano à alma, pois a possuem de tal maneira e atraem tão fortemente suas emoções para si, que ela não tem mais forças para produzir boas ações; as folhas, isto é, conversas fúteis, diversões e flertes, são tão frequentes que todo o tempo livre é desperdiçado com elas; e, finalmente, geram tantas tentações, distrações, suspeitas e outras consequências malignas, que todo o coração é pisoteado e destruído. Em uma palavra, essas amizades sensuais não apenas banem o amor celestial, mas também o temor a Deus da alma; eles desperdiçam o espírito e arruinam a reputação; são o esporte do mundo e a praga dos corações.

CAPÍTULO XIX.

Amizade Verdadeira

Amai a todos, Filoteia, com grande amor à caridade, mas não tenhais amizade senão com aqueles que vos comunicam as coisas da virtude; e quanto mais requintadas forem as virtudes, que serão o assunto das vossas comunicações, mais perfeita também será a vossa amizade. Se esta comunicação for nas ciências, a amizade é certamente muito louvável, mas ainda mais se for nas virtudes morais — na prudência, na discrição, na fortaleza e na justiça. Mas se a vossa comunicação recíproca se referir à caridade, à devoção e à perfeição cristã, quão preciosa será a amizade! Será excelente porque vem de Deus, excelente porque durará eternamente em Deus. Oh, como é bom amar na terra como se ama no céu, aprender a estimar-se mutuamente neste mundo como o faremos eternamente no outro.

Não falo aqui daquele simples amor de caridade que devemos ter por todos os homens, mas daquela amizade espiritual pela qual duas, três ou mais almas comunicam uma à outra sua devoção e afeições espirituais, e se tornam um só espírito. Tais almas felizes podem cantar com razão: "Vede quão bom e suave é que os irmãos vivam em união" (Sl 131, 1); pois o delicioso bálsamo da devoção

destila de um coração para outro por uma participação tão contínua, que se pode dizer que Deus derramou sobre esta amizade a sua bênção e a sua vida eterna. Considero todas as outras amizades como meras sombras em comparação com esta, e que os seus laços são apenas correntes de vidro ou de azeviche em comparação com aquele laço da santa devoção que é mais precioso do que o ouro.

Não forme outro tipo de amizade além desta. Falo dos amigos que você escolher; mas você não deve, portanto, abandonar ou negligenciar as amizades que a natureza ou os deveres anteriores o obrigam a cultivar com seus pais, parentes, benfeitores, vizinhos e outros.

Muitos talvez digam: "Não devemos ter nenhum tipo de afeição ou amizade particular, porque isso ocupa o coração, distrai a mente e gera inveja; mas eles estão enganados, porque tendo visto, nos escritos de muitos autores devotos, que amizades particulares e afeições extraordinárias são de infinito prejuízo para pessoas religiosas, eles, portanto, imaginam que é o mesmo em relação ao resto do mundo; há, no entanto, uma diferença material; pois, como em um mosteiro bem organizado, o desígnio comum de todos tende à verdadeira devoção, não é necessário fazer essas comunicações particulares de amizade, para que, ao buscar entre os indivíduos o que é comum ao todo, eles não caiam das particularidades para as parcialidades; mas para aqueles que vivem entre os mundanos e desejam abraçar a verdadeira virtude, é necessário que eles se unam por uma amizade santa e sagrada, já que por esse meio eles

encorajam, auxiliam e conduzem uns aos outros para o bem; Pois assim como aqueles que andam em terreno plano não precisam se dar a mão, enquanto aqueles que estão em uma estrada acidentada e escorregadia se seguram para caminhar com mais segurança, assim também aqueles que estão em ordens religiosas não carecem de amizades particulares, mas aqueles que estão no mundo precisam delas para se protegerem e se ajudarem mutuamente em meio às muitas passagens perigosas pelas quais devem passar. No mundo, nem todos são guiados pelas mesmas visões, nem movidos pelo mesmo espírito; devemos, portanto, nos separar e contrair amizades de acordo com nossas diversas pretensões. Essa particularidade gera, de fato, uma parcialidade; mas é uma parcialidade sagrada, que não cria outra divisão senão aquela que, necessariamente, deveria sempre existir entre o bem e o mal.

Ninguém pode negar, com certeza, que Nosso Senhor amava São João, Lázaro, Marta e Madalena com uma amizade doce e especial. Sabemos que São Pedro estimava ternamente São Marcos e Santa Petronila, assim como São Paulo estimava Timóteo e Santa Tecla. São Gregório Nazianzeno se vangloria, cem vezes, da incomparável amizade que tinha com o grande São Basílio, e a descreve desta maneira: "Parecia que em um e em outro de nós havia apenas uma alma habitando dois corpos; e se não se deve acreditar naqueles que dizem que todas as coisas estão em todas as coisas, ainda assim, de nós dois, pode-se crer que estávamos ambos em cada um de nós, e um no outro: tínhamos cada um de nós apenas uma pretensão: cultivar a virtude e acomodar todos os desígnios de

nossa vida às esperanças futuras; saindo desta terra mortal desta maneira, antes de morrermos nela." Santo Agostinho testemunha que Santo Ambrósio amava Santa Mônica inteiramente, pelas virtudes reais que via nela, e que ela o amava reciprocamente como a um anjo de Deus. Mas sou culpado por detê-los tanto neste assunto tão claro. São Jerônimo, Santo Agostinho, São Gregório, São Bernardo e todos os maiores servos de Deus tiveram amizades muito particulares, sem prejuízo de sua perfeição. São Paulo, censurando as desordens dos gentios, acusa-os de serem pessoas sem afeição, isto é, de não terem amizade verdadeira. E São Tomás, com todos os filósofos mais sábios, reconhece que a amizade é virtude; e fala de amizade particular, visto que, como diz, "A amizade perfeita não pode ser estendida a muitas pessoas". A perfeição, portanto, não consiste em não ter amizade, mas em não ter nenhuma, exceto com aqueles que são bons, santos e santos.

CAPÍTULO XX.

A diferença entre amizades verdadeiras e vãs

Observe, Filoteia, esta importante advertência. Assim como o mel venenoso de Heracleia é tão semelhante ao outro que é saudável, que há grande perigo de confundir um com o outro, ou de tomá-los misturados (pois a bondade de um não pode destruir o veneno do outro), assim deve ficar em guarda aquele que não se deixa enganar em amizades, particularmente quando contraídas entre pessoas de sexos diferentes, sob qualquer pretexto. O diabo frequentemente efetua uma mudança naqueles que amam: começam com o amor virtuoso, que, se não for acompanhado pela máxima discrição, começará a se misturar com o amor sensual, e depois com o amor carnal; sim, há até perigo no amor espiritual, se não estivermos extremamente vigilantes: embora neste seja mais difícil de ser enganado, porque sua pureza e brancura tornam mais aparentes as manchas e nódoas que Satanás procura misturar com ele e, portanto, quando o toma em mãos, o faz com mais astúcia e se esforça para introduzir impurezas em graus quase imperceptíveis.

Você pode distinguir a amizade mundana daquela que é santa e virtuosa, assim como o mel venenoso de Heráclito é conhecido do outro; pois, assim como o mel de Heráclito é mais doce à língua do que o mel comum, por causa do suco da beladona mortal que lhe dá doçura adicional, assim a amizade mundana normalmente produz uma grande profusão de palavras doces, expressões apaixonadas, juntamente com admiração pela beleza, comportamento e outras qualidades sensuais, enquanto a amizade santa fala uma linguagem simples e sincera, e não recomenda nada além da virtude e da graça de Deus, os únicos fundamentos ou nos quais ela subsiste. Assim como o mel de Heráclito, quando engolido, causa tontura, assim a falsa amizade gera uma vertigem na mente, que faz as pessoas cambalearem em castidade e devoção, apressando-as em olhares e carícias afetados e imodestos, suspiros desordenados e queixas ridículas de não serem amadas; a um comportamento estudado e sedutor, a galanteios, a beijos e outras familiaridades, os sinais certos e inquestionáveis da ruína iminente da castidade. Mas a santa amizade não tem aparência senão simples e modesta, nem carícias senão puras e sinceras, nem suspiros senão pelo céu, nem familiaridades senão espirituais, nem queixas senão quando Deus não é amado, marcas infalíveis de pureza. Assim como o mel de Heráclito é incômodo à vista, assim também esta amizade mundana ofusca o julgamento a tal ponto que aqueles que estão infectados por ela pensam que fazem bem quando fazem mal, e acreditam em suas desculpas e pretextos por duas razões: temem a luz e amam as trevas. Mas a santa amizade é clarividente e nunca se esconde, mas aparece de bom grado diante dos que são bons. Em suma, o mel de

Heráclito deixa um grande amargor na boca; assim as falsas amizades se transformam em palavras e exigências lascivas e carnaís; ou, em caso de recusa, em injúrias, calúnias, imposturas, tristeza, confusão e ciúmes, que muitas vezes terminam em pura loucura. Mas a amizade casta é sempre igualmente honesta, civilizada e amável, e nunca se transforma senão numa união de espíritos mais perfeita e pura, uma imagem viva da amizade abençoada que existe no céu.

São Gregório Nazianzeno diz que, assim como o grito do pavão, quando ele se pavoneia e abre sua cauda, atrai a pavo; assim, quando vemos um homem vestido com sua melhor roupa para bajular, persuadir e sussurrar nos carros de mulheres ou meninas, sem pretensão de casamento legal, então, sem dúvida, é apenas para afastá-las da virtude; e toda mulher virtuosa tapará os ouvidos contra a voz de tal encantador que busca encantá-la assim astutamente; mas se ela o ouvisse, meu Deus! Que mau presságio seria de sua futura queda.

Pessoas que usam gestos, olhares e carícias, ou proferem palavras com as quais não se surpreenderiam de bom grado com seus pais, mães, maridos, esposas ou confessores, testemunham, com isso, que estão tratando de algo contrário à honra e à consciência. Nossa Senhora ficou perturbada ao ver um anjo em forma de homem, porque estava sozinha, e que ele lhe tributava louvores extraordinários, embora celestiais. Ó Salvador do mundo! Se a própria pureza temia um anjo em forma de homem, por que uma

mulher frágil não temeria um homem, mesmo que ele viesse em forma de anjo, especialmente quando ele a louva com elogios sensuais e terrenos?

CAPÍTULO XXI.

Conselhos e remédios contra as más amizades

Mas que remédios devemos tomar contra essas amizades tolas e malignas? Assim que sentires o seu primeiro toque, afasta-te subitamente com absoluto horror e aversão por elas; corre para a cruz do teu Salvador e pega na coroa de espinhos para a colocares em volta do teu coração, a fim de que estas raposinhas não se aproximem dela. Tem cuidado ao chegar a qualquer tipo de compromisso com este inimigo; não digas: "Eu o ouvirei", mas não farei nada do que ele me disser; emprestar-lhe-ei os meus ouvidos, mas recusar-lhe-ei o meu coração. Oh, não, Filoteia, pelo amor de Deus, sê resoluta nestas ocasiões: o coração e os ouvidos correspondem um ao outro, e assim como é impossível parar uma torrente que desce uma montanha, é difícil impedir que o amor que entrou pelo ouvido caia repentinamente no coração.

Alcmeon fingiu que as cabras respiram pelos ouvidos e não pelas narinas, o que Aristóteles, é claro, negou; mas uma coisa eu sei: nosso coração respira pelos ouvidos e, assim como emite seus próprios pensamentos pela língua, também absorve os pensamentos

dos outros pelo ouvido. Portanto, mantenhamos uma vigilância diligente sobre nossos ouvidos, para que não inalemos o ar corrupto das palavras imundas, pois, do contrário, nossos corações logo serão infectados. Não dê ouvidos a conversas desse tipo, sob qualquer pretexto.

Lembre-se de que você dedicou seu coração a Deus e, sendo assim, seria um sacrilégio aliená-lo dEle, mesmo que seja a menor parte dele. Em vez disso, dedique-o a Ele novamente, por meio de mil resoluções e protestos; e mantendo-se próximo a eles, como um cervo em seu mato, invoque a Deus, e Ele o ajudará, e seu amor tomará o seu sob sua proteção, para que viva somente para Ele.

Mas se você já está preso nas malhas de tais amizades malignas, quão difícil será se livrar delas! Coloque-se diante da Divina Majestade, reconhecendo, em Sua presença, o excesso de sua miséria, fragilidade e vaidade. Então, com o maior esforço de que seu coração for capaz, deteste-as; renuncie a todas as promessas recebidas e, com a maior e mais absoluta resolução, determine em seu coração nunca permitir que elas ocupem seus pensamentos, nem um pouco, pelo resto de sua vida.

Se você pudesse se afastar do objeto, não conheço remédio melhor, pois a mudança de lugar contribui muito para acalmar o excesso e a dor, seja da tristeza ou do amor. O jovem de quem fala Santo Ambrósio, em seu Segundo Livro da Penitência, após uma longa viagem, voltou para casa completamente liberto do amor vão que antes nutria, e tão mudado que sua tola amante, ao encontrá-lo,

disse: "Não me conheces? Não sou o mesmo que era?". "Sim", respondeu ele; "mas não sou o mesmo que era". A ausência operou nele essa feliz mudança. Assim, Santo Agostinho relata que, para mitigar a dor que sofria pela morte de seu amigo, deixou Tagasta, o lugar onde seu amigo morreu, e foi para Cartago.

Mas o que deve fazer aquele que não consegue se retrair? Que renuncie absolutamente a toda familiaridade e conversa privada, olhares amorosos, sorrisos e, em geral, a todo tipo de intercuro que possa alimentar o fogo impuro; ou, se precisar falar com a outra parte, que seja apenas para declarar, com um protesto ousado, breve e sério, o divórcio eterno que jurou. Clamo em voz alta a todos os que caíram nessas armadilhas miseráveis: cortem-nas, quebrem-nas, rasguem-nas; não devem se divertir desfazendo essas amizades criminosas: devem rasgá-las e despedaçá-las; não esperem para desatar os nós, mas quebrá-los ou cortá-los, para que as cordas e fios não valham nada; não devemos fazer cerimônia com o amor, que é contrário ao amor de Deus.

Mas depois de ter quebrado assim as correntes desta infame escravidão, ainda restarão alguns sentimentos: as marcas e marcas do ferro ainda estarão impressas em meus pés, isto é, em meus afetos. Não, Filoteia, não estarão, desde que tenhas concebido uma aversão tão grande pelo mal quanto ele merece: agora não serás excitada por nenhum outro sentimento senão o de extremo horror a este amor infame e a tudo o que se relaciona com ele; e permanecerás livre de qualquer outra afeição pelo objeto

abandonado, exceto a de uma puríssima caridade, pelo amor de Deus. Mas se, pela imperfeição de teu arrependimento, ainda restar em ti quaisquer más inclinações, busca um retiro mental para tua alma, de acordo com o que te ensinei antes, e retira-te para ele sempre que puderes, e, por mil reiteradas exclamações do espírito, renuncia a todas as tuas inclinações criminosas e rejeita-as com todas as tuas forças. Lê livros piedosos e sagrados com uma aplicação fora do comum; Confesse-se e comunique-se com mais frequência; consulte humilde e sinceramente seu diretor, ou algum amigo prudente e fiel, a respeito de todas as sugestões e tentações desse tipo que possam lhe sobrevir, e não duvide que Deus o livrará dessas paixões criminosas, desde que continue fielmente em tais bons exercícios. E, você perguntará, não seria ingratidão romper uma amizade tão impiedosamente? Oh, quão feliz é essa ingratidão que nos torna agradáveis a Deus! Mas não, Filoteia, eu lhe digo, em nome de Deus, que isso não será ingratidão, mas um grande benefício que você fará ao seu amado; pois, ao romper seus próprios laços, você também romperá os dele, visto que eram comuns a ambos; e embora, por enquanto, ele possa não estar ciente de sua felicidade, logo a reconhecerá e cantará junto com você em ação de graças: "Ó Senhor, tu quebraste meus laços; eu te oferecerei um sacrifício de louvor e invocarei o teu santo nome." (Sl. cxv.)

CAPÍTULO XXII.

Mais conselhos sobre amizade

Tenho outro conselho importante a lhe dar sobre este assunto. A amizade requer grande comunicação entre amigos, caso contrário, não pode crescer nem subsistir. Portanto, acontece frequentemente que, com esta comunicação de amizade, diversas outras comunicações deslizam insensivelmente de um coração para outro, por uma infusão mútua e intercâmbio recíproco de afeições, inclinações e impressões. Mas isso acontece especialmente quando temos grande estima por aquele a quem amamos; pois então abrimos nosso coração de tal maneira à sua amizade que, junto com ela, suas inclinações e impressões entram rapidamente em seu fluxo total, sejam elas boas ou más. Certamente as abelhas que colhem o mel de Heracleia não buscam nada além de mel; mas, ainda assim, com o mel, elas sugam insensivelmente as qualidades venenosas do acônito, do qual o colhem. Nessas ocasiões, Filoteia, devemos cuidadosamente pôr em prática o que o Salvador de nossas almas costumava dizer: "Sede bons banqueiros ou cambistas", isto é, "Não recebais dinheiro ruim com o bom, nem ouro vil com o bom"; separai o que é precioso do que é vil; pois dificilmente existe alguém que não tenha alguma imperfeição. Pois por que deveríamos aceitar

promiscuamente os defeitos e imperfeições de um amigo, juntamente com sua amizade? Devemos amá-lo de fato, apesar de suas imperfeições, mas não devemos amar nem aceitar suas imperfeições; pois a amizade requer uma comunicação do bem, não do mal. Portanto, assim como aqueles que tiram cascalho do rio Tejo separam o ouro que encontram para levá-lo embora e deixam a areia nas margens, assim aqueles que têm a intercomunicação de alguma boa amizade devem separar dela a areia das imperfeições e não permitir que ela entre em suas almas. São Gregório Nazianzeno testemunha que muitos, amando e admirando São Basílio, foram levados insensivelmente a imitá-lo, mesmo em suas imperfeições exteriores, como em sua fala lenta, seu espírito distraído e pensativo, o estilo de sua barba e seu andar. E frequentemente vemos maridos, esposas, filhos e amigos que, tendo grande estima por seus amigos, pais, maridos e esposas, adquirem, por condescendência ou imitação, mil pequenos maus hábitos, que cultivam uns com os outros. Ora, isso não deveria ser assim, pois cada um tem inclinações malignas suficientes, sem se responsabilizar pelas dos outros; e a amizade está tão longe de exigir isso que, pelo contrário, nos obriga a nos ajudarmos mutuamente, com vistas a nos libertarmos de todos os tipos de imperfeições. Devemos, de fato, suportar mansamente nosso amigo em suas imperfeições, mas não devemos induzi-lo a imperfeições, muito menos imitá-las nós mesmos. Mas falo apenas de imperfeições; Quanto aos pecados, não devemos nem causá-los nem tolerá-los em nossos amigos. É uma amizade fraca ou perversa ver nosso amigo perecer e não ajudá-lo; vê-lo morrer de um

abscesso e não ousar abri-lo com uma lanceta de correção para salvar sua vida. A amizade verdadeira e viva não pode subsistir em meio ao pecado. Diz-se que a salamandra apaga o fogo em que se encontra, assim como o pecado destrói a amizade em que se aloja. Se for apenas um pecado transitório, a amizade o colocará em fuga imediatamente pela correção; mas se for habitual e estabelecer-se permanentemente, a amizade perece imediatamente, pois não pode existir senão sobre o sólido fundamento da virtude. Nunca devemos, portanto, cometer pecado por causa da amizade. Um amigo se torna um inimigo quando quer nos levar ao pecado; e merece perder seu amigo quando quer destruir sua alma. É uma marca infalível de falsa amizade vê-la exercida em relação a uma pessoa perversa, quaisquer que sejam seus pecados; Pois se aquele a quem amamos é vicioso, sem dúvida nossa amizade também o é; visto que, visto que não pode respeitar a verdadeira virtude, deve necessariamente basear-se em alguma virtude frívola ou qualidade sensual. A sociedade formada para o comércio, por exemplo, entre mercadores, é apenas uma sombra da verdadeira amizade, visto que não é feita pelo amor às pessoas, mas pelo amor ao lucro.

Finalmente, as duas frases divinas seguintes são os dois principais pilares para garantir uma vida cristã; uma é a do homem sábio: "Aquele que teme a Deus terá também boas amizades"; a outra é a do apóstolo São Tiago: "A amizade deste mundo é inimiga de Deus".

CAPÍTULO XXIII.

Do exercício da Mortificação Exterior

Antigos escritores sobre agricultura e assuntos rurais nos dizem que se qualquer palavra for escrita em uma amêndoa sadia, e ela for novamente colocada na casca e plantada, todos os frutos da árvore que dela brotar terão a mesma palavra gravada. De minha parte, Filoteia, eu jamais aprovaria o método daqueles que, para reformar um homem, começam pelo seu exterior, como seus gestos, suas vestes ou seus cabelos. Pelo contrário, penso que devemos começar pelo seu interior: "Convertei-vos a mim de todo o vosso coração" (Joel, ii). "Filho, dá-me o vosso coração" (Provérbios 23). Pois sendo o coração a fonte genuína de nossas ações, nossas obras serão sempre tais como o nosso coração é. O Divino Esposo convida a alma: "Põe-me como selo sobre o teu coração, como selo sobre o teu braço" (Cântico dos Cânticos, v). Sim, verdadeiramente; pois todo aquele que tem Jesus Cristo em seu coração O mostrará rapidamente em todas as suas ações exteriores. Desejo, portanto, querida Filoteia, acima de tudo gravar em seu coração este lema sagrado: "Viva Jesus", estando certo de que sua vida, que procede do coração, como uma amendoeira de uma amendoeira, produzirá

posteriormente as mesmas palavras de salvação escritas em todas as suas ações; pois, assim como este doce Jesus vive em seu coração, Ele também viverá em seu exterior, em seus olhos, em sua boca, em suas mãos e até mesmo nos cabelos de sua cabeça; para que você possa dizer com São Paulo: "Eu vivo, não, não eu, mas Cristo vive em mim". Em uma palavra, aquele que ganhou o coração ganhou o homem inteiro; mas mesmo este coração, pelo qual começaríamos, precisa ser instruído sobre como deve moldar seu comportamento exterior, para que os homens não apenas possam contemplar nele a santa devoção, mas também a sabedoria e a discrição; por esta razão, imploro sua séria atenção às seguintes breves admoestações:

Se você for capaz de suportar o jejum, faria bem em jejuar alguns dias além daqueles que são ordenados pela Igreja; pois, além dos efeitos habituais do jejum, a saber, elevar o espírito, manter a carne em sujeição, exercer a virtude e adquirir uma recompensa maior no céu, é um ótimo meio de restringir a gula e manter os apetites sensuais e o corpo sujeitos à lei do espírito e, embora possamos não jejuar muito, o inimigo nos teme quando sabe que sabemos como jejuar. Quartas, sextas e sábados são os dias em que os antigos cristãos mais se exercitavam em abstinência; escolha, então, algum desses dias para jejuar, tanto quanto sua devoção e a discrição de seu diretor o aconselharem.

Eu lhe diria de bom grado, como São Jerônimo disse à boa Senhora Læta: "Jejuns longos e imoderados me desagradam muito,

especialmente naqueles que ainda são jovens." Aprendi por experiência que o jumentinho, cansado da jornada, procura desviar-se do caminho reto; isto é, que os jovens, enfermos pelo excesso de jejum, facilmente se voltam para um estilo de vida delicado e luxuoso. Os cervos não correm bem em duas circunstâncias: quando estão muito gordos ou muito magros. Estamos muito expostos a tentações, tanto quando nosso corpo é muito mimado quanto quando está muito enfraquecido; pois uma o torna insolente com facilidade, e a outra o desespera com a aflição; e assim como não o suportamos quando está muito gordo, ele também não nos suporta quando está muito magro. A falta dessa moderação no uso do jejum, da disciplina, dos cilícios e de outras austeridades torna os melhores anos de muitos improdutivos no serviço da caridade, como aconteceu até mesmo no caso de São Bernardo, que se arrependeu de ter usado demasiada austeridade; e quanto mais se excederam nos maus-tratos a seus corpos no início, mais foram constrangidos a favorecê-los no final. Não teriam feito melhor se tivessem mortificado seus corpos moderadamente e em proporção aos ofícios e trabalhos aos quais sua condição os obrigava?

O trabalho, assim como o jejum, serve para mortificar e subjugar a carne. Ora, desde que o trabalho que empreendeis contribua para a glória de Deus e para o vosso próprio bem-estar, prefiro que sofraís a dor do trabalho do que a do jejum. Este é o sentido da Igreja, visto que, por causa dos trabalhos que contribuem para o serviço de Deus e do próximo, dispensa as pessoas que neles se dedicam, até mesmo dos jejuns ordenados. Alguns acham penoso jejuar; outros,

servir os doentes ou visitar os presos; outros, ouvir confissões, pregar, orar e realizar exercícios semelhantes. Estes últimos tipos de dores são mais valiosos do que os primeiros; pois, além de subjugar o corpo, produzem frutos muito mais desejáveis e, portanto, em geral, é melhor preservar a nossa força corporal mais do que o necessário do que enfraquecê-la em demasia; pois podemos sempre diminuí-la quando queremos, mas nem sempre podemos repará-la quando desejamos fazê-lo.

Devemos atender com grande reverência à admoestação dada por nosso Santíssimo Salvador aos seus discípulos: "Comei do que vos for servido" (Lucas, 10, 9). É, na minha opinião, uma virtude maior comer sem escolha o que vos é servido, e na mesma ordem em que é apresentado, seja mais ou menos agradável ao vosso paladar, do que escolher sempre o pior; pois, embora este último modo de vida pareça mais austero, o primeiro, no entanto, apresenta mais resignação, visto que por ele renunciamos não apenas ao nosso próprio gosto, mas até mesmo à nossa própria escolha; e não é pouca mortificação acomodar o próprio paladar a todo tipo de alimento e mantê-lo sujeito a todas as ocorrências. Além disso, esse tipo de mortificação não faz alarde, não incomoda ninguém e adapta-se perfeitamente à vida civil. Deixar de lado um tipo de carne para pegar outro, raspar e separar cada prato, não achar nada bem preparado ou suficientemente saboroso, e fazer mistério de cada pedaço, revela um coração excessivamente bom e excessivamente apegado à comida e à bebida. Estimo mais o fato de São Bernardo beber azeite em vez de água ou vinho do que se tivesse bebido água

de absinto propositalmente; pois era um sinal claro de que ele não pensava no que bebia; e nessa indiferença em relação à nossa comida consiste a perfeição da prática da regra sagrada: "Coma o que lhe for servido". Exceto, no entanto, as carnes que podem prejudicar a saúde ou incomodar o espírito, como carnes quentes ou muito temperadas; assim como certas ocasiões em que a natureza requer recreação e assistência, a fim de poder suportar algum trabalho para a glória de Deus. Uma sobriedade contínua e moderada é preferível à abstinência violenta, praticada por acessos e seguida de intemperança.

O uso moderado da disciplina desperta o fervor da devoção. O cilício mortifica a carne excessivamente, mas seu uso, em geral, não é apropriado nem para pessoas casadas, nem para pessoas de pele delicada, nem para aqueles que têm outras grandes dores a suportar. No entanto, em alguns dias de penitência marcantes, pode ser usado com o conselho de um confessor discreto.

Devemos dedicar a noite ao sono, cada um tanto quanto sua constituição exigir, a fim de que possamos vigiar e passar o dia proveitosamente; e também porque a Sagrada Escritura, os exemplos dos santos e a razão natural nos recomendam veementemente a manhã como a parte mais útil do dia, e que o próprio Nosso Senhor é chamado de Sol Nascente, e Nossa Senhora, de alvorada do dia. Considero uma questão de virtude cuidar de ir descansar cedo à noite, para que possamos acordar e levantar-nos cedo pela manhã, que é certamente, de todos os outros momentos,

o mais favorável à piedade e à saúde, o mais agradável e o que menos dispõe a perturbações e distrações; quando os próprios pássaros nos convidam a despertar e louvar a Deus; de modo que levantar-se cedo é igualmente útil à saúde e à santidade.

Balaão, montado em sua jumenta, ia ao encontro do rei Balaque, mas, como não tinha a intenção correta, o anjo o esperou no caminho, com uma espada na mão, para matá-lo. A jumenta, ao ver o anjo, parou três vezes e ficou inquieta; Balaão, entretanto, espancou-a cruelmente com seu cajado para fazê-la avançar, até que a besta, na terceira vez, caindo sob Balaão, por um milagre extraordinário, lhe disse: "Que te fiz eu? Por que me feres, eis que já esta terceira vez?" (Números 22:28). Mas logo depois, os olhos de Balaão se abriram e ele viu o anjo, que lhe disse: "Por que espancas a tua jumenta? Se ela não se tivesse desviado do caminho, dando-me passagem, eu te teria matado, e ela teria vivido." Então Balaão disse ao anjo: "Pequei, sem saber que te levantaste contra mim." Eis, Filoteia, embora Balaão seja a causa do mal, ele bate e espanca sua pobre jumenta, que não pôde impedi-lo. Muitas vezes acontece o mesmo conosco; por exemplo, uma mulher vê seu marido ou filho doente e imediatamente se entrega ao jejum, ao pano de saco e à disciplina, como Davi fez em ocasião semelhante. Ai!, meu caro amigo, você bate na pobre jumenta, aflige seu corpo, mas isso não pode remediar o mal, nem é por isso que a espada de Deus está desembainhada contra você: corrija seu coração, que é um ídola de seu marido e que permitiu mil vícios em seu filho; encorajou-o ao orgulho, à vaidade e à ambição. Além disso, um homem percebe

que frequentemente recai vergonhosamente no pecado da impureza; um remorso interior vem, espada na mão, contra sua consciência, para perfurá-la com um santo temor; E então, com o coração voltando a si, ele diz: "Ah, carne perversa! Ah, corpo traiçoeiro! Tu me traístes!" E imediatamente desfere grandes golpes em sua carne, com jejum imoderado, disciplina excessiva e cilícios insuportáveis. Ó, pobre alma, se tua carne pudesse falar, como a jumenta de Balaão, ela te diria: "Por que, miserável, me feres?" É contra ti, ó alma, que Deus arma sua vingança; és tu o criminoso: por que me levas para más companhias? Por que empregas meus olhos, minhas mãos e meus lábios na lascívia? Por que me perturbas com imaginações impuras? Acalenta bons pensamentos, e não terei maus impulsos; anda com os modestos e castos, e não serei provocado à impureza. És tu, ai de mim! que me atiras ao fogo, e ainda assim não queres que eu queime; Tu lanças fumaça em meus olhos, e ainda assim não os deixas inflamar. E Deus, sem dúvida, diz a vocês nestes casos: Batam, quebrem, dobrem e esmaguem seus corações em pedaços, pois é principalmente contra eles que minha ira é excitada. Assim como para curar doenças da pele, não é tão necessário lavar ou banhar o corpo quanto é para purificar o sangue e fortalecer o fígado; assim, para curar nossos vícios, embora possa ser bom mortificar a carne, é, acima de tudo, necessário purificar nossas afeições e refrescar nossos corações eficazmente. Mas, em tudo e por meio de tudo, certifiquemo-nos de nunca empreender austeridades corporais, a não ser com o conselho de nosso guia espiritual.

CAPÍTULO XXIV.

Conversa e Solitude

Conversa e Solidão.

Buscar e evitar a conversação são dois extremos censuráveis na devoção daqueles que vivem no mundo, que é o que estamos tratando agora. Evitar toda conversa que tenha sabor de desdém e desprezo pelo próximo; e gostar dela é sinal de preguiça e ociosidade. Devemos amar o próximo como a nós mesmos e, para demonstrar que o amamos, não devemos fugir de sua companhia; e para testemunhar que nos amamos, devemos ficar conosco mesmos, quando estivermos sozinhos. "Pense primeiro em si mesmo", diz São Bernardo, "e depois nos outros". Se, portanto, nada o pressiona a sair para receber visitas, ou a receber visitas em casa, fique em si mesmo e entretenha-se com seu próprio coração; mas se visitas o visitam, ou qualquer causa justa o convida para a companhia, vá, em nome de Deus, Filoteia, e veja o seu próximo com um coração benevolente e um olhar bondoso.

Chamamos de más as conversas mantidas com alguma intenção maliciosa, ou quando a companhia é cruel, indiscreta e dissoluta: devemos evitá-las, assim como as abelhas evitam a companhia de

vespas e marimbondos. Pois, assim como quando as pessoas são mordidas por cães raivosos, sua transpiração, seu hálito e sua saliva se tornam infecciosos, assim também as pessoas cruéis e dissolutas não podem ser visitadas sem o máximo risco e perigo, especialmente por aquelas cuja devoção ainda é jovem e tenra.

Há algumas conversas inúteis, mantidas apenas para nos divertir e nos distrair de nossas ocupações sérias, às quais não devemos nos apegar demais, embora permitamos que ocupem o lazer destinado à recreação. Outras conversas têm a polidez como objeto, como no caso de visitas mútuas e certas assembleias convocadas para homenagear o próximo. Com relação a estas, assim como devemos ser extremamente cautelosos em sua prática, também não devemos ser incivis em condená-las, mas cumprir modestamente nosso dever em relação a elas, a fim de evitarmos igualmente a má educação e a leviandade.

Resta-nos falar da proveitosa conversação entre pessoas devotas e virtuosas. Conversar frequentemente com pessoas assim, Filoteia, será de grande benefício para você. Assim como a videira plantada entre as oliveiras produz uvas oleaginosas, que têm o sabor de azeitonas, assim a alma que frequentemente está na companhia de pessoas virtuosas não pode deixar de compartilhar de suas qualidades. Assim como os zangões sozinhos não podem produzir mel, mas o fazem com a ajuda das outras abelhas, assim é de grande vantagem para nós, no exercício da devoção, conversar com os devotos.

Em todas as conversas, a sinceridade, a simplicidade, a mansidão e a modéstia devem ser sempre preservadas. Há um tipo de pessoas que fazem gestos e movimentos com tanta afetação que causam problemas aos outros; e assim como aquele que nunca conseguia andar sem contar os passos, nem falar sem cantar, seria incômodo para o resto da humanidade, assim também aqueles que fingem uma postura artificial e não fazem nada além de exibicionismo são muito desagradáveis na conversa, pois em tais há sempre algum tipo de presunção. Que uma alegria moderada predomine normalmente em nossa conversa. São Romualdo e Santo Antônio são altamente elogiados por sempre, apesar de suas austeridades, terem tanto o semblante quanto a fala adornados com alegria, alegria e cortesia; "Alegrai-vos com os que se alegram" (Rm 12,15). E novamente vos digo com o Apóstolo: "Alegrai-vos sempre, mas somente no Senhor. Seja a vossa modéstia conhecida de todos os homens" (Fp 4,4). Para se alegrar em Nosso Senhor, o objeto da sua alegria não deve ser apenas lícito, mas também decente; e digo isso porque há coisas lícitas que, no entanto, não são decentes, e para que a sua modéstia seja conhecida por todos, mantenha-se livre da insolência, que é sempre repreensível. Fazer alguém cair, manchar o rosto de outro, picar ou beliscar um terceiro, ferir um tolo, são alegrias tolas e insolentes.

Mas ainda assim, além daquela solidão mental para a qual você pode se refugiar, mesmo em meio às maiores conversas, como observei até agora (Sl 2,12), você também deve amar a solidão local e real: não que eu espere que você vá para o deserto, como Santa

Maria do Egito, São Paulo, Santo Antônio, Santo Arsênio e os outros antigos solitários fizeram, mas que fique por algum tempo sozinho em seu quarto ou jardim, ou em algum outro lugar onde você possa, com calma, recolher seu espírito ao seu coração e recrear sua alma com meditações piedosas, pensamentos santos ou leitura espiritual. São Gregório Nazianzeno, falando de si mesmo, diz: "Eu caminhava, eu mesmo comigo mesmo, perto do pôr do sol, e passava o tempo na praia; pois estou acostumado a usar essa recreação para me revigorar e me livrar um pouco dos meus problemas comuns"; e depois ele relata as piedosas reflexões que fez, que já mencionei em outro lugar. Santo Agostinho relata que, entrando frequentemente no quarto de Santo Ambrósio, que nunca negava entrada a ninguém, sempre o encontrava lendo, e que, depois de permanecer ali por algum tempo, com medo de interrompê-lo, retirava-se sem dizer uma palavra, pensando que o pouco tempo que restava àquele grande pastor para recrear-se, depois da correria de tantos afazeres que tinha em mãos, não lhe deveria ser tirado. E quando os Apóstolos, um dia, contaram a Nosso Senhor como haviam pregado e o quanto haviam feito, Ele lhes disse: "Vinde, à parte, a um lugar deserto, e descansai um pouco" (Marcos, 6, 13).

CAPÍTULO XXV.

Decência no Traje

São Paulo deseja que as mulheres devotas, e o mesmo se pode dizer dos homens, se trajem "com traje decente, adornando-se com modéstia e sobriedade" (1 Tm 2,9). Ora, a decência e os ornamentos do vestuário dependem da matéria, da forma e da limpeza. Quanto à limpeza, deve ser sempre muito rigorosa, e não devemos tolerar qualquer tipo de sujeira sobre elas. A limpeza exterior representa, em certa medida, a limpeza do interior; e o próprio Deus exige limpeza corporal daqueles que se aproximam de seus altares e têm a principal responsabilidade pela devoção.

Quanto à matéria, forma e decência de nossas vestimentas, elas devem ser consideradas de acordo com as diversas circunstâncias da época, da época, da qualidade, da companhia e das ocasiões. As pessoas geralmente se vestem melhor em feriados, em proporção à solenidade da festa celebrada. Em tempos de penitência, como na Quaresma, os ornamentos são deixados de lado. Nos casamentos, vestem-se as vestes nupciais; nos funerais, o luto.

A mulher casada pode e deve adornar-se quando está com o marido, e ele o deseja; mas se o fizer quando estiver distante dele,

perguntar-se-á de quem são os olhos que ela deseja favorecer com esse cuidado especial. Às donzelas é permitida uma maior liberdade em termos de ornamentos, porque elas podem legitimamente desejar parecer agradáveis a muitos, embora sem outra intenção senão a de conquistar um marido. Também não se considera impróprio que as viúvas que pretendem casar se adornem em alguma medida, desde que revelem nobreza; pois, tendo já sido donas de família e passado pelas dores da viuvez, devem ser consideradas como tendo uma mente mais madura e estável. Mas, quanto às que são viúvas de fato, não apenas de corpo, mas de coração, nenhum outro ornamento lhes convém senão humildade, modéstia e devoção; pois, se têm a inclinação de fazer os homens se apaixonarem por elas, não são viúvas de fato, e se não têm tal desejo, por que carregam consigo os instrumentos do amor? O anfitrião que deixa de receber hóspedes deve retirar a placa de sua hospedaria. Idosos são sempre ridículos quando tentam parecer jovens.

Seja elegante, Filoteia; não deixe nada solto em você, nem se vista de maneira desleixada. É uma espécie de desprezo por aqueles com quem conversamos entrar em sua companhia com roupas indecorosas; mas, então, evite toda afetação, vaidade, estranheza ou leviandade em suas roupas. Mantenha-se sempre, tanto quanto possível, do lado da simplicidade e da modéstia, que, sem dúvida, é o maior ornamento da beleza e a melhor maneira de compensar a falta dela.

São Pedro (1 Epístola iii. 3) admoesta as mulheres, em particular, a não usarem os cabelos muito cacheados e frisados em anéis e coroas; mas os homens que são tão fracos a ponto de se divertirem com tal ostentação são justamente ridicularizados por sua efeminação. Dizem que não veem mal algum nessas coisas; mas repito, como já disse em outro lugar, que o diabo pensa exatamente o contrário. De minha parte, desejo que as pessoas devotas, sejam homens ou mulheres, sejam as mais bem vestidas em qualquer companhia, mas as menos pomposas e afetadas: eu as teria adornadas com graça, decência e dignidade. São Luís diz que cada um deve se vestir de acordo com sua condição; para que os sábios e os bons não tenham razão para reclamar que você se veste demais, nem os jovens digam que você faz de menos. Mas, caso os jovens não se contentem com o que é decente, devemos nos conformar ao julgamento dos sábios.

CAPÍTULO XXVI.

Conversação; e, primeiro, como devemos falar de Deus

Assim como os médicos descobrem a saúde ou a doença de um homem examinando sua língua, nossas palavras são indicações verdadeiras da qualidade de nossas almas. Nosso Salvador diz: "Por tuas palavras serás justificado, e por tuas palavras serás condenado" (Mt 12,37). Prontamente movemos a mão para a dor que sentimos, e a língua para o amor que nutrimos.

Se, pois, Filoteia, amas a Deus, falarás dele com frequência em tuas conversas familiares, com os teus familiares, com os teus amigos e com os teus vizinhos: "Pois a boca do justo medita na sabedoria, e a sua língua profere juízo" (Sl 36, 30). Assim como as abelhas, com suas boquinhas, só sorvem mel, assim também a tua língua deve ser sempre adoçada por Deus, e não encontrar maior prazer do que nos doces louvores e bênçãos do seu nome fluindo entre os teus lábios, como São Francisco, que costumava chupar e lambe os lábios depois de pronunciar o santo nome do Senhor, para extrair deles, por assim dizer, a maior doçura do mundo.

Mas falai sempre de Deus, como de Deus; isto é, com reverência e devoção; não com ostentação ou afetação, mas com espírito de mansidão, caridade e humildade, destilando, quanto puderdes, como é dito da Esposa no Cântico (Cant. iv. 11), do delicioso mel da devoção e das coisas de Deus, gota a gota, nos ouvidos às vezes de um e às vezes de outro, rezando a Deus em segredo, para que Lhe aprouva fazer com que este orvalho santo penetre profundamente nos corações daqueles que vos ouvem.

Acima de tudo, este ofício angélico deve ser feito mansamente e rapidamente; não por meio de correção, mas de inspiração: pois é surpreendente quão poderosamente uma maneira doce e amável de propor coisas boas atrai os corações dos ouvintes.

Nunca, portanto, fale de Deus ou de devoção de maneira leviana e irrefletida, ou por brincadeira, mas sim com a máxima atenção e reverência. Dou-lhe este conselho para que evite aquela notável vaidade que se encontra em muitos falsos devotos, que em todas as ocasiões proferem palavras de piedade e devoção, devoção, como forma de entretenimento, sem jamais pensar no que dizem, e depois, falsamente, imaginam ser o que suas palavras sugerem.

CAPÍTULO XXVII.

Modéstia nas palavras e respeito às pessoas

"Se alguém não peca com palavras, é um homem perfeito (Tiago, iii. 2). Tenha cuidado, portanto, para nunca deixar escapar uma palavra indecente: pois, embora você não a diga com má intenção, ela pode ser prejudicial para aqueles que a ouvem. Uma palavra má que cai em um coração fraco se espalha como uma gota de óleo caindo sobre o linho: não, às vezes se apodera do coração de tal maneira que o enche com mil pensamentos impuros e tentações de pecar, pois assim como o veneno do corpo entra pela boca, o veneno da alma entra pelo ouvido, e a língua que o profere é assassina. Pois, embora talvez o veneno que ele derramou não tenha surtido efeito, porque encontrou as almas dos ouvintes protegidas com algum preservativo, ainda assim a malícia estava na língua para causar-lhes a morte. Que ninguém, portanto, me diga que não tem tal pensamento; pois nosso Senhor, o sondador dos corações, disse: "A boca fala do que há em abundância no coração." Mas se não tivermos maus pensamentos, Em tais ocasiões, porém, o inimigo, que é de opinião contrária, sempre usa secretamente palavras imodestas para penetrar a alma de alguém. Assim como aqueles que

comeram a erva angélica sempre têm hálito doce e agradável, aqueles que têm honestidade e castidade, que é uma virtude angélica, em seus corações, têm suas palavras sempre puras, modestas e castas. Quanto às coisas indecentes e obscenas, o Apóstolo nem sequer as nomeia entre nós, assegurando-nos: "Nada corrompe tanto os bons costumes quanto o discurso perverso". Quando palavras imodestas são proferidas sob disfarce, de forma astuta e astuta, tornam-se infinitamente mais venenosas; pois, quanto mais afiado o dardo, mais facilmente ele penetra em nossos corpos, quanto mais afiada uma palavra obscena, mais profundamente ela penetra na alma; e aqueles que se consideram homens galantes por proferirem tais palavras devem saber que, na conversa, devem ser como um enxame de abelhas, reunidas para coletar mel para um entretenimento doce e virtuoso, e não como um ninho de abelhas. vespas, reunidas para sugar a corrupção. Se algum tolo se dirigir a você de maneira lasciva, convença-o de que seus ouvidos estão ofendidos, seja desviando o olhar imediatamente ou demonstrando qualquer outro sinal de ressentimento que sua discrição lhe permita.

Tornar-se um escarnecedor é uma das primeiras qualidades de um espirituoso: Deus, que detesta esse vício, até agora infligiu terríveis punições aos seus perpetradores. Nada é tão oposto à caridade ou à devoção quanto desprezar e escandalosar o próximo; ora, como o escárnio ou a zombaria nunca estão isentos de escárnio, os teólogos consideram-no uma das piores ofensas, por palavras, das quais um homem pode ser culpado contra o seu próximo, pois outras ofensas

podem ser cometidas, ainda tendo alguma estima pela parte ofendida, mas por esta ele é tratado com desprezo e escárnio.

Quanto a certas palavras bem-humoradas e jocosas, ditas uns aos outros, em tom de modesta e inocente alegria, pertencem à virtude chamada eutrapela pelos gregos, que podemos chamar de arte da conversa agradável; e por meio delas nos divertimos honesta e amigavelmente com as ocasiões frívolas que as imperfeições humanas nos proporcionam: apenas devemos ter cuidado para não passar da alegria honesta à zombaria, pois a zombaria provoca o riso no sentido de escárnio e desprezo pelo próximo; ao passo que a alegria e a brincadeira inocentes provocam o riso pela liberdade inocente, confiança e liberdade familiar, unidas à sagacidade viva de alguma engenhosa presunção. São Luís, quando eclesiásticos se ofereceram para falar com ele após o jantar, sobre assuntos elevados e sublimes, disse-lhes: "Agora não é hora de citar textos, mas de nos divertirmos com algumas ideias alegres; que cada um diga o que quiser, mas inocentemente." Ele dizia isso quando alguém da nobreza estava presente para receber demonstrações de gentileza dele. Mas lembremo-nos, Filoteia, de passar o nosso tempo de recreação de modo que nunca percamos de vista a maior de todas as preocupações: a eternidade.

CAPÍTULO XXVIII.

Julgamentos precipitados

"Não julgueis, e não sereis julgados", diz o Salvador de nossas almas; "não condeneis, e não sereis condenados" (Lucas 6:37). "Não", diz o santo apóstolo, "julgai antes do tempo, até que venha o Senhor, o qual não só trará à luz as coisas ocultas das trevas, como também manifestará os desígnios dos corações" (2 Coríntios 4:5). Oh, quão desagradáveis são a Deus os julgamentos precipitados! Os julgamentos dos filhos dos homens são precipitados, porque eles não são juízes uns dos outros e, portanto, usurpam para si o ofício de nosso Senhor. São precipitados, porque a principal malícia do pecado depende da intenção do coração, que é um segredo impenetrável para nós. Não são apenas precipitados, mas também impertinentes, porque a cada um basta julgar a si mesmo, sem se encarregar de julgar o próximo. Para que não sejamos julgados no futuro, é igualmente necessário abster-nos de julgar os outros e ter o cuidado de nos julgar. Pois, assim como nosso Senhor proíbe uma coisa, o apóstolo Paulo junta-se à outra, dizendo que "se nos julgarmos a nós mesmos, não seremos julgados". Mas, ó bom Deus, fazemos exatamente o contrário; pois, ao julgarmos o próximo em todas as ocasiões, fazemos o que é proibido; e, ao não nos

julgarmos, negligenciamos a prática daquilo que nos é estritamente ordenado.

Devemos aplicar remédios contra julgamentos precipitados, de acordo com suas diferentes causas. Há alguns corações naturalmente tão azedos, amargos e duros, que tornam amargo e azedo tudo o que lhes chega: "transformando o julgamento", como diz o profeta Amós, em absinto, por nunca julgar o próximo senão com rigor e dureza. Tais pessoas têm grande necessidade de cair nas mãos de um bom médico espiritual; pois essa amargura de coração, sendo natural a eles, é difícil superá-la, e embora não seja em si um pecado, mas uma imperfeição, é perigosa, porque introduz e faz com que julgamentos precipitados e difamação permaneçam na alma. Alguns julgam precipitadamente, não por dureza, mas por orgulho, imaginando que, na mesma proporção em que rebaixam a honra dos outros, elevam a sua própria. Espíritos arrogantes e presunçosos, que tanto se admiram e se colocam tão alto em sua própria estima, consideram todo o resto da humanidade como vil e abjeto. "Eu não sou como os outros homens", diz o fariseu insensato (Lucas, xviii. 11). Outros, que não possuem esse orgulho manifesto, sentem certa satisfação em refletir sobre as más qualidades dos outros homens, em contraste com as boas qualidades com as quais se julgam dotados. Ora, essa autocomplacência é tão imperceptível que não é descoberta nem mesmo por aqueles que estão contaminados por ela. Outros, para se desculparem e apaziguarem o remorso da própria consciência, julgam de bom grado os outros como culpados do mesmo tipo de vício em que eles próprios são

viciados, ou de algum outro tão grande; pensando que a multidão de ofensores torna o pecado menos culpável. Muitos se dão ao luxo de julgar os outros precipitadamente, meramente pelo prazer de expressar suas opiniões e conjecturas sobre seus costumes e humores, como forma de exercitar sua inteligência; e se, infelizmente, às vezes não erram em seu julgamento, sua precipitação aumenta a um excesso tão violento que torna, de certa forma, impossível jamais efetuar-los. Outros julgam por paixão e preconceito, sempre pensando bem daquilo que amam e mal daquilo que odeiam; exceto em um caso apenas, não menos maravilhoso que o verdadeiro, em que o excesso de amor os incita a fazer um julgamento ruim sobre aquilo que amam; e este é o ciúme, através do qual, como todos sabem, um simples olhar ou o menor sorriso pode condenar a pessoa amada por deslealdade ou infidelidade. Em suma, o medo, a ambição e outras fraquezas mentais semelhantes contribuem frequentemente para a formação de suspeitas e julgamentos precipitados.

Mas qual é o remédio? Assim como aqueles que bebem o suco da erva da Etiópia, chamada ofíusa, imaginam que em toda parte contemplam serpentes e outros objetos assustadores; assim também aqueles que engoliram o orgulho, a inveja, a ambição e o ódio, consideram tudo o que veem como mau e culpável. Os primeiros, para serem curados, devem beber vinho de palma; e eu digo aos últimos: bebam o máximo que puderem do vinho sagrado da caridade, e ele os livrará daqueles humores nocivos que geram julgamentos precipitados. Assim como a caridade teme encontrar o

mal, ela nunca vai procurá-lo; mas sempre que este lhe aparece, ela desvia o rosto e não toma conhecimento. Ao primeiro alarme do mal, ela fecha os olhos e, em seguida, acredita, com honesta simplicidade, que não era o mal, mas apenas sua sombra ou aparição; e se ela não consegue evitar, às vezes, reconhecer que é realmente mau, ela imediatamente se afasta dele e se esforça para esquecer até mesmo sua sombra. A caridade é o remédio soberano contra todos os males, mas especialmente este. Todas as coisas parecem amarelas aos olhos daqueles que sofrem de icterícia; e diz-se que, para curá-los desse mal, devem usar celidônia sob a sola dos pés. O pecado do julgamento precipitado é, de fato, uma icterícia espiritual, e faz com que todas as coisas pareçam más aos olhos daqueles que estão infectados com ela. Aquele que deseja ser curado deve aplicar os remédios, não aos seus olhos, nem ao seu entendimento, mas às suas afeições, que são os pés da alma. Se suas afeições forem brandas, seu julgamento também será brando; se suas afeições forem caridosas, seu julgamento também será caridoso. Apresentarei aqui três exemplos admiráveis: Isaque dissera que Rebeca era sua irmã; Abimeleque o viu brincando com ela, isto é, acariciando-a de maneira terna (Gn 26,8); e imediatamente julgou que ela era sua esposa; um olhar malicioso preferiria julgá-la como sua amante. Mas Abimeleque seguiu a opinião mais caridosa que pôde extrair de tal ação. Devemos sempre fazer o mesmo, Filoteia, sempre julgando, tanto quanto possível, em favor do nosso próximo; e se uma ação pudesse ter cem faces, deveríamos sempre olhar para aquela que é a mais bela.

Nossa Senhora estava grávida (Mt 1,9), e São José percebeu isso claramente; mas, por outro lado, como a via tão santa, pura e angelical, não podia acreditar que ela tivesse engravidado de forma ilícita; resolveu, portanto, deixá-la em segredo e confiar o julgamento do seu caso a Deus; e embora o argumento fosse muito forte para fazê-lo ter uma opinião negativa sobre sua Esposa Virgem, ele jamais a julgaria por ele, e por quê? Porque, diz o espírito de Deus, ele era um homem justo. Um homem justo, quando não consegue mais desculpar nem a ação nem a intenção daquele que, de outra forma, considera virtuoso, não o julgará, mas afastará a lembrança disso de sua mente e deixará o julgamento para Deus. Assim, nosso Santíssimo Salvador na cruz (Lc 23,34), não sendo capaz de desculpar completamente o pecado daqueles que O crucificaram, pelo menos atenuou a malícia do mesmo alegando sua ignorância. Quando não podemos desculpar o pecado, pelo menos o tornemos merecedor de compaixão, atribuindo-o à causa mais favorável, como a ignorância ou a fraqueza.

Mas nunca poderemos julgar o nosso próximo? Não, em verdade, nunca. É Deus, ó Filoteia, que julga os criminosos na justiça pública. É verdade que Ele usa a voz do magistrado para se fazer inteligível aos nossos ouvidos; eles são os seus intérpretes e não devem pronunciar nada além do que aprenderam dEle, como sendo os seus oráculos; se agirem de outra forma, seguindo as suas próprias paixões, então são eles que julgam e, conseqüentemente, serão julgados; pois é proibido aos homens, como aos homens, julgar os outros.

Ver ou conhecer uma coisa não é julgá-la; pois o julgamento, pelo menos segundo a frase das Escrituras, pressupõe alguma dificuldade, grande ou pequena, verdadeira ou aparente, que deve ser decidida; por isso dizem: "Quem não crê já está julgado" (João 3:1), porque não há dúvida quanto à sua condenação. Não é, então, mau duvidar do próximo? Não, pois não nos é proibido duvidar, mas sim julgar; contudo, não é permitido duvidar ou suspeitar além do que precisamente até onde a razão e o argumento nos obrigam, caso contrário, nossas dúvidas e suspeitas serão precipitadas.

Se algum mau-olhado tivesse visto Jacó quando beijou Raquel junto ao poço, ou tivesse visto Rebeca receber braceletes e brincos de Eliézer, um homem desconhecido naquele país, sem dúvida teria pensado mal desses dois padrões de castidade, mas sem razão ou fundamento; pois, quando uma ação é em si indiferente, é uma suspeita precipitada tirar dela uma conclusão maligna, a menos que muitas circunstâncias fortaleçam o argumento. Também é um julgamento precipitado tirar uma inferência de uma ação, a fim de culpar a pessoa, mas isso explicarei mais claramente a seguir.

Em suma, aqueles que têm consciências sensíveis não estão muito sujeitos a julgamentos precipitados; pois, assim como as abelhas, em tempo nublado ou com neblina, se mantêm fechadas em suas colmeias para organizar seu mel, os pensamentos das boas almas não vão em busca de objetos que jazem ocultos em meio às ações nebulosas de seus vizinhos; mas, para evitar encontrá-los, elas se

retiram para seus próprios corações, para ali organizar e colocar em ordem boas resoluções para sua própria melhoria.

É próprio de uma alma inútil divertir-se examinando a vida de outros homens; exceto diretores espirituais, pais de família, magistrados, etc., pois grande parte de seu dever consiste em observar ou vigiar a conduta dos outros; que eles cumpram esse dever com amor e, tendo feito isso, que se mantenham dentro de si mesmos.

CAPÍTULO XXIX.

Da Detração

O julgamento precipitado gera inquietação, desprezo pelo próximo, orgulho, autocomplacência e vários outros efeitos perniciosos; entre os quais a difamação, a verdadeira praga da conversação, ocupa o primeiro lugar. Oh, se eu tivesse uma das brasas do altar sagrado para tocar os lábios dos homens, a fim de que suas iniquidades fossem removidas e seus pecados purificados, à imitação dos serafins que purificaram a boca do profeta Isaías! Aquele que pudesse livrar o mundo da difamação o livraria de grande parte dos pecados da iniquidade.

Quem rouba o bom nome do próximo, além de se arrepender do pecado que comete, também está obrigado a reparar; pois ninguém pode entrar no céu com os bens alheios; e entre todos os bens exteriores, o bom nome é o melhor. A difamação é uma espécie de assassinato, pois temos três vidas: a espiritual, que consiste na graça de Deus; a corporal, que depende da alma; e a civil, que consiste em nosso bom nome; o pecado nos priva da primeira, a morte nos tira a segunda e a difamação nos rouba a terceira. Mas o difamador, com um só golpe de língua, comete três assassinatos: mata não apenas a sua própria alma e a alma de quem o ouve, mas

também, por um assassinato espiritual, tira a vida civil da pessoa difamada. "Pois", como diz São Bernardo, "tanto aquele que difama como aquele que ouve o difamador têm o diabo em volta de si — um na língua e o outro no ouvido". Davi, falando dos caluniadores, diz: "Afiaram as línguas como serpentes" (Sl 139). Ora, assim como a língua da serpente é bifurcada e tem duas pontas, assim também é a do caluniador, que de um só golpe fere e envenena o ouvido do ouvinte e a reputação daquele contra quem fala.

Eu sinceramente te conjuro, então, Filoteia, a nunca menosprezar, direta ou indiretamente; toma cuidado para não imputar falsos crimes e pecados, ou agravar aqueles que são manifestos; ou dar uma interpretação maligna às suas boas obras; ou negar o bem que você sabe que está nele, ou escondê-lo maliciosamente, ou diminuí-lo com palavras; pois de todas essas maneiras você ofenderá muito a Deus; mas acima de tudo por falsas acusações e negando a verdade em prejuízo de uma terceira pessoa; pois é um duplo pecado desmentir e ferir seu próximo ao mesmo tempo.

Aqueles que prefaciam a difamação com protestos de amizade e consideração pela pessoa difamada, ou que se desculpam em seu favor, são os mais sutis e venenosos de todos os difamadores. "Eu protesto", dizem eles, "que o amo; em todos os outros aspectos, ele é um homem digno; mas, ainda assim, a verdade deve ser dita: ele agiu mal ao cometer tal ato traiçoeiro; ela era muito virtuosa, mas, ai de mim!, foi surpreendida", etc. Você não percebe o artifício? Assim como o arqueiro hábil aproxima a flecha o máximo que pode

de si para dispará-la com maior força, assim, quando esses difamadores parecem atrair a difamação para si, é apenas com o objetivo de disparar o dardo com mais violência, para que ele penetre mais profundamente no coração de seus ouvintes. Mas a difamação proferida por meio de uma brincadeira é mais cruel do que as demais. Pois, assim como a cicuta não é, em si, um veneno muito rápido, mas sim lento, que pode ser facilmente remediado, mas ser ingerido com vinho é incurável, assim também a difamação, que por si só pode entrar facilmente por um ouvido e sair por outro, fica gravada na mente dos ouvintes quando é disfarçada em alguma piada sutil e alegre: "Eles têm", diz Davi, "veneno de áspides sob os lábios". A picada da áspide é quase imperceptível, e seu veneno a princípio causa uma coceira deliciosa, por meio da qual o coração e os intestinos se expandem e recebem o veneno, contra o qual não há remédio posterior.

Não diga que tal pessoa é um bêbado, porque você o viu bêbado, pois um único ato não constitui um hábito. O sol parou uma vez em favor da vitória de Josué, e escureceu outra vez em favor de nosso Salvador, mas ninguém dirá que o sol está imóvel ou escuro. Noé e Ló já foram bêbados, mas nem um nem outro eram bêbados; nem São Pedro era sanguinário, por ter derramado sangue uma vez, nem blasfemador, embora tenha blasfemado uma vez. Para levar o nome de um vício ou uma virtude, deve ser habitual — é preciso ter feito algum progresso nele. É, portanto, muito errado dizer que tal homem é apaixonado, ou um ladrão, porque o vimos uma vez em uma paixão ou culpado de roubo. Embora um homem tenha sido por

muito tempo vicioso, ainda assim corremos o risco de desmenti-lo se o chamarmos de vicioso. Simão, o fariseu, chamou Madalena de pecadora, porque ela já o era há muito tempo; contudo, ele a desmentiu, pois ela não era mais pecadora, mas uma santíssima penitente, e por isso nosso Salvador a defendeu contra ele. O vaidoso fariseu considerou o humilde publicano um grande pecador (Lucas 18), ou talvez até mesmo um homem injusto, um adúltero, um extorsor, mas foi grandemente enganado, pois naquele mesmo momento foi justificado. Ai! Já que a bondade de Deus é tão imensa que um momento basta para obter e receber sua graça, que garantia podemos ter de que aquele que ontem era pecador não é santo hoje? O dia que passou não deve julgar o dia presente, nem o dia presente julgar o que passou: é somente o último dia que julga tudo. Nunca podemos, então, dizer que um homem é mau, sem o perigo de mentir; tudo o que podemos dizer, se é que precisamos falar, é que ele fez más ações, ou viveu mal em tal época, que ele faz mal no presente; mas nunca devemos tirar consequências de ontem para hoje, nem de hoje para ontem, muito menos para amanhã.

Ora, embora devamos ser extremamente cautelosos ao falar mal do próximo, devemos evitar o extremo oposto em que caem alguns que, para evitar o pecado da difamação, elogiam e falam bem do vício. Se alguém é de fato um difamador, não diga em sua desculpa que ele é um orador franco e livre; se alguém é notoriamente vaidoso, não diga que ele é gentil e elegante; nunca chame familiaridades perigosas pelo nome de atos simples e inocentes;

nem desobediência pelo nome de zelo; nem arrogância pelo nome de liberdade; nem lascívia pelo nome de amizade. Não, Filoteia, não devemos pensar em evitar o vício da difamação favorecendo, bajulando ou alimentando o vício; mas devemos ousada e livremente chamar o mal de mal, e culpar o que é censurável: pois, ao fazer isso, glorificamos a Deus, desde que observemos as seguintes condições:

Para falar contra os vícios alheios, é necessário que tenhamos o benefício, seja daquele de quem falamos, seja daqueles a quem falamos em vista. Por exemplo, quando as familiaridades indiscretas ou perigosas de tal ou tal pessoa são relatadas na companhia de jovens donzelas, ou as liberdades tomadas por esta ou aquela pessoa, em suas palavras ou gestos, são claramente imodestas; se eu não censurar livremente o mal, mas sim o desculpar, aquelas almas ternas que ouvirem sobre ele podem aproveitar a oportunidade para imitar aqueles de quem falamos. O benefício delas, portanto, requer que eu repreenda livremente essas liberdades imediatamente, exceto que eu pudesse reservar esse bom ofício para ser feito melhor e com menos prejuízo às pessoas de quem falamos em alguma outra ocasião.

Além disso, é necessário, ou melhor, é meu dever indispensável falar na hora, quando sou um dos chefes da companhia, pois, se eu me calar, parecerá que aprovo o vício; mas, se sou um dos menores, não devo assumir a responsabilidade de censurar. Mas, acima de tudo, é necessário que eu seja tão justo em minhas palavras a ponto

de não dizer uma única palavra a mais. Por exemplo: se eu culpo a familiaridade deste jovem e daquela jovem, por ser aparentemente indiscreta e perigosa, devo manter a balança equilibrada para não tornar a falta um grão sequer mais pesada. Se houver apenas uma leve aparência, não a chamarei mais; se for apenas uma mera indiscrição, não a chamarei de pior; se não houver indiscrição nem aparência real de mal, mas apenas aquilo de que algum espírito malicioso possa tirar um pretexto para falar mal, devo ou não dizer absolutamente nada, ou dizer isso e nada mais. Minha língua, enquanto falo do meu próximo, estará em minha boca como uma faca na mão de um cirurgião, cortando entre os nervos e os tendões. O golpe que darei não será nem mais nem menos que a verdade. Em suma, nosso principal cuidado deve ser em culpar qualquer vício, poupando, tanto quanto possível, a pessoa em quem ele se encontra.

É verdade que podemos falar livremente de pecadores infames, públicos e notórios, desde que seja com espírito de caridade e compaixão, e não com arrogância e presunção, nem com complacência com a maldade alheia, que é sempre própria de um coração mesquinho e abjeto. Entre todos estes, devem ser excluídos os inimigos declarados de Deus e da sua Igreja, como os líderes entre os hereges e os cismáticos, visto que é caridade clamar contra o lobo onde quer que ele esteja, especialmente quando está entre as ovelhas.

Cada um se dá ao luxo de censurar príncipes e de falar mal de nações inteiras, segundo as diferentes opiniões que têm a seu respeito. Filoteia, evita essa falta; pois, além de ofender a Deus, ela pode te levar a mil brigas.

Quando ouvir alguém falando mal de si mesmo, torne a acusação duvidosa, se puder fazê-lo de forma justa; se não puder, desculpe a intenção da parte acusada; se isso não puder ser feito, expresse compaixão por ela, desvie o discurso, lembrando-se de si mesmo e lembrando à companhia que aqueles que não caem devem agradecer a Deus; lembre o detrator com mansidão e mencione alguma boa ação da parte em questão, se souber de alguma.

CAPÍTULO XXX.

Outros conselhos sobre o Discurso

Que sua fala seja mansa, franca, aberta e sincera, sem a menor mistura de equívoco, artifício ou dissimulação; pois, embora não seja aconselhável dizer tudo o que é verdade, nunca é permitido falar contra a verdade. Acostume-se, portanto, a nunca mentir deliberadamente, seja como desculpa ou de outra forma; lembrando-se sempre de que Deus é o Deus da verdade. Se você mentir sem querer, não deixe de corrigi-la na hora com alguma explicação ou reparação: uma desculpa honesta sempre tem mais graça e força para nos manter inofensivos do que uma mentira.

Embora às vezes se possa prudentemente disfarçar a verdade com algum artifício de palavras, isso nunca deve ser feito senão quando a glória e o serviço de Deus manifestamente o exigirem; em qualquer outro caso, tais artifícios são perigosos. "Teu Espírito Santo não terá nada a ver com os enganosos." (Sab. i.) Nenhum artifício é tão bom e desejável quanto a franqueza: a prudência ou o artifício mundano pertencem aos filhos do mundo, mas os filhos de Deus andam retamente e seus corações são sem dolo. "Aquele que anda

sinceramente", diz o sábio, "anda confiantemente" (Pv. 10,9). Mentira, duplicidade e dissimulação são sempre sinais de um espírito fraco e mesquinho. Santo Agostinho disse, no Quarto Livro de suas Confissões: "Que sua alma e a de seu amigo eram uma só alma; e que ele teve horror de sua vida após a morte de seu amigo, porque não estava disposto a viver pela metade; e ainda que, pela mesma causa, ele não estava disposto a morrer, para que seu amigo não morresse completamente." Essas palavras lhe pareceram mais tarde tão artificiais e afetadas, que ele as lembrou e as censurou em seu Livro de Retratações. Observe, Filoteia, a ternura daquela alma santa em relação ao menor artifício em suas palavras. Fidelidade, clareza e sinceridade de fala são os maiores ornamentos de uma vida cristã. "Guardarei", diz Davi, "os meus caminhos, para não ofender com a minha língua" (Sl 38); e novamente: "Põe, Senhor, uma guarda à minha boca e uma porta ao redor dos meus lábios" (Sl 11). O conselho de São Luís, para evitar contendas, era não contradizer ninguém no discurso, a menos que fosse pecaminoso ou houvesse algum grande preconceito em concordar com ele; mas se for necessário contradizer ou opor nossa própria opinião à de outro, devemos fazê-lo com tanta mansidão e destreza para não exasperar seu espírito, pois nada se ganha com dureza e violência.

Falar pouco (prática tão recomendada por todos os sábios) não significa dizer poucas palavras, mas sim não dizer palavras inúteis; pois, ao falar, a quantidade não deve ser considerada tanto quanto a qualidade das palavras; mas, na minha opinião, devemos evitar ambos os extremos. Ser muito reservado e recusar-se a participar de

uma conversa parece desdém ou falta de confiança; e, por outro lado, falar constantemente, de modo que os outros não tenham tempo nem oportunidade de falar quando desejam, é sinal de superficialidade e leviandade. São Luís condenou o sussurro em companhia, e particularmente à mesa, para que não desse aos outros motivo para suspeitar que algo mal foi dito a respeito deles. Ele disse: "Aquele que está à mesa, em boa companhia, e tem algo alegre e agradável a dizer, deve dizê-lo de forma que todos o ouçam, mas se for algo importante, que se cale."

CAPÍTULO XXXI.

Passatempos e recreações; e, em primeiro lugar, daqueles que são lícitos e louváveis

Às vezes, é necessário relaxar nossas mentes, bem como nossos corpos, por meio de algum tipo de recreação. São João Evangelista, como relata Cassiano, divertindo-se um dia com uma perdiz na mão, foi questionado por um caçador: Como um homem como ele podia gastar seu tempo de maneira tão inútil? São João lhe disse: Por que você não carrega seu arco sempre curvado? Porque, respondeu o caçador, se ele estivesse sempre curvado, temo que perderia a elasticidade e se tornaria inútil. Não se surpreenda, então, respondeu o apóstolo, que eu às vezes renunciasse um pouco à minha aplicação rigorosa e atenção de espírito a fim de desfrutar de um pouco de recreação, para que depois eu possa me empregar mais fervorosamente na contemplação divina. É sem dúvida um vício ser tão rigoroso e austero a ponto de não estar disposto a ter qualquer recreação para nós mesmos, nem a permitir aos outros.

Tomar ar, caminhar, entreter-nos com conversas alegres e amigáveis, tocar instrumentos musicais, cantar ou caçar são recreações tão

inocentes que, para um uso adequado delas, basta a prudência comum, que dá a cada coisa a devida ordem, tempo, lugar e medida. Aqueles jogos em que o ganho serve como recompensa pela destreza e indústria do corpo ou

CAPÍTULO XXXII.

Jogos Proibidos

Jogos de dados, cartas e similares, que dependem principalmente do acaso, não são apenas recreações perigosas, como as danças, mas evidentemente ruins e repreensíveis; por isso, foram proibidos pelas leis, tanto eclesiásticas quanto civis. Você perguntará, talvez, que grande dano pode haver neles? Sim, pois o ganho não é adquirido nesses jogos de acordo com a razão, mas pelo acaso, que muitas vezes recai sobre aquele cuja habilidade e diligência nada merecem; e a razão se ofende com tal procedimento. Mas você dirá que é de acordo com um acordo firmado entre as pessoas envolvidas. Isso serve, de fato, para mostrar que o vencedor não faz mal ao perdedor, mas não justifica nem o acordo nem o jogo: pois o ganho que deveria ser a recompensa da diligência é transformado na recompensa do acaso, que não merece nada, visto que de forma alguma depende de nós. Além disso, embora esses jogos tenham o nome de recreações, eles não são de forma alguma recreações, mas ocupações cansativas; Pois não é cansativo manter a mente incessantemente ocupada, intensamente atenta e incomodada por perpétuas apreensões e preocupações? Pode haver atenção mais dolorosa, sombria e melancólica do que a dos jogadores? Não se

deve falar, rir ou tossir enquanto eles jogam, sob pena de ofendê-los. De fato, eles não sentem alegria no jogo a não ser quando ganham: e não é injusta essa alegria que só pode ser causada pela perda e desprazer de um amigo ou companheiro? Certamente tal satisfação é infame. Por estas três razões, esta espécie de jogo é proibida.

São Luís, ao saber que o Conde de Anjou, seu irmão e o Sr. Gautier de Nemours estavam jogando, levantou-se do leito de doente, foi cambaleando até o quarto deles e jogou as mesas, os dados e parte do dinheiro pela janela, no mar, e ficou muito zangado com eles. A santa e casta donzela Sara, dirigindo-se a Deus em oração, apresenta este argumento de sua inocência: "Tu sabes, ó Senhor, que nunca me juntei aos que jogam." (Tob. iii.)

CAPÍTULO XXXIII.

Bailes e passatempos lícitos, mas perigosos

Embora bailes e danças sejam recreações indiferentes por natureza, de acordo com a maneira comum como são conduzidos, eles preponderam muito para o lado do mal e, conseqüentemente, são extremamente perigosos. Sendo geralmente realizados à noite, não é de se surpreender que diversas circunstâncias perversas sejam facilmente admitidas, visto que o assunto é, por si só, tão suscetível ao mal. Os amantes dessas diversões, por ficarem acordados até tarde da noite, impedem-se de cumprir seu dever para com Deus na manhã do dia seguinte. Não é, então, uma espécie de loucura transformar o dia em noite, a luz em escuridão e as boas obras em tolices criminosas? Todos se esforçam para ver quem levará mais vaidade ao baile; e a vaidade é tão congênita, tanto para as afeições malignas quanto para as familiaridades perigosas, que ambas são facilmente engendradas pela dança.

Tenho a mesma opinião sobre a dança, Filoteia, que os médicos têm sobre os cogumelos: os melhores, na opinião deles, não servem para nada; por isso, digo-lhe que os bailes mais bem preparados não

servem para nada. Se, no entanto, você precisar comer cogumelos, certifique-se de que estejam bem cozidos. Se, em algumas ocasiões que você não pode evitar, precisar ir a um baile, certifique-se de que sua dança seja devidamente protegida. Mas você me perguntará como ela deve ser protegida? Eu respondo: por modéstia, dignidade e boa intenção. Coma cogumelos com moderação e raramente, dizem os médicos, pois, por mais bem cozidos que sejam, a quantidade os torna venenosos; dance pouco e muito raramente, digo eu, para não correr o risco de contrair uma afeição por eles.

Os cogumelos, segundo Plínio, sendo esponjosos e porosos, atraem facilmente infecções para si mesmos a partir das coisas que os cercam; de modo que, estando perto de serpentes e sapos, absorvem seu veneno. Bailes, danças e outras reuniões noturnas normalmente atraem os vícios e pecados reinantes, a saber, brigas, inveja, zombaria e impureza; e, assim como esses exercícios abrem os poros dos corpos daqueles que os praticam, também abrem os poros de suas almas e os expõem ao perigo de alguma serpente, aproveitando-se disso para soprar algumas palavras soltas ou sugestões imodestas no ouvido, ou de algum basilisco lançando um olhar ou vislumbre impuro ao coração, que, estando assim aberto, é facilmente agarrado e envenenado. Ó Filoteia, essas recreações ociosas são normalmente muito perigosas; afastam o espírito de devoção e deixam a alma em um estado de languidez; esfriam o fervor da caridade; e excitam mil afeições malignas na alma e, portanto, não devem ser usadas senão com a maior cautela.

Mas os médicos dizem que depois dos cogumelos devemos beber um bom vinho; e eu digo que depois de dançar é necessário refrescar nossas almas com algumas considerações boas e sagradas, para evitar os efeitos nocivos dessas impressões perigosas que o vão prazer obtido pode ter deixado em nossas mentes.

1. Considere que, durante o tempo em que você esteve no baile, inúmeras almas estavam queimando nas chamas do inferno pelos pecados que cometeram dançando, ou que foram ocasionados por ele. 2. Que muitas pessoas religiosas e devotas de ambos os sexos estavam naquele mesmo momento na presença de Deus, cantando seus louvores e contemplando sua bondade divina. Ah! quão mais proveitoso foi o tempo delas empregado do que o seu! 3. Que enquanto você estava dançando, muitas almas partiram deste mundo em grande angústia, e que milhares e milhares de homens e mulheres sofreram grandes dores em seus leitos, em hospitais, nas ruas, de febres ardentes e outras doenças. Ai! Eles não têm descanso, e você não terá compaixão deles? E você não acha que um dia poderá gemer como eles, enquanto outros dançam como você? 4. Que nosso Santíssimo Salvador, sua Virgem Mãe, os anjos e santos, viram você no baile. Ah, como eles se compadeceram de você, vendo seu coração satisfeito com tão vão divertimento e entretido com brinquedos tão infantis! 5. Ai! Enquanto você estava lá, o tempo passava e a morte se aproximava: veja como ele zomba de você e o convida para sua dança, na qual os gemidos de seus amigos servirão de música, e onde você dará apenas um passo desta vida para a próxima. A dança da morte é, ai!, o verdadeiro

passatempo dos mortais, pois por ela passamos instantaneamente dos vãos divertimentos deste mundo para os prazeres ou dores eternos do próximo.

Apresentei estas pequenas considerações para você; Deus lhe sugerirá muitas outras com o mesmo efeito, desde que você O tema.

CAPÍTULO XXXIV.

A que horas podemos brincar ou dançar

Para que brincar e dançar sejam lícitos, devemos usá-los como forma de recreação, sem ter qualquer afeição por eles; podemos usá-los por um curto período, mas não até que estejamos cansados ou entorpecidos por eles; e devemos usá-los raramente, para que não transformemos uma recreação em ocupação. Mas em que ocasiões podemos brincar e dançar legalmente? Ocasões lícitas para jogos inocentes são frequentes, enquanto aquelas para jogos de azar são raras, por serem mais censuráveis e perigosas; portanto, em uma palavra, dance e brinque conforme sua própria prudência e discrição o orientarem a atender aos pedidos da companhia em que você está; pois a condescendência, como um ramo da caridade, torna coisas indiferentes boas, e até mesmo coisas perigosas permissíveis; ela até mesmo remove o dano daquelas coisas que são, em certa medida, más; e, portanto, jogos de azar, que de outra forma seriam repreensíveis, não o são, se os usarmos às vezes por uma justa condescendência.

Fiquei muito satisfeito ao ler, na Vida de São Carlos Borromeu, como ele cedia aos suíços em certos aspectos, nos quais, de outra forma, era muito rigoroso; e que Santo Inácio de Loyola, convidado a tocar, não recusou. Quanto a Santa Isabel da Hungria, ela tocava e dançava às vezes, quando estava presente em assembleias recreativas, sem qualquer prejuízo à sua devoção; pois a devoção era tão profunda em sua alma, que sua devoção aumentava em meio às pompas e vaidades às quais sua condição a expunha. Grandes fogueiras se multiplicam com o vento, mas as pequenas logo se apagam se não forem bem protegidas.

CAPÍTULO XXXV.

Devemos ser fiéis tanto nas grandes como nas pequenas ocasiões

O sagrado Esposo, nos Cânticos, diz: "Que sua esposa Lhe feriu o coração com um dos olhos e um dos cabelos do pescoço" (cap. iv. 9). Ora, entre todas as partes exteriores do corpo humano, nenhuma é mais nobre, seja por sua constituição ou atividade, do que o olho, e nenhuma mais vil do que o cabelo. Por isso, o Divino Esposo nos quer dar a entender que Lhe apraz aceitar não só as grandes obras dos devotos, mas também as menores e mais triviais; e que, para O servir segundo o Seu gosto, devemos cuidar de O servir bem, não só nas coisas grandes e elevadas, mas também nas pequenas e baixas, pois podemos, tanto por uma como por outra, ferir-Lhe o coração com amor.

Prepara-te, pois, Filoteia, para sofrer muitas e grandes aflições, até o próprio martírio, por Nosso Senhor; resolve entregar-Lhe tudo o que te é mais caro, quando Lhe aprouver tomá-lo: pai, mãe, marido, mulher, filhos, irmão, irmã, até mesmo os teus olhos, ou a tua vida; para todos estes sacrifícios deves preparar o teu coração. Mas,

enquanto Deus não te enviar aflições tão sensíveis ou tão grandes, visto que Ele não requer os teus olhos, dá-Lhe pelo menos os teus cabelos. Quero dizer, sofre mansamente estas pequenas injúrias, pequenos inconvenientes e perdas insignificantes que diariamente te sobrevêm; pois, por meio de pequenas ocasiões como estas, geridas com amor e afeição, conquistarás inteiramente o seu coração e o tornará teu. Pequenas caridades diárias, uma dor de cabeça, uma dor de dente ou uma constipação; o mau humor de um marido ou de uma mulher; a quebra de um copo, o desprezo ou o escárnio; a perda de um par de luvas, de um anel ou de um lenço; pequenos inconvenientes aos quais nos submetemos por irmos para a cama cedo demais e acordarmos cedo demais para rezar ou comungar; aquela pequena timidez que sentimos ao praticar certos atos de devoção em público; em suma, todos esses sofrimentos triviais, sendo aceitos e abraçados com amor, são altamente agradáveis à Divina Bondade, que por apenas um copo de água fria prometeu um trono de felicidade aos seus fiéis servos. Portanto, como essas ocasiões se apresentam a cada momento, o bom manejo delas será um grande meio de acumular uma profusão de riquezas espirituais.

Quando vi na Vida de Santa Catarina de Sena seus muitos arrebatamentos e elevações de espírito, suas muitas palavras de sabedoria, até mesmo sermões proferidos por ela, não duvidei de que, com o olhar da contemplação, ela havia arrebatado o coração de seu Esposo Celestial. Mas não fiquei menos confortado quando a encontrei na cozinha de seu pai, humildemente virando o espeto, soprando o fogo, temperando a carne, amassando o pão e

realizando os mais humildes ofícios da casa com uma coragem cheia de amor e afeição por seu Deus; pois não estimo menos a pequena e humilde meditação que ela fazia em meio a essas ocupações mesquinhas e abjetas do que os êxtases e arrebatamentos que ela tantas vezes tinha, os quais, talvez, lhe fossem dados apenas em recompensa de sua humildade e abjeção. Sua maneira de meditar era a seguinte: enquanto preparava a comida para seu pai, imaginava que a preparava para nosso Salvador, como outra Santa Marta, e que sua mãe ocupava o lugar de Nossa Senhora, e seus irmãos, o dos apóstolos; animava-se assim a servir espiritualmente toda a corte celeste, enquanto se ocupava com grande prazer nesses serviços humildes, pois sabia que tal era a vontade de Deus. Dei este exemplo, Filoteia, para que saibas a importância de dirigir todas as tuas ações, por mais mesquinhas que sejam, com uma intenção pura para o serviço da Divina Majestade de Deus. Portanto, eu sinceramente aconselho você a imitar a mulher valente, a quem o grande Salomão tanto elogia: "Ela estendeu a mão", como ele diz, "para coisas fortes", isto é, para coisas altas, generosas e importantes, e ainda assim não desdenhou de pegar o fuso (xxxix). Estenda sua mão para coisas fortes, exercite-se na oração e na meditação, na frequência aos sacramentos, em excitar as almas ao amor de Deus e em infundir boas inspirações em seus corações e, em uma palavra, na realização de grandes e importantes obras, de acordo com sua vocação; mas nunca se esqueça de sua roca ou fuso, ou, em outras palavras, tenha o cuidado de praticar aquelas virtudes baixas e humildes, que crescem como flores ao pé da cruz, como servir aos pobres, visitar os doentes, cuidar de sua família e

atender a todas as suas preocupações domésticas com aquela diligência proveitosa que não permitirá que você fique ocioso: e em meio a todas essas ocupações misture considerações semelhantes às que relatei acima sobre Santa Catarina.

Grandes ocasiões para servir a Deus se apresentam raramente, mas pequenas, frequentemente. "Aquele que for fiel nas pequenas coisas", diz nosso Salvador, "será colocado sobre grandes coisas". Faça todas as coisas, então, em nome de Deus, e você fará todas as coisas bem: quer você coma, beba, durma, se recreie ou cuspa, desde que saiba como atribuir todas as suas ações a Deus, você lucrará muito aos olhos de Sua Divina Majestade.

CAPÍTULO XXXVI.

Como manter sua mente justa e razoável

É a razão que nos faz homens, e, no entanto, é raro encontrar homens verdadeiramente razoáveis, porque o amor-próprio nos desvia dos caminhos da razão, levando-nos insensivelmente a mil pequenas, mas perigosas, injustiças e parcialidades, que, como as raposinhas de que falam os Cânticos, destroem as videiras; pois, por serem pequenas, não lhes damos atenção; mas, por serem numerosas, não deixam de nos fazer muito mal.

Não são injustas e irracionais as coisas sobre as quais vou falar? Condenamos tudo o que há de pequeno em nossos vizinhos e nos desculpamos pelas grandes coisas — queremos vender muito caro e comprar muito barato; desejamos que a justiça seja feita na casa de outro, mas que haja misericórdia e conivência na nossa; gostaríamos que tudo o que dizemos fosse levado em conta, mas somos delicados e sensíveis em relação ao que os outros dizem de nós; gostaríamos que nosso vizinho nos vendesse seus bens, mas não seria mais razoável que ele ficasse com os seus, se assim preferir?

Achamos ruim que ele não ceda às nossas exigências; mas não tem ele mais motivos para se ofender por esperarmos que o faça?

Se amamos um exercício específico, desprezamos todos os outros e nos opomos a tudo que não esteja de acordo com nosso gosto. Se houver algum de nossos inferiores que não tenha boa vontade, ou por quem já tenhamos tido antipatia, faça o que fizer, levamos isso na má conta; não cessamos de mortificá-lo em todas as ocasiões e de criticar tudo o que ele faz. Ao contrário, se alguém nos é agradável, por um comportamento que agrada à nossa mente, não pode fazer nada que não estejamos dispostos a desculpar. Há algumas crianças virtuosas que seus pais mal suportam ver, por causa de algumas imperfeições físicas, e há crianças viciosas que são favoritas por alguma beleza ou graciosidade. Em todas as ocasiões, preferimos os ricos aos pobres. Embora uma pessoa não seja de melhor condição nem mais virtuosa do que outra, nós a preferimos porque é a mais bem vestida. Desejamos que as dívidas que nos são devidas sejam pagas pontualmente, mas gostaríamos que os outros fossem gentis ao exigir as suas; mantemos nossa própria posição com precisão, mas gostaríamos que os outros fossem humildes e condescendentes; reclamamos facilmente do nosso próximo, mas ninguém deve reclamar de nós; o que fazemos pelos outros parece sempre muito considerável, mas o que os outros fazem por nós parece nada. Em suma, somos como as perdizes da Paflagônia, que dizem ter dois corações; pois temos um coração brando, favorável e cortês para conosco, e outro duro, severo e rigoroso para com o nosso próximo. Temos duas balanças, uma para

pesar em nosso próprio benefício e a outra para pesar em detrimento do nosso próximo. "Corações enganosos", dizem as Escrituras (Sl 11,3), "falaram com um coração dobre", ou seja, dois corações; e ter dois pesos, um maior, pelo qual recebemos, e outro menor, pelo qual entregamos, é uma coisa abominável aos olhos de Deus (Dt 25,13).

Filoteia, para realizar todas as suas ações com equidade e justiça, você deve trocar de situação com seu próximo: imagine-se como vendedor enquanto compra, e como comprador enquanto vende, e assim você venderá e comprará de acordo com equidade e justiça; pois, embora pequenas injustiças que não excedem os limites do rigor, ao vender em nosso benefício, podem não obrigar à restituição; contudo, sendo defeitos, contrários à razão e à caridade, somos certamente obrigados a corrigi-los e emendá-los; na melhor das hipóteses, não passam de meras ilusões; pois, acredite, um homem de disposição generosa, justa e cortês nunca está do lado perdedor. Não negligencie, então, Filoteia, frequentemente examinar se seu coração é tal em relação ao seu próximo quanto você gostaria que o dele fosse em relação a você, se você estivesse na situação dele; pois esta é a pedra de toque da verdadeira razão. Trajano, sendo culpado por seus confidentes por tornar a majestade imperial, como eles pensavam, muito acessível, perguntou: "Não deveria eu então ser um imperador para com meus súditos como eu desejaria que um imperador fosse para comigo, se eu fosse um indivíduo comum?"

CAPÍTULO XXXVII.

Desejos

Todos sabem que somos obrigados a nos abster dos desejos de coisas viciosas, pois até mesmo o desejo do mal é em si mesmo criminoso; mas eu te digo, além disso, Filoteia, não debes te preocupar com bailes, peças teatrais ou diversões semelhantes, nem cobiçar honras e cargos, nem visões e êxtases, pois há muito perigo e engano em tais vaidades. Não desejes o que está longe, nem o que não pode acontecer por muito tempo, como muitos fazem, que por isso cansam e distraem seus corações inutilmente. Se um jovem deseja sinceramente ser estabelecido em algum cargo antes do tempo devido, de que lhe adianta toda a sua ansiedade? Se uma mulher casada deseja ser freira, para que propósito? Se desejo comprar os bens do meu vizinho antes que ele os queira vender, não é perda de tempo alimentar tal desejo? Se, estando doente, desejo pregar, celebrar a missa, visitar os doentes e praticar os exercícios dos saudáveis, Não são todos esses desejos vãos, visto que está fora do meu poder colocá-los em execução? No entanto, enquanto isso, esses desejos inúteis ocupam o lugar das virtudes da paciência, resignação, mortificação, obediência e mansidão sob sofrimentos, que é o que Deus quer que eu pratique naquele momento. Não

posso, de forma alguma, aprovar que as pessoas desejem se divertir em qualquer outro tipo de vida além daquela em que já estão engajadas; nem em quaisquer exercícios que sejam incompatíveis com suas condições atuais; pois isso distrai o coração e o torna inadequado para suas ocupações necessárias. Se desejo praticar a solidão de um cartuxo, perco meu tempo; e esse desejo ocupa o lugar do que eu deveria ter, de me empregar bem em meu ofício atual. Não, eu não gostaria que alguém sequer desejasse ter uma inteligência ou um julgamento melhores do que os que já possuí, pois esses desejos não atendem a nenhum propósito e apenas ocupam o lugar daquilo que cada um deveria ter: cultivar os talentos que herda da natureza; nem gostaria que alguém desejasse meios para servir a Deus que não possuí, mas sim empregasse diligentemente aqueles que possuí. Ora, isso deve ser entendido apenas como desejos que ocupam totalmente o coração; pois, quanto aos desejos simples, se não forem muito frequentes, não causam dano algum.

Não desejes cruces, exceto na proporção da paciência com que suportaste aquelas que já te foram enviadas; pois é presunçoso desejar o martírio e não ter a coragem de suportar uma injúria. O inimigo frequentemente sugere um grande desejo por coisas que estão ausentes e que nunca acontecerão, para que possa desviar nossa mente dos objetos presentes, dos quais, por mais triviais que sejam, poderíamos obter considerável lucro para nós mesmos. Lutamos com os monstros da África em imaginação e, enquanto isso, por falta de atenção, nos deixamos matar por algum réptil

insignificante que se encontra em nosso caminho. Não desejes tentações, pois isso seria precipitação; mas acostuma teu coração a esperá-las corajosamente e a defender-te delas quando vierem.

Uma variedade de alimentos, ingerida em quantidade considerável, sobrecarrega o estômago e, se for fraca, o destrói. Não sobrecarregue, portanto, sua alma, nem com uma multidão de desejos mundanos, que podem levá-lo à ruína, nem mesmo com os espirituais, pois podem gerar distrações. Quando a alma purificada se encontra livre das más inclinações, sente um desejo ardente por coisas espirituais e, como alguém faminto, anseia por uma variedade de exercícios de piedade, mortificação, penitência, humildade, caridade e oração. Filoteia, é um bom sinal de saúde ter um apetite aguçado; mas você deve considerar se consegue digerir tudo o que come. Entre tantos desejos, escolha, então, com o conselho de seu diretor espiritual, aqueles que você pode executar no momento presente, e os utilize da melhor forma depois; Deus lhe enviará outros, que você também deve praticar em seu devido tempo, e assim você nunca perderá seu tempo em desejos inúteis, mas os realizará todos em boa ordem. Mas quanto àqueles que não podem ser executados imediatamente, devem ser guardados em algum canto do coração até que chegue a hora. Este conselho não dou apenas às pessoas espirituais, mas também às do mundo; pois sem atentar para ele, não haveria vida sem ansiedade e confusão.

CAPÍTULO XXXVIII.

Instruções para Pessoas Casadas

"O Matrimônio é um grande sacramento, mas eu falo em Cristo e na Igreja." (Ef 5,32). É honroso para todos, em todos e por todos: isto é, em todas as suas partes, para todos; porque até as virgens devem honrá-lo com humildade; em todos, porque é igualmente santo nos ricos e nos pobres; por todos, porque sua origem, seu fim, suas vantagens, sua forma e sua matéria são todos santos. É o viveiro do cristianismo, que supre a terra com almas frutíferas, para completar o número dos eleitos no céu; em suma, a conservação do matrimônio é da mais alta importância para a comunidade, pois é a origem e a fonte de todas as suas correntes.

Acima de tudo, exorto os casados ao amor mútuo que o Espírito Santo tanto recomenda nas Escrituras. Ó vós que sois casados, é desnecessário dizer-vos que vos ameis com amor mútuo, como rolas; nem dizer: amai-vos com amor humano, como os pagãos; mas digo-vos, seguindo o grande Apóstolo: "Maridos, amai as vossas mulheres, como Cristo amou a sua Igreja. E vós, mulheres, amai os vossos maridos, como a Igreja ama o seu Salvador" (Ef 5). Foi Deus quem trouxe Eva ao nosso primeiro pai, Adão, e a deu a ele como sua esposa; é também Deus, ó meus amigos, que com a sua mão

invisível, atou o nó do santo vínculo do vosso matrimónio e vos deu um ao outro; por que não vos afeiçoais, então, um ao outro com um amor santo, sagrado e divino?

O primeiro efeito desse amor é uma união indissolúvel de seus corações. Dois pedaços de abeto colados, se a cola for boa, aderem tão firmemente um ao outro que você pode quebrá-los mais facilmente em qualquer outro lugar que não aquele em que estão unidos. Mas Deus une o marido à esposa com seu próprio sangue; por essa razão, essa união é tão forte que a alma deve se separar do corpo de um ou de outro antes do que o marido da esposa. Ora, essa união não se entende principalmente pelo corpo, mas pelo coração e pelos afetos.

O segundo efeito desse amor deve ser a fidelidade inviolável de um para com o outro. Antigamente, selos eram gravados em anéis usados nos dedos, como atesta a própria Sagrada Escritura. Eis, então, o mistério dessa cerimônia no matrimônio. A Igreja, que, pela mão do sacerdote, abençoa um anel e, ao entregá-lo primeiro ao homem, testemunha que põe um selo em seu coração por este sacramento, a fim de que, doravante, nem o nome nem o amor de qualquer outra mulher possam nele entrar enquanto viver aquela que lhe foi dada; depois, o noivo põe o anel na mão da noiva para que ela, reciprocamente, compreenda que seu coração jamais deve admitir afeição por qualquer outro homem, enquanto viver na terra, aquele a quem nosso Senhor aqui lhe dá como marido.

O terceiro fruto do casamento é a produção e educação legítimas de filhos. É uma grande honra para vocês, casados, que Deus, pretendendo multiplicar almas, que O abençoem e louvem por toda a eternidade, faça com que vocês cooperem com Ele em tão nobre obra, pela produção de corpos nos quais Ele infunde almas imortais, como gotas celestiais, à medida que as cria.

Conservai, pois, ó maridos, um amor terno, constante e sincero por vossas esposas; pois a mulher foi tirada daquele lado do primeiro homem que estava mais próximo de seu coração, para que pudesse ser amada ternamente por ele. As fraquezas e enfermidades de vossas esposas, sejam elas físicas ou mentais, nunca devem provocar em vós qualquer tipo de desdém, mas sim uma doce e afetuosa compaixão; visto que Deus as criou assim, para que, dependendo de vós, recebais delas mais honra e respeito, e para que as tenhais de tal maneira como vossas companheiras, que, não obstante, sejais suas cabeças e superiores. E vós, ó esposas, amai os maridos que Deus vos deu ternamente e cordialmente, mas com um amor respeitoso e cheio de reverência, pois por isso, de fato, Deus os criou de um sexo mais vigoroso e predominante; e agradou-se em ordenar que a mulher dependesse do homem, sendo osso de seus ossos e carne de sua carne, e que fosse feita de uma costela tirada de debaixo do braço dele, para mostrar que ela deveria estar sob a mão e a orientação de seu marido. A Sagrada Escritura, que vos recomenda estritamente esta submissão, torna-a também agradável, não apenas prescrevendo que vos conformeis a ela com amor, mas também ordenando a vossos maridos que a exerçam

sobre vós com caridade, ternura e complacência: "Maridos", diz São Pedro, "portai-vos discretamente para com as mulheres, como vasos mais frágeis, dando-lhes honra" (1 Epístola 3:7).

Mas, embora eu os exorte a progredirem cada vez mais neste amor mútuo que devem um ao outro, tomem cuidado para que ele não degenere em qualquer tipo de ciúme; pois acontece frequentemente que, assim como o verme se desenvolve na maçã mais delicada e madura, o ciúme cresce naquele amor entre pessoas casadas, que é o mais ardente e exigente, mas do qual, no entanto, estraga e corrompe a substância; gerando, em graus insensíveis, conflitos, dissensões e separações. Mas o ciúme nunca surge onde a amizade de ambos os lados se baseia em virtude sólida e, portanto, onde ele entra, é um sinal infalível de que o amor é em algum grau sensual e grosseiro, e caiu sobre um sujeito onde encontrou apenas uma virtude imperfeita e inconstante, sujeita à desconfiança. É, então, uma ostentação estúpida de amizade tentar exaltá-la pelo ciúme; pois o ciúme pode ser um sinal da grandeza e grosseria da amizade, mas nunca de sua bondade, pureza e perfeição; pois a perfeição da amizade pressupõe uma certeza da virtude daqueles a quem amamos, e o ciúme uma dúvida sobre ela.

Se desejais, ó maridos, que vossas esposas vos sejam fiéis, dai-lhes uma lição com o vosso exemplo. "Com que rosto", diz São Gregório de Nazianzo, "podeis exigir pureza de vossas esposas, quando vós mesmos viveis na impureza? Como podeis exigir delas o que não lhes dais? Se quereis que sejam castas, comportai-vos castamente

para com elas." E, como diz São Paulo: "Que cada um saiba possuir o seu próprio corpo em santidade." Mas se, ao contrário, vós mesmos as ensinais a não serem virtuosas, não é de admirar que vos sintais desonrados pela sua queda. Mas vós, ó esposas, cuja honra está inseparavelmente unida à pureza e à modéstia, sede zelosas em preservar esta vossa glória, e não permitais que nenhum tipo de comportamento leviano manche a brancura da vossa reputação. Temei todos os tipos de assaltos, por menores que sejam; Nunca permita que qualquer discurso lascivo se aproxime de você: qualquer um que elogie sua beleza ou seu comportamento gentil deve ser suspeito, pois aquele que elogia a mercadoria que não pode comprar é fortemente tentado a roubá-la; mas se ao seu elogio ele acrescenta o desprezo por seu marido, ele lhe oferece uma injúria hedionda; pois é evidente que ele não apenas tem a intenção de arruiná-la, mas a considera já meio perdida, uma vez que o negócio está meio feito com o segundo comerciante, quando se está enojado com o primeiro.

As damas, antigamente como hoje, costumavam usar várias pérolas nas orelhas, pelo prazer, diz Plínio, do tilintar que produzem ao se tocarem. Mas, de minha parte, como sei que o grande amigo de Deus, Isaac, enviou brincos como primeiro sinal de seu amor à casta Rebeca, creio que este misterioso ornamento significa que a primeira parte de sua esposa que um marido deve tomar posse, e que sua esposa deve guardar fielmente para ele, são suas orelhas; a fim de que nenhuma língua ou ruído penetre ali, exceto a doce e amável música de palavras castas e puras, que são as pérolas orientais do

Evangelho; pois devemos sempre lembrar que as almas são envenenadas pelo ouvido, assim como o corpo pela boca.

Amor e fidelidade, unidos, geram sempre familiaridade e confiança: e, portanto, os santos usaram muitas carícias recíprocas em seu casamento, mas sempre puras, ternas e sinceras. Assim, Isaac e Rebeca, o casal mais casto dos tempos antigos, foram vistos através de uma janela acariciando-se (Gn 26,8), de tal maneira que, embora não houvesse imodéstia, Abimeleque estava convencido de que eles não poderiam ser outra coisa senão marido e mulher. O grande São Luís, igualmente rigoroso com sua própria carne e terno no amor de sua esposa, foi quase censurado pela abundância de carícias, embora, na verdade, merecesse elogios por ser capaz de levar seu espírito marcial e corajoso a se rebaixar a esses pequenos ofícios, necessários à conservação do amor conjugal; pois, embora essas pequenas demonstrações de afeição pura e livre não prendam seus corações, ainda assim os aproximam um do outro e servem para uma disposição agradável de conversa mútua.

Santa Mônica, antes do nascimento do grande Santo Agostinho, consagrou-o com frequentes oblações à religião cristã e ao serviço e à glória de Deus, como ele mesmo testemunha, dizendo: "Que ele já provou o sal de Deus no ventre de sua mãe". Esta é uma grande lição para as mulheres cristãs oferecerem à Sua Divina Majestade o fruto de seus ventres, mesmo antes de virem ao mundo; pois Deus, que aceita as ofertas de um coração humilde e disposto, comumente, naquela época, secunda os afetos das mães;

testemunham Samuel, Santo Tomás de Aquino, Santo André de Fiesola e vários outros. A mãe de São Bernardo, uma mãe digna de tal filho, assim que seus filhos nasceram, tomou-os em seus braços e os ofereceu a Jesus Cristo, e desde então os amou com respeito, como coisas consagradas e confiadas a ela por Deus; o que lhe sucedeu tão felizmente, que no final todos os sete se tornaram muito santos. Mas quando as crianças começam a ter o uso da razão, tanto seus pais quanto suas mães devem tomar muito cuidado para gravar o temor a Deus em seus corações. A boa Rainha Branca desempenhou esse ofício fervorosamente em relação ao rei, São Luís, seu filho; ela frequentemente lhe dizia: Eu preferiria, meu querido filho, ver você morrer diante dos meus olhos, do que vê-lo cometer um único pecado mortal; essa precaução permaneceu tão profundamente gravada em sua alma que, como ele mesmo relatou, não passou um dia de sua vida em que ele não se lembrasse disso e tomasse todo o cuidado possível para observá-lo rigorosamente. Famílias e gerações, em nossa língua, são chamadas de casas; e até mesmo os hebreus chamavam as gerações de filhos de construção de uma casa; pois é nesse sentido que se diz que Deus construiu casas para as parteiras do Egito. Ora, isto serve para mostrar que a criação de uma casa ou família não consiste em acumular uma quantidade de bens materiais, mas na boa educação dos filhos no temor de Deus e na virtude, na qual nenhuma dor ou trabalho deve ser poupado, pois os filhos são a coroa de seus pais. Assim, Santa Mônica, com tanto fervor e constância, lutou contra as más inclinações de seu filho, Santo Agostinho, que, tendo-o seguido por mar e terra, o tornou mais feliz filho de suas lágrimas, pela

conversão da alma, do que ele o fora de seu sangue pela geração de seu corpo.

São Paulo deixa às esposas o cuidado da casa, como sua porção; por isso, muitos pensam, com razão, que a devoção delas é mais proveitosa para a família do que a do marido, que, não residindo tão constantemente entre os domésticos, não pode, conseqüentemente, induzi-las à virtude tão facilmente. Com base nessa consideração, Salomão (Provérbios 31) faz com que a felicidade de toda a família dependa do cuidado e da diligência da mulher valente que ele descreve.

Diz-se em Gênesis (cap. XXV. 21) que Isaque, vendo sua esposa Rebeca estéril, orou ao Senhor por ela, ou, segundo o hebraico, orou ao Senhor em frente a ela, porque um orava de um lado do oratório e o outro do outro; assim, a oração do marido, feita dessa maneira, foi ouvida. Uma união como esta do marido e da esposa, em santa devoção, é a maior e mais frutífera de todas; e para isso eles devem encorajar-se mutuamente e atrair-se mutuamente. Há frutas como o marmelo, que, devido à aspereza de seu suco, não são agradáveis, exceto quando conservadas com açúcar; há outras que, por sua maciez, não podem ser conservadas por muito tempo, a menos que sejam conservadas da mesma maneira, como cerejas e damascos; assim, as esposas devem desejar que seus maridos sejam conservados com o açúcar da devoção; pois um homem sem devoção é uma espécie de animal, severo, áspero e rude. E os maridos devem desejar que suas esposas sejam devotas, porque

sem devoção a mulher é muito frágil e sujeita a cair ou a enfraquecer na virtude. São Paulo diz: "Que o marido descrente é santificado pela esposa crente, e a esposa descrente pelo marido crente"; porque, nesta aliança estrita do casamento, um pode atrair o outro para a virtude; mas que bênção é quando o marido e a esposa, sendo ambos crentes, se santificam mutuamente no verdadeiro temor de Deus.

Quanto ao resto: a mútua tolerância deve ser tão grande que nunca se irrite ao mesmo tempo, nem repentinamente, a ponto de nunca haver divisão ou contenda entre eles. As abelhas não podem permanecer em um lugar onde há ecos, sons altos ou vozes; nem o Espírito Santo pode permanecer em uma casa onde há sons de clamor, conflitos e contradições. São Gregório Nazianzeno relata que, em sua época, os casados faziam uma festa no dia do aniversário de seu casamento. De minha parte, eu aprovaria a introdução desse costume, desde que não fosse acompanhado de recreações mundanas e sensuais; mas que o marido e a esposa se confessassem e comungassem nesse dia, e recomendassem a Deus com mais fervor do que o normal o feliz progresso de seu casamento; renovando seus bons propósitos de santificá-lo ainda mais e mais pelo amor e fidelidade mútuos, e recuperando o fôlego, por assim dizer, em nosso Senhor, para melhor suportar os fardos de sua vocação.

CAPÍTULO XXXIX.

Instruções para Viúvas

São Paulo instrui todos os prelados na pessoa de Timóteo, dizendo: "Honra as viúvas que são verdadeiramente viúvas" (1 Tm 5.3). Ora, para ser verdadeiramente viúva, são necessários os seguintes requisitos:

1. Que a viúva não seja apenas viúva de corpo, mas também de coração; isto é, que faça a resolução inviolável de se manter em um estado de viuvez casta; pois aquelas que são apenas viúvas até que se apresente a oportunidade de se casarem novamente, ainda estão unidas aos homens, de acordo com a vontade do coração. Mas se aquela que é realmente viúva, a fim de se confirmar no estado de viuvez, oferecer seu corpo e sua castidade por voto a Deus, ela acrescenta um grande ornamento à sua viuvez e dá grande segurança à sua resolução; pois, uma vez que, após seu voto, ela não tem mais o poder de abandonar sua castidade sem abrir mão de seu título ao céu, ela será tão zelosa de seu desígnio que não permitirá que nem mesmo o menor pensamento de casamento ocupe seu coração por um único momento; de modo que este voto sagrado servirá como uma forte barreira entre sua alma e todos os tipos de projetos contrários à sua resolução. Santo Agostinho

aconselha este voto com muita veemência à viúva cristã; E o antigo e erudito Orígenes vai muito além, pois exorta as mulheres casadas a fazerem votos e se dedicarem a uma viuvez casta, caso seus maridos morram antes delas; para que, em meio aos prazeres sensuais do casamento, possam também, por meio dessa promessa antecipada, desfrutar do mérito de uma viuvez casta. Um voto não apenas torna as boas obras feitas em consequência dele mais aceitáveis a Deus, mas também nos encoraja a colocá-las em prática; dá a Deus não apenas as boas obras que são frutos de nossa boa vontade, mas dedica igualmente a Ele a própria vontade, que é a árvore de todas as nossas ações. Pela simples castidade, emprestamos, por assim dizer, nosso corpo a Deus, conservando, não obstante, a liberdade de submetê-lo outro dia aos prazeres sensuais, mas pelo voto de castidade fazemos dele um presente absoluto e irrevogável, sem reservar para nós qualquer poder de revogá-lo, e assim nos tornamos alegremente escravos dAquele cuja escravidão é melhor do que qualquer reino. Agora, assim como aprovo muito o conselho dessas duas grandes pessoas, também desejo que aquelas almas que são tão felizes a ponto de desejarem segui-lo, o façam com prudência, santamente e solidamente, tendo primeiro examinado bem suas resoluções, invocado a luz e a graça do céu e seguido o conselho de algum diretor sábio e devoto: por esse meio tudo será feito com mais frutos.

2. Além disso, essa renúncia ao segundo casamento deve ser feita com a simples intenção de voltar todos os afetos da alma para Deus e de unir o coração de todos os lados com o de Sua Divina

Majestade; pois se o desejo de deixar seus filhos ricos, ou qualquer outra consideração mundana, mantiver a viúva no estado de viuvez, ela talvez possa receber elogios por isso, mas certamente não diante de Deus; pois aos olhos de Deus nada pode verdadeiramente merecer louvor, exceto aquilo que é feito por Sua causa.

3. Além disso, a viúva que deseja ser viúva de fato deve voluntariamente separar-se e abster-se de satisfações profanas: "Porque a que vive em prazeres, vivendo, está morta" (1 Tm 5.6). Desejar ser viúva e, ainda assim, sentir prazer em ser cortejada, bajulada e acariciada; gostar de bailes, danças e banquetes; ser perfumada, bem-vestida, etc., é ser viúva, viva quanto ao corpo, mas morta quanto à alma. A viúva, portanto, que vive nesses prazeres, está morta enquanto vive e, portanto, propriamente falando, é apenas uma aparência de viuvez.

"Chegou o tempo da poda, o canto da rola já se ouviu em nossa terra", diz o Cântico. Todos os que desejam viver devotamente devem podar e cortar todas as superfluidades mundanas. Mas isso é ainda mais necessário para a verdadeira viúva, que, como uma pomba casta, renasce do choro, do lamento e da lamentação pela perda do marido. Quando Noemi retornou de Moabe para Belém, as mulheres da cidade, que a conheceram quando se casou, disseram umas às outras: "Não é Noemi?" (Rute, i. 20). "Mas ela respondeu: Não me chames Noemi, peço-te, pois Noemi significa formosa e formosa; mas chama-me Mara, pois o Senhor encheu a minha alma de amargura." Isso ela disse por ter perdido o marido. Mesmo assim,

a viúva devota nunca deseja ser considerada bonita ou atraente, contentando-se em ser como Deus quer que ela seja, isto é, humilde e abjeta aos seus próprios olhos.

Assim como as lâmpadas alimentadas com óleo aromático exalam um aroma mais doce quando sua chama se apaga, assim também as viúvas, cujo amor foi puro no casamento, exalam um perfume mais doce de virtude e castidade quando sua luz, ou seja, o marido, se extingue pela morte. Amar o marido enquanto ele vive é algo comum entre as mulheres; mas amá-lo tanto que, após sua morte, ela não ouvirá falar de outro, é um grau de amor que pertence apenas às que são realmente viúvas. Esperar em Deus, enquanto o marido serve de sustento, não é algo tão raro; mas esperar em Deus, quando se está destituído desse sustento, é algo digno de grande louvor. Portanto, é mais fácil conhecer, na viuvez, a perfeição das virtudes que uma mulher possuía durante sua vida conjugal.

A viúva que tem filhos que necessitam de sua assistência e orientação, principalmente no que se refere à sua alma e à sua estabilidade na vida, não deve, em hipótese alguma, abandoná-los; pois o apóstolo Paulo diz claramente que eles são obrigados a cuidar de seus filhos, para que possam retribuir aos seus pais (Tm 2,1), e aqueles que não têm solicitude por aqueles que lhes pertencem, e especialmente por sua própria família, são piores do que os infiéis. Mas se os filhos estiverem em tal estado que não precisem de sua orientação, então a viúva deve reunir todas as suas afeições e

pensamentos, para aplicá-los mais puramente ao seu próprio progresso no amor de Deus.

Se alguma necessidade absoluta não obrigar a consciência da verdadeira viúva a problemas externos, como processos judiciais, aconselho-a a evitá-los completamente e a seguir o método de gestão de seus negócios que lhe pareça mais pacífico e tranquilo, embora possa não parecer o mais vantajoso. Pois as vantagens a serem colhidas dos problemas mundanos devem ser muito grandes, se quiserem ser comparadas à felicidade de uma santa tranquilidade. Além disso, disputas e processos distraem o coração e muitas vezes abrem as portas para os inimigos da alma, enquanto, para agradar àqueles de cujo favor necessitam, são forçadas a adotar um comportamento que não é adequado à devoção nem agradável a Deus.

Que a oração seja o exercício contínuo da viúva; pois, visto que agora não deveria ter outro amor senão o de Deus, ela deveria, pela mesma regra, ter poucas palavras além de Deus. Seu coração, que não podia entregar-se inteiramente a Deus, nem seguir a atração de seu amor divino, durante a vida de seu marido, deveria imediatamente após sua morte correr ardentemente atrás do doce odor dos perfumes celestiais, dizendo, à imitação do Esposo celestial: Ó Senhor, agora que sou toda minha, recebe-me para que eu seja toda tua: "Arrasta-me após ti, correremos atrás do odor do teu unguento."

As virtudes próprias para o exercício de uma santa viúva são a perfeita modéstia, a renúncia a honras, posições, assembleias, títulos e a todas as vaidades semelhantes; servir aos pobres e doentes, confortar os aflitos, instruir as moças numa vida devota e tornar-se modelos perfeitos de todas as virtudes para as jovens. Limpeza e simplicidade devem ser os ornamentos de seu vestuário; humildade e caridade, os ornamentos de suas ações; cortesia e mansidão, os ornamentos de sua fala; modéstia e pureza, os ornamentos de seus olhos; e Jesus Cristo crucificado, o único amor de seu coração. Em suma, a verdadeira viúva deve ser na Igreja como uma pequena violeta de março, e exalar uma doçura incomparável pelo odor de sua devoção, e quase sempre se manter escondida sob as largas folhas de sua humildade; já que por seu vestido, mais escuro do que brilhante, ela testemunha sua mortificação. Ela cresce em lugares frescos e incultos, não querendo ser importunada pela conversa dos mundanos, para melhor preservar a frieza do seu coração contra todos os ardores que o desejo de riquezas, de honras ou mesmo de amor vão possa trazer sobre ela. "Ela será abençoada", diz o santo apóstolo, "se continuar assim" (1 Coríntios 7:8).

Eu poderia dizer muitas outras coisas sobre este assunto; mas terei dito o suficiente ao aconselhar a viúva que se preocupa com a honra de sua condição a ler atentamente as excelentes epístolas que o grande São Jerônimo escreveu a Fúria, a Sálvia e a outras damas que foram tão felizes por serem filhas espirituais de tão grande pai; pois nada pode ser acrescentado ao que ele diz, exceto esta única

advertência: que a verdadeira viúva nunca deve culpar ou censurar aqueles que se casam uma segunda, ou mesmo uma terceira ou quarta vez; pois em alguns casos Deus assim dispõe em relação a eles para sua maior glória; e que ela deve sempre ter diante de seus olhos esta doutrina dos antigos, que nem a viuvez nem a virgindade têm qualquer lugar ou posição no céu, exceto aquele que lhes é atribuído pela humildade.

CAPÍTULO XL.

Uma Palavra às Virgens

Ó virgens, tenho apenas três palavras a dizer-vos, pois o resto encontrareis em outro lugar. Se pretendeis um casamento temporal, cuidai em conservar o vosso primeiro amor para o vosso primeiro marido. Na minha opinião, é um grande engano apresentar, em vez de um coração inteiro e sincero, um coração completamente desgastado, corrompido e cansado de amor. Mas se a vossa felicidade vos chama aos puros e virginais esponsais de Cristo, e desejais preservar para sempre a vossa virgindade, em nome de Deus, guardai o vosso amor com toda a diligência possível para o vosso Divino Esposo, que, sendo a própria pureza, nada ama tanto quanto a pureza, e a quem são devidas as primícias de todas as coisas, mas principalmente as do nosso amor. As epístolas de São Jerônimo vos fornecirão todos os conselhos necessários; e como a vossa condição vos obriga à obediência, escolhei um guia, sob cuja direção podeis, de maneira mais santa, dedicar o vosso coração e o vosso corpo à Sua Divina Majestade.

PARTE IV

Conselhos necessários contra as tentações mais comuns

CAPÍTULO I.

Não devemos nos preocupar com o que as crianças do mundo podem dizer

Assim que os mundanos perceberem que você deseja seguir uma vida devota, dispararão contra você inúmeras flechas de zombaria e difamação. Os mais maliciosos atribuirão sua mudança à hipocrisia, à intolerância ou ao artifício. Dirão que, sendo desaprovado e rejeitado pelo mundo, você agora recorre a Deus. Seus amigos farão mil advertências que consideram muito sábias e caridosas. Dirão que você cairá em um estado de melancolia, que perderá seu crédito no mundo e se tornará insuportável; que envelhecerá antes do tempo;

que seus assuntos domésticos sofrerão; que você deve viver no mundo, como alguém no mundo; que a salvação pode ser conquistada sem tantos mistérios; e mil impertinências semelhantes.

Querida Filoteia, o que é tudo isso senão tagarelice tola e vazia? Essas pessoas não se preocupam com a sua saúde ou com os seus negócios. "Se fôsseis do mundo", diz o nosso Salvador, "o mundo amaria o que era seu; mas, como não sois do mundo, por isso o mundo vos odeia" (João, 15, 19). Vimos cavalheiros e damas passarem a noite inteira, ou melhor, muitas noites juntos, jogando xadrez ou cartas; e pode haver ocupação mais absurda, estúpida ou sombria do que a dos jogadores? E, no entanto, os mundanos não dizem uma palavra, nem os amigos se preocupam com eles; mas se passassem uma hora em meditação ou se levantassem um pouco mais cedo do que o habitual para se prepararem para a comunhão, todos correriam ao médico para curá-los da hipocondria. Você pode passar trinta noites dançando e ninguém se queixará disso, mas por assistirem a uma única noite de Natal, todos tosse e reclamam que estão doentes na manhã seguinte. Quem não vê que o mundo é um juiz injusto, gracioso e favorável aos seus próprios filhos, mas duro e rigoroso para com os filhos de Deus?

Nunca poderemos estar bem com o mundo sem nos perdermos com ele: é tão fantástico que é impossível contentá-lo. "Veio João Batista, que não comia pão nem bebia vinho", diz nosso Salvador, "e dizeis que ele tem demônio; veio o Filho do Homem, comendo e bebendo, e dizeis: Eis um comilão e bebedor de vinho" (Lucas, 7:33). É

verdade, Filoteia, se por condescendência com o mundo nos permitirmos rir, brincar ou dançar, o mundo se scandalizará conosco; e se não o fizermos, ele nos acusará de hipocrisia e melancolia. Se nos adornarmos, o mundo interpretará isso como algo feito para algum fim ruim; se negligenciarmos nossa vestimenta, ele o atribuirá à mesquinha ou à avareza. Nossa alegria será chamada de dissolução; e nossa mortificação, de mau humor; e como ele nos olha com maus olhos, jamais poderemos ser agradáveis a ele. Ela agrava nossas imperfeições, publicando-as como pecados, torna nossos pecados veniais mortais e nossos pecados de fragilidade, pecados de malícia. A caridade é benevolente e gentil, diz São Paulo, mas o mundo é malicioso; a caridade não pensa mal, enquanto o mundo, ao contrário, sempre pensa mal; e quando não pode condenar nossas ações, acusará nossas intenções. De modo que, quer as ovelhas tenham chifres ou não, sejam elas brancas ou pretas, o lobo as devorará se puder.

Façamos o que pudermos, o mundo ainda travará guerra contra nós. Se demormos na confissão, ele se perguntará como podemos ter tanto a dizer; se demormos pouco, dirá que não confessamos tudo. Observará toda a nossa conduta e, se proferirmos uma única palavra de raiva, protestará que nosso temperamento é insuportável; o cuidado com nossos negócios será transformado em cobiça e nossa mansidão em loucura. Mas, em relação aos filhos do mundo, sua ira se chama generosidade, sua avareza, economia adequada, suas familiaridades, entretenimentos honrosos. As aranhas sempre estragam o trabalho das abelhas.

Façamos ouvidos moucos a este mundo cego, Filoteia; que ele grite o quanto quiser, como uma coruja, para perturbar os pássaros do dia. Sejam constantes em nossos desígnios e invariáveis em nossas resoluções. Nossa perseverança demonstrará se nos sacrificamos a Deus com sinceridade e nos dedicamos a uma vida devota. Cometas e planetas parecem ser quase igualmente brilhantes; mas assim como os cometas são apenas exalações ígneas que passam e, após um curto período, desaparecem, enquanto os planetas permanecem em brilho perpétuo; assim a hipocrisia e a verdadeira virtude têm grande semelhança na aparência exterior, mas uma se distingue facilmente da outra, porque a hipocrisia não se mantém por muito tempo, mas se dissipa rapidamente como fumaça, enquanto a verdadeira virtude é sempre firme e constante.

Contribui muito para a segurança da devoção se, no início, suportarmos reprovações e calúnias por sua causa, pois assim evitamos o perigo do orgulho e da vaidade, que podem ser comparados às parteiras do Egito, que matavam os filhos homens dos israelitas no próprio dia de seu nascimento, por ordem do desumano Faraó. Assim como estamos crucificados para o mundo, o mundo deve ser crucificado para nós; já que os mundanos nos consideram tolos, consideremo-los loucos.

CAPÍTULO II.

Devemos ter sempre coragem

A luz, embora bela e encantadora aos nossos olhos, ainda assim nos ofusca depois de muito tempo na escuridão. Antes de nos familiarizarmos com os habitantes de qualquer país, por mais corteses e gentis que sejam, nos encontramos um tanto estranhos entre eles. Pode acontecer, Filoteia, que esta despedida geral que você deu às loucuras e vaidades do mundo possa causar em sua mente algumas impressões de tristeza e desânimo. Se for esse o caso, tenha um pouco de paciência, eu lhe imploro, pois isso não dará em nada. É apenas uma pequena estranheza, ocasionada pela novidade; quando ela passar, você sentirá dez mil consolações.

Talvez te seja doloroso, a princípio, renunciar àquele louvor que tuas vaidades extorquiram dos mundanos tolos; mas, por causa disso, perderias a glória eterna com a qual Deus certamente te recompensará? As vãs diversões e passatempos nos quais até agora empregaste teu tempo se apresentarão novamente para seduzir teu coração e fazê-lo voltar-se para eles; mas resolverás renunciar à felicidade eterna por tais tolices enganosas? Acredita em mim, se perseverares, receberás rapidamente consolações tão deliciosas e agradáveis que te obrigarão a confessar que o mundo não tem nada

além de fel em comparação com este mel, e que um dia de devoção é preferível a mil anos gastos em todos os prazeres que ele pode proporcionar.

Mas você vê que a montanha da perfeição cristã é extremamente alta: Ó meu Deus, você diz, como poderei ascender. Coragem, Filoteia. Quando as abelhas jovens começam a assumir sua forma, elas não conseguem voar para as flores, as montanhas ou as colinas vizinhas para coletar mel; mas, continuando a se alimentar do mel que as mais velhas prepararam, suas asas aparecem e elas adquirem força suficiente para voar e procurar seu alimento por todo o país. É verdade que ainda somos abelhas jovens na devoção e, conseqüentemente, incapazes de subir tão alto a ponto de atingir o topo da perfeição cristã; mas, à medida que nossos desejos e resoluções tomam forma e nossas asas crescem, podemos razoavelmente esperar que um dia nos tornaremos abelhas espirituais e seremos capazes de voar; enquanto isso, alimentemo-nos do mel das muitas boas instruções que outras pessoas devotas nos deixaram e oremos a Deus para nos dar asas como uma pomba, para que possamos não apenas voar nesta vida presente, mas também descansar na montanha da eternidade na vida futura.

CAPÍTULO III.

A natureza das tentações e a diferença entre o sentimento da tentação e o consentimento para ela

A natureza das tentações e a diferença entre o sentimento de tentação e o consentimento

Imagine, Filoteia, uma jovem princesa extremamente amada por seu esposo, e que um homem perverso, a fim de corromper sua fidelidade, envia um mensageiro infame para negociar com ela a respeito de seu plano: primeiro, o mensageiro propõe a intenção de seu mestre; segundo, a princesa fica satisfeita ou descontente com a proposta; terceiro, ela consente ou recusa. É da mesma maneira que Satanás, o mundo e a carne, vendo uma alma desposada com o Filho de Deus, enviam-lhe tentações e sugestões pelas quais: 1, o pecado lhe é proposto; 2, ela fica satisfeita ou descontente com a proposta; 3, ela consente ou recusa. Estes são os três passos que levam à iniquidade: tentação, deleite e consentimento. Mas, embora essas três coisas não sejam tão manifestamente discernidas em

todos os outros tipos de pecados, elas são, no entanto, palpavelmente vistas em grandes pecados.

Embora a tentação de qualquer pecado perdurasse durante a vida, jamais nos tornaria desagradáveis à Divina Majestade, desde que não nos agradasse e não conseguíssemos; a razão é que não agimos, mas sofremos na tentação, e como nisso não temos prazer, não podemos incorrer em qualquer culpa. São Paulo sofreu por muito tempo as tentações da carne, e, no entanto, longe de ser desagradável a Deus por isso, pelo contrário, Deus foi glorificado por causa delas. A bem-aventurada Ângela de Foligny sentiu tentações tão cruéis da carne que nos comove quando as relata. São Francisco e São Bento também sofreram tentações tão violentas que obrigaram um a lançar-se nu nos espinhos e o outro na neve, a fim de combatê-las, e, no entanto, não perderam nada do favor de Deus, mas aumentaram muito em graça.

Deves, pois, ser corajosa, Filoteia, em meio às tentações, e nunca te consideres vencida enquanto elas te desagradarem, observando bem esta diferença entre sentir e consentir, a saber: podemos sentir tentações, embora nos desagradem, mas nunca podemos consentir nelas, a menos que nos agradem, visto que estar satisfeito com elas serve normalmente como um passo em direção ao nosso consentimento. Que os inimigos da nossa salvação lancem em nosso caminho tantas iscas e seduções quanto quiserem; que permaneçam sempre à porta do nosso coração, a fim de tentarem obter admissão; que nos façam tantas propostas quanto puderem; ainda

assim, enquanto permanecermos firmes em nossa resolução de não ter prazer na tentação, é-nos totalmente impossível ofender a Deus, assim como o príncipe que mencionei não poderia estar descontente com sua esposa, por causa da mensagem infame que lhe foi enviada, se ela não tivesse qualquer tipo de prazer nisso. No entanto, neste caso, há uma diferença entre ela e a alma: a princesa, tendo ouvido a proposta perversa, pode, se quiser, expulsar o mensageiro e nunca mais permitir que ele apareça em sua presença; mas nem sempre está no poder da alma não sentir a tentação, embora esteja em seu poder não consentir com ela; por essa razão, embora a tentação possa durar muito tempo, ela não pode nos ferir enquanto for desagradável para nós.

Mas, quanto ao prazer que pode advir da tentação, pode-se observar que, como há duas partes na alma, a inferior e a superior, e que a inferior nem sempre segue a superior, mas age por si mesma, acontece frequentemente que a parte inferior se deleita na tentação sem o consentimento, ou melhor, contra a vontade da superior. Esta é a guerra que o Apóstolo descreve quando diz: "A carne cobiça contra o espírito, e o espírito, contra a carne; porque estes se opõem um ao outro" (Gál. 5:17).

Filoteia, uma grande floresta - Se alguém for àquele lugar dez ou doze horas depois em busca de fogo, ele encontra apenas pouco no meio da lareira, e isso dificilmente é notado; no entanto, lá está, e com ele ele pode reacender o restante das cinzas que estavam mortas. Assim é com a caridade, que é nossa vida espiritual, no

meio de violentas tentações; pois a tentação, lançando o prazer que a acompanha na parte inferior, cobre toda a alma, por assim dizer, com cinzas, e reduz o amor de Deus a um estreito alcance; pois não aparece em nenhum lugar, exceto no meio do coração, no centro do espírito, e mesmo lá é quase imperceptível, e é apenas com muita dificuldade que o encontramos; no entanto, lá está na realidade, uma vez que, apesar de todos os problemas e da desordem que sentimos em nossa alma e em nosso corpo, ainda mantemos a resolução de nunca consentir com a tentação; e o prazer que o homem exterior sente desagrade ao interior, de modo que, embora envolva a vontade, não está dentro dela; por isso vemos que tal prazer, sendo involuntário, não pode ser pecado.

CAPÍTULO IV.

Dois exemplos notáveis sobre este assunto

Como lhe diz respeito compreender perfeitamente este assunto, explicarei mais detalhadamente. Um jovem, como relata São Jerônimo, estando preso com faixas de seda a uma cama macia e delicada, foi provocado pelas mais violentas tentações, empregadas por seus perseguidores para abalar sua constância. Ah! Não deveria sua alma casta ter sentido estranhas perturbações? No entanto, em meio a tantos conflitos, em meio a tão terrível tempestade de tentações, ele testemunhou que seu coração não foi vencido e que sua vontade não consentiu. Não tendo nenhuma parte de seu corpo à disposição além da língua, ele a mordeu e cuspiu no rosto da infeliz mulher, que o torturou com mais crueldade do que os algozes poderiam ter feito com os maiores tormentos; pois o tirano, desesperado para vencê-lo pela dor, pensou em vencê-lo pelo prazer.

Esta história do conflito de Santa Catarina de Sena, em ocasião semelhante, é muito admirável; sua essência é a seguinte: O espírito maligno teve permissão de Deus para atacar a pureza desta santa virgem com a maior fúria, mas sem lhe ser permitido tocá-la. Ele

então apresentou todos os tipos de sugestões impuras à sua mente; e para comovê-la ainda mais, vindo com seus companheiros na forma de homens e mulheres, cometeu mil tipos de imodéstias diante dela, acrescentando a mais obscena linguagem; e embora essas coisas fossem exteriores, contudo, por meio dos sentidos, penetraram profundamente no coração da virgem, que, como ela mesma confessou, estava repleto delas até a borda; de modo que nada permaneceu nela, exceto a pura vontade superior, que não foi abalada. Essa tentação continuou por muito tempo, até que um dia nosso Salvador lhe apareceu e ela lhe disse: Onde estavas, meu querido Salvador, quando meu coração estava cheio de tão grande impureza? Ao que Ele respondeu: Eu estava dentro do teu coração, minha filha. Mas como, respondeu ela, pudeste habitar em meu coração, onde havia tanta impureza? É possível que pudesses habitar em um lugar tão impuro? Ao que nosso Senhor respondeu: Dize-me, esses pensamentos imundos do teu coração te deram prazer ou tristeza, amargura ou deleite? A mais extrema amargura e tristeza, disse ela. Quem foi então, respondeu nosso Salvador, que colocou essa grande amargura e tristeza em teu coração, senão eu, que permaneci oculta em tua alma? Acredita-me, filha, se não fosse pela minha presença, esses pensamentos que cercavam tua vontade teriam sem dúvida entrado e, com prazer, teriam trazido a morte à tua alma; mas estando presente, infundi esse desprazer em teu coração, que te permitiu rejeitar as tentações o máximo que pôde; mas, não sendo capaz de fazê-lo tanto quanto queria, concebeu um desprazer e ódio maiores tanto contra a tentação quanto contra ti mesma; e assim, essas dificuldades provaram ser ocasiões de

grande mérito para ti e para um maior aumento de tua força e virtude.

Eis, Filoteia, como este fogo se cobriu de cinzas, e como a tentação penetrou até o coração e cercou a vontade, que, auxiliada por nosso Salvador, resistiu até o fim, resistindo, com aversão, desgosto e aversão ao mal sugerido, e recusando-se constantemente a consentir no pecado que a assediava por todos os lados. Meu Deus! Que angústia não deve sentir uma alma que ama a Deus, por não saber se Ele está nela ou não, e se o amor divino, pelo qual luta, está completamente extinto nela ou não! Mas é a grande perfeição do amor celestial fazer sofrer e lutar por seu amor aqueles que amam a Deus, sem saber se possuem o amor pelo qual e pelo qual lutam.

CAPÍTULO V.

Um encorajamento para uma alma que está em tentação

Esses ataques violentos e tentações extraordinárias, Filoteia, só são permitidos por Deus contra aquelas almas que Ele deseja elevar ao mais alto grau do amor divino, mas isso não significa que elas o alcançarão depois, pois muitas vezes aconteceu que aqueles que foram constantes sob esses ataques, por falta de correspondência fiel com o favor divino, foram posteriormente vencidos por tentações muito pequenas. Digo-te isto para que, se no futuro fores assaltada por grandes tentações, saibas que Deus te confere um favor extraordinário, quando Ele assim declara a sua vontade de te tornar grande aos seus olhos; e que, no entanto, debes ser sempre humilde e temerosa, não podendo assegurar-te de que podes vencer pequenas tentações, mesmo depois de teres vencido as grandes, por nenhum outro meio senão pela constante fidelidade à sua Divina Majestade.

Portanto, qualquer que seja a tentação que possa vir a assaltá-lo, ou com qualquer deleite que ela possa ser acompanhada, enquanto você recusar seu consentimento, não apenas à tentação, mas

também ao deleite, não se dê ao trabalho, pois Deus não se ofende. Assim como, quando um homem está tão debilitado a ponto de não mostrar nenhum sinal de vida, as pessoas colocam as mãos em seu coração e, se sentem a menor palpitação, julgam que ele ainda está vivo e que, pela aplicação de algum restaurador, ele pode recuperar suas forças e sentidos; assim às vezes acontece que, pela violência de uma tentação, nossa alma parece ter caído em um ataque, de modo a não ter mais vida ou movimento espiritual; mas se quisermos saber como ela está, coloquemos a mão em nosso coração e consideremos se ele e nossa vontade ainda retêm alguma palpitação da vida espiritual, isto é, se cumpriram seu dever ao se recusarem a consentir e ceder à tentação e ao deleite; enquanto esse movimento permanecer, podemos estar certos de que a caridade, a vida da alma, permanece em nós, e que Jesus Cristo, nosso Salvador, embora oculto, está presente; assim, por meio do exercício contínuo da oração, dos sacramentos e da confiança em Deus, retornaremos novamente a uma vida espiritual forte, sólida e saudável.

CAPÍTULO VI.

Como a tentação e o deleite podem se tornar pecaminosos

A princesa de quem falamos antes não pôde impedir a proposta que lhe foi feita, porque, como se presumia, foi feita contra sua vontade; mas se, ao contrário, tivesse dado o mínimo incentivo ou demonstrado disposição para conceder seu amor àquele que a cortejava, sem dúvida teria sido culpada aos olhos de Deus e, por mais que dissimulasse, certamente mereceria tanto a blasfêmia quanto o castigo. Assim, às vezes acontece que a própria tentação nos envolve em pecado, porque nós mesmos somos a causa dele. Por exemplo: sei que quando jogo caio facilmente em paixões violentas e blasfêmias, e que jogar me serve como uma tentação para esses pecados; peço, portanto, sempre que jogo, e sou responsável por todas as tentações que possam me sobrevir. Da mesma forma, se sei que certas conversas me exporão ao perigo de cair em pecado e, ainda assim, participo voluntariamente delas, sou sem dúvida culpado por todas as tentações que possa encontrar nessas ocasiões.

Quando o deleite que procede da tentação pode ser evitado, é sempre um pecado maior ou menor admiti-lo, na proporção em que o prazer que obtemos ou o consentimento que damos a ele é de maior ou menor duração. A jovem princesa, antes mencionada, seria altamente culpada se, tendo ouvido a proposta impura, sentisse prazer nela e deixasse seu coração sentir satisfação em tão perverso assunto; pois, embora não consentisse na execução do que lhe era proposto, consentiu, no entanto, na aplicação interior de seu coração ao mal, pelo prazer que nisso sentia, porque é sempre criminoso aplicar o coração ou o corpo a algo que seja imodesto; aliás, esse pecado depende tanto do consentimento do coração que, sem ele, a aplicação do corpo não poderia ser pecado.

Portanto, sempre que você for tentado a qualquer pecado, considere se você mesmo não deu voluntariamente ocasião para ser tentado, pois então a própria tentação o coloca em um estado de pecado, por conta do perigo em que você se lançou: isso deve ser entendido quando você poderia ter evitado convenientemente a ocasião e poderia ter previsto, ou deveria, a aproximação da tentação; mas se você não deu ocasião à tentação, ela não pode de forma alguma ser imputada a você como um pecado.

Quando o deleite que se segue à tentação poderia ter sido evitado, e ainda assim não foi, há sempre algum tipo de pecado, de acordo com o tempo que se deteve nele, mais ou menos, ou de acordo com o prazer que se obteve nele. Uma mulher que não deu motivo para ser cortejada, e ainda assim sente prazer nisso, é, no entanto,

censurável, se o prazer que ela sente não se origina de outra causa além do cortejo. Mas se, por exemplo, aquele que a processa por seu amor é um excelente músico, e ela sente prazer, não em seu cortejo, mas na harmonia e doçura de sua música, isso não seria pecado: embora ela não deva continuar por muito tempo nesse prazer, por medo de que passe dele para o desejo de ser cortejada. Da mesma forma, se alguém me propuser algum meio engenhoso de me vingar de um inimigo, e que eu não me deleite nem dê qualquer consentimento à vingança proposta, mas apenas me agradeça pela astúcia da invenção astuta; embora não fosse pecado, ainda assim não devo continuar me divertindo muito com esse prazer, por medo de que, aos poucos, isso possa me levar a sentir algum prazer na própria vingança.

Às vezes, somos surpreendidos por certos sintomas de prazer que imediatamente seguem uma tentação, antes mesmo de nos darmos conta dela. Isso, no máximo, pode ser apenas um leve pecado venial; mas se torna maior se, depois de termos percebido o mal, paramos por algum tempo, por negligência, para decidir se devemos admitir ou rejeitar esse deleite; e o pecado se torna ainda maior se, depois de termos consciência do deleite, nos debruçamos sobre ele, por pura negligência, sem termos decidido rejeitá-lo; mas quando voluntariamente e com plena deliberação resolvemos nos satisfazer com tais deleites, isso por si só é um grande pecado, desde que o objeto em que nos deleitamos também seja um grande pecado. É um grande crime para uma mulher estar disposta a nutrir afeições malignas, embora ela nunca pretenda realmente se entregar a elas.

CAPÍTULO VII.

Remédios contra grandes tentações

Assim que perceber que está sendo tentado, siga o exemplo das crianças; quando veem um lobo ou um urso, correm imediatamente para os braços do pai ou da mãe, ou pelo menos clamam por socorro. É o remédio que nosso Senhor ensinou quando disse: "Orai, para que não entreis em tentação" (Mt 26,41). Se, apesar disso, você perceber que a tentação ainda persiste, ou até aumenta, corra em espírito para abraçar a santa cruz, como se visse Jesus Cristo crucificado diante de você. Proteste que nunca consentirá na tentação, implore por sua ajuda contra ela e continue a recusar seu consentimento enquanto a tentação persistir.

Mas, ao fazer esses protestos e recusar-se a consentir, não olhe para a tentação, mas apenas para o Senhor; pois se você olhar para a tentação, especialmente enquanto ela é forte, ela pode abalar sua coragem. Desvie seus pensamentos para algumas reflexões boas e piedosas, pois os bons pensamentos, quando ocupam seu coração, afastarão toda tentação e sugestão maligna.

Mas o grande remédio contra todas as tentações, sejam elas grandes ou pequenas, é abrir seu coração ao seu diretor espiritual e comunicar-lhe suas sugestões, sentimentos e afeições; pois você deve observar que o silêncio é a primeira condição que o inimigo impõe a uma alma que ele deseja seduzir; enquanto Deus, por outro lado, exige que tornemos conhecidas suas inspirações aos nossos superiores e diretores.

Se depois de tudo isso, as tentações continuarem a nos assediar e perseguir, não temos nada a fazer a não ser continuar firmes em nossa resolução, nunca renunciar ao nosso consentimento; pois, assim como uma moça nunca poderá se casar enquanto responder Não, assim também a alma, embora possa ser tentada por muito tempo, nunca poderá pecar enquanto fizer o mesmo.

Nunca discuta com seu inimigo, nem lhe dê outra resposta que não seja semelhante àquela com a qual nosso Salvador o confundiu: "Vai-te, Satanás, o Senhor teu Deus adorarás e só a Ele servirás"; pois assim como uma esposa casta nunca deve responder à conversa frívola de um homem imoral, mas abandoná-lo abruptamente e, no mesmo instante, voltar seu coração para seu marido e renovar a promessa de fidelidade que lhe fez; assim também a alma devota que se vê assaltada pela tentação não deve, de forma alguma, perder tempo em responder ao inimigo, mas com toda a simplicidade voltar-se para Jesus Cristo, seu Esposo, e renovar seu protesto de fidelidade a Ele e sua resolução de permanecer única e inteiramente dele para sempre.

CAPÍTULO VIII.

Devemos resistir às pequenas tentações

Embora devamos lutar contra as grandes tentações com uma coragem invencível, e a vitória que obtemos sobre elas possa ser extremamente vantajosa, pode acontecer, no entanto, que ganhemos mais lutando bravamente contra as pequenas; pois, assim como as grandes tentações excedem em qualidade, as pequenas excedem em quantidade, razão pela qual a vitória sobre elas pode ser comparável à sobre as maiores. Lobos e ursos são, sem dúvida, mais perigosos do que moscas, mas os primeiros não nos dão tanto trabalho, nem exercitam nossa paciência tanto quanto os últimos. É fácil abster-se de assassinato, mas é extremamente difícil conter todas as nossas pequenas explosões de paixão, cujas ocasiões estão se apresentando a cada momento. É muito fácil para um homem ou uma mulher abster-se de adultério, mas difícil abster-se de olhares, de dar ou receber favores de amor, ou de falar ou ouvir palavras lisonjeiras. É fácil não admitir, visível ou exteriormente, um rival para o marido ou esposa, mas fácil fazê-lo no coração; É fácil não roubar os bens de outro homem, mas difícil não cobiçá-los; é fácil não dar falso testemunho em julgamento, mas difícil nunca mentir; é fácil

não se embriagar, mas difícil manter-se perfeitamente sóbrio; fácil evitar desejar a morte de outro homem, difícil não desejar o que lhe pode ser inconveniente; fácil abster-se de difamá-lo, difícil não desprezá-lo. Em suma, essas tentações menores de raiva, suspeita, ciúme, inveja, amor vão, leviandade, vaidade, insinceridade, afetação, astúcia e pensamentos impuros atacam continuamente até mesmo aqueles que são os mais devotos e resolutos. Devemos, portanto, preparar-nos diligentemente, minha querida Filoteia, para esta guerra, e ter a certeza de que, por tantas vitórias quantos obtivermos sobre esses inimigos menores, tantas pedras preciosas serão colocadas na coroa da glória que Deus está preparando para nós no céu. Por isso, digo que, além de estarmos sempre prontos para lutar corajosamente contra as grandes tentações, devemos também defender-nos constante e diligentemente contra aquelas que parecem fracas e triviais.

CAPÍTULO IX.

Que remédios devemos aplicar contra as pequenas tentações

Agora, quanto àquelas tentações menores de vaidade, suspeita, impaciência, ciúme, inveja, amor vão e coisas semelhantes, que, como moscas e mosquitos, pairam continuamente ao nosso redor e às vezes nos picam nas pernas, nas mãos, na bochecha ou no nariz, já que é impossível ficarmos completamente livres de ser provocados por elas, a melhor defesa que podemos fazer é não nos preocupar muito com elas; pois, embora possam nos provocar, nunca poderão nos ferir, contanto que continuemos fortemente determinados a nos dedicar sinceramente ao serviço de Deus.

Despreza, pois, esses pequenos ataques, sem sequer pensar no que eles sugerem. Deixa-os zumbir e pairar aqui e ali, e sempre ao teu redor; não lhes dês mais atenção do que darias às moscas quando ameaçam picar-te; mas quando perceberes que, no mínimo, te tocam o coração, contenta-te em removê-los silenciosamente, sem esperar para contender ou disputar com elas, e pratica algumas ações de natureza contrária à tentação, especialmente atos de amor a Deus. Mas não debes continuar por muito tempo, Filoteia, a opor o

ato da virtude contrária à tentação que sentes, pois isso seria disputar com ela; mas depois de teres praticado um simples ato da virtude contrária, desde que tenhas tido tempo para observar a qualidade da tentação, volta o teu coração suavemente para Jesus Cristo crucificado e, por um ato de amor, beija os seus pés sagrados. Este é o melhor meio de vencer o inimigo, tanto nas pequenas como nas grandes tentações; Pois, assim como o amor de Deus contém em si a perfeição de todas as virtudes e é ainda mais excelente do que as próprias virtudes, é também o antídoto mais soberano contra todos os tipos de vícios; e, acostumando sua mente, nessas ocasiões, a recorrer a esse remédio, você nem precisa examinar por que tipo de tentação ela é perturbada. Além disso, esse grande remédio é tão terrível para o inimigo de nossas almas que, quando ele percebe que suas tentações nos incitam a praticar atos de amor divino, cessa de nos tentar. É isso que devemos fazer contra essas pequenas e frequentes tentações, em vez de examiná-las e combatê-las detalhadamente; caso contrário, só nos daríamos muito trabalho e muito pouco efeito.

CAPÍTULO X.

Como fortalecer nossos corações contra as tentações

Considere de tempos em tempos quais paixões predominam em sua alma e, tendo-as descoberto, adote um método de pensar, falar e agir que possa neutralizá-las. Se, por exemplo, você se sente inclinado à vaidade, pense frequentemente nas misérias da vida humana, na inquietação que essas vaidades causarão em sua consciência no dia de sua morte, em quão indignas elas são de um coração generoso, sendo nada mais que brinquedos, adequados apenas para o divertimento de crianças. Fale também frequentemente contra a vaidade e, embora isso possa ser prejudicial a você, não cesse de denunciá-la, pois assim você se engajará, até mesmo por uma questão de honra, do lado oposto; pois, ao declamar contra algo, nos levamos a odiá-lo, embora a princípio possamos ter afeição por ele. Exercite obras de abjeção e humildade o máximo que puder, por maior que seja sua relutância, pois você se acostuma assim à humildade e enfraquece sua vaidade, de modo que, quando a tentação vier, você terá menos inclinação para favorecê-la e mais força para resistir a ela.

Se você é propenso à cobiça, pense frequentemente na loucura de um pecado que nos torna escravos daquilo que foi feito apenas para nos servir, e que na morte devemos nos separar de tudo e deixá-lo nas mãos daqueles que talvez o esbanjem, ou para quem possa ser causa de condenação. Fale em voz alta contra a avareza e em louvor ao desprezo absoluto pelo mundo. Obrigue-se a dar esmola e a negligenciar algumas ocasiões de ganho.

Se você se inclina a afeições sensuais, pense frequentemente em quão perigosas elas são, tanto para você quanto para os outros; quão indigno é empregar em um passatempo ocioso o mais nobre afeto de nossa alma; e quão censurável é tamanha leviandade de espírito. Fale frequentemente em louvor à pureza e simplicidade de coração, e que suas ações, ao máximo de suas forças, sejam sempre conformes às suas palavras, evitando leviandades em atos ou em conversas. Em suma, em tempo de paz, ou seja, quando as tentações do pecado ao qual você é mais inclinado não o molestam, faça vários atos da virtude contrária; e se as ocasiões para praticá-la não se apresentarem, esforce-se para enfrentá-las, pois assim você fortalecerá seu coração contra tentações futuras.

CAPÍTULO XI.

Da Inquietação

Como a inquietação não é uma tentação única, mas uma fonte de onde muitas tentações fluem sobre nós, é muito necessário que eu diga algo a respeito dela. A inquietação ou tristeza, então, nada mais é do que aquela dor de espírito que concebemos por algum mal que sofremos contra a nossa vontade, seja ele exterior, como pobreza, doença, desprezo; ou interior, como ignorância, secura de coração, repugnância ao que é bom e tentação. Quando a alma, então, percebe que tem algum mal, ela fica triste, desgostosa e, com razão, extremamente ansiosa para se livrar dele; pois todos naturalmente desejam abraçar o bem e fugir daquilo que apreendem ser mau. Se a alma, por amor a Deus, deseja se libertar de seu mal, ela buscará os meios de sua libertação com paciência, mansidão, humildade e tranquilidade, esperando isso mais da providência de Deus do que de sua própria indústria ou diligência; Mas se ela busca a libertação do amor-próprio, ela se fatigará em busca desses meios, como se o sucesso dependesse mais de si mesma do que de Deus. Não digo que ela pense assim, mas que ela se apressa como se pensasse assim. Ora, se ela não obtém sucesso imediatamente, de acordo com seus desejos, cai na inquietação, que, em vez de

remover, agrava o mal e a envolve em angústia e aflição tão extremas, com tão grande perda de coragem e força, que ela imagina que seu mal é irremediável. Veja, então, como a tristeza, que no começo é justa, gera inquietação, e a inquietação aumenta a tristeza, até que se torna extremamente perigosa.

A inquietação é o maior mal que pode sobrevir à alma, com exceção apenas do pecado. Pois, assim como as sedições e comoções internas de qualquer comunidade a impedem de resistir a uma invasão estrangeira, assim também nosso coração, perturbado consigo mesmo, perde a força para manter as virtudes que adquiriu e os meios para resistir às tentações do inimigo, que então emprega seus maiores esforços para pescar, como se diz, em águas turbulentas.

A inquietação procede de um desejo desmedido de nos livrarmos do mal que sentimos ou de adquirir o bem que esperamos; e, no entanto, não há nada que aumente mais o mal e afaste ainda mais o bem do que uma mente inquieta. Os pássaros permanecem prisioneiros em redes porque, encontrando-se presos, agitam-se e batem as asas avidamente para se soltarem novamente e, por esse meio, enredam-se ainda mais. Sempre que, então, você for pressionado pelo desejo de se libertar de algum mal ou de alcançar algum bem, tenha o cuidado de acalmar sua mente em repouso e tranquilidade e de compor seu julgamento e vontade; e então siga os movimentos de seu desejo, usando calmamente os meios que lhe forem mais convenientes. Quando digo calmamente, não quero dizer

negligentemente, mas sem pressa, problema ou inquietação; caso contrário, em vez de obter o efeito de seu desejo, você estragará tudo e se envergonhará ainda mais.

"A minha alma está sempre em minhas mãos, Senhor, e não me esqueci da tua lei", disse Davi (Salmo 118, 109). Examine frequentemente durante o dia, ou pelo menos de manhã ou à noite, se você tem a sua alma em suas mãos, ou se alguma paixão ou inquietação não a roubou. Considere se você tem o seu coração sob controle, ou se ele não escapou de suas mãos, para se entregar a alguma afeição desordenada de amor, ódio, inveja, cobiça, medo, inquietação ou alegria; e se ele se extraviou, busque-o antes de fazer qualquer outra coisa, e traga-o silenciosamente de volta à presença de Deus, submetendo todas as suas afeições e desejos à obediência e direção de sua vontade divina; pois assim como aqueles que têm medo de perder algo que é precioso o seguram firmemente em suas mãos, assim, imitando este grande rei, devemos sempre dizer: Ó meu Deus, minha alma está em perigo e, portanto, eu a carrego sempre em minhas mãos, e desta maneira não me esqueci de tua santa lei.

Não permita que seus desejos, por mais triviais que sejam, o perturbem, para que depois aqueles de maior importância não encontrem seu coração envolvido em problemas e desordem. Quando perceber que a inquietação toma conta de sua mente, recomende-se a Deus e decida não fazer nada até que ela seja restaurada à tranquilidade, a menos que seja algo inadiável. Então,

moderando e moderando a corrente de seus desejos o máximo possível, faça o que for preciso, não de acordo com seu desejo, mas de acordo com sua razão.

Se puderes revelar a causa da tua inquietação ao teu diretor espiritual, ou pelo menos a algum amigo fiel e devoto, sem dúvida encontrarás alívio em breve; pois a comunicação das dores do coração produz na alma o mesmo efeito que a sangria no corpo de alguém com febre contínua; e este é o remédio dos remédios. Por isso, o santo rei São Luís deu este conselho ao seu filho: "Se tiveres alguma inquietação no coração, dize-a imediatamente ao teu confessor, ou a alguma pessoa boa, e então poderás ouvir o mal com muita facilidade, pelo conforto que ele te dará."

CAPÍTULO XII.

Da Tristeza

"A tristeza segundo Deus", diz São Paulo, "opera penitência constante para a salvação; mas a tristeza do mundo opera a morte." (2 Coríntios 7:10) A tristeza, portanto, pode ser boa ou má, de acordo com seus diferentes efeitos. É verdade que produz mais males do que bens, pois possui apenas dois que são bons: a compaixão e o arrependimento; mas possui seis que são maus, a saber, a ansiedade, a preguiça, a indignação, o ciúme, a inveja e a impaciência, o que levou o sábio a dizer: "A tristeza mata a muitos, e não há proveito nela" (Eclesiastes 30:25), pois para duas boas correntes que fluem da fonte da tristeza, existem seis muito más.

O inimigo usa a tristeza para tentar os justos; pois, assim como se esforça para fazer os maus se alegrarem com seus pecados, também se esforça para fazer os bons se entristecerem com suas boas obras; e assim como só pode induzir as pessoas a cometer o mal fazendo-o parecer agradável, só pode nos desviar do bem fazendo-o parecer desagradável. O príncipe das trevas se agrada da tristeza e da melancolia, porque ele é e será triste e melancólico por toda a eternidade; portanto, deseja que todos sejam como ele. A tristeza, que é má, perturba e confunde a alma, causa medos desordenados,

dá aversão à oração, entorpece e oprime o cérebro, rouba da mente o conselho, a resolução, o julgamento e a coragem, e destrói sua força. Em suma, é como um inverno rigoroso que destrói toda a beleza do país e mata muitos animais; pois tira toda a doçura da alma e a torna incapacitada em todas as suas faculdades. Se em algum momento você for tomada por esse tipo maligno de tristeza, Filoteia, aplique os seguintes remédios:

"Se alguém estiver triste", diz São Tiago, "reze". A oração é um remédio soberano, pois eleva o espírito a Deus, nossa única alegria e consolação. Mas, ao orar, que suas palavras e afeições, sejam elas interiores ou exteriores, tendam sempre a uma viva confiança na bondade divina; use orações como: "Ó Deus de misericórdia, ó bondade infinita, ó meu doce Salvador, ó Deus do meu coração, minha alegria e minha esperança, ó meu querido Esposo, o bem-amado da minha alma", etc.

Oponha-se vigorosamente à menor inclinação à tristeza; e embora possa parecer que tudo o que você faz naquele momento é realizado com tibieza e preguiça, você deve, no entanto, perseverar; pois o inimigo, que busca pela tristeza nos cansar das boas obras, vendo que não cessamos de fazê-las, mas até as continuamos apesar de sua oposição, e que assim elas se tornam mais meritórias, deixará de incomodá-lo por mais tempo.

Cantem cânticos espirituais, pois o demônio, por esse meio, muitas vezes desistiu de suas operações; vejam o espírito maligno que afligia Saul, cuja violência era reprimida por tal música. É também

necessário que nos dediquemos a obras exteriores e as variemos o máximo possível, a fim de desviar a alma do objeto melancólico e purificar e aquecer os espíritos, sendo a tristeza uma paixão de caráter frio e seco.

Pratique ações externas de fervor, embora você possa fazê-las sem o menor prazer: como abraçar o crucifixo, apertando-o contra o peito, beijando os pés e as mãos, levantando os olhos e as mãos para o céu, elevando sua voz a Deus, com palavras de amor e confiança, como estas: "Meu amado é meu, e eu sou dele. Meu amado é para mim um buquê de mirra. Meus olhos desfalecem após Ti, ó meu Deus." Diga também: "Quando me consolarás? Ó Jesus, sê Tu Jesus para mim. Vive, doce Jesus, e minha alma viverá. Quem me separará do amor do meu Deus?" e coisas semelhantes.

O uso moderado da disciplina também é bom contra a tristeza, porque essa aflição exterior voluntária gera consolo interior, e a alma, sentindo dor exterior, se desvia da dor interior. Mas a comunhão frequente é o melhor remédio, porque esse pão celestial fortalece o coração e alegra o espírito.

Expresse humilde e fielmente ao seu confessor todos os sentimentos, afeições e sugestões que procedem da sua tristeza. Procure conversar com pessoas devotas e frequente a companhia delas o máximo que puder. Em suma, entregue-se às mãos de Deus, preparando-se para sofrer com paciência essa tristeza incômoda, como um justo castigo por suas vãs alegrias, e não duvide que Deus o livrará desse mal.

CAPÍTULO XIII.

Das consolações espirituais e sensíveis, e de como devemos proceder em relação a elas

Deus continua a existência deste grande mundo em perpétuas mudanças, pelas quais o dia é sempre sucedido pela noite, a primavera pelo verão, o verão pelo outono, o outono pelo inverno e o inverno novamente pela primavera. Os dias raramente se assemelham exatamente: alguns são nublados, outros chuvosos; alguns secos, outros ventosos; causando assim variedade, o que acrescenta consideravelmente à beleza do universo. O mesmo acontece com o homem, que, segundo o ditado dos antigos escritores, é um epítome do universo, ou outro pequeno mundo, pois ele nunca permanece muito tempo no mesmo estado; sua vida flui sobre a terra como as águas, flutuando e ondulando em uma perpétua diversidade de movimento, que às vezes o eleva com esperança; às vezes o derruba com medo, às vezes o leva para a direita pela consolação, às vezes para a esquerda pela aflição, e nenhum de seus dias, nem mesmo uma de suas horas, é em todos os aspectos igual ao outro.

Agora, é necessário que nos esforcemos para preservar uma igualdade inviolável de coração, em meio a tão grande desigualdade de acontecimentos; e que, embora todas as coisas mudem ao nosso redor, permaneçamos constantemente imóveis, sempre olhando e aspirando a Deus. Que o navio tome o curso que quiser, que navegue em direção ao leste, oeste, norte ou sul, ou que seja levado por qualquer vento, a agulha da bússola nunca apontará para outra direção senão para a brilhante estrela polar. Que tudo seja virado e perturbado, não apenas ao nosso redor, mas dentro de nós, isto é, que nossa alma seja inundada de tristeza ou alegria, doçura ou amargura, paz ou angústia, luz ou escuridão, tentação ou repouso, prazer ou desgosto, secura ou ternura; seja como a terra queimada pelo sol ou refrescada pelo orvalho, ainda assim nosso coração, nosso espírito e nossa vontade superior, que é nossa bússola, devem tender incessantemente para o amor de Deus, seu Criador, seu Salvador, seu único Bem Soberano. "Quer vivamos, quer morramos", diz o apóstolo (Rm 14,8), "pertencemos ao Senhor". E "Quem poderá nos separar do amor de Deus?" Não, nada nos separará deste amor: nem tribulação, nem angústia, nem morte, nem vida, nem aflição presente, nem o medo de acidentes futuros, nem as artimanhas dos espíritos malignos, nem a altura das consolações, nem a profundidade das aflições, nem ternura, nem aridez, jamais nos devem separar desta santa caridade, que se funda em Jesus Cristo.

Esta resolução fixa e absoluta de nunca abandonar a Deus, nem abandonar seu doce amor, serve como um contrapeso para nossas

almas, para mantê-las em um equilíbrio santo em meio à desigualdade dos vários movimentos ligados à condição desta vida; pois, assim como pequenas abelhas, surpreendidas por uma tempestade nos campos, pegam pequenos pedaços de cascalho, para que possam se equilibrar no ar e não serem tão facilmente levadas pelo vento; assim nossa alma, tendo, por uma forte resolução, abraçado firmemente o precioso amor de Deus, continua constante no meio da inconstância e vicissitudes de consolações e aflições, sejam espirituais ou temporais, exteriores ou interiores.

Mas, além dessas instruções gerais, precisamos de algumas regras específicas.

1. Digo, portanto, que a devoção nem sempre consiste naquela doçura, no deleite, na consolação ou na ternura sensível do coração, que nos comove até às lágrimas e nos dá uma certa satisfação agradável e saborosa em certos exercícios espirituais; não, Filoteia, pois há muitas almas que experimentam essas ternuras e consolações e, no entanto, são muito vicibus e, conseqüentemente, não têm um verdadeiro amor a Deus, muito menos verdadeira devoção. Saul, enquanto perseguia Davi até a morte, que fugia diante dele no deserto de Engadi, entrou sozinho em uma caverna onde Davi e seu povo faziam escondidos; Davi, que naquela ocasião teve muitas oportunidades de matá-lo, poupou sua vida e nem mesmo o assustou fisicamente; mas, tendo-o deixado sair ileso, depois o chamou para lhe demonstrar sua inocência e convencê-lo de que estivera à sua mercê. Ora, naquela ocasião, o que Saul não

fez para mostrar que seu coração estava apaziguado em relação a Davi? Ele o chamou de filho, chorou em voz alta, elogiou-o, reconheceu sua bondade, orou a Deus por ele, previu sua futura grandeza e recomendou-lhe sua posteridade. Que maior manifestação poderia ele fazer de doçura e ternura de coração? No entanto, seu coração não mudou, nem ele cessou de perseguir Davi tão cruelmente quanto antes. Da mesma forma, há algumas pessoas que, ao considerarem a bondade de Deus e a paixão de nosso Salvador, sentem uma ternura de coração tão grande que as faz suspirar, chorar, orar e agradecer de maneira tão comovente, que se poderia pensar que seus corações possuíam um grau extraordinário de devoção; mas quando isso é posto à prova, vemos que, como chuvas passageiras de um verão quente, que caem em grandes gotas sobre a terra, mas não afundam nela, servem para nada além de produzir cogumelos; Assim, essas ternas lágrimas que caem sobre um coração vicioso e não o penetram são totalmente inúteis: pois, apesar de toda essa aparente devoção, essas ternas almas não se desfazem de um centavo das riquezas ilícitas que possuem, nem renunciam a uma de suas afeições perversas, nem sofrem o menor inconveniente temporal pelo serviço de nosso Salvador, por cujos sofrimentos elas acabaram de parar de chorar; de modo que os bons sentimentos que tinham não eram melhores do que certos cogumelos espirituais, e sua devoção não era melhor do que uma ilusão do inimigo, que diverte as almas com essas falsas consolações, a fim de fazê-las descansar contentes, para que não busquem mais a verdadeira e sólida devoção que consiste em uma vontade constante, resoluta, pronta e ativa de colocar em prática

tudo o que sabemos ser agradável a Deus. Uma criança chorará ternamente quando vir sua mãe picada por uma lanceta a ponto de sangrar; Mas se sua mãe, por quem chora, exigisse ao mesmo tempo a maçã ou os doces que tem em suas mãos, de modo algum se separaria deles; tal é a natureza de nossas ternas devoções quando, contemplando o golpe da lança que perfurou o coração de Jesus Cristo crucificado, choramos copiosamente. Ai! Filoteia, é bom lamentar a dolorosa morte e paixão de nosso bendito Redentor; mas por que, então, não Lhe damos a maçã que temos em nossas mãos, que Ele tão fervorosamente pede? Por que não Lhe damos nosso coração, a única maçã do amor que nosso querido Salvador requer de nós; por que não Lhe renunciemos a tantos afetos, deleites e prazeres, que Ele quer arrancar de nossas mãos, mas não pode, porque são os doces dos quais gostamos mais do que de sua graça celestial? Ah, Filoteia, essas são as amizades de crianças pequenas, ternas de fato, mas fracas, fantásticas e sem efeito. A devoção, portanto, não consiste nessas afeições sensíveis, que às vezes procedem de uma natureza branda, suscetível a qualquer impressão que queiramos dar-lhe. Não; às vezes, ela vem do inimigo, que, para nos divertir, incita nossa imaginação a impressões artificiais.

2. No entanto, essas afeições ternas e deliciosas são às vezes boas e proveitosas; pois excitam o apetite pela piedade na alma, fortalecem o espírito e acrescentam à prontidão da devoção uma santa alegria e bom humor, que tornam nossas ações mais belas e agradáveis, mesmo exteriormente. Este prazer que se encontra nas coisas de Deus é o que fez Davi exclamar: "Ó Senhor, quão doces são as tuas

palavras ao meu paladar! São mais doces que o mel à minha boca. A menor consolação de devoção que recebemos é certamente, em todos os aspectos, preferível às mais belas recreações do mundo. O leite da Esposa celestial é mais doce para a alma do que o vinho dos mais deliciosos prazeres da terra. Aquele que uma vez o provou não considera todas as outras consolações melhores do que fel ou absinto; pois, assim como aqueles que seguram a erva scitique na boca absorvem dela uma doçura tão excessiva que não sentem fome nem sede; assim também aqueles a quem Deus deu o maná celestial não podem desejar nem saborear as consolações do mundo, pelo menos até fixarem suas afeições nelas: são leves antegostos daqueles deleites eternos que Deus reservou para as almas que O buscam; são os doces que Ele dá aos seus filhinhos para atraí-los; são as águas cordiais com as quais Ele os fortalece; e são também, às vezes, o penhor de felicidades eternas. Diz-se que Alexandre, o Grande, navegando pelo oceano, descobriu a Arábia Félix ao sentir os odores fragrantos que eram trazidos pelo vento dali, e então encorajou a si mesmo e seus companheiros; assim, muitas vezes recebemos essas doces consolações neste mar da nossa vida mortal, que, sem dúvida, devem nos dar uma certa antecipação das delícias daquele país celestial ao qual tendemos e aspiramos.

3. Mas talvez me pergunte, visto que há consolações sensatas que são boas, porque vêm de Deus, e outras inúteis, perigosas e até perniciosas, que procedem da natureza ou do inimigo, como poderei distinguir umas das outras, ou distinguir as que são más ou inúteis

das que são boas? É uma doutrina geral, Filoteia, a respeito dos afetos e paixões de nossas almas, que devemos conhecê-las por seus frutos. Nossos corações são as árvores; os afetos e paixões são os ramos; e suas palavras ou ações são os frutos. O coração é bom quando tem bons afetos, e são bons aqueles afetos e paixões que produzem em nós bons efeitos e ações santas. Se essas doçuras, ternuras e consolações nos tornam mais humildes, pacientes, dóceis, caridosos e compassivos para com o próximo; mais fervorosos em mortificar nossas concupiscências e más inclinações; mais constantes em nossos exercícios; Mais dóceis e submissos àqueles a quem devemos obedecer; mais sinceros e retos em nossas vidas, então, Filoteia, eles procedem, sem dúvida, de Deus. Mas se essas consolações não têm doçura senão para nós mesmos; se nos tornam curiosos, ásperos, briguentos, impacientes, obstinados, altivos, presunçosos e rigorosos para com o próximo; se nos fazem imaginar que já somos pequenos santos e desdenhamos estar mais sujeitos a direção ou correção; então são, sem dúvida alguma, falsas e perniciosas, pois uma árvore boa não pode dar frutos ruins.

4. Sempre que experimentamos essas consolações, devemos humilhar-nos profundamente diante de Deus e evitar dizer: "Oh, como sou bom!" Não, Filoteia, essas consolações, como já disse, não podem nos tornar melhores: a devoção não consiste nelas; mas digamos: "Oh, quão bom é Deus para aqueles que esperam nEle, para a alma que O busca!" 1. Assim como aquele que tem açúcar na boca não pode dizer que sua boca é doce, mas que o açúcar é doce; assim, embora essa doçura espiritual seja excelente, e embora Deus,

que a dá, seja o mais bom, não se segue que aquele que a recebe também seja bom. 2. Reconheçamos que ainda somos apenas criancinhas, que precisam de leite; e que essas guloseimas nos são dadas porque nossos espíritos ternos e delicados precisam de subornos e seduções para nos seduzir ao amor de Deus. 3. Aceitemos, então, humildemente estas graças e favores extraordinários, e estimemo-los, não tanto por sua excelência, mas porque é a mão de Deus que os põe em nossos corações, como faria uma mãe que, para agradar ainda mais ao filho, coloca os doces em sua boca com a própria mão, um por um; pois, se a criança tem entendimento, dá mais valor à ternura de sua mãe do que à doçura deles; e assim, Filoteia, é uma grande questão saborear a doçura das consolações sensíveis, mas é infinitamente mais doce considerar que é sua mão mais amorosa e terna que os põe, por assim dizer, em nossa boca, em nosso coração, em nossa alma e em nosso espírito. 4. Tendo-os recebido humildemente, empreguemo-los cuidadosamente, de acordo com a intenção do doador. Agora, com que fim, pensas tu, Deus nos dá estas doces consolações? Para nos tornar doces para com todos e nos excitar a amá-Lo. A mãe dá doces ao filho para induzi-lo a beijá-la; Deixe-nos, então, abraçar nosso Santíssimo Salvador, que nos dá essas doces coisas. Mas abraçá-Lo é obedecê-Lo, guardar seus mandamentos, fazer sua vontade e seguir seus desejos, com terna obediência e fidelidade. Sempre que, portanto, recebemos qualquer consolação espiritual, devemos ser mais diligentes em fazer o bem e em nos humilhar. 5. Além de tudo isso, devemos, de tempos em tempos, renunciar a essas doces e ternas consolações, retirando delas nosso coração, e

amá-las, porque Deus as envia e porque elas nos excitam ao seu amor; contudo, não são elas que buscamos, mas o próprio Deus e seu santo amor; não as consolações, mas o Consolador; não o seu deleite, mas o doce Salvador; não a sua ternura, mas Aquele que é o deleite do céu e da terra. É dessa maneira que devemos nos dispor a perseverar no santo amor de Deus, embora durante toda a nossa vida nunca tenhamos encontrado qualquer consolação; e esteja pronto para dizer, tanto do Calvário quanto no Tabor: "Ó Senhor, é bom para mim estar contigo", estejas na cruz ou em tua glória. 6. Para concluir, admoesto-te que, caso experimentes grande abundância de tais consolações, ternuras, lágrimas ou doçuras, debes consultar fielmente teu diretor espiritual, para que aprendas a moderar-te e a comportar-te diante delas; pois está escrito: "Encontraste mel? Come dele apenas o quanto te for suficiente" (Pv 25,16).

CAPÍTULO XIV.

Da aridez espiritual

Enquanto durarem as consolações, faze como acabo de te ordenar, Filoteia. Mas este tempo bom e agradável não durará para sempre; pois às vezes te encontrarás tão absolutamente destituída de todo sentimento de devoção que tua alma parecerá um deserto selvagem, infrutífero e árido, no qual não há vestígios de um caminho para encontrar o seu Deus, nem qualquer água da graça para refrescá-la, por conta da secura que parece ameaçá-la com desolação total e absoluta. Ai! quanto merece compaixão uma pobre alma em tal estado: mas especialmente quando este mal é veemente; pois então, à imitação de Davi, ela se alimenta de lágrimas noite e dia, enquanto o inimigo, para lançá-la ao desespero, zomba dela com mil sugestões de desânimo, dizendo: Ah, pobre coitada, onde está o teu Deus? Por qual caminho poderás encontrar

Ele? Quem poderá restituir-te a alegria da sua santa graça?

O que farás então, Filoteia? Examina a fonte de onde esse mal fluiu para ti: pois somos nós mesmos que muitas vezes somos a causa da nossa secura espiritual.

1. Assim como uma mãe se recusa a dar açúcar ao seu filho, que está sujeito aos vermes, Deus nos nega consolações quando nos contentamos com elas e estamos sujeitos aos vermes da vaidade e da presunção. "Ó meu Deus, como é bom para mim que me tenhas humilhado; sim, pois antes de ser humilhado, eu te ofendi." (Sl 118)

2. Quando negligenciamos a colheita das doçuras e delícias do amor de Deus no tempo certo, Ele as remove de nós como punição pela nossa preguiça. Os israelitas que negligenciaram a colheita do maná de manhã cedo não conseguiram colhê-lo depois do nascer do sol, pois então ele já estava todo derretido.

3. Às vezes, deitamo-nos numa cama luxuosa, como o esposo dos Cânticos; o Esposo da nossa alma vem e bate à porta do nosso coração e convida-nos a retornar aos nossos exercícios espirituais; mas nós os adiamos porque não estamos dispostos a abandonar essas diversões vãs e falsas satisfações; por essa razão, Ele se afasta e nos permite dormir. Mas depois, quando desejamos procurá-Lo, é com grande dificuldade que O encontramos: e não é mais do que merecíamos, visto que fomos tão infiéis e desleais a ponto de recusar a participação do seu amor para desfrutar das consolações do mundo. Ah! Se ainda guardardes a farinha do Egito, não tereis o maná do céu. As abelhas detestam odores artificiais; e as doçuras do Espírito Santo são incompatíveis com as falsas delícias do mundo. 4. A duplicidade e a sutileza que usamos em nossas comunicações espirituais com nosso diretor também podem produzir secura, pois, já que você mente ao Espírito Santo, não é de se

admirar que Ele lhe recuse suas consolações. Se você não for tão sincero e simples como uma criança, não terá os doces das crianças.

5. Se você se fartou de prazeres mundanos, não é de se admirar que encontre um gosto desagradável nos deleites espirituais. Pombas que comeram demais, diz o velho provérbio, acham as cerejas amargas. "Encheu de bens os famintos", diz Nossa Senhora, "e despediu de mãos vazias os ricos" (Lucas, ii. 33). Aqueles que estão fartos dos prazeres do mundo não são capazes dos deleites do Espírito.

6. Se tiveres cuidado de conservar os frutos das consolações que recebeste, receberás novas; pois àquele que tem mais será dado, mas aquele que não guardou, mas perdeu o que lhe foi dado por sua própria culpa, será privado até daquelas graças que não tinha, mas que lhe foram preparadas. A chuva refresca as plantas verdes, mas apodrece e destrói aquelas que perderam a verdura.

Há várias causas que ocasionam nossa queda das consolações da devoção para a secura e aridez de espírito. Examinemos, então, se encontramos alguma delas em nós mesmos; mas observe, Filoteia, que esse exame não deve ser feito nem com inquietação nem com demasiada curiosidade; mas se, depois de considerarmos fielmente nossa conduta, descobrirmos que a causa do mal se origina em nós mesmos, agradeçamos a Deus pela descoberta; pois o mal está meio curado quando sua causa é conhecida; mas se, ao contrário, você não encontrar nada em particular que pareça ter causado essa

secura, não se preocupe em fazer mais nenhuma investigação, mas, com toda a simplicidade, faça o que agora lhe aconselharei.

1. Humilhe-se profundamente diante de Deus, reconhecendo sua própria nulidade e miséria. Ai! Ó Senhor, o que sou eu, quando abandonado a mim mesmo, senão uma terra seca e ressequida, que, sendo rasgada por todos os lados, tem grande sede de chuva, mas que, entretanto, é dispersada pelo vento, sendo reduzida a pó. 2. Invoque a Deus e implore por Seu conforto. "Restitui-me, Senhor, a alegria da tua salvação. Pai, se for possível, afasta de mim este cálice." Afasta-te, ó vento norte estéril, que seca a minha alma; e sopra, ó suave vendaval de consolações, sobre o jardim do meu coração, para que as suas boas afeições se espalhem ao redor o odor da doçura. 3. Vai ao teu confessor, abre-lhe a tua alma e segue os conselhos que te dá, com a máxima simplicidade e humildade; pois Deus, que se agrada da obediência, frequentemente torna proveitosos os conselhos que recebemos de outros, mas especialmente daqueles que são os guias da nossa alma, quando de outra forma não haveria grande aparência de sucesso; como Ele tornou as águas do Jordão saudáveis para Naaã, cujo uso Eliseu lhe havia ordenado, sem qualquer aparência de razão humana (4 Reis, v. 14). 4. Mas depois de tudo isso, não há nada tão proveitoso e tão frutífero num estado de secura espiritual, como não permitir que as nossas afeições se fixem demasiadamente no desejo de sermos libertados dela. Não digo que não devemos simplesmente desejar a libertação, mas que não devemos depositar Não devemos depositar nosso coração nisso, mas sim entregar-nos à pura misericórdia e à

providência especial de Deus, para que Ele possa usar-nos para servi-Lo enquanto Lhe aprouver. Em meio a esses espinhos e desertos, digamos: "Ó Pai, se for possível, afasta de mim este cálice"; acrescentemos também, corajosamente: "todavia, não se faça a minha vontade, mas a tua!". Mas paremos aqui com a maior tranquilidade possível: pois Deus, vendo esta santa indiferença, nos consolará com muitas graças e favores; como aconteceu com Abraão, quando resolveu privar-se de seu filho Isaac; Deus, que se contentou em vê-lo nesta disposição de pura resignação, confortou-o com uma visão deliciosa, acompanhada das mais consoladoras bênçãos. Devemos, então, sob todos os tipos de aflições, sejam corporais ou espirituais, e em meio a todas as distrações ou diminuições da devoção sensível que nos possam acontecer, dizer, com Jó, do fundo do nosso coração, com profunda submissão: "O Senhor me deu consolações, e o Senhor as tirou; seu santo nome seja para sempre bendito. Pois, se permanecermos nessa humildade, Ele nos restituirá seus deliciosos favores, como fez com Jó, que constantemente usava palavras semelhantes em todas as suas misérias.

Finalmente, Filoteia, em meio à nossa aridez espiritual, nunca percamos a coragem, mas esperemos com paciência o retorno da consolação. Não omitamos nenhum de nossos exercícios de devoção, mas, se possível, multipliquemos nossas boas obras; e, não podendo oferecer doces líquidos ao nosso querido Esposo, ofereçamos-Lhe doces secos; pois ambos Lhe são agradáveis, desde que o coração que os oferece esteja perfeitamente firme na

resolução de amá-Lo. Quando a primavera é bela, diz-se que as abelhas produzem mais mel e se multiplicam menos; mas quando a primavera é fria e nublada, elas se multiplicam mais e produzem menos mel. Assim acontece frequentemente, Filoteia, que a alma, encontrando-se na bela fonte das consolações espirituais, diverte-se tanto em colhê-las e sugá-las, que na abundância dessas doces delícias produz menos boas obras; enquanto, ao contrário, em meio à aridez espiritual, quanto mais destituída se encontra das consolações da devoção, mais multiplica as suas boas obras e se enriquece cada vez mais com as virtudes da paciência, da humildade, do desprezo de si mesma, da resignação e da renúncia ao amor-próprio.

É erro de muitos, especialmente das mulheres, crer que o serviço a Deus, sem prazer, ternura de coração ou satisfação sensível, seja menos agradável à Sua Divina Majestade; pois, assim como nossas ações são como rosas, que, quando frescas, têm mais beleza, mas, quando secas, têm mais perfume e doçura; assim também, embora nossas obras feitas com ternura de coração sejam mais agradáveis a nós mesmos, que consideramos apenas o nosso próprio deleite, quando realizadas em tempo de secura, possuem mais doçura e se tornam mais preciosas aos olhos de Deus. Sim, Filoteia, em tempo de secura nossa vontade nos impele, por assim dizer, à força, ao serviço de Deus, e conseqüentemente deve ser mais vigorosa e constante do que em tempo de consolação.

Não há muito mérito em servir um príncipe em tempos de paz, em meio às delícias da corte; mas servi-lo em meio às dificuldades da guerra, ou em dificuldades e perseguições, é um verdadeiro sinal de constância e fidelidade. A Beata Ângela de Foligno diz que a oração mais aceitável a Deus é aquela que fazemos à força e à força, a oração à qual nos aplicamos, não por qualquer prazer que encontremos nela, nem por inclinação, mas puramente para agradar a Deus, à qual nossa vontade nos leva contra nossas inclinações, forçando violentamente seu caminho através das nuvens de secura que se opõem a ela. Digo o mesmo de todos os tipos de boas obras, sejam interiores ou exteriores; pois quanto mais contradições encontramos em fazê-las, mais elas são estimadas aos olhos de Deus. Quanto menor for nosso interesse particular na busca das virtudes, mais brilhante brilhará nelas a pureza do amor divino. Uma chila beija de bom grado sua mãe quando ela lhe dá açúcar; mas é um sinal de grande amor se ele a beija depois que ela lhe deu absinto ou qualquer outra bebida amarga.

CAPÍTULO XV.

Uma confirmação e ilustração do que foi dito por um exemplo notável

Para tornar toda esta instrução ainda mais evidente, relatarei aqui uma excelente passagem da história de São Bernardo, conforme relatada por um escritor culto e judicioso. É comum, diz ele, que todos os que servem a Deus e ainda não são experientes nas vicissitudes da vida espiritual percam o fôlego e caiam na pusilanimidade e na tristeza quando a doçura da devoção sensível, juntamente com aquela luz agradável que os convida a avançar no caminho de Deus, lhes é retirada. Pessoas sensatas atribuem a seguinte razão para isso: que a natureza humana não pode resistir por muito tempo sem algum tipo de deleite, seja celestial ou terreno. Ora, assim como as almas que se elevam acima de si mesmas pela busca do prazer espiritual renunciam facilmente aos objetos visíveis, assim também, quando, pela disposição divina, a alegria espiritual lhes é retirada, enquanto se encontram ao mesmo tempo privadas das consolações corporais e ainda não estão acostumadas a esperar com paciência o retorno do verdadeiro sol,

parece-lhes que não estão nem no céu nem na terra, e que permanecerão sepultadas em noite perpétua; de modo que, como uma criança privada do seio materno, definham e gemem, e tornam-se inquietas e incômodas para todos, mais especialmente para si mesmas. Isso aconteceu então, na viagem de São Bernardo, com Geoffrey de Perrone, que ultimamente se dedicara ao serviço de Deus. Tendo ficado repentinamente privado de consolações e preenchido com escuridão interior, começou a se lembrar de seus amigos mundanos, de seus parentes e das riquezas que havia abandonado recentemente; pela qual foi assaltado por uma tentação tão forte que, não sendo capaz de escondê-la em seu comportamento, um de seus maiores confidentes percebeu-a e, tendo aproveitado a oportunidade, abordou-o com brandura e disse-lhe em particular: O que significa isso, Geoffry? De onde vem que, contrariamente ao costume, você está tão pensativo e melancólico? Ah, irmão! respondeu Geoffry, com um suspiro profundo. Nunca mais serei alegre enquanto viver. O outro, movido pela compaixão por essas palavras, foi imediatamente com zelo fraternal e contou tudo ao pai comum, São Bernardo, que, percebendo o perigo, foi à igreja para orar a Deus por ele; enquanto Geoffry, entretanto, dominado pela tristeza e apoiando a cabeça em uma pedra, adormeceu. Pouco depois, ambos se levantaram, um da oração, tendo obtido o favor que pedia, e o outro do sono, mas com um semblante tão agradável e sereno que seu amigo, surpreso com tão grande e repentina mudança, não pôde deixar de repreendê-lo de maneira bem-humorada com a resposta que lhe dera pouco antes. A

isso, Geoffrey respondeu: Se eu lhe disse antes que nunca mais ficaria alegre, agora lhe asseguro que nunca mais ficarei triste.

Tal foi o resultado da tentação daquela pessoa devota. Mas observe, a esse respeito, Filoteia: 1. Que Deus comumente dá um antegozo do deleite celestial àqueles que entram em seu serviço, a fim de afastá-los dos prazeres terrenos e encorajá-los na busca de seu amor, como uma mãe que, para atrair seu filho ao seu seio, coloca mel sobre ele. 2. Que, de acordo com o secreto desígnio de sua providência, Ele se agrada de nos privar do leite e do mel de sua consolação, para que, ao nos desmamar dessa maneira, possamos aprender a nos alimentar do pão mais seco e sólido da devoção vigorosa, exercida sob a prova do desgosto e da secura espiritual. 3. Que, como tentações violentas frequentemente surgem em meio a essas securas desoladoras, devemos lutar resolutamente contra elas, visto que não procedem de Deus; mas, ainda assim, devemos sofrê-las pacientemente, visto que Deus as ordenou para nosso exercício. 4. Que nunca devemos perder a coragem em meio a essas dores e conflitos interiores, nem dizer com o bom Geoffrey: "Nunca mais serei alegre"; pois em meio à escuridão da noite devemos esperar o retorno do brilho do dia; e novamente, no mais belo tempo espiritual, não devemos dizer: "Nunca mais serei triste"; pois, como diz o sábio: "No dia dos bens, não devemos esquecer os males" (Eclesiastes 11:27). Devemos ter esperança em meio às aflições e temer em meio à prosperidade; e em ambas as circunstâncias devemos sempre nos humilhar. 5. Que é um remédio soberano

revelar nossas misérias a algum amigo espiritual, que possa nos confortar.

Considero necessário observar, Filoteia, que nesses conflitos, Deus e nosso inimigo espiritual têm desígnios contrários. Deus busca conduzir-nos à perfeita pureza de coração, à renúncia total do interesse próprio no que se refere ao seu serviço e à abnegação absoluta; ao passo que o inimigo de nossas almas se esforça, por meio desses conflitos severos, para nos desencorajar da prática da oração e nos atrair de volta aos prazeres sensuais, para que, tornando-nos assim incômodos a nós mesmos e aos nossos semelhantes, possa escandalizar e desonrar a santa devoção. Mas, desde que observes as lições que te dei, em meio a essas aflições interiores, avançarás muito no caminho da perfeição. Não posso, contudo, encerrar este importante assunto sem dizer mais algumas palavras.

Às vezes acontece que a secura espiritual provém da indisposição do corpo, como quando, por excesso de vigília, trabalho ou jejum, nos encontramos oprimidos por fadiga, sonolência, lassidão e enfermidades semelhantes, que, embora dependam do corpo, podem também incomodar o espírito, devido à íntima ligação que subsiste entre ambos. Ora, em tais ocasiões, nunca devemos deixar de praticar vários atos de virtude, usando, tanto quanto possível, o nosso espírito e a nossa vontade superior. Pois, embora toda a nossa alma pareça adormecida e oprimida pela sonolência e pelo cansaço, as ações do nosso espírito não deixam de ser muito aceitáveis a

Deus; e podemos dizer ao mesmo tempo com a sagrada Esposa: "Eu durmo, mas o meu coração vela" (Ct 5, 2). Pois, como já observei antes, se há menos prazer nessa maneira de praticar nossos exercícios espirituais, há, por outro lado, mais mérito e virtude. Ora, o remédio em tais ocasiões é recrutar a força e o vigor do nosso corpo por meio de alguma espécie de recreação lícita. Por esta razão, São Francisco ordenou que seus religiosos usassem de moderação em seus trabalhos, para não oprimir o fervor de seus espíritos.

Falando deste glorioso padre, não posso deixar de dizer que ele próprio foi outrora assaltado e tomado por uma melancolia de espírito tão profunda que não conseguia deixar de demonstrá-la em seu comportamento; pois, se estava disposto a conversar com seus religiosos, não conseguia; se se afastava deles, era pior; a abstinência e a mortificação corporal o oprimiam, e a oração não lhe dava alívio. Permaneceu dois anos nesse estado, de modo que parecia completamente abandonado por Deus; mas, por fim, depois de ter sofrido humildemente essa violenta tempestade, nosso Salvador, num instante, o restaurou a uma feliz tranquilidade. Se, portanto, os maiores servos de Deus estão sujeitos a esses abalos, como podemos nos surpreender se eles às vezes nos acontecem?

PARTE V

Instruções e exercícios necessários para renovar a alma e confirmá-la na devoção

CAPÍTULO I.

Devemos renovar todos os anos as nossas boas resoluções pelos seguintes exercícios

O primeiro ponto destes exercícios consiste em estarmos plenamente conscientes de sua importância. A natureza humana facilmente se desvia de seus bons afetos, por causa da fragilidade e das más inclinações da carne, que deprimem a alma e a arrastam sempre para baixo, a menos que ela frequentemente se eleve por

esforços contínuos: assim como os pássaros, que cairão no chão se não mantiverem suas asas constantemente em movimento, de modo a sustentar seu voo. Por esta razão, Filoteia, você deve repetir com muita frequência as boas resoluções que fez para servir a Deus, para que, por negligência, não recaia em seu estado anterior, ou mesmo em uma condição pior; pois as quedas espirituais sempre nos lançam a um estado inferior àquele em que estávamos antes de aspirar à devoção.

Assim como não há relógio, por melhor que seja, que não precise ser dado corda com frequência e, de vez em quando, desmontado para remover ferrugem e poeira, e consertar ou consertar o que estiver quebrado ou fora de serviço, assim também aquele que cuida de sua alma deve dar corda nele de manhã e à noite com os exercícios anteriores e, pelo menos uma vez por ano, desmontá-lo para examinar todas as suas disposições, a fim de reparar todos os seus defeitos; e assim como o relojoeiro coloca óleo fino nas rodas e molas, para que seus movimentos sejam mais fáceis e o mecanismo do relógio menos sujeito à ferrugem, assim também uma pessoa devota, depois de fazer esta revisão de seu coração, a fim de renová-lo, deve ungi-lo com as graças recebidas na confissão e na Sagrada Eucaristia. Este exercício restaurará seu espírito, prejudicado pelo tempo, aquecerá seu coração, reanimará suas boas resoluções e fará suas virtudes florescerem vigorosamente.

Os cristãos primitivos praticavam isso diligentemente no dia do aniversário do batismo de Nosso Senhor, quando, como relata São

Gregório Nazianzeno, renovavam as profissões e os protestos que costumam ser feitos no batismo. Disponhamo-nos também nós, Filoteia, a seguir seriamente o exemplo deles. Tendo, pois, para este fim, escolhido o momento mais conveniente, segundo o conselho do vosso pai espiritual, para um retiro de alguns dias, meditai nos seguintes pontos, segundo o método que prescrevi na segunda parte.

CAPÍTULO II.

Consideração sobre o favor que Deus nos faz ao chamar-nos ao seu serviço, segundo o protesto indicado na Primeira Parte

Considerações sobre o favor que Deus nos faz ao chamar-nos ao seu serviço, segundo o protesto indicado na primeira parte.

Considere os pontos do seu protesto: primeiro, ter abandonado, rejeitado, detestado e renunciado para sempre a todo pecado mortal; segundo, ter dedicado e consagrado sua alma, coração e corpo, com todas as suas forças e faculdades, ao amor e serviço de Deus; terceiro, que se por acaso você caísse em algum pecado, imediatamente se levantaria novamente com a ajuda da graça de Deus. Não são estas resoluções justas, nobres e generosas? Considere bem em sua alma, portanto, quão santa e razoável é esta declaração, e quão desejável ela é.

2. Considera a quem fizeste este protesto; pois é a Deus. Se a nossa palavra, dada aos homens, nos obriga estritamente, quanto mais a que entregamos a Deus. "É a ti, Senhor", disse Davi, "o meu coração

o disse, o meu coração proferiu esta boa palavra. Oh! Nunca me esquecerei disso." (Sl 44).

3. Considera que fizeste este protesto na presença de toda a corte celeste. Sim, teu santo padroeiro e toda aquela bendita companhia te contemplaram, e seus peitos se encheram de emoções de alegria e exultação diante de tuas palavras: eles viram, com olhos de amor indizível, teu coração prostrado aos pés de teu Salvador, consagrando-se ao seu serviço. Assim como houve uma alegria particular naquela ocasião na Jerusalém celestial, também haverá agora uma comemoração da mesma, se com um coração sincero renovares tuas resoluções.

4. Considera por que meios foste induzido a fazer o teu protesto. Ah! quão bom e gracioso foi Deus para contigo naquele momento! Oh, dize-me sinceramente: não foste convidado a isso pelas doces atrações do Espírito Santo? Não eram as cordas com que Deus puxou o teu barco para aquele porto abençoado compostas de amor e caridade? Quão fervorosamente Ele procurou atrair-te para lá pela deliciosa doçura da sua graça nos sacramentos, na leitura espiritual e na oração. Ai! Filoteia, tu dormias enquanto Deus velava: Ele pensava em tua alma com pensamentos de paz e meditava em teu favor com meditações de amor.

5. Considera que Deus te inspirou com estas santas resoluções na flor da idade. Ah! que felicidade é aprender tão cedo aquilo que só podemos saber tarde demais. Santo Agostinho, tendo sido chamado aos trinta anos, exclamou: "Ó antiga beleza! como te conheci tão

tarde? Ai! Eu te vi antes, mas não te considere!" E bem podes dizer: Ó antiga doçura! Por que não te saboreei antes? Ai! Nem então o merecíamos. No entanto, reconhecendo o favor especial que Deus te fez, atraindo-te a Si na tua juventude, dize com Davi: "Tu me ensinaste, ó meu Deus, desde a minha mocidade, e para sempre contarei as tuas maravilhas." (Sl 17, 47). Mas se isso aconteceu na tua velhice, ah! Filoteia, que graça extraordinária, que depois de ter desperdiçado todos os seus anos anteriores, Deus a chamasse antes de sua morte e interrompesse o curso de sua miséria em um momento em que, se tivesse continuado, você teria sido miserável por toda a eternidade.

6. Considera os efeitos desta vocação e, comparando o que és agora com o que foste, sem dúvida encontrarás em ti uma grande mudança para melhor. Não consideras uma felicidade saber conversar com Deus pela oração; ser inflamado pelo desejo de amá-Lo; ter obtido uma vitória completa sobre as muitas paixões que te atormentavam; ter evitado inúmeros pecados e perplexidades de consciência; e, enfim, ter comungado muito mais frequentemente do que terias feito, unindo-te àquela fonte soberana de graça inesgotável? Ah, quão grandes são estes favores! Devemos pesá-los, Filoteia, com os pesos do santuário; foi a destra de Deus que fez tudo isso: "A destra do Senhor", diz Davi, "me exaltou; não morrerei, mas viverei, e contarei com o meu coração, com a minha boca e com as minhas obras as maravilhas do Senhor" (Sl 117).

Depois de todas essas considerações, que, sem dúvida, devem lhe proporcionar muitas afeições piedosas, conclua simplesmente com um ato de gratidão e oração fervorosa, para que você possa fazer bom uso delas; e então retire-se com a mais profunda humildade e máxima confiança em Deus, adiando o esforço de suas resoluções até depois do segundo ponto deste exercício.

CAPÍTULO III.

O exame da alma quanto ao progresso de uma vida devota

O exame da alma quanto ao avanço de uma vida devota.

Como o segundo ponto do exercício é um tanto longo, para praticá-lo, devo dizer-lhe que não é necessário que o faça de uma só vez, mas em momentos diferentes, considerando o que diz respeito à sua conduta para com Deus, por um tempo; o que se refere a si mesmo, por outro; o que diz respeito ao seu próximo, por um terceiro; e a consideração de suas paixões, por um quarto. Também não é conveniente que o faça de joelhos, exceto no início e no fim, que compreende as afeições. Os outros pontos do exame você pode realizar proveitosamente enquanto caminha ao ar livre, ou ainda mais proveitosamente na cama, desde que consiga se preservar da sonolência e se mantenha completamente acordado; mas, para fazer isso, você deve ter lido atentamente de antemão. É necessário, no entanto, percorrer todo o segundo ponto em três dias e duas noites, no máximo, dedicando-lhe o máximo de tempo possível em cada dia e noite; pois se este exercício fosse adiado para momentos muito distantes, perderia sua força e causaria apenas impressões fracas.

Após cada ponto do exame, você deve anotar aqueles em que você pode achar que falhou; também no que você é defeituoso, e a natureza dos principais distúrbios que você pode ter descoberto, para que você possa denunciá-los ao seu confessor, a fim de seguir seu conselho e adquirir resolução e força espiritual para superá-los; e embora em alguns dias, nos quais você pode realizar um ou outro exercício, não seja absolutamente necessário se afastar de toda a companhia, você deve estar em alguma medida retirado, especialmente ao anoitecer, para que você possa ir mais cedo para a cama, e tomar aquele repouso de corpo e mente que é necessário para a reflexão. Você também deve durante o dia fazer aspirações frequentes a Deus, a Nossa Senhora, aos anjos, e a toda a corte do céu: além disso, tudo isso deve ser feito com um coração totalmente inflamado com o amor de Deus, e um desejo de alcançar a perfeição.

Para começar, então, este exame adequadamente, 1. Coloque-se na presença de Deus. 2. Invoque o Espírito Santo, implorando-Lhe que ilumine seu entendimento, para que você possa obter um perfeito conhecimento de si mesmo, clamando com Santo Agostinho, em espírito de humildade: "Ó Senhor, faze-me conhecer-te e faze-me conhecer a mim mesmo"; e com São Francisco: "Senhor, quem és Tu e quem sou eu?" Proteste que não é sua intenção adquirir este conhecimento a fim de atribuir qualquer glória a si mesmo na ocasião, mas para que você possa se alegrar em Deus: retribua-Lhe graças e glorifique seu bendito nome por todos os seus benefícios. Proteste, da mesma forma, que se você descobrir, como teme que

acontecerá, que fez pouco ou nenhum progresso, ou mesmo que regrediu, não fique, no entanto, de forma alguma desanimado, apavorado ou vencido por qualquer tipo de covardia ou fraqueza de coração; Mas, ao contrário, anime-se e anime-se, humilhe-se ainda mais e aplique, com a ajuda da graça divina, os remédios adequados aos seus defeitos. Depois, considere calmamente como você se comportou até o momento em relação a Deus, ao próximo e a si mesmo.

CAPÍTULO IV.

Um exame do estado da sua alma em relação a Deus

Como está seu coração em relação ao pecado mortal? Você está firmemente decidido a nunca cometê-lo, seja qual for a causa? Essa resolução perdurou com você desde o momento do seu protesto até o momento presente? Nessa resolução consiste o fundamento desta vida espiritual.

Como está o seu coração em relação aos mandamentos de Deus? Você os acha bons, doces e agradáveis? Ah! meu filho, aquele cujo paladar é saudável e cujo estômago é sadio, ama as boas comidas e rejeita as ruins.

Como está o seu coração em relação aos pecados veniais? Não podemos nos manter tão puros a ponto de não cairmos de vez em quando em tais pecados; mas não há nenhum para o qual você tenha uma inclinação particular, ou, o que seria ainda pior, não há nenhum para o qual você tenha afeição e amor?

Como seu coração é afetado em relação aos exercícios espirituais? Você os ama? Você os estima? Eles não o incomodam? Você não se

sente enojado com eles? A qual deles você se encontra mais ou menos inclinado? Ouvir a palavra de Deus, lê-la, discorrer sobre ela, meditar sobre ela, aspirar a Deus, confessar-se, receber conselho espiritual, preparar-se para a comunhão, comungar, conter seus afetos; o que há em tudo isso que seja repugnante ao seu coração? E se você encontrar algo para o qual seu coração tenha menos inclinação, examine a causa de onde surge essa aversão e aplique o remédio.

Como está seu coração em relação a Deus?

Ele mesmo? Deleita-se na lembrança de Deus? Essa lembrança deixa uma doçura agradável atrás de si? "Ah!" disse Davi, "lembrei-me de Deus e me alegrei." Você encontra em seu coração uma certa propensão a amar a Deus e uma satisfação particular em saborear esse amor? Seu coração sente alegria ao refletir sobre a imensidão, a bondade ou a doçura de Deus? Se a lembrança de Deus lhe vem em meio às ocupações e vaidades do mundo, ela abre espaço para si mesma? Ela se apodera do seu coração? Parece-lhe que seu coração se volta nessa direção e, por assim dizer, corre ao encontro de Deus? Certamente existem tais almas para serem encontradas.

Não é verdade que uma esposa amorosa, assim que sabe do retorno do marido após uma longa ausência, ou quando pensa ouvir sua voz, vai imediatamente ao seu encontro? Nada afasta seu coração dele; ela abandona todos os outros pensamentos para pensar somente nele. O mesmo acontece com as almas que amam a Deus profundamente; por mais ocupadas que estejam, quando a

lembrança de Deus se aproxima delas, quase perdem o pensamento de todas as outras coisas, de alegria ao ver que essa querida lembrança é retribuída; e isso é um sinal extremamente bom.

Como o seu coração se sente em relação a Jesus Cristo? Deus e aos homens? Você se sente satisfeito em estar com Ele? Assim como as abelhas se comprazem com o mel e as vespas com coisas corrompidas, assim as almas boas encontram contentamento em pensar em Jesus Cristo e sentem grande amor por Ele; mas os perversos se deleitam com vaidades.

Como se sente o seu coração em relação à Santíssima Virgem, aos santos e ao seu bom anjo? Você os ama profundamente? Tem uma confiança especial em seu patrocínio? Sente-se satisfeito com suas representações, suas vidas e seus louvores?

Quanto à sua língua: como você fala de Deus? Você se agrada de falar bem dEle, de acordo com sua condição e capacidade? Você ama cantar seus louvores?

Quanto às obras: considere se você leva a sério a glória exterior de Deus e se é zeloso em fazer algo para sua honra; pois aqueles que amam a Deus, amam, como Davi, o adorno de sua casa.

Você consegue perceber que abandonou alguma afeição ou renunciou a qualquer coisa por amor a Deus? Pois é um grande sinal de amor privar-se de qualquer coisa em favor dAquele a quem

amamos. O que, então, você abandonou até agora por amor a Deus?

CAPÍTULO V.

Um exame do nosso estado em relação a nós mesmos

Como você se ama? Você não se ama demais para este mundo? Se sim, você desejará viver para sempre aqui e será muito solícito em se estabelecer nesta terra; mas se você se ama para o céu, você desejará, ou pelo menos ficará contente, em partir daqui a qualquer hora que o Senhor quiser.

Você regula bem o amor que sente por si mesmo? Pois é somente o amor desmedido por nós mesmos que será a nossa ruína. Ora, um amor bem ordenado exige que amemos a alma mais do que o corpo; que sejamos mais solícitos em adquirir a virtude do que qualquer outra coisa; que tenhamos maior estima pelo favor do céu do que pela honra deste mundo baixo e perecível. Um coração bem ordenado dirá mais frequentemente para si mesmo: "O que dirão os anjos?", se eu pensar em tal coisa, do que: "O que dirão os homens?"

Que tipo de amor você tem pelo seu próprio coração? Não se incomoda por ter que servi-lo em sua doença? Ai de mim! Você

deveria ajudá-lo e buscar auxílio para ele, e deixar de lado todo o resto, sempre que as paixões o atormentarem.

O que você considera a si mesmo diante de Deus? Sem dúvida, nada. Não é grande humildade para uma mosca se considerar nada em comparação com uma montanha; nem para uma gota d'água se considerar nada em comparação com o mar; nem para uma faísca de fogo se considerar nada em comparação com o sol; mas a humildade consiste em não nos considerarmos superiores aos outros e em não desejarmos ser assim estimados pelos outros. Como você se sente em relação a isso?

Quanto à sua língua, você não se vangloria às vezes de uma forma ou de outra? Você não se lisonjeia ao falar de si mesmo?

Quanto às recreações, você se permite algum prazer contrário à sua saúde? Refiro-me a quaisquer prazeres vãos, inúteis, improdutivos ou que se prolonguem até tarde da noite.

CAPÍTULO VI.

Um exame do estado da nossa alma em relação ao próximo

Um exame do estado da nossa alma em relação ao nosso

O amor entre marido e mulher deve ser doce, calmo, forte, constante e perseverante: e isso principalmente porque é agradável à ordenança de Deus. Digo o mesmo do amor aos nossos filhos e parentes próximos, e também aos nossos amigos, cada um segundo sua posição social.

Mas, falando em termos gerais, como é o seu coração em relação ao seu próximo? Você o ama de coração e por amor a Deus? Para discernir bem isso, você deve ter em mente certas pessoas problemáticas e intratáveis, pois é nelas que exercemos o amor a Deus para com o próximo; e muito mais em relação àqueles que nos prejudicam, seja por suas ações ou palavras. Examine bem se o seu coração é livre em relação a eles, ou se você não encontra uma repugnância maior em amá-los.

Você não costuma falar mal dos seus vizinhos, especialmente daqueles que não gostam de você? Você se abstém de fazer mal ao

seu próximo, direta ou indiretamente? Desde que seja uma pessoa sensata, você perceberá isso facilmente.

CAPÍTULO VII.

Um exame dos afetos da sua alma

Considerarei meu dever discorrer sobre esses pontos, cujo exame consiste no conhecimento do nosso progresso espiritual; mas o exame do pecado diz respeito à confissão daqueles que não pensam seriamente em progredir.

Contudo, não devemos nos examinar em nenhum desses pontos senão com calma aplicação, considerando em que estado nosso coração está desde nossa resolução e quais faltas consideráveis cometemos contra eles.

Mas para resumir tudo, devemos reduzir este exercício a um exame de nossas paixões; e se for difícil considerar cada ponto tão minuciosamente como foi aconselhado, podemos examinar a nós mesmos quanto ao que temos sido e como nos comportamos em nosso amor a Deus, ao próximo e a nós mesmos; em nosso ódio pelos nossos próprios pecados e pelos dos outros; pois devemos desejar a extirpação de ambos; em nossos desejos relacionados a riquezas, prazeres e honras; em nosso medo dos perigos do pecado e da perda de nossos bens materiais, pois somos propensos a temer

um demais e o outro muito pouco; em nossa esperança, colocando muita confiança no mundo e nas criaturas, e muito pouco em Deus e nas coisas eternas; em uma tristeza desordenada ou alegria excessiva causada por coisas vãs ou vis. Em suma, quais afeições enredam nosso coração, quais paixões o possuem, no que ele principalmente se desviou do caminho certo; pois pelas paixões podemos julgar o estado da alma, examinando-as uma após a outra; e assim como aquele que toca um instrumento de cordas, tocando todas as cordas, descobre quais estão desafinadas e as harmoniza apertando-as ou afrouxando-as, assim também, se depois de examinarmos todas as paixões de nossa alma, as encontramos pouco em harmonia com o desejo que temos de glorificar a Deus, podemos afiná-las por meio de sua graça e do conselho de nosso pai espiritual.

CAPÍTULO VIII.

Afetos a serem exercidos após este exame

Depois de ter considerado calmamente cada ponto do exame do estado de sua alma, você deve então prosseguir com as afeições desta maneira:

1. Agradeça a Deus pela pequena mudança que você pode ter encontrado em sua vida desde sua resolução, e reconheça que foi somente a misericórdia dele que a operou em você e para você.
2. Humilhe-se profundamente diante de Deus, reconhecendo que se você não avançou muito foi por sua própria culpa, porque você não correspondeu fielmente, corajosamente e constantemente às inspirações, luzes e bons impulsos que Ele lhe deu em oração e em outros momentos.
2. Prometa que você O louvará eternamente pelas graças pelas quais Ele o afastou de suas más inclinações por meio desta pequena emenda.

4. Peça perdão por sua infidelidade e deslealdade em não corresponder às suas graças.

5. Ofereça a Ele o seu coração, para que Ele se torne o único dono dele.

6. Implore a Ele para que o torne fiel às suas graças.

7. Invoque os santos, a Santíssima Virgem, seu anjo da guarda, seu padroeiro, São José, e toda a corte celeste.

CAPÍTULO IX.

Considerações adequadas para renovar os nossos bons propósitos

Após ter feito seu exame e consultado seu diretor sobre seus defeitos e os remédios adequados para eles, faça uso de uma das seguintes considerações todos os dias como meditação, empregando nela o tempo de sua oração mental, observando o mesmo método que você usou nas meditações da primeira parte, colocando-se primeiro na presença de Deus e então implorando sua graça para estabelecê-lo em seu santo amor e serviço.

CAPÍTULO X.

A primeira consideração: a excelência da nossa alma

Considere o valor e a excelência de sua alma imortal, dotada de um entendimento capaz de conhecer não apenas este mundo visível, mas também os anjos, a eternidade, o céu e um Deus altíssimo, soberano e infinitamente bom: uma alma que, além disso, sabe como viver neste mundo visível, de modo a associar-se aos anjos no céu e desfrutar de Deus por toda a eternidade.

Considere, também, que sua alma tem uma vontade capaz de amar a Deus e que não pode odiá-Lo em Si mesma. Examine seu coração e veja quão generoso ele é; e que, assim como as abelhas nunca conseguem pousar em nada corrupto, mas apenas entre as flores, nenhuma criatura jamais poderá satisfazer seu coração, pois ele jamais poderá descansar a não ser somente em Deus. Recorde-se dos afetos mais queridos e fortes que até então possuíram seu coração e julgue com sinceridade se, em meio a eles, ele não estava cheio de inquietações ansiosas, pensamentos atormentadores e cuidados inquietos.

Nosso coração, infelizmente!, corre avidamente em busca das criaturas, pensando que elas satisfarão seus desejos; mas, assim que as alcança, encontra sua satisfação ainda distante, pois Deus não quer que nossos corações encontrem um lugar de repouso, assim como a pomba que saiu da arca de Noé não conseguiu encontrar um; a fim de que possa retornar a Ele, de quem procedeu. Ah! Que beleza natural há em nosso coração! Por que, então, o detemos contra sua vontade a serviço das criaturas?

Já que, ó minha alma! tu és capaz de conhecer e amar a Deus, por que te entreterás com algo menos que Deus? Já que podes reivindicar a eternidade, por que te entreterás com momentos transitórios? Foi uma das reflexões mais dolorosas do filho pródigo, que ele poderia ter se alimentado deliciosamente à mesa de seu pai, enquanto se alimentava entre porcos imundos. Já que tu és, minha alma, capaz de possuir Deus, ai de ti se te contentares com algo menos que Deus.

Eleve alegremente sua alma com esta consideração: lembre-a de que ela é imortal e digna da eternidade; anime-a com coragem sobre este assunto.

CAPÍTULO XI.

A segunda consideração: a excelência da virtude

Considere que nada além da virtude e da devoção pode tornar sua alma contente neste mundo. Veja como são belas e faça uma comparação entre as virtudes e seus vícios contrários. Que doçura na paciência, quando comparada à vingança? Na mansidão, comparada à ira e à irritação. Na humildade, comparada à arrogância e à ambição? Na liberalidade, comparada à cobiça. Na caridade, comparada à inveja? Na sobriedade, às folias? Pois as virtudes têm esta qualidade admirável: deliciam a alma com uma doçura e satisfação incomparáveis depois de as termos exercido, enquanto os vícios deixam a alma extremamente fatigada e desordenada. Por que, então, não nos esforçamos para adquirir essa doçura?

Quanto aos vícios, aquele que tem pouco deles fica inquieto, e aquele que tem muito fica mais descontente; mas quanto às virtudes, aquele que tem pouco já tem algum contentamento, que aumenta à medida que as próprias virtudes aumentam.

Ó vida devota, quão bela, quão amável, quão doce e deliciosa és tu!
Tu alivias as nossas tribulações e acrescentas doçura às nossas
consolações: sem ti, o bem é mau, e os prazeres estão cheios de
inquietação, perturbação e engano. Ah! Quem te conhecesse bem
diria, como a samaritana: "Senhor, dá-me desta água!", uma
aspiração muito usada pela santa Madre Teresa e por Santa Catarina
de Gênova, embora em ocasiões diferentes.

CAPÍTULO XII.

A terceira consideração: o exemplo dos Santos

Santos. Considerai o exemplo dos santos em todas as condições de vida; o que não fizeram para se dedicarem inteiramente ao amor e ao serviço de Deus? Olhai para os mártires, invencíveis em suas resoluções; que tormentos não sofreram pela fé? Mas, acima de tudo, contemplai aquele inumerável séquito de virgens belas e delicadas, mais brancas que os lírios em pureza, mais doces que as rosas em caridade; algumas das quais, aos doze, outras aos treze, quinze, vinte e vinte e cinco anos, suportaram mil tipos de martírio, em vez de renunciar às suas resoluções, não apenas em relação à profissão de fé, mas também ao seu protesto de devoção; algumas morrendo em vez de abandonar a virgindade; outras, em vez de desistir de consolar seus companheiros de tortura, confortar os aflitos e enterrar os mortos. Ó bom Deus, quanta constância não demonstraram nessas ocasiões!

Considere a constância inabalável com que tantos santos confessores desprezaram o mundo. Quão invencíveis se mostraram em suas resoluções, das quais nada jamais poderia desviá-los; como

as abraçaram sem reservas e as mantiveram sem exceção. Meu Deus! Que coisas admiráveis Santo Agostinho relata de sua santa mãe, com que constância ela perseguiu seu desígnio de servir a Deus, tanto no casamento quanto na viuvez; e São Jerônimo também de sua querida filha, Paula, em meio a tantas oposições, em meio a tamanha variedade de acidentes! O que há que não possamos fazer seguindo tão excelentes padrões? Eles eram o que somos; serviam ao mesmo Deus e praticavam as mesmas virtudes; por que não deveríamos fazer o mesmo, de acordo com nossa condição e vocação, a fim de preservar nossa resolução e os santos protestos que fizemos de pertencer a Deus?

CAPÍTULO XIII.

A quarta consideração: o amor que Jesus Cristo nos tem

Considerai o incomparável amor pelo qual Jesus Cristo, nosso Senhor, tanto sofreu neste mundo, especialmente no Jardim das Oliveiras e no Monte Calvário, por nós. Por todas essas dores e sofrimentos, Ele obteve de Deus Pai os bons propósitos e protestos que vosso coração fez; e pelos mesmos meios Ele também obteve para vós tudo o que é necessário para os manter, nutrir, fortalecer e cumprir. Ó santos propósitos, quão preciosos sois, visto que sois os frutos da paixão do meu Salvador! Oh, quão ternamente minha alma deve acarinhá-los, tendo sido tão queridos ao meu doce Jesus! Ai! Ó Salvador da minha alma, Vós morrestes para me comprar estes propósitos. Oh, concedei-me a Vossa graça de preferir sofrer a morte a perdê-los. Observai, Filoteia, que é certo que o Coração de Jesus contemplou o vosso coração do madeiro da cruz e, pelo amor que Ele o teve, obteve para vós todo o bem que já tivestes ou tereis. Sim, Filoteia, podemos todos dizer com o profeta Jeremias: "Ó Senhor, antes que eu existisse, Tu me viste e me chamaste pelo meu nome"; visto que a bondade divina realmente preparou para nós todos os meios gerais e particulares da nossa salvação e,

consequentemente, das nossas resoluções. Assim como uma mulher, antes do nascimento de seu filho, prepara o berço, o linho, as faixas e até mesmo uma ama para ele, embora ele ainda não esteja no mundo, assim também nosso Salvador, que planejou te gerar para a salvação e te fazer seu filho, preparou em sua cruz tudo o que era necessário para ti — teu berço espiritual, teu linho, tuas faixas e tua ama, tudo para a tua felicidade; pois tais são todas as graças pelas quais Ele busca atrair a tua alma e levá-la à perfeição.

Ah! meu Deus, quão profundamente devemos gravar este teu amor em nossa memória! É impossível que eu tenha sido tão ternamente amado por meu Salvador, a ponto de Ele pensar em mim em particular, mesmo em todos aqueles pequenos acontecimentos pelos quais Ele me atraiu a Si! Quanto, então, devemos amar, cuidar e empregar tudo isso em nosso benefício! Ó reflexão consoladora! O terno coração de Jesus pensou em Filoteia, amou-a e procurou para ela mil meios de salvação, tantos como se não tivesse nenhuma outra alma no mundo em que pensar. Assim como o sol, brilhando sobre um lugar da terra, o ilumina não menos do que se não brilhasse sobre nenhum outro, assim, da mesma maneira, nosso Senhor é solícito por todos os seus queridos filhos, pensando em cada um deles como se não houvesse outro no mundo. "Ele me amou e se entregou por mim", diz São Paulo, falando como se fosse somente dele, e como se Jesus nada tivesse feito pelos outros. Ó Filoteia, que esta verdade sagrada seja gravada em tua alma, para que possas nutrir e acalentar tua resolução, que foi tão preciosa ao coração de teu Salvador.

CAPÍTULO XIV.

A quinta consideração: o amor eterno de Deus para conosco

Considera o amor eterno que Deus teve por ti; pois antes que Nosso Senhor Jesus Cristo, como homem, sofresse na cruz por ti, Sua Divina Majestade, por sua onisciência, já previa a tua existência e te amava intensamente. Mas quando começou o seu amor por ti? Mesmo quando Ele começou a ser Deus. Mas quando Ele começou a ser Deus? Nunca; e assim como Ele sempre existiu sem começo nem fim, assim Ele te amou desde toda a eternidade; e em consequência desse amor preparou para ti essas graças e favores. Por isso, falando a ti, bem como aos outros, pelo profeta Jeremias, cap. 31, Ele diz: "Eu te amei com um amor eterno, por isso, tendo compaixão de ti, te atraí para mim"; e entre outras coisas Ele te fez tomar firmes resoluções de servi-Lo.

Ó Deus, que resoluções são essas em que pensaste e meditaste desde toda a eternidade! Ah, quão queridas e preciosas elas nos devem ser! O que não deveríamos sofrer em vez de esquecer a mínima parte delas? Não, nem mesmo se ganhássemos o mundo;

pois o mundo inteiro não vale uma alma, e uma alma não vale nada sem essas resoluções.

CAPÍTULO XV.

Considerações gerais sobre as considerações precedentes e conclusão destes exercícios

Ó queridas resoluções! Vós sois a bela árvore da vida que Deus, com suas próprias mãos, plantou no meio do meu coração, e que meu Salvador deseja regar com seu Sangue e torná-la frutífera. Prefiro suportar mil mortes a permitir que qualquer vento de prosperidade ou adversidade vos arranque. Não; nem a vaidade, os prazeres, as riquezas, nem as tribulações jamais me afastarão do meu desígnio.

Ai de mim: Ó Senhor, foste Tu mesmo quem plantou e preservou eternamente em Teu seio paterno esta bela árvore para o jardim do meu coração. Ai de mim! Quantas almas não foram favorecidas desta maneira, e como então poderei humilhar-me suficientemente sob Tua misericórdia?

resoluções justas e santas! Se eu te mantenho, tu me preservarás; se tu animas minha alma, minha alma viverá em ti; vive então para sempre, ó resoluções que são eternas na misericórdia de Deus; permanece eternamente em mim, e que eu nunca te abandone.

Depois dessas afeições, você deve considerar os meios específicos necessários para manter suas queridas resoluções e determinar-se a ser fiel em fazer bom uso delas: como a oração frequente, os sacramentos, as boas obras, a correção de suas faltas descobertas no exame, a diminuição das ocasiões do mal e a obediência aos conselhos que lhe forem dados para esse propósito.

Depois, para revigorar suas forças, faça mil protestos de que você perseverará em suas resoluções; e, como se tivesse seu coração, alma e vontade em suas mãos, dedique-os, consagre-os, sacrifique-os e imole-os a Deus, protestando para nunca mais tomá-los de volta, mas deixá-los nas mãos de Sua Divina Majestade, a fim de seguir, em todas as ocasiões, suas santas ordenanças.

Roga a Deus que te renove completamente, que Ele te abençoe e fortaleça este teu protesto. Invoca a Santíssima Virgem, tua padroeira, Santa NN, etc.

Com esta disposição de coração, vá até seu pai espiritual e acuse a si mesmo das principais faltas que você possa ter notado desde sua confissão geral e, recebendo a absolvição da mesma maneira que da primeira vez, pronuncie e assine seu protesto diante dele; e, em conclusão, una seu coração renovado ao seu primeiro princípio, seu Salvador, no santíssimo sacramento da Eucaristia.

CAPÍTULO XVI.

Os sentimentos que devemos preservar depois deste exercício

Os sentimentos que devemos preservar após este exercício. No dia em que fizer esta renovação, e por alguns dias seguintes, você deve repetir frequentemente, de coração, estas fervorosas palavras de São Paulo, Santo Agostinho e Santa Catarina de Gênova: "Não, não sou mais meu; quer eu viva, quer eu morra, sou do meu Salvador. Não tenho mais nada de mim ou meu; é Jesus quem vive em mim, e tudo o que posso chamar de meu é ser inteiramente dele. Ó mundo, tu és sempre tu mesmo, e eu até agora sempre fui eu mesmo; mas de agora em diante não serei mais eu mesmo. Não, não seremos mais nós mesmos, pois teremos nossos corações transformados, e o mundo, que tantas vezes nos enganou, será enganado em nós; pois, não percebendo nossa mudança, mas aos poucos, pensará que ainda somos Esaús, mas seremos como Jacó.

Todos esses exercícios devem repousar no coração e, quando terminarmos nossa consideração e meditação, devemos nos voltar gentil e suavemente para nossos assuntos e conversas comuns, para que o bálsamo de nossas boas resoluções não se espalhe de

repente; pois ele deve penetrar e encharcar todas as partes da alma, sem forçar a mente ou o corpo.

CAPÍTULO XVII.

Resposta a duas objeções que podem ser feitas a esta introdução

O mundo talvez te diga, Filoteia, que esses exercícios e conselhos são tão numerosos que quem os pratica não deve se dedicar a mais nada. Ai! Filoteia, mesmo que não fizéssemos mais nada, faríamos o suficiente, já que faríamos tudo o que devemos fazer neste mundo. Mas não percebes o estratagema do nosso inimigo? Se todos eles fossem necessariamente realizados todos os dias, seriam então, de fato, toda a nossa ocupação; mas não é necessário realizá-los de outra forma que não seja no seu devido tempo e lugar, conforme as ocasiões possam se apresentar. Do código completo das leis civis, quantas devem ser observadas? O número deve ser determinado de acordo com as circunstâncias, e ninguém argumentaria que todas devem ser praticadas todos os dias. Davi foi um rei ocupado com os assuntos mais difíceis, mas realizou muito mais exercícios do que eu te prescrevi. São Luís, um príncipe admirável na guerra, na paz e na administração da justiça, ouvia duas missas todos os dias, rezava vésperas e complôs com seu capelão; Também fazia suas

meditações, visitava hospitais todas as sextas-feiras, confessava-se com frequência e usava cilício; ouvia sermões com frequência e realizava conferências espirituais com muita frequência: no entanto, com tudo isso, nunca encontrou uma única ocasião para promover o bem público que não aproveitasse e diligentemente colocasse em execução; e sua corte era mais esplêndida e próspera do que jamais fora na época de seus predecessores. Pratique, então, estes exercícios como eu indiquei para você, e Deus lhe dará tempo e força suficientes para realizar todo o resto de seus negócios, mesmo que Ele faça o sol parar para você, como fez para Josué. Sempre fazemos o suficiente quando Deus trabalha conosco.

O mundo talvez diga que suponho, em quase toda a obra, que Filoteia possui o dom da oração mental; e, no entanto, nem todos o possuem; de modo que esta introdução não servirá para todos. Assim, pressupus, e não é menos verdade que nem todos o possuem; mas também é verdade que quase todos, mesmo os mais inexperientes, podem possuí-lo, desde que tenham bons guias e estejam dispostos a se esforçar para obtê-lo o quanto merecem. Mas mesmo que haja alguns que não possuam esse dom em grau algum, o que creio dificilmente ser o caso, um diretor espiritual sábio suprirá facilmente a deficiência, ensinando-os a ler, ou a ouvir outros lerem, as considerações incluídas nas meditações, com profunda e cuidadosa atenção.

CAPÍTULO XVIII.

Os três últimos e principais conselhos para esta introdução

No primeiro dia de cada mês, repita o protesto inserido na primeira parte, após sua meditação; e em todo o momento proteste que você está determinado a observá-lo; dizendo com Davi: "Não, meu Deus, nunca me esquecerei de tuas justificativas, pois nelas me deste vida." (Sl. cxviii.) Quando você sentir qualquer desordem em sua alma, tome seu protesto em mãos e, prostrado em espírito de humildade, recite-o com todo o seu coração; isso fará com que você sinta grande facilidade e conforto.

Faça uma profissão aberta, não que você é devoto, mas que deseja se tornar devoto. Não tenha vergonha de praticar aquelas ações necessárias que conduzem a alma ao amor de Deus. Reconheça francamente que você preferiria morrer a cometer um pecado mortal; que você está decidido a frequentar os sacramentos e a seguir os conselhos de seu diretor, embora não seja necessário nomeá-lo, por várias razões; pois esta sincera profissão de nosso desejo de servir a Deus e nos consagrar inteiramente ao seu amor é muito aceitável à sua Divina Majestade, que não quer que nos

envergonhemos nem dele nem de sua cruz. Além disso, ela interrompe muitas propostas e convites que o mundo poderia fazer para nos atrair para o caminho contrário, e nos obriga, por honra, a agir de acordo com o que professamos. Assim como os filósofos se professam filósofos para que lhes seja permitido viver como filósofos, assim devemos professar que desejamos a devoção, para que nos seja permitido viver devotamente. Se alguém lhe disser que você pode viver devotamente sem a prática destes conselhos e exercícios, responda-lhe suavemente que, sendo sua enfermidade tão grande, você precisa de mais ajuda e assistência do que os outros.

Em suma, Filoteia, eu te conjuro por tudo o que é sagrado no céu e na terra, pelo batismo que recebeste, pelo ventre que gerou Jesus Cristo, pelo coração caridoso com que Ele te amou e pelas entranhas daquela misericórdia em que esperas, continua a perseverar neste bendito desígnio de levar uma vida devota. Nossos dias se esvaem e a morte está às portas: "A trombeta soa a retirada", diz São Gregório Nazianzeno, "que todos estejam prontos, pois o julgamento está próximo". A mãe de São Sinforiano, vendo-o levado ao martírio, clamou atrás dele: "Meu filho, lembra-te da vida eterna; olha para o céu e pensa naquele que lá reina; estás a aproximar-te rapidamente do fim deste curto período da vida terrena". Filoteia, eu te digo o mesmo: olha para o céu e não o percas por esta terra vil! Olha para o inferno e não te lances nele em busca de brinquedos transitórios! Olhe para Jesus Cristo e não O renuncie por nada no mundo! E se os

trabalhos de uma vida devota parecerem difíceis para você, cante com São Francisco:

"Os trabalhos terrenos são doces para mim, Aguardando uma eternidade abençoada."

Viva, Jesus! A quem, com o Pai e o Espírito Santo, seja dada toda a honra e glória, agora e por toda a eternidade. Amém.

MH Gill & Son, Impressoras, Dublin.

Sobre esta edição

Esta obra é uma tradução para o português baseada na edição inglesa em domínio público do livro "*Introduction to the Devout Life*" de **St. Francis De Sales**, originalmente publicado em 1609.

A edição inglesa utilizada foi publicada em 1885, digitalizada pelo Google Books em 23 de agosto de 2006 e está disponível publicamente em:

https://www.google.com.br/books/edition/Introduction_to_the_Devout_Life/d8kCAAAAQAAJ

Essa versão inglesa contém o *Nihil Obstat* de P. J. Tynan, S.T.D. e o *Imprimatur* de Eduardus Card. MacCabe, Arcebispo de Dublin e Primaz da Irlanda, o que indica que ela era considerada teologicamente isenta de erro doutrinal pela Igreja Católica no momento da publicação.

A tradução para o português foi realizada com o auxílio de ferramentas automáticas de tradução (como o Google Tradutor), e posteriormente editada e adaptada por **Daniel Lélis Baggio**.

O autor da tradução dedicou esta obra ao **domínio público**, renunciando a todos os direitos sob a lei de direitos autorais, incluindo direitos conexos e afins, na máxima extensão permitida por lei, conforme a licença [Creative Commons CC0 1.0 Universal](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Você pode copiar, modificar, distribuir e usar esta obra, mesmo para fins comerciais, sem pedir permissão.